



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
Instituto de Educação Física e Esporte
Campus A. C. Simões
Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF)

RODOLFO LUIZ SANTOS REGO

**A CULTURA DO “JOGAR BOLA” NA
PERSPECTIVA DAS CRIANÇAS DO 6º ANO:
subsídios para o planejamento do professor de Educação
Física.**

MACEIÓ - AL
2026

**A CULTURA DO “JOGAR BOLA” NA
PERSPECTIVA DAS CRIANÇAS DO 6º ANO:
subsídios para o planejamento do professor de Educação
Física.**

Orientador(a): Profa. Dra. Miraíra Noal Manfroi

 **CAPES**
 **unesp**
 **CDe P3**
Coordenadoria de Desenvolvimento da Profissional e Práticas Pedagógicas da Unesp
Inclusão Social Unesp



Catálogo na Fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

R343c Rego, Rodolfo Luiz Santos.
A cultura do “jogar bola” na perspectiva das crianças do 6º ano : subsídios
para o planejamento do professor de educação física / Rodolfo Luiz Santos
Rego. – 2026.
371 f. : il.

Orientadora: Miráira Noal Manfroi.
Dissertação (Mestrado em educação física) – Universidade Federal de
Alagoas. Instituto de Educação Física e Esporte. Programa de Mestrado
Profissional em Educação Física em Rede Nacional. Maceió, 2026.

Bibliografia: f. 159-169.
Apêndices: f. 170-371.

1. Educação física escolar. 2. Futebol. 3. Escuta (Psicologia) - Criança. 4.
Pesquisa-ação. 5. Prática pedagógica. I. Título.

CDU: 796.332

UFAL – Universidade Federal de Alagoas
Instituto de Educação Física e Esporte
PROEF – Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional

A Banca Examinadora, abaixo assinada, aprova a Dissertação

**A CULTURA DO “JOGAR BOLA” NA PERSPECTIVA DAS CRIANÇAS DO 6º
ANO: SUBSÍDIOS PARA O PLANEJAMENTO DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO
FÍSICA.**

elaborada por

RODOLFO LUIZ SANTOS REGO
como requisito parcial para a obtenção do grau de
Mestre em Educação Física

Banca Examinadora:

Documento assinado digitalmente
 **MIRAIRA NOAL MANFROI**
Data: 18/08/2026 21:32:17-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Profa. Dra. Miráira Noal Manfroi
(Orientadora - ProEF/IEFE/UFAL)

Documento assinado digitalmente
 **SILVAN MENEZES DOS SANTOS**
Data: 20/08/2026 14:57:27-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof. Dr. Silvan Menezes dos Santos
(Examinador Interno - ProEF/IEFE/UFAL)

Documento assinado digitalmente
 **SILVIO RICARDO DA SILVA**
Data: 19/08/2026 10:09:19-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof. Dr. Silvio Ricardo da Silva
(Examinador Externo - UFOP)

DEDICATÓRIA

À Escola Pública Brasileira, espaço democrático de resistência, pluralidade e esperança, que desafia as estruturas diariamente e acolhe os sonhos de quem nela pulsa.

AGRADECIMENTOS

À **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)** e ao **PROEB – Programa de Educação Básica**, pelo oferecimento e viabilização do Programa de Pós-Graduação em Educação Física em Rede Nacional (ProEF), oportunidade essencial para a consolidação desta formação.

Ao Diretor Geral da Escola Municipal de Educação Básica Maria Augusta Silva Melo, **Maxwel Rocha**, por abrir as portas da instituição com extrema receptividade e manifestar total apoio a esta iniciativa pedagógica.

Ao Diretor Adjunto, **Clécio Santana**, juntamente ao Professor **Inon Melo**, pela valiosa colaboração, direta e indireta, no desenvolvimento das intervenções realizadas ao longo deste estudo.

À Professora **Geice**, pelo seu potente testemunho, pela constante disponibilidade e pela ajuda fundamental em momentos decisivos desta caminhada.

Às **famílias dos estudantes**, pela confiança depositada em meu trabalho e por permitirem, de forma generosa, a minha aproximação em seus contextos familiares e intimidades.

Aos meus **queridos alunos**, verdadeiros protagonistas dessa pesquisa, que com sua energia e vivacidade fazem o meu dia a dia docente ser genuinamente especial.

À minha orientadora, **Mira**, pelos ensinamentos precisos, pela paciência generosa e por guiar meus passos com sensibilidade, mostrando-me os caminhos da pesquisa científica.

Ao coordenador do PROEF na UFAL, Professor **Silvan Menezes**, grande incentivador, parceiro e amigo de todas as horas. Minha profunda gratidão por todo o suporte, acolhimento e por estar sempre presente.

REGO, Rodolfo Luiz Santos. **A cultura do “jogar bola” na perspectiva das crianças do 6º ano: subsídios para o planejamento do professor de Educação Física**. Orientador: Miraíra Noal Manfroi. 2026. 372 p. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF) – Instituto de Educação Física e Esporte / Universidade Federal de Alagoas, Maceió-AL, 2026.

RESUMO

O presente estudo investiga como a escuta de estudantes do 6º ano do Ensino Fundamental auxilia a prática pedagógica do professor de Educação Física, utilizando os significados que as crianças atribuem ao futebol para ampliar a leitura de mundo delas sobre o esporte. Para atingir esse objetivo, a pesquisa adota uma abordagem qualitativa dividida em duas etapas fundamentais: A primeira, utiliza uma inspiração etnográfica para promover uma imersão profunda no ambiente sociocultural dos alunos, o que permite observar as ações, interações, histórias de vida e discursos que estruturam a cultura do futebol em suas rotinas. A segunda, desenvolve uma pesquisa-ação colaborativa e participativa durante as aulas, transformando a escuta ativa em base para a proposição de três intervenções didático-pedagógicas que buscam potencializar questionamentos, gerar conhecimentos e construir novos sentidos para a prática esportiva. O estudo demonstra que o planejamento do ensino dispensa roteiros blindados e exige uma estrutura porosa, apta a absorver as pulsações cotidianas e os momentos imprevistos de aprendizagem. A investigação evidencia que planejar significa desenhar espaços guiados pelo protagonismo estudantil, permitindo que o aluno assuma a autoria de sua trajetória em vez de ocupar a posição de mero espectador. Longe de sugerir o abandono da mediação docente, o trabalho com as motivações dos alunos requer uma postura pedagógica ainda mais atenta, intencional e planejada. Por fim, a pesquisa conclui que potencializar os significados do futebol funciona como uma via para a formação humana integral, transformando o esporte de uma simples busca pelo gol em um espaço fecundo de reflexão sobre a própria identidade e as relações com o outro.

Palavras-chave: Educação Física escolar. Futebol. Escuta das crianças. Pesquisa-ação. Prática pedagógica.

ABSTRACT

The present study investigates how listening to 6th-grade elementary school students aids the pedagogical practice of the Physical Education teacher, using the meanings that children attribute to soccer to broaden their reading of the world regarding the sport. To achieve this objective, the research adopts a qualitative approach divided into two fundamental stages: The first uses ethnographic inspiration to promote a deep immersion into the students' sociocultural environment, allowing for the observation of the actions, interactions, life histories, and discourses that structure soccer culture in their routines. The second develops collaborative and participatory action research during classes, transforming active listening into the foundation for proposing three didactic-pedagogical interventions that seek to enhance questioning, generate knowledge, and construct new meanings for sports practice. The study demonstrates that teaching planning dispenses with rigid scripts and requires a porous structure, capable of absorbing daily pulsations and unforeseen learning moments. The investigation highlights that planning means designing spaces guided by student protagonism, allowing students to assume the authorship of their own trajectory instead of occupying the position of a mere spectator. Far from suggesting the abandonment of teacher mediation, working with students' motivations requires an even more attentive, intentional, and planned pedagogical stance. Finally, the research concludes that enhancing the meanings attributed to soccer serves as a pathway toward integral human formation, transforming the sport from a simple pursuit of the goal into a fertile space for reflection on one's own identity and relations with the other.

Keywords: School Physical Education. Soccer. Listening to children. Action research. Pedagogical practice.

LISTA DE IMAGENS

Figura 1 - Minha festa de aniversário de 3 anos com minha mãe segurando minha irmã Renata e eu, ao centro, ao lado de meus primos segurando meu presente.	12
Figura 2 - Nesta foto estava chorando por ser interrompido por minha mãe em meu primeiro jogo de bola na pracinha que ficava em frente a minha casa. Já estava todo suado e desalinhado.	12
Figura 3 - Escolinha do Grêmio, o ano aí era 1999 e eu com 12 anos.	14
Figura 4 - Como uma família, todos os anos comemorávamos o aniversário do time juntos.	15
Figura 5 - Esse era o “ônibus” utilizado para nossas viagens às cidades circunvizinhas.	15
Figura 6 - Em 2009, já como acadêmico de Educação Física e ao lado do amigo Fábio tocando o novo projeto.	17
Figura 7 - Intercâmbio esportivo feito na cidade de Belo Monte - AL com os meninos do C.F. "Olha pra Mim". Ano de 2011.	17
Figura 8 - Aula de Educação Física para alunos do 6º ano em 2014. Ano da Copa do Mundo no Brasil.	19
Figura 9 - Contraste: Ginásio de outra escola em que leciono. Ano 2024.	19
Figura 10 - Times europeus com mais fãs brasileiros.	34
Figura 11 - Vista aérea do Bairro Nova Brasília ao sul e da EMEB Maria Augusta Silva Melo ao centro.	65
Figura 12 - Entrada principal de EMEB Maria Augusta Silva Melo.	66
Figura 13 - Fachada recém-modernizada.	66
Figura 14 - Localização do município de Olho D'Água das Flores no mapa de Alagoas.	67
Figura 15 - Vista aérea da sede do município de Olho D'Água das Flores – AL.	67
Figura 16 - Vista parcial do centro da cidade.	68
Figura 17 - Quantidade de implementos utilizados durante os treinos.	76
Figura 18 - Chuteiras metodicamente organizadas em seu quarto.	88
Figura 19 - Em ação pela escolinha de futebol.	89
Figura 20 - Separando seus uniformes de treino.	90
Figura 21 - O aluno estuda, o goleiro se prepara.	91
Figura 22 - Focado durante um treino na escolinha de futebol.	92
Figura 23 - Aqui o campeonato em família é coisa séria.	92
Figura 24 - Seu precioso brinquedo no cantinho da sala.	94
Figura 25 - João ao centro realizando exercícios durante um treino na escolinha de futebol.	95
Figura 26 - Suas chuteiras favoritas.	95
Figura 27 - Davi Francisco, ao centro e sem camisa, com a garotada da rua em frente à sua casa.	96
Figura 28 - Em ação pela escolinha, magnetismo puro.	97
Figura 29 - Boleiragem reunida na sala.	98
Figura 30 - A bola é o brinquedo, a mãe é o porto seguro.	99
Figura 31 - O guarda-roupa oficial de quem respira futebol.	101
Figura 32 - Arthur e sua mãe.	102
Figura 33 - Na escolinha de futebol, focado para a missão.	103
Figura 34 - Driblando a rotina.	105
Figura 35 - Quem disse que lugar de menina não é com a bola no pé?	106
Figura 36 - Emilly ao fundo a esquerda e Emanuele ao fundo no centro.	107
Figura 37 - A arquibancada como refúgio.	109

Figura 38 - Habemus “bola”.....	111
Figura 39 - Nem só sobre bola é o intervalo.....	112
Figura 40 - Problemáticas do 6º ano (Diário de campo, Olho D’água Das Flores, dezembro de 2025).	115
Figura 41 - Dinâmica 1: o que vêm à cabeça quando pensam em futebol?	126
Figura 42 - Dinâmica 2: e quando pensam em futebol feminino?	127
Figura 43 - Grupo de meninos atentos as jogadas de habilidade do futebol feminino.	129
Figura 44 - Professora Geyce contando sobre suas vivências.....	130
Figura 45 - Momento de diálogo: Emanuele ao fundo, com a mão timidamente levantada esperando a sua vez de perguntar.....	131
Figura 46 - Varal de camisetas montado com a ajuda da turma.	134
Figura 47 - Inspetor Inon interagindo com os estudantes no varal de camisetas.	135
Figura 48 - Escolhendo as cores e os desenhos que melhor representam a identidade do grupo.	137
Figura 49 - Quais valores o time deve ter?	137
Figura 50 - Do papel vazio ao projeto de camiseta.	138
Figura 51 - Concentração na criação das listras e formas.....	138
Figura 52 - Personalidade e vida na obra de arte.....	139
Figura 53 - Arthur mandou essa.	139
Figura 54 - Davi Francisco também deixou sua marca.....	140
Figura 55 - Camisetas que ganharam forma e mostraram a visão de mundo de cada estudante.	141
Figura 56 - Trabalho concluído: marcas da identidade da turma.	143
Figura 57 - Equipe do GCM em ação.....	147
Figura 58 - Capitão Arthur sendo entrevistado por seu xará Arthur Brito, que por sua vez, assumiu o papel de repórter durante os jogos. Eloá, registrava tudo de vídeo.	148
Figura 59 - Torcida organizada, como parte integrante da dinâmica dos jogos de futebol, também ganhou forma.	148
Figura 60 - Print de um post do perfil oficial da EMEB Maria Augusta de uma das entrevistas realizadas.	149
Figura 61 - Print de um relatório de interações no perfil criado para a turma após interclasse.....	150
Figura 62 - Print de um relatório contendo o alcance de uma das entrevistas realizadas e postadas no perfil.....	150

SUMÁRIO

1 A SEMENTE DO JOGO.	11
2 POR QUE PESQUISAR FUTEBOL?	21
3 O “REINADO DA BOLA”: O FUTEBOL COMO PRÁTICA HEGEMÔNICA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA.	27
4 O CASO DO CAVALO QUE SÓ COME CAPIM PORQUE SÓ DÃO CAPIM AO CAVALO (O DESINVESTIMENTO PEDAGÓGICO).	39
5 PARA ALÉM DO JOGO: POTENCIALIDADES E POSSIBILIDADES.	48
6 O TRAÇADO DAS LINHAS.	64
6.1 O CAMPO DE JOGO:	64
6.2 OS PROTAGONISTAS:	68
6.3 O PLANO:	69
6.4 MATERIAIS E EQUIPAMENTOS.	71
7 AS VOZES QUE ECOAM DO CAMPO	74
7.1 1º TEMPO - BASTIDORES E CONVOCAÇÃO.	74
7.1.1 Expectativas criadas x realidade do campo.	74
7.1.2 As estratégias de aproximação.	79
7.1.3 O diagnóstico e a convocação.	79
7.1.4 O intervalo.	109
7.2 2º TEMPO – INTERVENÇÕES E PRÁTICA ESCOLAR: ENTRE O PLANEJÁVEL E O EXECUTÁVEL.	112
7.2.1 A luta contra o relógio: o calendário e suas interrupções.	113
7.2.2 O desafio da turma numerosa e as particularidades do 6º ano	114
7.2.3 A gênese das intervenções e os temas geradores.	116
7.2.4 As táticas que funcionaram e os erros de passe.	124
7.2.4.1 1ª Intervenção.	124
7.2.4.2 2ª Intervenção.	133
7.2.4.3 3ª Intervenção.	145
7.2 3º TEMPO: REFLEXÕES E RESULTADOS.	153
7.2.1 A transformação do olhar.	153
7.2.2 Aproximações e distanciamentos.	155
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS.	157

REFERÊNCIAS	159
BIBLIOGRAFIA	168
APÊNDICE A - REGISTRO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PARTICIPAÇÃO EM PROJETO DE PESQUISA	170
APÊNDICE B - REGISTRO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (RALE)	191
APÊNDICE C – DECLARAÇÃO DE CUMPRIMENTO DAS NORMAS.....	227
APÊNDICE D – CARTA DE AUTORIZAÇÃO	228
APÊNDICE E – DEMONSTRATIVO DE INFRAESTUTURA	229
APÊNDICE F – DIAGNÓSTICOS INICIAIS / 6º ANO	230
APÊNDICE G – DIÁRIOS DE CAMPO	291
APÊNDICE H – PROPOSTAS DE INTERVENÇÃO.....	347
APÊNDICE I – RECURSO EDUCACIONAL	360

1 A SEMENTE DO JOGO.

Para este início de conversa, gostaria de compartilhar alguns elementos da minha trajetória pessoal, acadêmica e profissional, descrevendo fatos de minha vida, com ênfase nas histórias e experiências da infância, que marcaram e me inspiraram a escolher o caminho da educação e da necessidade de estudar o futebol na vida das crianças.

Aqui escrevo um alagoano, sertanejo, nascido no município de Santana do Ipanema, mas com raízes estabelecidas nos municípios de Monteirópolis e Olho D'Água das Flores. Recebi uma criação humilde em Monteirópolis, sem os mimos que muitos de meus amigos possuíam na época. Meu pai (falecido em 2016) trabalhava em outra cidade durante todo o dia, era um homem sério e de poucas palavras, a ele devo a formação de meu caráter e personalidade. Minha mãe, à época, dona de casa, se dedicava a cuidar de mim e de minhas irmãs.

Assim contou-me minha mãe que, quando se casou, mudou-se para outra cidade chamada São José da Tapera, onde ficamos até eu completar um ano e seis meses de vida. De lá, mudamos para Monteirópolis, cidade de minha mãe e de familiares de meu pai. Este foi o lugar que durante 26 anos me proporcionou intensas experiências de vida. Monteirópolis se tornou o palco de uma infância repleta de descobertas e aprendizados. Aproveitei cada fase da minha vida, cultivando amizades duradouras e colecionando memórias e experiências diversas. As ruas da cidade, as brincadeiras na praça e os encontros familiares formaram a base das minhas primeiras lições de convivência e respeito ao próximo.

Em minha primeira festa de aniversário ganhei muitos presentes, mas teve um que sem nenhuma explicação lógica me apaixonou, uma bola, presente de alguém que nunca lembrarei, mas que sou eternamente grato.

Daí em diante minha brincadeira favorita passou a ser jogar bola, o futebol era a atividade que mais me prendia nas horas livres, seja em casa sozinho ou na rua junto a meus amigos. Havia uma grande praça de terra em frente a minha casa que nos fins de tarde e durante a noite as crianças se reuniam para brincar, tinha de tudo: chimbra (bola de gude), carro de lata (um carrinho feito de lata de óleo reciclada), pião, carrinho de rolimã, enfim, muitas brincadeiras deliciosas, mas por ser ainda muito pequeno, minha mãe tinha receio em deixar ir à praça, a não ser sob a supervisão de meu primo Dênis, que era três anos mais velho que eu.

Figura 1 - Minha festa de aniversário de 3 anos com minha mãe segurando minha irmã Renata e eu, ao centro, ao lado de meus primos segurando meu presente.



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 2 - Nesta foto estava chorando por ser interrompido por minha mãe em meu primeiro jogo de bola na pracinha que ficava em frente a minha casa. Já estava todo suado e desalinhado.



Fonte: Acervo pessoal.

Aos cinco anos de idade mudamos para outro endereço. Ficava um pouco mais afastado da praça, lá comecei a construir minhas primeiras relações de amizade, foi também o período em que tive o primeiro contato com a escola pública. Lembro-me que minha casa ficava em uma grande avenida, era bem larga e a utilizava para brincar nos fins de tarde quando minha mãe deixava. Mas não saía tanto. O motivo era que nossa casa tinha um grande quintal, com bastante terra e que também utilizava para brincar. Foi durante uma dessas brincadeiras que acabei acertando um pintinho da galinha da vizinha com uma bolada e acabei matando o pobre animalzinho. Minha mãe, baseada na “ciência popular”, até tentou ressuscitar o bichinho, lembro-me que ela cobriu o animal com um caldeirão de alumínio e dava pequenos golpes com as mãos na parte superior – antigamente existia uma crendice de que realizando estímulos fortes, como sons altos, água fria, ou toques bruscos poderia “acordar” pequenos animais como pets, pássaros etc. - mas em vão, foi um fato marcante.

Quando tinha oito anos de idade, mudamos mais uma vez de endereço, dessa vez para nossa casa própria, que ficava ao lado do clube recreativo municipal, era uma área com bastante espaço para brincar. Nossa família ali se estabeleceu e foi nestas redondezas onde passei os momentos mais felizes de minha infância. Com oito anos, ainda não media as consequências de meus atos, mas, minha mãe já era um pouco mais flexível em relação a me “soltar” pelo mundo e foi aí que aproveitei...

Durante essa época tive outras festas de aniversário, ganhei alguns brinquedos, mas dos presentes que recebi e que mais me marcaram estão diretamente associados ao futebol: primeiro a bola que ganhei no meu aniversário de três anos, já citada anteriormente, segundo, meu primeiro par de chuteiras aos oito anos - presente de meu pai e que ficava um pouco folgada no pé -, dormi várias noites abraçado a elas imaginando o dia em que as usariam e, por fim, uma camisa do meu time do coração, o Flamengo que ganhei aos 14 anos também de meu saudoso pai e que a usava duas ou três vezes durante a semana, inclusive no dia em que fui fazer meu documento de identidade estava vestido nela, fato que fez o servidor que me atendeu me obrigar a virar a camisa para o lado contrário para que não saísse a logomarca do clube no documento.

Na escola, embora eu sempre tenha sido um aluno exemplar, responsável e dedicado às atividades escolares, também compartilho das experiências negativas com a Educação Física, semelhantes às dos estudantes acompanhados nesta pesquisa. Por essa razão, consigo compreender os anseios e as expectativas que eles depositam nas aulas da disciplina.

Entre os anos de 1993 e 1996, durante minha passagem pelo ensino fundamental I (1ª à 4ª série), a Educação Física não estava inclusa na grade de disciplinas. A escola oferecia atividades esportivas avulsas no contraturno, em locais vinculados à instituição. No entanto,

essa era uma opção que aumentava o valor da mensalidade para as famílias que decidiam matricular seus filhos. Dessa forma, meu contato com o esporte passava a acontecer apenas nas brincadeiras de rua.

Entre 1997 e 2000, período do ensino fundamental II (5ª à 8ª série), já com a Lei 9.394/1996 em vigor, a disciplina passou a ser ofertada no contraturno, ou seja, frequentava a escola regularmente no turno da tarde, porém as aulas de Educação Física aconteciam às quintas-feiras no período da manhã, fato que comprometia minha participação em virtude da ausência de transporte, já que a escola ficava distante de casa. No histórico escolar até tenho notas e conceitos registrados, porém minha participação nas aulas não existia, sendo meu único vínculo com a disciplina, no período dos jogos escolares.

Já adolescente, durante aproximadamente seis anos, participei de um projeto esportivo envolvendo o futebol que me moldou enquanto ser humano, chamava-se Grêmio Futebol Monteiopolitano. Nesse projeto, aprendi noções de ética, comportamento social, assim como, noções sobre os perigos do uso abusivo das drogas em nossa vida. Além disso, era bastante reforçada a questão do respeito aos nossos pais e a presença nas missas aos domingos. Mais do que aprender a jogar futebol, formávamos uma verdadeira família, conheci grandes amigos que mantenho parceria até hoje. Esse final de infância e início da adolescência foi marcado por essa imersão no futebol, uma paixão que influenciou profundamente minha formação e valores.

Figura 3 - Escolinha do Grêmio, o ano aí era 1999 e eu com 12 anos.



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 4 - Como uma família, todos os anos comemorávamos o aniversário do time juntos.



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 5 - Esse era o “ônibus” utilizado para nossas viagens às cidades circunvizinhas.



Fonte: Acervo pessoal.

A escolinha existiu durante dez anos e encerrou-se devido a muitos fatores, dentre eles a falta de apoio do poder público. Foi durante minha vivência neste projeto com o futebol que comecei a compreender profundamente os problemas sociais enfrentados pela nossa comunidade. Naquela época, percebi como o projeto não só promovia a prática esportiva, mas

também oferecia valiosas possibilidades educativas para as crianças. A paixão pelo esporte sempre esteve presente na minha vida, e observar o impacto positivo que ele tinha na vida de meus amigos reforçou o desejo de contribuir ainda mais. Minha mãe, sempre uma fonte de inspiração, sempre apoiou. Assim, passei a acreditar que com uma formação adequada, eu poderia expandir significativamente meu impacto na vida das crianças e na comunidade de Monteirópolis. Decidi, então, cursar Educação Física com o objetivo claro de retornar à minha comunidade e fazer uma diferença ainda maior. Admito que, ao tomar essa decisão, eu tinha pouco conhecimento sobre o que um curso de licenciatura realmente envolvia. No entanto, a determinação em adquirir novas habilidades e o comprometimento com a causa foi mais forte que qualquer dúvida inicial. Assim, embarquei nesta jornada acadêmica com o sonho de me tornar um professor de Educação Física capacitado, pronto para enfrentar os desafios e proporcionar ainda mais oportunidades de desenvolvimento para as crianças de minha cidade.

Em 2006, fui aprovado no Curso de Educação Física Licenciatura no *campus* Arapiraca da UFAL. Concomitantemente aos estudos na universidade, passei um tempo amadurecendo a ideia de um projeto nos moldes da escolinha do Grêmio e foi nesse período, que conheci um ex-jogador de futebol profissional chamado Fábio, que tinha desembarcado na cidade e começado a dar treinos de futebol para a garotada da rua, então, em 2009, resolvi unir forças e tocar um novo projeto esportivo e social na comunidade que passou a se chamar Centro de Futebol “Olha pra Mim”. A partir deste projeto, que tinha as mesmas características do qual fiz parte na adolescência, alcei um voo ainda maior que foi mergulhar nas questões da oferta pelo poder público e do acesso pela população às práticas da cultura corporal no âmbito das pequenas cidades, inclusive esse foi o tema do meu trabalho de conclusão de curso da graduação na UFAL e tema do trabalho de conclusão de curso de especialização em Educação em Direitos Humanos e Diversidade da mesma instituição.

Figura 6 - Em 2009, já como acadêmico de Educação Física e ao lado do amigo Fábio tocando o novo projeto.



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 7 - Intercâmbio esportivo feito na cidade de Belo Monte - AL com os meninos do C.F. "Olha pra Mim". Ano de 2011.



Fonte: Acervo pessoal.

No ano de 2012, recém-formado, fui convocado através de concurso público para o meu primeiro cargo, o de professor de Educação Física na cidade de Olho D'Água das Flores – AL, os treinos do projeto aconteciam às quartas-feiras e aos sábados e devido a carga de trabalho,

em 2013, nossos encontros passaram a ser somente aos sábados. Foi também em 2013 que fui convocado para o meu segundo vínculo, dessa vez na cidade de São José da Tapera – AL.

No geral eram 40 meninos com idades entre nove e 14 anos e eu, já que meu colega ex-atleta, tinha me deixado em 2010. Ficamos juntos até 2015, ano de nascimento da minha primeira filha. Devido à demanda de trabalho, mudança de cidade – após o casamento passei a residir em Olho D'Água das Flores, diante desse contexto, não tinha como me dedicar integralmente aos meninos, junto a tudo isso também havia o desgaste causado pela falta de apoio do poder público, como por exemplo, um local para nossos treinos – visto que a prefeitura municipal passou a permitir o descarte de lixo e entulhos de construção no campo onde aconteciam as atividades -, o C.F. “Olha pra Mim” encerrou as atividades em dezembro de 2015, foram quatro anos contribuindo na formação de muitos meninos, onde muitos não tinham sequer uma perspectiva de vida. Conseguimos através das atividades revelar dois meninos para o cenário nacional do Futebol: Emanuel, que saiu para o Atlético-MG, jogou até fora do país e hoje encontra-se no futebol profissional de Sergipe; e Adilson, que saiu para o Internacional-RS, teve passagem pelo Flamengo-RJ e atualmente atua no futebol do Rio Grande do Sul; além de contribuir na formação de muitos outros adolescentes.

Encontrei-me na educação pública e sou um apaixonado pelo que faço, já são 14 anos como professor de Educação Física e nessa trajetória já experimentei os dois lados da moeda. Enfrentei situações em que faltavam os recursos mais básicos para dar uma aula decente, tendo que improvisar com o que tinha à disposição e, por outro lado, também vivenciei momentos de abundância de materiais e de uma infraestrutura excelente. Em ambos os cenários, uma coisa sempre permaneceu constante: a responsabilidade no que faço. Nunca liguei se estava lidando com a escassez ou a abundância de recursos, meu compromisso nunca diminuiu. Hoje, vejo cada desafio como uma oportunidade de crescimento e aprendizado, e cada conquista, um indício de que a entrega e a dedicação são à força da realização.

Figura 8 - Aula de Educação Física para alunos do 6º ano em 2014. Ano da Copa do Mundo no Brasil.



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 9 - Contraste: Ginásio de outra escola em que leciono. Ano 2024.



Fonte: Acervo pessoal.

Continuo colecionando histórias e vivenciando todos os dias o poder de transformação que a educação tem na vida das pessoas. O Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional - ProEF surgiu exatamente em um contexto especial dessa trajetória, pois possibilita, além de uma progressão na carreira, uma oportunidade a mais para se

aprofundar conhecimentos, fortalecer a disciplina perante a cultura escolar e de maneira geral melhorar a qualidade do ensino.

Fiz questão de trazer aqui essas memórias para ressaltar que assim como muitas crianças neste país, a bola também fez e faz parte de minha vida desde pequeno. Então, antes de tudo, a minha história faz parte da necessidade de investigar o tema.

2 POR QUE PESQUISAR FUTEBOL?

A docência na atualidade transformou-se em uma profissão desafiadora e repleta de complexidades, sobretudo, devido à dinâmica social contemporânea, fundamentada pela fragilidade ou ausência de vínculos ou relações interpessoais dos estudantes – seja na família, no trabalho, na comunidade ou até mesmo na escola - e pelo tecnoestresse¹.

No contexto da escola pública, esse desafio torna-se ainda mais evidente diante das condições estruturais e sociais enfrentadas diariamente pelos educadores, que lidam com a diversidade, a desigualdade e a busca por proporcionar educação de qualidade em meio a realidades adversas. No dia a dia, nossos alunos são impactados por inúmeras transformações físicas e comportamentais e toda essa dinâmica social, somada à quantidade e velocidade com que eles recebem e processam informações, acaba contribuindo diretamente com a construção intelecto-social dele e o planejamento de ensino do professor na escola.

O 6º ano do ensino fundamental é a representação mais fidedigna possível deste contexto. Trata-se de uma etapa da educação básica marcada por uma ruptura significativa na vida educacional dos estudantes da maioria das redes de ensino e aqui, é importante contextualizar como se dá essa ruptura. Do ensino infantil até o fim dos anos iniciais do ensino fundamental que se dá no 5º ano, os alunos desenvolvem suas primeiras experiências com a cultura escolar, é nessa etapa em que eles constroem as suas primeiras relações no campo pessoal e também social, que colaboram para um modo particular de enxergar o mundo e a vida. Suas vivências muitas vezes se limitam ao convívio entre dez ou 15 crianças no ensino infantil e entre 20 ou 25 nos anos iniciais do ensino fundamental, as relações de ensino e aprendizagem envolvem geralmente um ou dois professores em todo o ciclo e que ministram as tradicionais disciplinas do currículo dentre elas a Educação Física.

Há toda uma estrutura pedagógica preestabelecida historicamente, para as crianças do fundamental I (1º ao 5º Ano). Faz parte do processo educativo nessa etapa do ensino como, por exemplo, a ida dos pais à escola todos os dias para deixar e pegar seus filhos, um cuidado específico com a alimentação, um intervalo prolongado entre as aulas, enfim, características que deixam de existir quando o aluno chega aos anos finais do ensino fundamental. Em muitos lugares, inclusive no estado de Alagoas, os estudantes são obrigados, na maioria das vezes, a

¹ O tecnoestresse é um estado psicológico negativo relacionado com o uso de tecnologias de comunicação e informação (TIC) ou de ameaça de seu uso futuro. Esse fenômeno psicossocial é constituído de quatro dimensões: descrença, ansiedade, fadiga e ineficácia (Carloto; Câmara 2010, p. 309).

mudarem de escola e se matricularem em grandes centros educacionais que concentram a oferta do ensino fundamental II.

Como característica importante, nesta fase os alunos passam a ter um número bem maior de professores, às vezes um para cada disciplina, o que requer uma maior organização, independência e responsabilidade, passam também a interagir com um número maior de colegas na sala de aula, de trinta a quarenta, geralmente compartilham um espaço apertado e com muitos ajustes a serem feitos no decorrer no ano letivo. Trata-se de um mundo novo e desafiador para eles, com novas exigências e menos tempo para brincar. Nesse cenário, a escola como um todo, busca (ou deveria) desenvolver estratégias de acolhimento e de ensino que visam minimizar os impactos da nova cultura no dia a dia dos discentes, um processo que leva tempo e que muitas vezes é desgastante para o professor.

Em quatorze anos atuando como professor de Educação Física em algumas escolas da rede pública de ensino, os últimos cinco foram dedicados aos anos finais do ensino fundamental e especificamente a turmas de 6º ano. Considero um contexto em que vivenciei experiências marcantes no processo de ensino e aprendizagem da Educação Física e que de modo significativo contribuíram com o meu repertório didático e enriquecimento enquanto pessoa. Nesse contexto, tenho buscado refletir sobre uma destas experiências que marcou e continua a influenciar o dia a dia escolar: a paixão pela bola. Independentemente do tamanho ou material — seja oficial, de papel, meia, plástico, ou qualquer outra invenção — essa paixão transcende as barreiras.

Para uma boa parte do grupo de estudantes que tenho contato, a aula de Educação Física é compreendida como um espaço genuíno e oficial para nutrir esse desejo: o de jogar futebol! E quem diria que eu, um apaixonado por futebol desde criança, também seria um desses! Lembro-me bem da minha época de escolarização básica, onde, por morar em uma cidade diferente da escola, muitas vezes tive minhas experiências com a Educação Física negadas por conta das aulas no contraturno. Por isso, entendo perfeitamente o anseio desses alunos.

Considero a disciplina de Educação Física, uma área de conhecimento importante na formação integral do aluno, como um espaço muito característico dessa falta de transição pedagógica entre o ensino fundamental anos iniciais para os anos finais. Com base nas vivências que tive, os alunos que chegam ao 6º ano, vindos do 5º, além das mudanças sociais e emocionais, geralmente apresentam características como maior dependência de orientação individual, dificuldade em assumir responsabilidades individuais durante as atividades, uma resistência de coesão com o grupo e uma visão mais recreativa e lúdica da Educação Física, herdada das práticas do Fundamental I.

De acordo com a Lei 9.394/96 (Brasil, 1996) em seu artigo 26, parágrafo 3º, “a Educação Física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular obrigatório da educação básica [...]”. De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2017),

A Educação Física é o componente curricular que tematiza as práticas corporais em suas diversas formas de codificação e significação social, entendidas como manifestações das possibilidades expressivas dos sujeitos e patrimônio cultural da humanidade. (p.171)

Apesar da LDB (1996), durante décadas a Educação Física teve seu papel questionado perante a cultura escolar e o meio científico, influenciada por modelos higienistas europeus em uma determinada época, por políticas de governo em outra e pelo próprio desinvestimento pedagógico de professores, esse componente curricular carrega cicatrizes históricas que até hoje, em muitos lugares, faz com a área seja compreendida como uma mera atividade complementar ao currículo oficial adotado. Um exemplo disso é a ausência de investimentos em infraestrutura adequada para a oferta de atividades práticas inerentes à disciplina e da capacitação do professor com licenciatura em Educação Física no ensino infantil e nas séries iniciais do ensino fundamental – o que é, infelizmente, comum em muitas redes de ensino (Lemos *et al*, 2016).

Em grande parte das escolas um dos problemas notados é que a disciplina de Educação Física, apesar de sua especificidade, é ministrada pelo professor pedagogo, que mesmo diante de sua polivalência, possui limitações técnicas para determinadas intervenções, sobrecarregado, estes muitas vezes, orientados pela própria escola, direcionam a prática da Educação Física para o horário do recreio e quase sempre resumindo a atividade de “jogar bola” para os meninos e alguns jogos e brincadeiras populares para as meninas. A aula de Educação Física fica condicionada apenas ao “brincar”, não cabe aqui uma crítica ao ato de brincar, pelo contrário, este é uma prática essencial na formação de uma criança, porém revelar que esta ação, na maioria das vezes, acontece sem nenhuma intervenção pedagógica ou sequência lógica de atividades, ao professor, cabe apenas providenciar o material a ser utilizado e resolver os conflitos inerentes à atividade, de acordo com Gonzalez (2020) uma prática caracterizada pelo “rola a bola”.

Nos anos iniciais do ensino fundamental é muito importante essa integração do aluno ao universo da cultura corporal não só do ponto de vista do desenvolvimento físico e motor, mas como possibilidades para enriquecer as experiências corporais das crianças (BRASIL,

2017), neste sentido, possibilitar um maior número de práticas para que eles experienciem é fundamental.

Sendo assim, entende-se que ao longo da educação básica a Educação Física seja responsável por:

[...] introduzir e integrar o aluno na cultura corporal, formando o sujeito que vai produzi-la, reproduzi-la e transformá-la, instrumentalizando-o para usufruir jogos, esportes, danças, lutas e ginásticas em benefício do exercício crítico da cidadania e da melhoria da qualidade de vida. (Betti, 1994 *apud* DARIDO e JÚNIOR, 2007, p.14).

Quando não há o cumprimento da legislação, da efetivação dos conteúdos a serem trabalhados, os estudantes ao alcançarem os anos finais do ensino fundamental trazem consigo todo um conjunto de representações que a etapa de ensino anterior lhes proporcionou, é bastante notável essas situações através de falas e comportamentos. A relação aluno-professor nesta nova fase do ensino se estabelece, de maneira geral, mais formal, como são muitos professores, cada um introduz sua maneira de trabalhar e sua metodologia de ensino, uns impõem e exigem mais respeito, outros desenvolvem juntamente com a turma regras de conduta que devem ser seguidas por todos, mesmo que de diferentes formas, se estabelece uma nova fase na vida do estudante.

O 6º ano do ensino fundamental possui suas particularidades, como se trata da porta de entrada do aluno do ensino fundamental II, se faz necessário um trabalho pedagógico de transição muito específico entre uma etapa e outra que deve - ou deveria - começar já na série anterior com o intuito de contribuir para uma adaptação mais sutil. Nestas turmas os alunos ainda exigem dos professores uma atenção individualizada, é muito comum o professor ainda ser chamado de “tio”, o aluno pedir para ir ao banheiro ou beber água várias vezes ou ainda, chamar a atenção a todo momento durante a aula. Alguns demonstram inflexibilidade de comportamentos, dificuldades na organização e foco nas atividades, o que leva meses até serem contornados.

Durante as aulas de Educação Física, é possível verificar a repercussão deste contexto mencionado anteriormente. Penso que as aulas de Educação Física deveriam oferecer um conhecimento mais aprofundado sobre os elementos da cultura corporal, abandonar esse caráter meramente recreativo e ocupar definitivamente seu lugar como área que trata de um conhecimento historicamente produzido. Como traz a própria BNCC (2017), além de possibilitar a vivência das diferentes práticas corporais, as aulas de Educação Física devem contextualizá-las em relação ao aluno que a prática e o mundo em que ele vive, propiciando reflexões e a busca pela autonomia.

Ao ingressarem no 6º ano, grande parte dos alunos, no auge de suas experiências corporais, trazem com si a prática do futebol como atividade inerente e hegemônica das aulas de Educação Física, fazendo com que os conteúdos diferentes da cultura do “jogar bola” se tornem desafiadores e perigosos para o professor. Desafiadores porque o desmonte de toda esta representação significa alterar algo muito íntimo para eles e que afeta diretamente suas relações pessoais com os amigos e o restante da turma. Para o professor, é necessário muito “jogo de cintura” para desenvolver seu planejamento didático-pedagógico, contemplando a participação de toda a turma e seus objetivos de ensino. Perigosos no sentido de que ao ir ao encontro desta cultura, é provável que embates sejam criados gerando desgastes com a turma e o consequente surgimento de novos problemas como a baixa participação nas atividades, perda do controle disciplinar² e ausência nas aulas de Educação Física causando prejuízos a todos os agentes envolvidos.

A partir de todos estes pressupostos levantados e na tentativa de refletir e apontar possibilidades de superar esta representação que se tem da disciplina de Educação Física no 6º ano do ensino fundamental por parte desses estudantes, surgiu então, a necessidade de buscar compreender os significados que a bola e o futebol têm para as crianças do 6º ano, a partir disso, junto a elas, desenvolver soluções ou possibilidades para o ensino e a aprendizagem do futebol em seu sentido mais amplo, ou seja, para além do simples jogar bola, compreendendo seus elementos históricos, sociais e culturais no mundo em que eles também fazem parte.

Esta pesquisa teve então o intuito de responder a seguinte questão: **Qual o significado da cultura do “jogar bola” na vida das crianças do 6º ano do ensino fundamental? Quais as outras formas que o futebol poderá adentrar o planejamento do professor de Educação Física levando em consideração as histórias de vida das crianças?**

Diante do exposto, o principal objetivo foi compreender como a escuta das crianças do 6º ano pode auxiliar a prática pedagógica do professor de Educação Física a partir dos significados que elas atribuem ao futebol, ampliando assim, a leitura de mundo delas acerca do esporte.

Entender como se configura toda essa relação entre a cultura do “jogar bola”, a história de vida das crianças e a prática didático-pedagógica do professor da disciplina poderá contribuir com o planejamento de ensino dos que atuam nessa etapa da educação básica. Olhar para as histórias dos alunos relacionadas ao futebol, possibilitará uma melhor reflexão sobre o tema e

² É bom que fique claro que não me refiro ao uso da restrição de movimento, proibição, suspensão ou algo do tipo e sim ao conjunto práticas que ajudam a manter um ambiente de aprendizado organizado, respeitoso e eficaz. Estabelecendo uma atmosfera em que todos os alunos possam se concentrar e aprender sem distrações.

uma abordagem mais específica a ser adotada durante as aulas. Para o meio científico em geral, espera-se que a pesquisa seja relevante ao contribuir com os estudos da área, visto a importância das representações no processo de ensino e aprendizagem, pois conhecer e entender as pessoas permite um melhor agir em relação a elas (Wachelke; Camargo, 2007). E ao enxergar suas necessidades, expectativas e motivações de forma mais elucidada, buscar desenvolver ações mais assertivas e benéficas para todos os envolvidos.

3 O “REINADO DA BOLA”: O FUTEBOL COMO PRÁTICA HEGEMÔNICA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA.

Sexta-feira, primeira aula de Educação Física no ano em uma turma de 6º ano: o professor entra na sala e o silêncio toma conta do ambiente, ele saúda a todos e em seguida se apresenta. O silêncio dura apenas até o momento de ele falar qual disciplina irá lecionar. Pronto, o clima muda em grande medida, de uma formalidade observada no início da fala, para a euforia, descontração e palmas, um sentimento externado para aquele que será o responsável por ofertar a eles alunos, um dos momentos mais agradáveis, do ponto de vista da maioria, de suas estadias na escola. Em seguida, a primeira das pérolas: “Vamos para a quadra?” O professor segue sua apresentação e a apresentação da disciplina, sua configuração, quantidade de aulas, horários etc. O profissional então pergunta: Na opinião de vocês, o que essa disciplina tem para ofertar ou o que vocês gostariam de aprender com a Educação Física este ano? Surge a segunda das pérolas e objeto desta análise: “Jogar bola!” Como assim jogar bola? Pergunta o professor. “Ora, jogar futebol!”, “Aprender a jogar futebol”, responde a maioria da turma (Diário de campo, Olho D’Água das Flores, fevereiro de 2024).

Faz-se necessária esta pequena introdução para ilustrar um pouco como a abordagem esportivista³ para a Educação Física – que continua mais viva do que nunca⁴ - e a consequente hegemonia da prática do futebol/futsal ainda se faz presente atualmente nas aulas de Educação Física na escola. Reflexos de uma cultura estabelecida há muitos anos e que apesar dos movimentos renovadores e a própria evolução do componente curricular, é presenciada e diagnosticada pelos professores das turmas de 6º ano do ensino fundamental todos os anos.

Mas para entender o futebol, sua hegemonia e sua monocultura no contexto social do Brasil, se faz necessário, em primeiro lugar, desconstruir a ideia de que esse esporte é “naturalmente” uma paixão nacional e revelar como historicamente, as estruturas políticas e urbanas sustentam essa soberania.

Nesse sentido, compreender por que o futebol “manda” no Brasil, é preciso olhar além do campo (ou das aulas de Educação Física) e observar como a vida nas cidades funciona. Dialogando com Lucena (2001), as práticas corporais não acontecem por acaso, elas dependem de como as ruas e o tempo livre são organizados. Assim, o “reinado da bola” não surgiu apenas porque o brasileiro “nasceu para isso”, mas porque se criou um costume de valorizar apenas um esporte. Ao ocupar física e simbolicamente o cenário urbano, marginalizaram-se outras formas

³ Tendência Esportivista (1964 – 1985) – Período em que institucionalmente a Educação Física passa a ser dominada pelos esportes, melhor, passa a ser sinônimo de esportes. Há uma exclusão generalizada daqueles que não possuem habilidades, a competição passa a ser o objetivo do processo. A relação professor-aluno passa a ser técnico-atleta. O período que compreende esta tendência na Educação Física é de 1964 a 1985 (Ferreira; Sampaio, 2013).

⁴ É necessário ressaltar, contudo, que tal lógica não se encerrou com a redemocratização; ela permanece latente no cotidiano escolar através da “esportivização” das aulas, onde a performance e a seletividade ainda prevalecem sobre o direito pedagógico ao movimento e à inclusão. O esporte na escola continua sendo confundido com o esporte da escola.

de lazer e disciplinou o corpo social sob a lógica do espetáculo e do rendimento. Sobre esse processo de moldagem do comportamento através do lazer, Lucena aponta que:

[...], o esporte é aqui considerado como um aspecto da mudança do padrão social a que o indivíduo é submetido, primeiramente, pela restrição externa, e é reproduzido, mais acentuadamente ou menos, no seu íntimo, através de um autocontrole específico. Por isso, mudanças na forma de passatempo compõem também um quadro de mudanças nas formas de morar, no processo educativo, nas formas de trabalho, nas relações familiares e entre grupos distintos (2001, p. 9-10).

Essa reflexão revela que o domínio do futebol no Brasil não acontece casualmente, mas funciona através de três mecanismos simples. Primeiro, existe uma pressão do ambiente: nas pequenas cidades do interior (guardadas as devidas proporções também foi assim nas grandes cidades durante o final do Séc. XIX), a dinâmica é muito específica: o campo de futebol muitas vezes não é apenas um espaço esportivo, mas o marco zero da vida social, frequentemente dividindo o protagonismo com a igreja matriz e a praça central, as pessoas acabam sendo naturalmente levadas até ele, já que faltam outras opções de lazer, principalmente para a classe subalterna. Em segundo lugar, esse domínio molda o nosso interior, já que o esporte está tão presente que passamos a acreditar que gostar de futebol é algo que “já nasce com o brasileiro”, quando, na verdade, é um costume ensinado pela sociedade. Por fim, essa soberania se mistura com o dia a dia, influenciando desde o nosso jeito de morar até nossos horários de trabalho e encontros em família. Assim, o futebol deixa de ser apenas um jogo e passa a ser a regra que organiza o nosso modo de viver.

Diante disso, o futebol deixou de ser apenas um esporte para se tornar uma linguagem dominante que ocupou e ocupa diferentes espaços nas cidades, uma verdadeira prática social que influencia e é influenciada pelo espaço urbano e pelas relações de poder. Para desvendar como esse mecanismo funciona na prática, convergindo com as ideias de Lucena em sua obra *O esporte na cidade* (2001), sugiro três questões norteadoras que requerem um olhar atento:

a) A disciplinarização e a ocupação do espaço urbano.

No final do Séc. XIX e primeiras décadas do Séc. XX, o futebol se tornou a principal ferramenta de organização do tempo livre e do espaço físico nos grandes centros urbanos. Desde os grandes estádios até as várzeas, uma espécie de monocultura espacial, segundo o autor:

A popularização do futebol era cada vez mais evidente. Já não era, de forma alguma, o esporte que envolvia apenas os clubes fechados de imigrantes ingleses e seus descendentes. Estava também nas ruas, nas calçadas e nos colégios. [...] o futebol crescia em afeição, marcando um envolvimento cada vez maior da população com sua prática (Lucena, 2001, p. 131-132).

À época, a expansão do futebol para além dos clubes de elite, ocupando ruas e colégios no início do século XX, revela mais do que uma simples popularização, demonstra a disciplinarização do cotidiano urbano. Segundo o autor,

[...] apontarmos esses esportes (turfe, remo e futebol) como um elemento que, entre nós, brota com o crescente processo de contato social e se desenvolve junto a uma diferenciação que permite apontar um amplo controle multipolar até então pouco característico da sociedade brasileira desde a colônia. As funções se diferenciavam, como passavam a ser diferentes as inter-relações e a forma de se perceber nesse contexto. O esporte é, nesse sentido, um modo desse comportar que surge dessa diferenciação (Lucena, 2001, p. 103).

Esse movimento sinaliza como o esporte passou a ser utilizado para organizar o comportamento das massas e o uso do espaço público. Isso significa que os espaços públicos foram sendo "etiquetados": aqui é o lugar de trabalhar, ali é o lugar de morar e aquele é o lugar de praticar esporte (o campo de futebol). Assim, o futebol não apenas ocupou a cidade, mas ajudou a moldar um novo perfil de cidadão, adaptado ao ritmo e às normas da vida moderna.

b) O Futebol como "gramática" da identidade nacional.

A partir de meados do Séc. XIX, as práticas esportivas no Brasil, entre elas o futebol (recém-importado da Inglaterra), tornaram-se instituições que passaram a funcionar como linguagem oficial do corpo, à época, o esporte tornou-se um sistema de regras e símbolos que definia o que é ser brasileiro.

[...] distingue-se o comportamento com a assimilação crescente de práticas como a do esporte, agora centrado em regras e espelhado num tipo de comportamento "civilizado", diferente dos jogos populares tão livres, relacionados com o mundo infantil e com as festas populares, e lembrando um passado colonial ainda não muito distante, com a ausência de um ordenamento mais eficaz (Lucena, 2001, p. 50-51).

Essa passagem revela como a ascensão do esporte no Brasil foi um processo político, uma estratégia de ordenamento social. Ao substituir a ludicidade livre das práticas populares que aconteciam anteriormente pela rigidez normativa das práticas esportivas, as elites buscaram apagar as marcas de um passado colonial e imprimir no espaço urbano um ideal de "civilização" pautado pela disciplina e pelo controle dos corpos.

Em suma, o autor descreve o nascimento da hegemonia esportiva através da marginalização das culturas populares. O esporte moderno "vence" não apenas por ser mais divertido, mas por ser uma ferramenta de poder e distinção social.

O futebol [...] devorou o críquete no Brasil, primeiro entre seus abnegados – os ingleses e seus descendentes – e acabou por ocupar sua casa. Muitos campos de críquete foram aos poucos sendo readaptados para os jogos de futebol [...] o gosto pelo futebol superou o envolvimento em outros esportes, mesmo entre seus criadores. Com isso, o futebol ocupou também as ruas, as calçadas, as várzeas e outros espaços abertos no meio urbano e, embora em 1921, Lima Barreto ainda o visse como "coisa inglesa", que serviu apenas para subestimar a "gente de cor", esse esporte, esse "jogo

de conspícuas patadas em bolas”, como chegara a dominar, tornara-se mesclado e adquiriu uma certa improvisação, um feitiço, um método de jogo característico entre os brasileiros (Lucena, 2001, p. 134).

Essa linguagem hegemônica acabou silenciando a diversidade cultural e esportiva historicamente no Brasil. O futebol passou a ser a única “lente” pela qual o brasileiro é incentivado a ler o mundo social, na prática, essa monocultura empobrece o repertório motor e faz com que este esporte, muitas vezes, passe a ser o único tema de conversa, de mídia e de investimentos, fazendo com que outras práticas morram na invisibilidade.

c) A relação entre trabalho, lazer e consumo.

No contexto das transformações urbanas do Brasil, o esporte passa a ocupar um lugar estratégico na articulação entre essas três categorias. A modernidade passou a redefinir o tempo livre e transformou o lazer em espetáculo, vinculando-o às dinâmicas de rendimento e visibilidade. O esporte se tornou um "lugar de ver". Isso valida o argumento de que práticas não lucrativas ou não visuais (como o jogo lúdico na rua) são excluídas, pois não servem ao propósito do "desfile" e do "espetáculo". O futebol, em especial, tornou-se símbolo dessa engrenagem moderna, ao mesmo tempo em que reforça desigualdades sociais e invisibiliza práticas não lucrativas. É nesse cenário que Lucena observa:

Cidade, segundo tentamos mostrar, que cresce e se transforma num Brasil que mudava política, cultural e socialmente. Cidade que transforma a todos em espectadores, pois é ela o lugar do espetáculo, do desfile... o lugar de ver. É nesse sentido que realçamos o papel do esporte como uma ação que requer uma postura diferenciada e peculiar num sistema também renovado. No turfe, no remo, no ciclismo, nas lutas e no futebol etc., vamos mesmo é buscar nosso reatamento no conflito cotidiano dos centros urbanos como o Rio de Janeiro (2001, p. 140).

Essa compreensão de cidade como o palco de um espetáculo contínuo, onde o sujeito é sistematicamente convertido em espectador, articula-se com a tese de que o esporte, e notadamente o futebol, foi apropriado como um componente central da dinâmica urbana. Ao elencar modalidades⁵ como o turfe, o remo e o ciclismo, Lucena evidencia que essa organização não ocorre fortuitamente, mas responde a um sistema renovado que prioriza a visibilidade e a performance. Consequentemente, tal perspectiva sustenta a crítica de que práticas não lucrativas ou de baixo apelo midiático são inevitavelmente marginalizadas; afinal, em uma estrutura voltada ao consumo visual, o foco desloca-se da vivência corporal para aquilo que pode ser comercializado e transformado em entretenimento:

⁵ Lucena elenca o turfe, o remo e o ciclismo por representarem as modalidades pioneiras de "esporte de espetáculo" no cenário urbano brasileiro do início do século XX, especialmente no Rio de Janeiro. Ao contrário de práticas populares espontâneas, essas modalidades exigiam locais específicos de visibilidade (hipódromos, raias náuticas e velódromos) que favoreciam a distinção social e o exercício do olhar.

Por aí é que tratamos da ação mimética do esporte onde não deve ser descartado o espectador esportivo como que carregado de emoção, e assim também aqui considerado como um esportista, pois que o prazer da observação não deve ser considerado como fator de segunda ordem (Lucena, 2001, p. 140-141).

O esporte/espetáculo, ao transformar o ato de assistir em participação legítima e carregada de emoção, ajuda a consolidar a centralidade do futebol na vida urbana. Essa lógica, que valoriza, sobretudo o rendimento e a visibilidade, explica em grande parte a hegemonia e a monocultura do futebol em nosso país: ao mesmo tempo em que integra milhões de espectadores, ofusca práticas comunitárias e não lucrativas, reforçando desigualdades e limitando a diversidade esportiva.

Tecnicamente, este que se tornou o esporte mais popular do Brasil e apreciado no mundo inteiro é resultante da transformação de vários jogos e rituais com origens em diferentes lugares do mundo e em épocas diferentes. De acordo com Voser,

[...] o futebol é o resultado de uma lenta evolução de diferentes jogos com bola que se processou através de milênios, partindo dos mais rudimentares modos e formas para chegar a complexidade técnica, tática e física com que hoje se apresenta. Sua aceitação fora muito grande no mundo inteiro, talvez por diferir de outros esportes que antigamente eram parte do cotidiano humano, como a natação, a corrida e lutas (2010, p. 17).

Há relatos de jogos que viriam a se assemelhar com o que se conhece hoje do esporte há milhares de anos em Honduras, China, Japão, Grécia, Roma antiga, França, Itália e Inglaterra (Mayor e Neto, 2016). Este último, responsável por aprimorar e sistematizar o jogo na forma atual. Segundo Ferreira,

[...] o futebol, como o entendemos nos dias de hoje, teve nas tradicionalíssimas instituições de ensino inglesas o seu ambiente inicial, servindo como um verdadeiro laboratório para a unificação das regras deste esporte. Após longas discussões com as faculdades rivais de Eton e Rugby, favoráveis à permissão de pontapés nas canelas e do uso das mãos, os alunos de Harrow tomaram a iniciativa de, em 1863, codificar as regras do chamado football association (FA), enquanto que os alunos de Rugby criaram as regras do esporte batizado com o nome daquela mesma instituição de ensino (2005, p. 1).

Dada a amplitude e a complexidade de sua origem, o desembarque do futebol no Brasil é cercado por diversas narrativas e controvérsias sobre quem teria, de fato, introduzido o esporte no país. Algumas versões historiográficas apontam que, ainda na segunda metade do século XIX, o “jogo de bola” já era praticado como lazer por marinheiros e operários de fábricas inglesas que aportavam em solo brasileiro. Outra vertente, atribui o pioneirismo a padres jesuítas, que teriam trazido a prática da Europa após congressos educacionais, sempre sob inspiração britânica. Contudo a versão mais difundida na literatura esportiva consagra a figura de um jovem da elite econômica chamado Charles Miller.

A partir de sua chegada, segundo historiadores, o esporte ganhou força e passou a ser disseminado por outros estudantes egressos da Europa, expandindo-se rapidamente por centros como Rio de Janeiro, então capital federal, Salvador e Belo Horizonte.

Em 1984, Miller terminou seus estudos. Voltou para São Paulo, sua cidade natal, trazendo na bagagem duas bolas e um manual de regras do jogo. Junto com um grupo de ingleses da Companhia de Gás, do London Bank e da estrada de Ferro, ele passou a promover partidas, formar times e fundar clubes [...] Tornava-se assim, para a quase unanimidade de estudiosos do futebol no Brasil, o precursor do esporte em território nacional (Mayor e Neto, 2016, p. 39).

A ausência de evidências documentais concretas sobre esses precursores demonstra como a dimensão e a complexidade do futebol podem ter contribuído para o apagamento de suas origens exatas. Diante da falta de registros precisos de datas e locais, é provável que diversas figuras e práticas pioneiras tenham sido negligenciadas pela história oficial, perdendo-se na memória dos tempos. Essa incerteza temporal sugere que, para além das narrativas estabelecidas, existem diversas possibilidades e versões ainda ocultas, cujos rastros se perderam entre o informalismo das primeiras partidas e a organização posterior do esporte.

Seja pela facilidade de suas regras, espaços destinados à sua prática ou pouca exigência de equipamentos, tudo isso potencializado historicamente por estruturas político/sociais/ambientais, como citado anteriormente, e influências da grande mídia recentemente, o futebol assumiu um papel muito importante para o país e para as pessoas, sejam simpatizantes ou não, o futebol é defendido por muitos como patrimônio cultural da nação. Sobre isso alguns estudiosos ressaltam que:

Uma das manifestações culturais mais importantes dos nossos tempos... Considerado o esporte mais popular do mundo, no Brasil o futebol assume a função de identidade cultural e paixão nacional dos brasileiros, que intitulam nossa pátria de "o país do futebol" - e com toda razão, pois, afinal, somos os únicos pentacampeões mundiais e o único país a participar de todas as Copas do Mundo. (Darido e Júnior, 2007, p. 27)

A identificação de um povo com seu território, o sentimento de pertencimento, passam, invariavelmente, pela partilha de símbolos comuns que se manifestam no dia a dia. No Brasil, embora existam marcos geográficos e culturais mundialmente reconhecidos, um fenômeno específico se sobressai pela sua capacidade de difusão e enraizamento social, conforme pontuam Araújo e Filho:

No caso brasileiro, esses elementos ou símbolos são facilmente identificáveis como pertencentes à cultura nacional ou ao país, como o cristo redentor do Rio de Janeiro, o samba ou o carnaval, mas, talvez o mais efetivo de todos e que provavelmente esteja mais arraigado à cultura nacional, seja pela grande identificação do povo, pela sua difusão pelo território nacional, pela imagem (memória) do antigo maracanã, que foi o maior estádio do mundo, ou como ele está inserido no cotidiano da sociedade, é o futebol (2016, p. 51).

Percebe-se que a “magia” presente neste simples jogo consegue transpor o tempo e o espaço das quatro linhas e paralelamente incorpora em milhares de pessoas que prestam audiência a esse fenômeno social. O futebol assume um posto tão importante na hierarquia das manifestações culturais do povo brasileiro que passadas tantas mudanças políticas, sociais e econômicas, de gerações de praticantes ou simplesmente telespectadores desde o seu desembarque no país, ele continua contornando as relações entre as pessoas. Seja entre os amigos, nas reuniões familiares, nas ruas, no trabalho e assim como nas escolas, é um ótimo gatilho para se jogar uma conversa fora por exemplo.

Sobre essa “magia” ...

O futebol ocupa no Brasil a condição de ser um fenômeno de massa esportivo/social capaz de levar multidões para rua para a comemoração de um título. Uma festa não planejada, não oficial, mas que surge de forma espontânea por uma alegria natural e irrefreada. [...] Nenhum povo é reconhecido no mundo como o brasileiro pelo futebol. Nenhum país no mundo tem uma relação tão umbilical, formativa e existencial, como a relação do brasileiro com o futebol. (Cardoso, 2003. p. 42-43).

Por outro lado, a alcunha de "país do futebol" enfrenta, na contemporaneidade, o desafio de uma realidade globalizada e de mudanças geracionais que fragmentam o consumo cultural. Embora o esporte ainda ocupe um lugar central no imaginário coletivo, estatísticas recentes e o comportamento das novas gerações sugerem que essa hegemonia não é exclusiva, nem imune a transformações. Em termos de engajamento digital e presença em estádios, países como Inglaterra e Alemanha apresentam métricas de fidelidade e ocupação⁶ que muitas vezes pulverizam a média brasileira. A Argentina, a título de ilustração, apresenta uma concentração de devoção ao esporte sem paralelos, um exemplo é a região metropolitana de Buenos Aires que comporta a maior densidade de estádios de futebol do mundo⁷, revelando uma ocupação do espaço urbano e um engajamento comunitário que rivalizam diretamente com o fervor brasileiro.

⁶ Ligas com maior média de público

1 - Alemão: 41.790 torcedores

2 - Inglês: 41.548 torcedores

3 - Italiano: 31.656 torcedores

4 - Espanhol: 31.250 torcedores

5 - Alemão (2ª divisão): 28.806 torcedores

6 - Argentino: 28.762 torcedores

7 - Francês: 27.434 torcedores

8 - Brasileiro: 26.380 torcedores

9 - Inglês (2ª divisão): 21.897 torcedores

10 - MLS: 21.754 torcedores (UOL, 2025).

⁷ Não há, talvez, cidade no mundo na qual se veja e se jogue tanto futebol quanto em Buenos Aires, capital da Argentina. A metrópole, que com 13 milhões de habitantes é a terceira mais populosa da América Latina, é a que tem mais estádios com capacidade para mais de 10.000 espectadores, 36 (El País, 2015).

Evidenciando que a "paixão insana" é um fenômeno compartilhado por outras culturas esportivas consolidadas.

Além disso, o advento das novas tecnologias e a diversificação do entretenimento digital — como os *eSports*⁸ e o acesso facilitado às ligas estrangeiras — diluíram o monopólio do futebol nacional sobre o tempo de lazer da juventude. Pesquisas de mercado indicam que o Brasil possui um dos maiores públicos do mundo em modalidades que antes eram marginais, questionando se a monocultura do futebol ainda se sustenta em um território de dimensões continentais e pluralidade de interesses. Assim, o que se observa não é necessariamente o desaparecimento do futebol, mas a perda de sua natureza como "único" catalisador da identidade nacional, em um cenário onde outros países demonstram um fervor institucional e comercial tão ou mais robusto que o brasileiro.

Figura 10 - Times europeus com mais fãs brasileiros.



Fonte: Global Fan Report⁹ (2024)

⁸ Em relação à penetração e Consumo de Games, a Pesquisa Game Brasil que é a principal referência do setor no país, revelou que 82,8% da população brasileira afirma consumir jogos digitais de alguma forma, o maior índice já registrado na história da pesquisa (Pesquisa Game Brasil – PGB, 2025).

⁹ O estudo Global Fan, conduzido pela plataforma de blockchain esportiva Chiliz, entrevistou mais de 8.000 fãs de futebol no Reino Unido, EUA, Brasil, Coreia do Sul, Nigéria, Japão, Itália e Turquia.

Segundo dados da Pesquisa de Vigilância de Fatores de Risco e Proteção para Doenças crônicas por Inquérito Telefônico (Vigitel)¹⁰ 2017, realizada entre os anos de 2006 e 2017 e divulgados pelo Ministério da Saúde do Brasil, trouxe uma estatística interessante: as corridas de rua e as artes marciais como as práticas que mais caíram no gosto dos brasileiros nos respectivos anos, um aumento no número de praticantes de 194% e 109% respectivamente. Paralelamente, observou-se um declínio acentuado na preferência pelo futebol como modalidade de exercício físico entre os habitantes das capitais do Brasil. No intervalo analisado, o interesse pela modalidade sofreu uma redução drástica, atingindo o patamar de 43,5% (Ministério da Saúde do Brasil, 2022). Embora por aqui a bola continue a rolar, o esporte deixou de ser a única linguagem dos mais jovens, mantendo sua relevância histórica, mas sofrendo um visível desgaste em simbolismo.

Nesse novo cenário, o futebol como passatempo absoluto vem sendo desafiado por um ecossistema de entretenimento muito mais fragmentado. Ao final da infância e início da adolescência, a bola agora concorre diretamente com o consumo de conteúdos, por exemplo, de *YouTubers* e influenciadores digitais, que oferecem uma conexão direta e constante com novos universos. Para as novas gerações, a prática esportiva não é mais a única forma de pertencimento, o lazer foi deslocado para o consumo de vídeos e interações virtuais que proporcionam novas experiências e referências de mundo, diluindo o interesse que antes era voltado exclusivamente para o chute na bola.

De acordo com dados da plataforma de pesquisa de mercado GWI, jovens entre 16 e 24 anos preferem consumir "melhores momentos" (*highlights*) em redes sociais como *Instagram*, *Kwai*, *TikTok* ou *YouTube* do que assistir aos 90 minutos de uma partida completa. Segundo o relatório, o consumo esportivo tornou-se profundamente fragmentado e digital. Enquanto as gerações anteriores priorizavam a partida completa, 74% dos torcedores atuais utilizam as redes sociais como principal via de acompanhamento — índice que chega a 72% entre a Geração Z. Esse fenômeno redefiniu a experiência do espectador: para 61% dos fãs, esse consumo de conteúdos curtos substitui a centralidade da transmissão ao vivo, transformando a experiência do torcedor em uma jornada móvel e distribuída entre diversas telas. (GWI, 2025).

Essa desconexão é agravada por uma especialização precoce que transforma o brincar em obrigação, as escolinhas de futebol são evidências deste cenário: centradas em resultados e

¹⁰ O Sistema de Vigilância de Fatores de Risco e Proteção para Doenças Crônicas por Inquérito Telefônico - Vigitel foi implantado em 2006 em todas as capitais dos 26 estados brasileiros e no Distrito Federal, tendo como objetivo monitorar anualmente, via inquérito telefônico, a situação de saúde da população brasileira, por meio da distribuição dos principais fatores de risco e proteção para as DCNT, como diabetes e hipertensão (Ministério da Saúde, 2025).

táticas rígidas que juntamente à pressão desmedida de pais que projetam nos filhos carreiras profissionais ou a obrigatoriedade de seguir o time da família, retiram o lúdico do jogo. Quando a criança é cobrada por desempenho antes mesmo de entender o prazer do esporte, o resultado comum é a apatia e o abandono precoce: o futebol deixa de ser um sonho e passa a ser uma fonte de ansiedade (Freire, 2011; Freire; Castellani, 2024).

A gravidade desse cenário é validada por evidências da psicologia esportiva, que apontam para o crescimento do *burnout* entre crianças e adolescentes submetidos a regimes competitivos. Segundo Neeru *et al*:

Além do estresse físico, acredita-se que o treinamento intenso inerente à especialização esportiva na juventude também afete o bem-estar psicossocial do atleta, embora faltem pesquisas baseadas em evidências sobre essa relação. Diversos fatores têm sido postulados para explicar esse potencial associação. O treinamento intenso pode levar ao isolamento social, o que pode impedir a formação normal da identidade do atleta. Características intrínsecas, como o perfeccionismo, e fatores externos, como expectativas irreais estabelecidas por pais e treinadores, podem resultar em estresse psicológico excessivo. Isso pode, por sua vez, levar a estratégias de enfrentamento desadaptativas, perda de motivação, distúrbios de humor e, por fim, ao burnout (2019, p. 1046-1047).

O ponto central é que o problema vai além do esgotamento físico, atingindo a saúde emocional do indivíduo. Os estudos apontam que a rotina intensa de treinos pode reduzir as oportunidades de convivência social e o desenvolvimento de uma identidade plena. Contudo esse estresse não surge apenas pelo esforço físico, mas também pela falta de adaptação do ambiente esportivo às necessidades da infância.

Somada a essa limitação do desenvolvimento pessoal, nota-se que o futebol também apresenta barreiras sociais profundas já que ainda carrega as cicatrizes de um machismo histórico que afasta muitos jovens. Em uma geração que preza pela diversidade e pela liberdade de expressão, a cultura que cerca o esporte (presente nas conversas, nas brincadeiras de rua e no comportamento das torcidas) muitas vezes se mostra hostil e conservadora. As dificuldades em expressar preferências sexuais e o medo da discriminação criam uma barreira invisível, fazendo com que o esporte perca o interesse de jovens que não se sentem acolhidos por essa identidade rígida. Diante disso, o futebol continua simbólico, mas sua importância diminui à medida que ele também falha em se modernizar socialmente.

Essa percepção de hostilidade encontra fundamento em dados recentes. Um estudo de 2023, fruto da parceria entre a NIX Diversidade e a Nike, aponta que “[...] o ambiente do futebol masculino de alta performance ainda pode ser visto como o principal adversário na luta contra a LGBTfobia no esporte, ao ponto de 89,9% da comunidade relatar que há muito preconceito contra pessoas LGBTQIA+ em sua prática” (NIX Diversidade, 2023, p. 6). Ainda segundo a pesquisa, no futebol, não há atletas masculinos atuando em equipes profissionais que se assumam

publicamente homossexuais. A presença da comunidade LGBTQIA+ acaba sendo empurrada para as margens da prática esportiva, restringindo muitas vezes sua participação na modalidade apenas através de torcidas.

Nas escolas não só o futebol, mas as práticas esportivas de maneira geral passaram a ser introduzidas especificamente nos anos 50 e 60 (BRASIL, 1998) e atingiram seu auge na década de 70 (Araújo; Furtado, 2019). Naquela época, a prática esportiva que já vinha sendo difundida nas escolas com fins educativos e ganhou status de política pública gerando impactos significativos para a Educação Física da época.

Essa percepção ficou clara na legislação esportiva brasileira, quando em 1975 foi promulgada a Lei n. 6.251, na qual o Governo Federal criou a Política Nacional de Educação Física e Desportos (PED), com a finalidade de “criar e desenvolver uma mentalidade favorável à Educação Física para produzir uma mentalidade desportiva” (Araújo e Furtado, 2019, p.4).

Essa política tinha como objetivo central, além do melhoramento da aptidão física da população, disseminar a prática dos esportes entre as pessoas como forma de tornar eficiente o tempo livre dos cidadãos, uma forma de controle social em uma época marcada pelo autoritarismo, censura e repressão institucionalizada. Outra característica marcante deste período foi o intercâmbio entre as escolas e os centros de performance esportiva, de acordo com Araújo e Furtado (2019) o apontamento era para

[...] a integração das Escolas de Educação física às Universidades Federais, especialmente; a integração das Escolas aos clubes: o desenvolvimento de pesquisas em educação física e desporto; o aperfeiçoamento do magistério e dos técnicos esportivos [...] (p.4)

Nesse contexto de subordinação ao sistema esportivo, as aulas de Educação Física passaram a ser sinônimo de prática desportiva com foco na aptidão física e no desempenho esportivo, a práxis do professor, voltada ao ensino das técnicas e suas aulas um espaço competitivo baseado exclusivamente na performance entre os praticantes.

Outra questão marcante em relação à presença hegemônica do esporte na Educação Física escolar era o fato das práticas se resumirem às modalidades coletivas que acabaram se tornando convencionais (Barroso, 2020) e que mais tarde receberam no meio científico o codinome de “quarteto fantástico”: futebol, voleibol, basquetebol e handebol. As circunstâncias que levaram a este cenário repercutem até os dias atuais em muitas realidades. De acordo com Barroso (2020) alguns fatores contribuíram para este cenário dentre esses podemos destacar três:

- O espaço físico disponível na maioria das escolas;
- Experiências pessoais dos professores;
- Formação superior de concepção tradicional.

Em muitas escolas deste país são projetadas quadras poliesportivas (com marcações no piso para mais de uma modalidade) que direcionam a prática dos alunos no dia a dia para sempre as mesmas coisas, em outras tantas, por exemplo, não há tabelas de basquete ou marcações para a fixação dos postes para a prática do voleibol, resumindo-se somente a marcação para o futsal, conjuntura favorável à hegemonia da modalidade. Cabe também ressaltar sobre a outra condição relevante que o autor traz que são as convicções pessoais do professor da turma. Trata-se de uma condição comum a muitos professores de Educação Física inspirados, seja pelo fato de a disciplina ser ministrada durante décadas por ex-atletas de alguma modalidade ou pela própria trajetória de formação desses docentes.

A inserção na educação básica de professores licenciados a partir de cursos de licenciatura concebidos a partir de abordagens tradicionais, principalmente os da década de 1970 e 1980 cujo contexto político-social foi citado anteriormente também deixaram suas contribuições para que essa representação da disciplina se perpetuasse durante muito tempo.

Poder-se-ia acrescentar sem muito esforço para isso, a popularização dos aparelhos de TV na década de 1970 (Silva, s.d.) que aliada à contribuição da grande mídia e o advento das grandes competições esportivas, principalmente das Copas do Mundo de Futebol, através do seu alcance, fez chegar a milhares de lares brasileiros a oportunidade de as pessoas verem os jogadores do país desfilarem pelos gramados mundo a fora.

Atualmente, apesar da imensa quantidade de modalidades esportivas, sejam individuais ou coletivas, que são praticadas dentro e fora dos muros da escola, o futebol continua sendo o que mais prende a atenção das pessoas, se fazendo presente além da escola, em outras esferas sociais como na religião, na política, na música, na arte, nas famílias e em muitos outros lugares.

Vários são os fatores que ajudam a entender sua imensa e variada popularidade mundial, como atestam estudos e levantamentos feitos por especialistas. Trata-se da modalidade desportiva mais espontânea (pode ser jogado em qualquer espaço) e imprevisível (porque é jogado com os pés), mais simples e barata (não exige muitos equipamentos esportivos), além de estável (suas 17 regras são universais, existem há muito tempo e quase nunca mudam) e democrática - qualquer um, com qualquer tipo físico, cor de pele, classe social ou cultura pode jogar – e bem – o futebol (Murad, *apud* Rottman, 2016, p. 10).

Assim como seria difícil imaginar a escola sem o aluno, a aula sem o professor ou até mesmo a Educação Física sem uma bola, é complicado imaginar o Brasil sem futebol. Porém é importante argumentar que ninguém é obrigado a deixar de gostar, praticar ou assistir, mas lembrar que o poder da escolha está nas mãos de cada um.

4 O CASO DO CAVALO QUE SÓ COME CAPIM PORQUE SÓ DÃO CAPIM AO CAVALO (O DESINVESTIMENTO PEDAGÓGICO).

Esta citação era bastante utilizada por uma professora da graduação e tinha por objetivo nos alertar e refletir enquanto futuros professores sobre as limitações que são impostas pelas circunstâncias e como elas influenciam o comportamento e as escolhas. No caso do cavalo, ele come o capim porque geralmente é a única opção que lhe é oferecida demasiadamente, porém sabe-se que um animal do porte do cavalo deve possuir uma dieta bastante balanceada. Em nosso cotidiano, isso pode ser aplicado em muitas situações, onde as pessoas agem ou escolhem de certa forma devido às opções ou influências que lhes são apresentadas.

Estabelecendo uma analogia com a atuação do professor de Educação Física, cabe ressaltar que os cursos de formação de professores sempre foram constituídos sob diretrizes específicas e que refletiam a forma como se pensava a Educação Física às diferentes épocas.

Foi assim no período higienista¹¹, durante o período militar¹² no Brasil, até se chegar aos dias atuais. De acordo com Pinto (2014), era comum nas décadas de 50 e 60 ex-militares ou a classe médica assumirem as Escolas Superiores de Educação Física, época em que a Educação Física era vista principalmente como uma forma de promover a saúde e a disciplina dos alunos, seguindo uma abordagem mais militarizada e higienista.

O esporte aparece tratado de forma abstrata, como algo “bom” por si só, e com os mais diversos entendimentos: era considerado necessário para promover a saúde, evitando doenças (uma ‘medicina preventiva’); também para a construção de valores humanos de respeito, de honestidade e de cordialidade; e ainda para um prazer pessoal de ser reconhecido pelo trabalho bem feito (Pinto, 2014, p. 570).

Ainda segundo o autor, a formação dos professores de Educação Física naquela época era bastante empírica e militarizada, com um currículo esportivizado e uma hierarquia rígida nas aulas.

Em condições precárias de material e de espaço, o exercício profissional aparece cercado de voluntarismo, de criatividade e de improvisações, que impuseram dificuldades para a realização de aulas que estes docentes desejavam (ou foram formados para) ministrar. Encontram-se também os que atuaram em condições de

¹¹ No Brasil, o movimento higienista começou a se fazer presente entre o final do século XIX e início do século XX. Ele propunha a defesa da saúde, da educação pública e o ensino de novos hábitos higiênicos pela medicina social. Seus defensores diziam que a população saudável e educada é a maior riqueza de um país. (Góis Junior; Lovisolo, 2003 *apud* Milagres; Silva; Kawalski, 2018.)

¹² A Educação Física durante o Regime Militar foi encarada na concepção dualista de homem, no qual houve a separação entre corpo e mente (a mente valorizada e o corpo desvalorizado) e como forma de desorganizar o movimento estudantil, ignorando toda a sua importância para a formação do sujeito. Entretanto é perceptível que o Estado se baseou no modelo napoleônico de ensino utilizando-se da Educação como um aparelho ideológico do estado tentando manipular e controlar esses alunos participantes do movimento estudantil. (Vieira; Lourenço; Adaniya, 2017)

trabalho que consideraram boas, e nas quais observou-se a elaboração de um currículo e a condução de um ensino esportivizado, generificado, com relações hierarquizadas, orientadas por princípios de ordem e disciplina, e por comportamentos de cunho machista (Pinto, 2014, p. 570-571).

Durante um bom período, em muitas situações na escola, foi possível perceber que vinculada aos objetivos da Educação Física de momento, a atuação do professor se resumia ao desenvolvimento da aptidão física dos alunos e a seleção de talentos esportivos e isso era feito via ginásticas de condicionamento físico e treinamento esportivo durante as aulas. A educação de forma geral acabou se tornando um aparelho ideológico do Estado com o objetivo de desarticular os movimentos críticos ao autoritarismo até então vigente. Essa disposição perdurou durante bastante tempo e, apesar do movimento renovador que emergia na Educação Física na década de 1980¹³, dos avanços na formação acadêmica e na produção de conhecimento da área, muitos professores de Educação Física ainda enfrentam desafios para encontrar um equilíbrio entre a pesquisa científica e a prática e, assim, tornar o conhecimento da cultura corporal mais acessível e significativo para todos os alunos.

Diante de todo este contexto, alinhado com o pensamento de González (2020), muita coisa diferente passou a ser feita no dia a dia da Educação Física nas escolas, principalmente a partir do movimento renovador onde se estabeleceu uma “ruptura definitiva com as concepções tradicionais da área em diferentes dimensões epistemológicas” que a legitimava anteriormente e, por outro lado, a falta de um consenso no sentido de estabelecer um direcionamento pedagógico claro e satisfatório que atendesse aos objetivos da disciplina. Em relação a essa divergência teórica, González e Fensterseifer ressaltam:

No entanto, é bom ter clareza de que esse novo projeto não existe enquanto prática hegemônica, o que significa que essa nova responsabilidade autoatribuída deva passar pela invenção de novas práticas pedagógicas. Assim, na nossa compreensão, a EF se encontra “entre o não mais e o ainda não”, ou seja, entre uma prática docente na qual não se acredita mais, e outra que ainda se tem dificuldades de pensar e desenvolver. (2009, p. 12)

É bastante perceptível que historicamente os avanços foram marcantes no discurso legitimador da disciplina, paradoxalmente a práxis do professor em determinados contextos segue sendo questionada e a Educação Física incompreendida perante a comunidade escolar.

¹³ De acordo com Machado (2012), a década de 1980 foi um período marcante para a Educação Física escolar, houve um aumento significativo de produções científicas na área, de intercâmbios internacionais e com isso muitos embates político-ideológicos com o objetivo de romper com os modelos até então vigentes que fundamentavam a atuação do professor no dia a dia das escolas, marcadas pelo desenvolvimento da aptidão física ou a esportivização exacerbada.

Em um país de dimensões continentais como o Brasil, observa-se uma variedade de práticas no dia a dia das aulas – que aqui serão denominadas de atuações docentes, ou seja, a forma como os professores de Educação Física se comportam perante a aula de maneira geral – que segundo González (2020), variam desde as tradicionais/esportivizadas até as mais inovadoras.

O objetivo deste subitem, longe de apontar uma causa ou fator determinante, é tentar mostrar o quanto as circunstâncias ou disposições influenciam no comportamento e na atuação dos professores de Educação Física na escola, destacando pontos que favorecem à hegemonia do futebol/futsal durante as aulas levando em consideração principalmente os professores que têm atuado em estado de abandono do trabalho docente ou desinvestimento pedagógico.

O termo desinvestimento pedagógico segundo Machado *et al* (2010), trata-se de “[...] um produto resultante de um emaranhado de fatores relacionados entre si, o que nos permite classificá-lo como um fenômeno de caráter multifatorial”. González (2020) destaca que “[...] materializada geralmente na forma de uma aula “rola a bola”, a principal característica desta forma de atuação é a falta de intervenção do professor durante a aula”, ou seja:

Em linhas gerais, trata-se da atuação do professor que não apresenta grandes pretensões com suas práticas; talvez a pretensão maior seja a de ocupar seus alunos com alguma atividade. Frequentemente, a ação se reduz a uma simples administração do material didático (2020, p. 136).

Em uma aula de Educação Física que se desenvolve nessas características é bastante comum observar situações, segundo González, do tipo:

- os alunos escolherem a atividade a realizar na aula, em geral levando aos meninos jogarem “bola” e as meninas, voleibol ou queimada, ou, cada vez com mais frequência, ficarem conversando ou “mexendo” no celular;
- os alunos que não desejam realizar a aula ficam tranquilamente sentados conversando (algumas vezes, com o próprio professor), esperando dar o tempo de subirem para outra aula;
- os meninos costumam ser mais ativos e participarem dos jogos; e as meninas acabam se excluindo das aulas ou por não se considerarem habilidosas o suficiente, ou por medo de exporem o corpo, ou por receio de ficarem suadas;
- os mais habilidosos têm a chance de escolherem os times e decidirem quem joga ou não joga;
- em casos mais extremos, não é raro, o professor se ausentar da aula, deixando que os alunos se “auto-organizem”. (2020, p. 133)

Sabe-se que este tipo de atuação não encontra legitimidade nem dentro da Educação Física, nem dentro da escola, refletindo diretamente na qualidade do sistema educativo como um todo, porém ainda há muitos resquícios de professores que há tempos perderam o comprometimento com a própria profissão. Essa postura de negligência educacional compromete não apenas o desenvolvimento integral dos alunos, mas também enfraquece a

credibilidade e a eficácia das práticas educacionais adotadas na escola. Como citado anteriormente, trata-se de um fenômeno multifatorial e compreendê-lo, segundo González (2020), implica entender “[...] uma complexa configuração de elementos micro e macrosociais”. Nesse ponto é necessário ressaltar que longe de apontar causas para o desinvestimento pedagógico, é importante levantar alguns processos que influenciam diretamente tanto inibindo como potencializando o fenômeno do “rola a bola” nas aulas de Educação Física. Logo, baseado nos estudos de Machado *et al* (2010) e González (2020) ressalto algumas categorias passíveis de serem analisadas:

- a. O processo de transformação da área;
- b. As condições objetivas de trabalho;
- c. A cultura escolar;
- d. As disposições sociais do professor implicadas em sua prática pedagógica;
- e. O esporte como conteúdo nas aulas de Educação Física.

a. O processo e transformação da área.

Como já referenciamos anteriormente, a ruptura que se estabeleceu no discurso da Educação Física a partir da década de 1980, impactou diretamente a forma como os professores “mais antigos” planejavam e executavam suas aulas, oriundos de um contexto de formação tradicional/esportivista, o novo discurso e as tendências pedagógicas que passaram a emergir, de certa forma, mexem com as disposições pessoais destes professores e como resultado, acabam se sentindo ultrapassados ou criando resistência ao novo, algo como se alguém os informasse de que tudo que aprenderam anteriormente agora já não serve mais.

b. As condições objetivas de trabalho.

A prática do “rola a bola” entre professores de Educação Física tem sido impulsionada mediante condições de trabalho desafiadoras. Muitas escolas frequentemente enfrentam problemas de infraestrutura, com espaços inadequados para a prática esportiva ou falta de manutenção dos equipamentos disponíveis. Outra questão é o tempo destinado ao Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo/Individual (HTPC/I) que muitas vezes é ignorado ou insuficiente, impossibilitando que os professores planejem aulas inovadoras e personalizadas. Um terceiro ponto, e esse não é só um problema dos professores de Educação Física e sim da pouca valorização que o Estado oferece a todos os professores, são os vínculos laborais frágeis - muitos lugares estão há mais de uma década sem realizar concurso público e por conta disso ocorre uma defasagem muito grande de professores efetivos, o resultado são contratos de

trabalho precários e com profissionais que às vezes se inibem ao irem de encontro ao que é realizado na escola culturalmente, ou seja, não gerar “insatisfação”. - e a necessidade de trabalhar em mais de uma escola como forma de complementar a sua renda, aumentando a carga de trabalho, deixando-os exaustos física e mentalmente.

Somem-se aí turmas superlotadas e a ausência de materiais esportivos adequados, que acabam limitando as opções de atividades que podem ser realizadas e levando os professores a adotarem práticas mais simples e menos envolventes. Em conjunto, esses fatores contribuem para uma diminuição da qualidade das aulas de Educação Física e a prevalência do "rola a bola" como uma solução rápida e prática diante das dificuldades enfrentadas.

c. A cultura escolar.

Este é em grande medida um dos pontos mais relevantes na construção do tipo de atuação de qualquer professor na escola. Este conjunto de normas, valores, crenças, tradições, e comportamentos é algo que influencia diretamente a maneira como os alunos, professores e funcionários interagem e percebem o ambiente educacional. Basicamente, é o "jeito de ser" da escola, englobando desde a maneira como as turmas são organizadas, aulas conduzidas até como os eventos são comemorados. No âmbito das aulas de Educação Física, este jeito de ser, muitas vezes, celebra particularidades que em muitos lugares são responsáveis por induzir as práticas de desinvestimento pedagógico. Neste sentido, destacam-se aqui alguns pontos que vão de encontro a novas possibilidades nas aulas:

- O desinvestimento por parte da própria escola. – Que significa falta de entendimento sobre a especificidade da disciplina no contexto educacional. Machado *et al*, percebe um movimento de desconhecimento:

Notamos que a escola possui uma visão acerca da função pedagógica da EF muito distante da perspectiva que a entende como um componente curricular com um saber a ser transmitido/tematizado e que se configura naquilo que se tem denominado de cultura corporal de movimento (2010, p. 139).

No mesmo caminho, González (2020) chama de “invisibilidade do conhecimento disciplinar” o fato dos outros agentes educacionais não reconhecerem aquilo que os professores em desinvestimento pedagógico estão a desenvolver no cotidiano e aquilo que de fato se espera da disciplina e isso tem gerado um grande dilema:

Essa invisibilidade permite que não apenas muitas formas diferentes de ocupar o tempo da aula sejam aceitas, como também que essas diferentes formas recebam o mesmo reconhecimento, ainda algumas sendo efetivamente aulas e outras não (GONZÁLEZ, 2020, p. 140.).

Neste cenário, para a gestão escolar, coordenação pedagógica ou mesmo o restante do corpo docente, não há relativo interesse em saber o que se fez ou se faz na Educação Física, tampouco o professor “rola a bola” ter sua atuação questionada.

- A representatividade do professor “rola a bola” na escola. – Este ponto ressalta o professor “amigo da escola”, ou seja, aquele que renuncia a seu planejamento de ensino ou mesmo autonomia sobre suas aulas para “ajudar” na preservação da rotina e ordem escolar.

Segundo Pich *et al* (2013), trata-se do abandono funcional do trabalho docente, com o professor assumindo tal situação como algo positivo para a escola. Segundo os autores,

[...] o abandono funcional pode ser entendido como a prática docente que satisfaz as necessidades e perspectivas tanto do profissional de Educação Física (e poderia ser dos professores de outras disciplinas escolares) como também dos demais atores escolares, gerando assim, altos níveis de satisfação e realização pessoal [...] (p.641).

Neste ponto os demais atores da escola passam a enxergar a disciplina de Educação Física e seu professor como uma ferramenta imprescindível na manutenção das atividades pedagógicas desenvolvidas nas demais disciplinas, uma espécie de subalternidade da Educação Física. Para González,

[...] percebeu-se que ter um professor com disposição para ocupar seus alunos com práticas corporais sem maiores pretensões de ensino ajuda no funcionamento da escola, na medida em que esse espaço-tempo se converte numa espécie de coringa frente a imprevistos ou atividades atípicas à rotina escolar. Por exemplo, as aulas de Educação Física podem ser ocupadas com outras atividades da escola; eventualmente, podem ocupar os alunos em horas vagas; liberar parte dos estudantes para estes se ocuparem de outras atividades; ou sua interdição pode virar uma ameaça eficaz ou eventual castigo para “enquadrar” alunos indisciplinados (2020, p. 141).

Além disso, existem outras nuances deste caráter funcional que também reforçam esta subalternidade como, por exemplo, o professor receber além da sua, mais uma ou até mesmo duas turmas que estavam sem professor no momento, evitando tumulto nos corredores; o professor “subir” sua aula quando, por exemplo, a turma que na grade de horário teria a 4ª aula como sendo de Educação Física, devido o(s) professore(s) da 3ª ou 2ª aula estarem ausentes, o professor de Educação Física ocupa a lacuna e os alunos são dispensando mais cedo para suas casas; outro ponto é durante a confecção da grade de horários, de maneira intencional, acontecer a “quebra” das aulas de Educação Física, ou seja, estabelecer as duas aulas da disciplina de maneira não sequenciais o que devido a sua especificidade dificulta o planejamento das atividades fazendo com que muitas vezes o professor fragmente suas aulas em teoria e prática

sendo a parte prática geralmente desconectada da teórica e resumindo-se a prática de alguma modalidade esportiva.

d. As disposições sociais do professor implicadas em sua prática pedagógica;

Nesta categoria é possível considerar como a atuação de um professor de Educação Física na escola é fortemente influenciada pelas experiências de vida destes profissionais. Fatores como vida regressa, formação acadêmica, êxito esportivo em alguma modalidade ou excesso de rigidez em suas próprias convicções fornecem elementos que tanto corroboram na implementação de mudanças nos modelos tradicionais de ensino, como potencializam o fato de muitos professores continuem em abandono do trabalho docente.

Diante do exposto, experiências anteriores de vida, incluindo a infância, influenciam as perspectivas e práticas pedagógicas do professor. Por exemplo, um professor que teve experiências negativas na Educação Física pode ter uma abordagem mais empática e inclusiva, ou pode adotar práticas autoritárias se essas foram predominantes em sua formação. Já o tipo de formação recebida impacta significativamente as abordagens pedagógicas. Professores com formação acadêmica diversificada tendem a adotar métodos mais inovadores e críticos em comparação com aqueles cuja formação foi mais tradicional e conservadora. Outro ponto bastante presente é o fato de professores que têm uma predisposição a determinados esportes focarem mais nessas atividades em detrimento de outras, limitando a variedade de experiências esportivas oferecidas aos alunos. E por fim, estão àqueles profissionais que mantêm rigidez em suas convicções, resistindo a mudanças e a inovação, mantendo práticas ultrapassadas e, muitas vezes, menos eficazes, gerando uma barreira significativa para a atualização e a melhoria contínua do ensino.

e. O esporte como conteúdo nas aulas de Educação Física.

Por fim, um último aspecto que vem chamado à atenção trata-se de um fenômeno que aqui denominaremos de re-esportivização da Educação Física escolar, ou seja, um movimento caracterizado pela ausência de uma pedagogização do elemento esporte nas aulas, associada a uma visão de autossuficiência deste conteúdo em sua prática. Neste sentido, a atuação dos professores de Educação Física é orientada a partir de duas vertentes diferentes. A primeira é a que coloca a Educação Física subordinada aos interesses do esporte institucionalizado quando, por exemplo, as escolas passam a ter um fascínio exacerbado por resultados em competições escolares, vinculando uma atuação de sucesso do professor a tais resultados. A aula de Educação Física então volta a possuir as características que nos fazem reviver décadas passadas

justamente por fazer ressurgir elementos como a competição sem limites, a exclusão e a falta de oportunidades a muitas crianças e adolescentes. Sobre esta ênfase no desempenho e refinamento técnico dos alunos em detrimento dos valores humanos e sociais do esporte escolar, Barroso ressalta:

Nessa perspectiva defende-se que o tratamento do conteúdo esporte deva ultrapassar os limites do *ensinar a fazer*, sendo determinante também o *ensinar sobre o fazer*, da mesma forma, salienta-se a importância de aspectos relacionados aos valores e às atitudes dos alunos perante o esporte e as demais práticas corporais, como sugerido por González e Bracht (2012), a partir da categorização dos saberes: corporais, conceituais e atitudinais (2020, p.92).

Neste cenário, professores de Educação Física que abandonam o trabalho docente muitas vezes fundamentam suas ações na percepção de que as escolas defendem a prática esportiva de maneira descolada de uma função social mais ampla. Isso implica tratar o esporte apenas como uma atividade física ou recreativa, sem consideração pelas suas potenciais contribuições ao desenvolvimento social, cultural e emocional dos alunos. “Dar a bola” e incentivar que se esforcem para desempenhar um bom papel nos jogos interclasses ou seletivas estaduais reflete bem sua posição e o esvaziamento do conteúdo durante as aulas.

A segunda vertente revela a forma como estes profissionais justificam e defendem a hegemonia do esporte em suas aulas, muitas vezes com um discurso raso de que o esporte por si só é educativo ou romantizando o fato de muitos alunos carentes não terem acesso ao acervo cultural dos esportes nos lugares onde vivem, tudo isso potencializado pelo fato de muitas escolas oferecerem para as práticas apenas algumas bolas de futsal e handebol o que limita bastante o ensino de outras modalidades e restringe a participação de muitos alunos. Sobre a presença do fenômeno esporte nas aulas de Educação Física e sua contribuição na formação integral de crianças e jovens, Barroso revela que:

[...] o esporte possui determinante potencial e grande significado na vida das pessoas, podendo identificá-lo como prática corporal culturalmente enraizada na sociedade e, ao partirmos do princípio de que a escola deva estabelecer contato próximo com os aspectos sociais relevantes, mostra-se mais do que necessário estudar, experimentar, conceituar temas pertencentes a esse conteúdo da EF escolar (2020, p. 95).

Como já citado anteriormente, os professores acostumados com o “rola a bola”, se comportam de maneira passiva em suas atuações frente aos esportes, deixando que os alunos tomem a iniciativa durante as atividades em relação a qual modalidade e quem irão participar. Ao professor cabe providenciar a bola, separar os alunos e, em seguida, apenas supervisionar de forma superficial, em algumas raras exceções exercem a função de árbitro. Para Machado *et al*,

Tornar o esporte objeto de intervenção pedagógica intencional permite que seu ensino ultrapasse o desenvolvimento de situações nas quais os alunos apenas vivenciam esse elemento da cultura corporal, com vistas a possibilitar, também, uma compreensão crítica de tudo aquilo que é por ele abarcado, assim como dos demais elementos que envolvem o momento aula (2010, p.143).

Resgatando aqui a história do “cavalo que só come capim” do início, ao oferecer novas possibilidades ou mudar as condições, pode-se ver mudanças no comportamento ou nas escolhas das pessoas. Um convite para pensar sobre a importância de ampliar horizontes e oferecer diferentes oportunidades para promover o crescimento e a mudança.

5 PARA ALÉM DO JOGO: POTENCIALIDADES E POSSIBILIDADES.

Assim como a escola, a Educação Física, como parte integrante dela, também é responsável por “[...] circular, reinventar, estimular, transmitir, produzir e praticar cultura” (Vago, 2009, p.28). Nesse contexto, aula de Educação Física é espaço de aprender cultura, cultura que foi historicamente produzida e que é todos os dias socialmente transmitida e modificada pelos sujeitos.

Durante décadas a disciplina e seus professores tiveram seus papéis questionados na escola justamente por ignorar o potencial cultural que existe dentro de suas práticas, numa época em que as políticas de governo direcionavam as ações docentes na disciplina. Hoje, pensar a Educação Física na escola significa muito mais do que reproduzir gestos e práticas, em um mundo exigente e desafiador, se faz cada vez mais necessário compreender esta dinâmica da qual somos e contribuímos todos os dias para que ela aconteça. Segundo Vago, ao contextualizar as práticas da cultura corporal de movimento durante as aulas de Educação Física deve-se,

[...] problematizar os valores nelas impregnados, as questões éticas envolvidas em sua prática. Elas são expressão da nossa humana condição: revelam muito do que pensamos, do que somos, do que queremos, de como agimos. E estão abertas à nossa exploração inventiva, ao envolverem os seres humanos em um contexto de trocas diversas, partilhando experiências no e com o corpo (2009, p. 35-36).

Para o professor que vivencia o dia a dia no chão da escola, o ensino da disciplina deve acompanhar aquilo que de mais importante se espera dela: contribuir na formação cidadã de crianças e jovens; e para uma sociedade justa e democrática. Diante disso, o professor deve organizar seu trabalho de modo a possibilitar o máximo acesso dos alunos àquilo a que todos pertencem: o patrimônio cultural que se estabeleceu a partir do movimento humano, para que além de usufruírem, possam compreendê-lo e dá-lhe um novo significado. Um projeto voltado para a igualdade de oportunidades, a diversidade de suas práticas, o combate ao preconceito e aos estereótipos e, a cultura de paz.

Tais reflexões tornam-se pontuais, visto que antes de considerarmos o futebol como um esporte escolar e, portanto, objeto de conhecimento da Educação Física, é essencial que se reflita sobre o tipo de escola e sociedade que desejamos construir. Enquanto instituição de uma sociedade democrática e republicana, a escola deve ser um espaço inclusivo, acolhedor e promotor de valores como respeito, empatia, igualdade e justiça social. O futebol como parte desse ambiente educativo, deve refletir esses mesmos princípios, proporcionando não apenas a reprodução de gestos e o desenvolvimento físico, mas também o crescimento pessoal e social

das crianças e adolescentes. A prática do futebol nas escolas, portanto, deve ser vista como uma oportunidade para a construção de valores, contribuindo para a formação de cidadãos conscientes e engajados na sociedade que também produzem.

Como já referenciado no início deste capítulo, o futebol consiste numa atividade muito presente na vida das pessoas, sejam elas praticantes ou não. Para se ter uma ideia da representatividade deste esporte no cenário mundial, existem, por exemplo, mais países filiados à Fédération Internationale de Football Association (FIFA), 211 (FIFA, 2025), do que à Organização das Nações Unidas (ONU), 193, (ONU, 2025). Dotado de um enorme potencial educativo, o futebol, quando observado a partir de uma perspectiva que busque superar metodologias tradicionais e reducionistas para o ensino dos esportes, assim como as práticas de desinvestimento pedagógico, oferece inúmeras possibilidades pedagógicas aos professores, além de diversas oportunidades de aprendizado para os estudantes não somente do 6º ano, mas de toda a escolarização básica. Sobre o impacto que este esporte tem na sociedade e sua representação na cultura dos estudantes, Silva e Campos ressaltam que para além de uma prática, “[...] ele é muito mais já que faz conexões históricas com temas e dilemas sociais, o que nos leva a inferir que deveria estar presente de maneira reflexiva no cotidiano escolar, principalmente nas aulas de Educação Física (2014, p. 39)”.

Nem sempre é o que acontece na abordagem dos esportes de maneira geral durante as aulas de Educação Física, muitos professores da disciplina e por vezes a própria instituição costumam a reconhecer a modalidade como uma ferramenta de inclusão e produção de cidadania, com o esporte ficando reduzido a um fim em si mesmo. Para Silva e Campos, a maioria das vezes,

[...] desprovido de reflexões teóricas sobre o saber fazer corporal ou sobre as referidas conexões sociais que permite e vivenciado, na maioria das vezes, de maneira sexista, onde é oferecido como atividade apenas ao grupo masculino. Poucas vezes é abordado na perspectiva da cultura corporal de movimento, isto é, como conteúdo cultural que deve ser ensinado pela vivência prática do movimento, como também, refletido, contextualizado e redimensionado (2014, p. 40).

Em uma perspectiva de currículo ampliado (Filho *et al* 2009; Neira, 2018, Silvano; Ortigara, 2016), o objetivo deste item é considerar algumas possibilidades de intervenção sobre o futebol a partir de sua prática na escola, ou seja, revelar que ao tematizá-lo durante as aulas é possível estabelecer relações entre as práticas e a realidade dos alunos, valorizando a diversidade cultural e o contexto social em que estão inseridos, superando a visão reducionista que muitas vezes se estabelece no processo de ensino e aprendizagem do futebol na escola (Silva; Campos, 2014). Logo, inspirado por Silva e Campos (2014), é possível destacar algumas questões, dentre tantas outras, que podem ser facilmente exploradas para além das quatro linhas: a) O futebol e as

questões de gênero; b) O futebol e a violência; c) A homofobia e o sexismo existentes no futebol brasileiro; d) A questão do racismo; e) O futebol enquanto profissão; f) Os aspectos fisiológicos do corpo dos atletas; g) Os elementos históricos e sociais das equipes de futebol da comunidade; h) O futebol enquanto mercado de trabalho; i) O futebol e a religião; j) O futebol e suas relações com a arte; k) O futebol e as copas do mundo da FIFA; l) Mídia e futebol; m) O futebol e suas derivações; e muitas outras possibilidades a depender do contexto e da criatividade do professor.

Não iremos aqui detalhar cada elemento citado no âmbito de proposições práticas, até porque cada contexto possui suas especificidades e cada professor, uma abordagem metodológica particular que exige tempo e recursos pedagógicos disponíveis, porém revelar como estas conexões se formam culturalmente na vida dos estudantes.

Entretanto é fundamental destacar que para que essa tematização do futebol alcance a profundidade proposta pelo currículo ampliado, é preciso resgatar o jogar como um dispositivo central de afeto. Mais do que um objeto de análise crítica, o jogo é o espaço onde a criança estabelece vínculos, expressa sua subjetividade e constrói redes de sociabilidade que transcendem a técnica. É nessa dimensão afetiva que o futebol deixa de ser um simples conteúdo escolar para se tornar uma experiência de vida significativa, permitindo que as possibilidades de intervenção a seguir não apenas informem, mas transformem a realidade do aluno. Como apontou Freire: “[...] o jogo não representa apenas o vivido, também prepara o devir. É no espaço livre de pressões que as habilidades (no caso, para se viver em sociedade) são exercitadas, podendo assim servir de suporte a outras de nível mais alto, quando necessárias” (2010, p. 107).

É necessário que se compreenda que o ato de “jogar bola” ou outra brincadeira qualquer é o canal por onde a criança traduz sua leitura de mundo para o corpo, transformando gesto motor em expressão e os colegas em comunidade. Porém tudo depende da preservação de espaços e tempos adequados na escola, uma vez que a negligência desse universo lúdico compromete o desenvolvimento integral, pois como adverte Apolo: “A perda do ambiente próprio, ou até da própria capacidade de brincar, produz efeitos irreparáveis na vida de uma criança” (2007, p. 64).

a) O futebol e as questões de gênero.

Como não questionar a construção sociocultural do corpo feminino no Brasil, seu impacto nas atividades esportivas durante as aulas de Educação Física e na sociedade de maneira geral? Como não relativizar, por exemplo, o status que, segundo Silva e Campos, “todo brasileiro sabe jogar bola e toda brasileira sabe sambar (2014, p. 40)”?

Daólio, há trinta anos, já discutia esta relação na dinâmica cultural em nossa sociedade, cujo contexto permanece o mesmo:

Sobre um menino, mesmo antes de nascer, já recai toda uma expectativa de segurança e altivez de um macho que vai dar sequência à linhagem. Na porta do quarto da maternidade, os pais penduram uma chuteirinha e uma camisa da equipe de futebol para a qual torcem. Pouco tempo depois, dão-lhe uma bola e estimulam-no aos primeiros chutes. Um pouco mais tarde, esse menino começa a brincar na rua (futebol, pipa, subir em árvores, carrinho de rolimã, skate, bolinha de gude, bicicleta, taco etc.), porque, segundo as mães, se ficar em casa vai atrapalhar.

Em torno de uma menina, quando nasce, paira toda uma névoa de delicadeza e cuidados. Basta observar as formas diferenciais de se carregar meninos e meninas, e as maneiras de os pais vestirem uns e outros. As meninas ganham de presente, em vez de bola, bonecas e utensílios de casa em miniatura. Além disso, são estimuladas o tempo todo a agir com delicadeza e bons modos, a não se sujar, não suar. Portanto, devem ficar em casa, a fim de ser preservadas das brincadeiras “de menino” e ajudar as mães nos trabalhos domésticos, que lhes serão úteis futuramente quando se tornarem esposas e mães (Daólio, 1995, p. 102).

Essa construção do que é de “menino” e do que é de “menina” hoje ainda é muito evidente, principalmente no contexto das pequenas cidades, onde o sistema patriarcal ainda é bastante predominante. Levar este debate às rodas de conversa durante as aulas sobre o futebol é fomentar um espaço riquíssimo de quebra de estereótipos e igualdade de oportunidades, contribuindo para uma sistematização da aprendizagem e a consequente construção de valores.

Um segundo ponto que a depender do contexto e do nível dos estudantes é refletir sobre como esta cultura influencia na percepção das mulheres no futebol com link para outras modalidades. Segundo Viana, “não restam dúvidas de que a participação feminina no esporte gera manifestação, discriminações, preconceitos e questionamentos quando as mulheres são protagonistas das modalidades esportivas determinadas culturalmente como masculinas (2008, p. 643)”.

Aqui podem ser exploradas questões como a cobertura midiática; representação e visibilidade; salários, patrocínios e premiações, enfim, aspectos que influenciam diretamente no reconhecimento e desenvolvimento das atletas, contribuindo para a quebra de paradigmas.

b) O futebol e a violência.

A violência no futebol pode se manifestar de diversas formas: brigas entre torcedores, agressões físicas entre jogadores e atitudes antidesportivas tanto dentro como fora de campo. Situações que prejudicam o espetáculo esportivo, mas também podem causar danos físicos, esportivos e emocionais aos envolvidos. Já durante as aulas de Educação Física, por exemplo, podem ocorrer brigas entre alunos, provocações, intimidações e até mesmo agressões físicas durante um simples jogo de futebol. Essas atitudes não apenas comprometem a segurança e o bem-estar dos estudantes, mas também criam um ambiente hostil que prejudica o aprendizado e a cooperação.

Assim como o item anterior, trata-se de um tema sensível, porém bastante necessário, visto a frequência e a variedade dos tipos de agressões - física, psicológica/moral, sexual, patrimonial, negligência, bullying, cyberbullying, trote violento, entre outras (Lange, 2023) – que estão acontecendo todos os dias nas escolas brasileiras (Melo; Campos, 2018). Segundo os autores,

Como componente curricular da Educação Básica, a Educação Física apresenta um potencial socializador e educativo que pode promover benefícios na formação biopsicossocial dos alunos em relação ao enfrentamento de comportamentos e atitudes violentas. Suas atividades proporcionam experiências afetivas, emocionais, cognitivas, motoras e sociais que podem contribuir com o processo saudável de relacionamento interpessoal (MELO e CAMPOS, 2018, p. 741).

Em síntese, tematizado, o futebol configura-se uma importante janela de onde se podem vislumbrar valores como respeito, autocontrole, empatia, *fair play* (jogo limpo) e cooperação, contribuindo de maneira saudável e respeitosa na formação de crianças e adolescentes mais conscientes e responsáveis no mundo em que vivem.

c) A homofobia e o sexismo existentes no futebol brasileiro.

O termo homofobia é caracterizado pela violência motivada por preconceito e discriminação baseada na orientação sexual (Paz, 2020). Já o termo sexismo trata-se de uma ideologia e prática que perpetua a discriminação, preconceito ou tratamento diferencial baseado no gênero ou sexo de uma pessoa (Kerner, 2012). Esse conceito envolve a crença na superioridade de um gênero sobre o outro, geralmente resultando em desvantagem para as mulheres e meninas, mas também pode afetar homens e meninos em certos contextos, inclusive durante as aulas de Educação Física na escola.

Para Silva e Campos, o futebol brasileiro, ao longo do tempo, se tornou um espaço onde a cultura homofóbica é praticada e tem se perpetuado. Um contexto que é pouco explorado nas aulas de Educação Física.

No estádio há um reconhecimento tácito de que o homem pode chorar e se emocionar pelo seu clube e abraçar o colega ao lado (mesmo que não o conheça) no momento da comemoração do gol. Entretanto, não há questionamentos sobre o fato de o futebol ser um dos poucos espaços da sociedade onde os homens não podem se manifestar sobre outra opção que não seja a heterossexual. Violências simbólicas são cometidas com permissividade e isso também não é tema de reflexão (2014, p. 40).

Cabe ressaltar também os cantos homofóbicos das torcidas nas arquibancadas, a construção social de que uma menina que escolhe jogar futebol tenha sua orientação sexual enviesada para a homossexualidade, da mesma forma o aluno que não sente atratividade pelo jogo também ser rotulado ou então, um simples pegar na mão entre meninos durante as

atividades práticas, ser motivo de repulsa para alguns. Gatilhos para uma aprendizagem significativa nas aulas sobre o futebol.

O segundo ponto é em relação aos comentários sexistas muitas vezes observados nas poucas transmissões de futebol feminino na TV ou nas redes sociais, dando ênfase ao corpo em detrimento do desempenho ou capacidade da atleta. Outra questão e que é bastante presente nas aulas é o fato de na maioria dos casos os meninos se imporem em relação ao uso do espaço utilizado para as práticas gerando desgastes ao professor e à dinâmica da atividade, culminando em algumas situações com casos de violência, afastamento e indisciplina (Darido, Gonzaléz; Ginciene, 2020). É o que destacam Silva e Campos:

Comumente vemos nas escolas as quadras de futebol serem entregues aos meninos, enquanto às meninas é reservado um espaço periférico para jogarem queimada, vôlei ou qualquer outra coisa, quando não são convidadas a assistirem os meninos jogarem futebol e torcerem durante as aulas de educação física ou nos momentos em que a bola é oferecida à turma para o preenchimento de horário das aulas cujos professores estão ausentes (2014, p. 40).

Estas conexões são essenciais, podem e devem ser objeto de análise a partir da prática do futebol durante as aulas de Educação Física, ainda mais em uma sociedade onde o sexismo velado acontece todos os dias dentro das casas, sendo ignorado e interpretado algo “normal”.

d) A questão do racismo.

Mesmo considerando seu início elitista e racista (Mascarenhas, 2012), o futebol adquiriu popularidade e relevância, e enquanto fenômeno social tem cada vez mais invadido o tempo e o espaço na vida dos estudantes. Capaz de unir pessoas de diferentes origens e culturas, muitas vezes se torna palco para manifestações de discriminação racial. Cantos racistas nas arquibancadas, insultos e gestos ofensivos direcionados a atletas são alguns exemplos de como o racismo se manifesta dentro e fora dos campos. Para um país cujos atletas negros possuem grande representatividade e foram responsáveis pela maior parte de suas glórias no futebol, na beira do campo a história tem mostrado algo bem diferente. De acordo com o Observatório da Discriminação Racial no Futebol (2024), menos de 8% dos treinadores são negros na elite do futebol brasileiro, número bastante representativo. E o que dizer sobre os insultos raciais sofridos a todo o momento pelo jogador Vinicius Júnior na Europa?

Essa realidade não apenas afeta a dignidade e a autoestima dos jogadores, mas também perpetua desigualdades e injustiças. Durante as aulas de Educação Física, o futebol pode ser um grande veículo para promover a inclusão e valorização da diversidade. Quantas vezes não se deparamos com as crianças colocando apelidos pejorativos umas nas outras, piadas relacionadas

à cor da pele ou expectativas ou preconceitos menores em relação ao colega negro? Promover este diálogo a partir do jogo será uma justa contribuição na formação integral dos estudantes e assim contemplar a função social da escola, fomentando uma sociedade mais justa e harmoniosa.

e) O futebol enquanto profissão.

Estabelecer-se na profissão de jogador de futebol é experienciar uma vida repleta de desafios e recompensas, que fascina crianças por todo o Brasil. O sonho de se tornar um jogador de futebol profissional pode inspirar dedicação e paixão pelo esporte, mas também traz consigo a ilusão de sucesso fácil e rápido. Embora alguns atletas alcancem a fama e a fortuna, a realidade é que a maioria enfrenta uma competição intensa e incertezas ao longo do caminho (Catto, 2022). É importante que os estudantes sejam incentivados a perseguir seus sonhos, mas também a desenvolver habilidades acadêmicas e outras paixões, garantindo uma base sólida para o futuro, independentemente do sucesso no esporte.

Segundo Silva e Campos, pouco se exploram os bastidores da carreira de um atleta de futebol profissional durante a abordagem da modalidade nas aulas de Educação Física, sobre isso os autores questionam:

E as altas cifras que envolvem o futebol, trazendo aos jovens a ilusão de que podem enriquecer da noite para o dia e terem os mesmos privilégios materiais e imateriais que seus ídolos? O que se sabe sobre a realidade profissional dos atletas? Não seriam esses, temas a serem abordados nas aulas de educação física escolar, para além do ensino (quando acontece) das regras e técnicas (2014, p. 40-41)?

É importante que o professor durante as aulas crie um ambiente favorável a este debate, confrontando as expectativas dos alunos com a realidade que os cercam. Em um mundo tão complexo do ponto de vista das desigualdades sociais como má distribuição de renda, falta de acesso a serviços básicos e supressão de direitos, quais são as reais chances de uma criança apaixonada por futebol se tornar profissional e alcançar o mesmo sucesso financeiro que seus ídolos? Surgem então algumas questões norteadoras que podem auxiliar durante as intervenções, dentre outras, é possível citar o impacto psicológico de uma possível ascensão meteórica, a desigualdade de oportunidades, os sacrifícios pessoais, a falta muitas vezes de um plano “B”, a influência da mídia na criação da ilusão de que futebol é passaporte para a riqueza, além dos exemplos positivos e negativos de uma carreira de atleta profissional de futebol.

Essas questões podem ajudar a aprofundar o debate durante as aulas e incentivar uma reflexão crítica entre os estudantes sobre a realidade da modalidade e suas consequências para os jovens praticantes.

f) Os aspectos fisiológicos do corpo dos atletas.

A fisiologia do exercício, além de estabelecer conexões com outro objeto de conhecimento da Educação Física que é a ginástica de condicionamento físico, é um tema muito interessante para se trabalhar a transdisciplinaridade como valoriza a BNCC (Colares; Cruz, 2021).

Durante as aulas, pode-se falar sobre como o corpo funciona quando os estudantes jogam futebol. Pode-se explicar como o corpo usa energia, tanto com oxigênio (aeróbico) quanto sem oxigênio (anaeróbico). Também é importante falar sobre como fortalecer os músculos, melhorar a flexibilidade e aumentar a resistência para jogar melhor e evitar lesões. Além disso, pode-se discutir a importância de descansar depois do exercício, beber bastante água e comer bem para ajudar na recuperação e no desempenho no futebol. Uma ótima chance de aprender sobre o corpo enquanto se divertem jogando.

g) Os elementos históricos e sociais das equipes de futebol da comunidade.

Para Silva e Campos,

Alguns professores se vangloriam por apresentar a história do futebol em suas aulas. Para eles, narrar o episódio do mito fundador Charles Miller basta. Mas... e a história que não se conta? A história dos clubes, das instituições centenárias, do time tradicional do bairro, de suas respectivas torcidas? O que se sabe sobre isso? Seria a internet a principal fonte de informação sobre esses dados? (2014, p.41)

Os autores trazem uma crítica bastante pertinente a algo que é muito comum, principalmente quando os professores de Educação Física se reúnem para debater e planejar aulas com o tema futebol que contemple os objetivos das famosas “aulas teóricas”. É importante ressaltar que para além de Charles Miller, o futebol pode nos proporcionar muitas outras histórias e consequentemente uma aprendizagem ainda mais satisfatória.

Nesse ponto, um aspecto que pode se tornar bastante significativo para os estudantes é conhecer como a prática do futebol acontece na comunidade (Silva, 2019): os espaços ofertados e acessados pela população e por eles próprios, alunos, para a prática do esporte, quais os atletas de futebol da comunidade que mais obtém ou obtiveram sucesso, visitar, conhecer e ouvir as histórias dos veteranos, as equipes mais tradicionais do Estado ou município, as competições mais tradicionais etc. Elementos suficientes para dar uma visão mais completa e interessante sobre as relações entre história e futebol.

h) O futebol enquanto mercado de trabalho.

Voltando aqui ao momento de quando os professores se reúnem e se sentam para planejar e assim atender às demandas da escola como, por exemplo, a organização dos jogos interclasses,

geralmente se pensa em calendário do evento, modalidades, fórmulas de disputas, tabelas, inscrições etc. Pouco se dá valor a uma incrível possibilidade de aprendizagem para além dos jogos propriamente ditos e as quadras escolares que é a relação entre o esporte, e aqui especificamente o futebol, e as questões do mundo do trabalho.

As crianças e adolescentes irão crescer, se desenvolver e obedecendo ao processo natural da vida, um dia irão deixar as escolas e ingressarem no mundo do trabalho. Motivo pelo qual se torna pertinente e assim como preconiza a política nacional de educação e os documentos norteadores para a educação básica no país, prepará-los para a vida e o mercado do trabalho, valorizando suas experiências e expectativas.

Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade (BRASIL, 2017, p.9).

Seguindo este caminho, pode-se explorar as inúmeras profissões que existem e trabalham para que o espetáculo aconteça de maneira organizada e segura, como por exemplo: a equipe de arbitragem, os treinadores, a comissão técnica que envolvem os preparadores físicos e analistas de desempenho, a equipe da saúde que envolve os médicos, fisioterapeutas, nutricionistas e massagistas, os jornalistas e repórteres que cobrem os eventos e são fundamentais na divulgação e popularização do jogo, as equipes de segurança e o pessoal que é responsável pelo marketing das equipes são apenas algumas das profissões que estão diretamente ligadas ao espetáculo do futebol.

E por que não realizar visitas coordenadas aos espaços de trabalhos destes profissionais ou ainda, vivenciar de maneira lúdica essas profissões durante um evento ou uma aula sobre futebol na escola? Trata-se de possibilidades passíveis de serem alcançadas de forma simples e descomplicadas.

i) O futebol e a religião.

O futebol e a religião compartilham uma relação bastante profunda. Para muitos, o futebol se torna uma expressão de fé, um espaço onde emoções intensas, devoção e rituais se manifestam de forma semelhante aos atos religiosos. Estádios são vistos como "templos" onde torcedores se reúnem em um espírito de comunidade e pertencimento, entoando cânticos e preces com fervor. A fé oferece um alicerce de esperança e resiliência para jogadores e torcedores, ajudando-os a lidar com as pressões e desafios do esporte.

Em vários lugares do mundo, nas diferentes regiões do Brasil e a cada partida, fica evidente como a religiosidade enriquece a vivência do futebol trazendo um senso de propósito e transcendência para os envolvidos. Essa intersecção promove valores que vão além da competição, celebrando a união, a perseverança e a fé. Sobre essa relação Aquino destaca que:

Diante disso, o futebol como um agente constituinte da cultura brasileira apresenta-se ter relações de influência com outros fenômenos presentes na sociedade, principalmente no Brasil, envolvendo o culto a religiosidade, credences e superstições, nas quais se inserem no futebol como uma forma de busca pela compreensão da sua dinâmica dentro da cultura brasileira, movendo a fé de quem o pratica e acompanha (2024, p.3).

E de que maneira podem-se levar os exemplos de fé e espiritualidade no futebol para promover a construção de valores durante as aulas envolvendo a modalidade na escola? Aquino dialogando com Aguiar (2011) destaca algumas formas de como estes exemplos têm se manifestado na especificidade do jogo.

Tornou-se uma prática “naturalizada” no Brasil, os jogadores de futebol demonstrarem abertamente as suas religiosidades, rezando ou orando dentro e fora do campo, apelando a Deus e agradecendo, após um gol, um pênalti, uma vitória, até mesmo depois de uma derrota, isto porque, como dizem: “Deus é fiel, expressão que é o ato de ajoelhar-se apontando para o céu em gratidão a uma suposta benção, tornou-se comum entre jogadores evangélicos” (2024, p. 4).

Nesse sentido, pode-se junto aos alunos levantar questionamentos sobre por que, eles fazem o sinal da cruz ao entrarem no campo/quadra para dar início a uma partida, por que, no vestiário ou ao final da partida eles se organizam em círculo e oram juntos ou por que, outros fazem questão de ao entrar em campo/quadra pisar primeiro com o pé direito. Questões que evidenciam esta conexão e enriquecem a experiência esportiva, incentivando os estudantes a refletirem sobre as influências positivas da religião no esporte e como essas influências podem ser aplicadas em suas próprias vidas.

j) O futebol e suas relações com a arte.

Darido e Júnior em uma de suas célebres publicações já ressaltavam que “[...] como o brasileiro expressa, por meio do futebol, suas alegrias, tristezas, frustrações, conquistas, raiva etc, as manifestações artísticas não poderiam ignorar esse fenômeno (2007, p. 32)”. Outra questão interessante é que as interfaces entre futebol e arte, assim como outros pontos já citados anteriormente, proporcionam elementos riquíssimos para se desenvolver a integração com diferentes áreas de conhecimento durante o processo de ensino e aprendizagem.

Na prática, manifestam-se de várias maneiras, criando uma relação profunda entre a modalidade e as expressões artísticas podendo ser observadas em vários aspectos, como por

exemplo: na literatura, na música, no cinema, nas artes visuais, na moda, na dança e em muitas outras.

Em um terreno preparado para a inserção desse tema nas aulas de Educação Física, e se beneficiando da abrangência que ele nos possibilita, pois a todo o momento nos deparamos e vivenciamos a arte no futebol, o professor pode levantar questões como as obras (notícias, contos, poesias etc.) que estabelecem o futebol como plano de fundo, o hino do time de coração, e o que dizer dos cânticos entoados pelas torcidas? E as dancinhas elaboradas pelos atletas? É inegável a sua ocorrência. Há também os filmes sobre futebol que retratam histórias reais e impactantes, o design das camisas dos times (desenhos, cores, escudos etc.), os troféus conquistados, as estátuas que existem em diferentes lugares homenageando craques que marcaram épocas, e o jeito de se vestir dos atletas? Sem dúvidas, peculiares.

Todas estas intersecções podem oferecer novas formas de apreciar e compreender o futebol, conectando os estudantes e enriquecendo suas experiências.

k) O futebol e as copas do mundo da FIFA.

Realizada de quatro em quatro anos desde 1930, a Copa do Mundo de Futebol organizada pela FIFA é o maior evento esportivo em termos de audiência no mundo, alcançando a marca de cinco bilhões de telespectadores espalhados no mundo inteiro (Burton, 2025). O que a torna o maior evento esportivo do planeta em termos de alcance. Em outras palavras, de quatro em quatro anos o mundo “para” para ver as disputas das Copas do Mundo de Futebol. E o Brasil é o único país a participar de todas as edições, sendo também o país com o maior número de conquistas, cinco no total.

No Brasil, as copas são um grande fenômeno cultural, mas também é um excelente tema gerador que, tratado de maneira orientada e sistematizada, possibilita desenvolver muitas reflexões e discussões pertinentes para muito além do futebol. Diante disso, a Copa do Mundo deve sim ser aproveitada para, além de enriquecer as aulas de Educação Física, desenvolver e refletir sobre temas importantes da nossa sociedade e assim, justificar o compromisso da escola com sua função social.

Explorar a Copa do Mundo de Futebol como uma possibilidade de aprendizagem significativa é estabelecer um ponto de partida para a produção do conhecimento (Júnior; Oliveira, 2018), ou seja, buscar conhecer, compreender e estimular o senso crítico dos alunos sobre temas pertinentes em nossa sociedade atual através do Futebol, para que ao saírem da escola, com base nas experiências vivenciadas, eles possam incrementar seus repertórios culturais.

Na prática eles devem ser convidados e estimulados a:

- Conhecer a história das Copas;
- Conhecer, valorizar e divulgar as diferentes culturas participantes;
- Identificar as danças, músicas, comidas, crenças e roupas tradicionais de diferentes países;
- Compreender o uso e o interesse dos países em organizar um evento como a Copa do Mundo;
- Discutir sobre os impactos ambientais que sofrem as cidades na construção de estádios e preparação para os jogos;
- Discutir sobre os aspectos técnicos e táticos das seleções participantes;
- Observar e buscar conhecer um pouco sobre a língua falada nos diferentes países, entre outros.

l) A mídia e o futebol.

A evolução tecnológica reconfigurou a experiência do torcer (Terra, 2026), transformando as transmissões esportivas em eventos de alta complexidade e interação que consolidam o esporte como um produto de consumo. O advento das redes sociais e das novas plataformas de transmissão permitiu que o jogo se transformasse em puro entretenimento (Estudo, 2025), priorizando-se novas formas de audiência e o lucro acima de tudo. Esse cenário altera profundamente o papel do espectador moderno, que deixa de ser um observador passivo para se tornar um torcedor-consumidor ativo, cujo engajamento digital dita tendências, movimenta a economia dos clubes e molda a percepção pública sobre os atletas em tempo real.

Essa espetacularização é sustentada por um aparato técnico robusto, onde transmissões em altíssima definição, drones e múltiplos enquadramentos enobrecem o produto visual, conferindo-lhe uma estética cinematográfica. Dentro dessa engrenagem, torna-se interessante analisar os discursos dos narradores, repórteres e comentaristas, que moldam a narrativa do espetáculo para além das imagens. E o que dizer do “famoso” *Video Assistant Referee* (VAR), que embora surja com a promessa de garantir a justiça e a precisão no jogo, acaba por gerar um novo ritual: o gesto do árbitro ao desenhar a tela no ar com os dedos tornou-se um ícone tão forte que rapidamente foi incorporado à cultura dos torcedores nos estádios e até às brincadeiras de futebol na escola, evidenciando como a tecnologia ressignifica os comportamentos e a ludicidade.

No ambiente escolar, o tema "mídia e esporte" abre um leque fértil para intervenções práticas e reflexivas que extrapolam o gesto motor, como já citado anteriormente, não que o simples fato de jogar não seja relevante, mas para além dele. O tema por si só, é detentor de

uma potencialidade enorme de engajar todos os alunos sem exceção, inclusive aqueles que culturalmente preferem ocupar as arquibancadas ao invés da quadra durante as aulas. Ao transformar a quadra e a sala de aula em laboratórios sociais e atribuir papéis como cinegrafistas, narradores, repórteres, jornalistas ou gestores de redes, o docente cria oportunidades para problematizar as interseccionalidades do futebol.

Nesse contexto, a questão de gênero pode ser explorada ao analisar o machismo velado que ainda permeia as transmissões, manifestado em closes desnecessários que sexualizam o corpo das jogadoras ou em comentários que reduzem o desempenho técnico à aparência física. Paralelamente, a questão de raça surge ao observar como a mídia descreve atletas negros (muitas vezes exaltando o vigor físico em detrimento da inteligência tática), enquanto a questão de classe revela-se na discussão sobre a exclusão de grandes parcelas da população do acesso aos estádios e aos pacotes pagos de transmissão. Ao simular a estrutura do espetáculo, o estudante desenvolve empatia e criticidade, percebendo o futebol como um terreno interdisciplinar capaz de educar para a cidadania.

m) O futebol e suas derivações;

O futebol, assim como todos os aspectos da vida e da cultura, passa por transformações ao longo do tempo. Ao longo de sua história, também evoluiu e se ramificou em diferentes modalidades. Cada uma dessas novas formas de jogo são frutos que carregam a essência do esporte original, mas adaptam-se a novos contextos e necessidades, mantendo viva a paixão e a criatividade que o futebol inspira. Nas escolas, a maioria dos alunos não só conhecem, mas também são admiradores e praticantes destas modalidades. Entre as mais conhecidas estão:

- **Futsal:** É a modalidade mais praticada nas escolas brasileiras (Silva *et al*, 2014). Derivado diretamente do futebol, o futsal é jogado em quadras menores, geralmente cobertas, com uma bola menor e menos jogadores por equipe. Esta modalidade destaca-se pela rapidez e habilidade técnica dos jogadores. Para mais informações pode-se consultar o *site* da Confederação Brasileira de Futsal.
- **Beach Soccer:** Como o nome sugere, o beach soccer é jogado na areia, tornando-o um jogo mais físico e exigente do ponto de vista de resistência. Com regras simplificadas e partidas mais curtas, esta versão do futebol é muito popular em regiões litorâneas. Para mais informações pode-se consultar o *site* da Confederação do Beach Soccer do Brasil.
- **Futebol Society (ou Futebol 7):** Esta modalidade é jogada em campos menores, com sete jogadores de cada lado. As regras são adaptadas para o tamanho do campo e o

número reduzido de jogadores, tornando o jogo mais dinâmico e intenso. Para mais informações pode-se consultar o *site* da Confederação Brasileira de Futebol de Sete.

- **Futevôlei:** Combinando elementos do futebol e do vôlei de praia, a modalidade é jogada em uma quadra de areia com uma rede de vôlei, mas os jogadores só podem usar os pés, a cabeça e outras partes do corpo, exceto as mãos, para passar a bola por cima da rede. Para mais informações pode-se consultar o *site* da Confederação Brasileira de Futevôlei.
- **Futebol de Mesa:** Também conhecido como futebol de botão, é um jogo que simula uma partida de futebol utilizando pequenos discos (botões) que representam os jogadores. As partidas são disputadas em uma mesa retangular que imita um campo de futebol, com duas balizas nas extremidades. Os jogadores utilizam uma palheta para impulsionar os botões e movimentar a bola, tentando marcar gols no time adversário. O jogo exige estratégia, precisão e habilidade, sendo uma atividade recreativa e competitiva popular entre pessoas de todas as idades. Para mais informações pode-se consultar o *site* da Confederação Brasileira de Futebol de Mesa.
- **Futmesa:** O futmesa é uma modalidade esportiva que combina elementos do futebol e do tênis de mesa. É jogado em uma mesa com formato especial, onde os jogadores usam qualquer parte do corpo, exceto as mãos e os braços, para controlar e passar uma bola de futebol. O objetivo é fazer a bola tocar no lado da mesa do adversário sem que ele consiga devolver. O jogo é bastante dinâmico, exigindo habilidade, controle de bola e reflexos rápidos dos jogadores. É uma atividade divertida e desafiadora, que tem ganhado popularidade como uma alternativa inovadora e criativa ao futebol tradicional. Para mais informações pode-se consultar o *site* Serviço Social do Comércio do Paraná.
- **Footgolf:** Configura-se como uma modalidade de emergente que transpõe a lógica estratégica e o sistema de pontuação do golfe para o universo do futebol. Ele é praticado majoritariamente em campos de golfe adaptados, mas também é comum a utilização de parques ou áreas de lazer abertas, onde o terreno seja predominantemente plano e gramado. O esporte substitui os tacos pela mecânica do chute, utilizando uma bola de futebol convencional em direção a buracos de dimensões apropriadas. O objetivo central consiste na eficiência, buscando concluir o percurso com o menor número possível de toques na bola. Do ponto de vista técnico e cultural, a modalidade preserva o rigor ético e estético do golfe, exigindo vestimentas específicas como camisa polo, bermuda com bolsos laterais e meiões até o joelho, chuteiras com travas são proibidas para garantir a integridade do gramado. Assim, o Footgolf estabelece um diálogo interessante entre a acessibilidade técnica do futebol e a etiqueta disciplinar dos esportes de precisão. Para

mais informações pode-se consultar o *site* da Federação Internacional de Footgolf ou a Federação Brasileira de Footgolf.

O principal objetivo de apresentar, discutir e ofertar (se possível) as modalidades derivadas do futebol para os estudantes, é enriquecer a compreensão sobre a diversidade e evolução do esporte. Essa familiaridade amplia suas opções de prática esportiva, permitindo que descubram atividades que melhor se adequem aos seus interesses, habilidades e contextos sociais. Além disso, essas modalidades promovem uma série de valores éticos que contribuirão ainda mais no processo de ensino e aprendizagem do futebol.

Após a apresentação de todas essas possibilidades de intervenção sobre o futebol na escola é importante que se ressalte que apesar da diversidade aqui revelada, é fundamental, conforme mencionado anteriormente, que a prática do futebol jamais seja negada aos alunos. Todavia, o futebol, sendo um esporte profundamente enraizado na cultura e tradição, devidamente tematizado durante as aulas, desempenha um papel muito mais crucial do que simplesmente uma reprodução de gestos físicos e técnicos desconectados do mundo real das crianças e adolescentes. Assim contempla Silva e Campos:

[...] Mas passar todos os anos da educação básica considerando-o apenas como um jogo ou “tapa-buraco”, desprovido de maiores reflexões sobretudo que essa prática envolve é um equívoco. Nosso esforço é para que ele seja entendido como uma prática pedagógica e que, como tal, precisa de planejamento, conhecimento e recursos materiais e audiovisuais (2014, p.41).

Em síntese, o futebol enquanto esporte da escola, além de promover a saúde física e mental, ele se mostra uma ferramenta eficaz na construção de valores e no desenvolvimento de competências sociais e emocionais que serão valiosas ao longo da vida dos alunos. Portanto, pensar no futebol dentro da escola implica, antes de tudo, pensar na formação de uma sociedade mais justa e igualitária, onde todos tenham acesso às mesmas oportunidades e possam desenvolver seu potencial plenamente.

Finalizando este capítulo, as categorias aqui analisadas: o futebol enquanto prática hegemônica das aulas de Educação Física, as práticas de desinvestimento pedagógico e o futebol enquanto esporte da escola, revelam uma ampla gama de potencialidades e possibilidades que merecem contínua exploração e análise. Esta base conceitual buscou apresentar algumas das principais perspectivas, contudo é importante reconhecer que o assunto é vasto e multifacetado. Além dos já aqui desenvolvidos, outros aspectos e nuances devem ser investigados e discutidos para enriquecer ainda mais o entendimento sobre o fenômeno aqui

estudado. Dessa forma, este é apenas um ponto de partida de futuras reflexões e debates sobre o tema.

6 O TRAÇADO DAS LINHAS.

Nesta seção, descrevo o percurso da investigação, estabelecendo as diretrizes (ou as regras de campo) que orientaram a obtenção dos dados e os objetivos propostos. Tratou-se de um estudo qualitativo dividido em dois momentos: O primeiro, quanto ao objetivo (Marques *et al*, 2024), foi inspirado em uma etnografia cujo objetivo foi olhar para as crianças a partir de suas histórias de vida (Trichê; Moretti-Pires, 2012), ou seja, praticando uma imersão profunda no ambiente em que constituem suas práticas socioculturais, possibilitando observar as ações, as interações e os discursos que constituem a cultura do futebol em suas vidas.

Posteriormente, durante as aulas na escola, a partir da escuta dessas crianças, foi desenvolvida uma pesquisa ação em que de maneira colaborativa e participativa (Confortin; Berria; Santos, 2012; Marques *et al* 2024) com todos os estudantes, foram propostas três intervenções didático-pedagógicas no sentido de potencializar as questões, gerar conhecimentos e construir coletivamente novos significados para o futebol das aulas de Educação Física. O objetivo foi descrever como a práxis realizada os aproximam ou não, do mundo do futebol gerando conhecimento aplicável e promovendo o desenvolvimento tanto individual quanto coletivo dos envolvidos (Tripp, 2005).

6.1 O CAMPO DE JOGO:

Para a realização dessa pesquisa foi escolhida a Escola Municipal de Educação Básica Maria Augusta Silva Melo - 1.161 matrículas e 45 professores (Censo/INEP – 2025). Escola pública da Rede Municipal de Ensino de Olho D'Água Das Flores/AL, localizada na zona urbana que concentra a oferta dos anos finais do ensino fundamental na zona urbana do município.

Mantida pela Secretaria Municipal de Educação, Cultura, Esporte e Turismo a E.M.E.B. Maria Augusta Silva Melo (INEP: 27221890) é a maior escola da rede tanto em estrutura física quanto em representatividade histórica e educacional no município. Localizada à Rua 06 de Fevereiro S/N – Bairro Nova Brasília, foi criada pela Lei 555 de 19 de abril de 2007 e autorizada pela Portaria 465/2011 SEE/AL- D.O.E. 02/06/2011(Projeto Político Pedagógico, 2022).

Figura 11 - Vista aérea do Bairro Nova Brasília ao sul e da EMEB Maria Augusta Silva Melo ao centro.



Fonte: Imagem extraída do Software Google Earth®. Acesso em 28 mar. 2025.

Em 2025, o prédio comportou 15 salas de aula, três banheiros (dois para uso dos estudantes e um para funcionários) e mais 17 diversas dependências. Recentemente a escola passou por uma grande reforma estrutural que começou no início de 2024 e teve a primeira etapa da obra concluída em abril de 2025, uma completa modernização em seus espaços administrativos e pedagógicos que visam melhorar a qualidade dos serviços prestados à população.

O motivo de sua escolha se justifica primeiro pelo fato de ser servidor efetivo desta Rede Municipal de Ensino há 14 anos e lotado nesta instituição, verificando de perto a incidência do objeto de análise, segundo, por considerar fatores como acessibilidade, representatividade dos participantes e conexão direta com o fenômeno estudado.

Figura 12 - Entrada principal de EMEB Maria Augusta Silva Melo.



Fonte: Acervo pessoal (2025).

Figura 13 - Fachada recém-modernizada.



Fonte: Acervo pessoal (2025).

É relevante destacar o contexto geográfico, econômico e político do município que está localizado na região centro-oeste do Estado de Alagoas, limitando-se a Norte com o município de Olivença, a Sul com Monteirópolis e Jacaré dos Homens, a Oeste com Carneiros e São José da Tapera e a Leste com Major Isidoro. A área municipal ocupa 188,221 km² (0,68% de AL), inserida na Mesorregião do Sertão Alagoano e na Microrregião Batalha. O acesso a partir de Maceió é feito através das rodovias pavimentadas AL-101, BR-101 e AL-220, com percurso em torno de 210 Km. Olho D'Água Das Flores possui 20.695 habitantes (Censo 2022) com grande

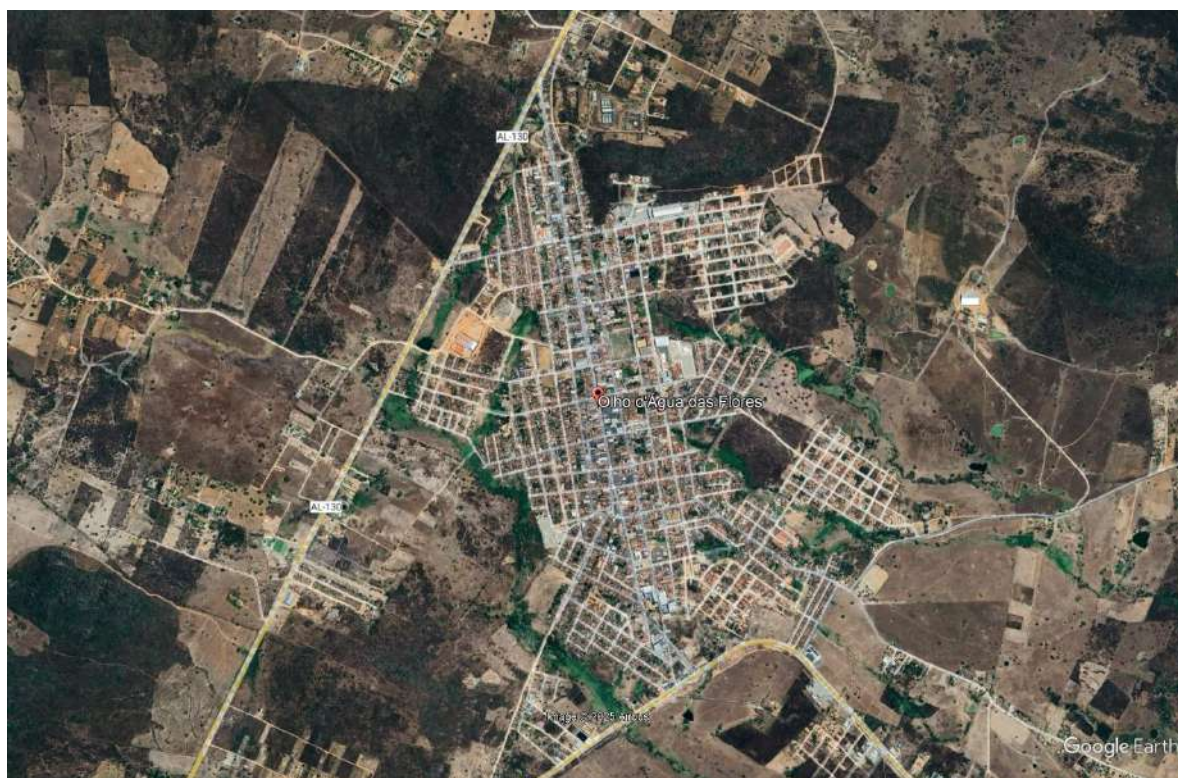
parte destes, residindo na Zona Urbana. A densidade demográfica é de 109,95 hab/km². São 15.533 os eleitores cadastrados (TRE/AL) no município (75% da população).

Figura 14 - Localização do município de Olho D'Água das Flores no mapa de Alagoas.



Fonte: Domínio público (2025).

Figura 15 - Vista aérea da sede do município de Olho D'Água das Flores – AL.



Fonte: Imagem extraída do Software Google Earth®. Acesso em 28 mar. 2025.

Na rede pública de ensino, o município dispõe de cinco creches-escola que ofertam somente o ensino infantil, sete escolas de ensino fundamental (entre elas a EMEB Maria Augusta Silva Melo) e duas escolas de ensino médio, que totalizaram no ano de 2024, 3.573 matrículas (Censo/INEP-2024). Seu IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) é de 0,565 (2010) e o IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) no município é de 4,1 (2021).

As principais atividades econômicas do município são: Serviço público, o setor de serviços, e a agropecuária. A cidade conta ainda com um número razoável de estabelecimentos comerciais, algumas empresas de médio e grande porte e uma movimentada feira às segundas-feiras que ajudam a incrementar a economia do município. Em sua estrutura administrativa comportam-se o Gabinete do Prefeito; a Procuradoria Geral do Município; Controladoria Geral e as Secretarias de: Administração; de Governo; Agricultura e Meio Ambiente; Trabalho, Habitação e Assistência Social; Educação, Cultura, Esporte e Turismo; Finanças; Saúde; Indústria e Comércio; Infraestrutura; Controle Interno; e, Gestão e Planejamento.

Figura 16 - Vista parcial do centro da cidade.



Fonte: Ícaro Drasan. Disponível em: <https://www.historiadealagoas.com.br/olho-dagua-das-flores-e-do-padre-antonio-duarte.html>. Acesso em 28 Mar. 2025.

6.2 OS PROTAGONISTAS:

O público-alvo selecionado para este estudo foi composto por 38 estudantes (17 do sexo masculino e 21 do sexo feminino) matriculados e frequentando regularmente as aulas no 6º ano, Turma “C”, do ensino fundamental, da E.M.E.B. Maria Augusta Silva Melo, com idades entre 12 e 13 anos.

A inclusão dos discentes na pesquisa foi condicionada ao aceite voluntário e à autorização formal dos responsáveis legais. Para tanto, os alunos receberam o Registro de Assentimento Livre e Esclarecido (RALE - Apêndice B), enquanto seus responsáveis foram apresentados ao Registro de Consentimento Livre e Esclarecido para participação em projeto de pesquisa (RCLE - Apêndice A). Ambos os documentos foram lidos e detalhados aos participantes e seus familiares, visando sanar dúvidas e garantir a compreensão plena do estudo.

A escolha da Turma C justificou-se pela forte presença da cultura do futebol no cotidiano dos estudantes, característica evidenciada tanto em diálogos em sala de aula quanto nos resultados das atividades diagnósticas realizadas previamente. Outro fator determinante foi o regime de turno da turma: por frequentarem a escola no período matutino, constatou-se que a maioria dos alunos utilizava o final da tarde para suas práticas de lazer. Essa configuração foi estratégica, pois permitiu um trabalho de campo mais robusto, possibilitando a observação de fenômenos fora do ambiente escolar. Tal proximidade foi fundamental para captar nuances do comportamento dos jovens em seu tempo livre, fortalecer os vínculos de confiança e assegurar a fidedignidade das conclusões obtidas.

6.3 O PLANO:

Antes, é válido ressaltar que a pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa-CEP, da Universidade Federal de Alagoas através do parecer consubstanciado nº 7.733.704 de 30 de julho de 2025, sendo que a coleta de dados teve início somente após a obtenção desta anuência oficial.

Porém, uma etapa preliminar, anterior a aprovação do CEP, ocorreu durante as aulas de Educação Física, por mim ministradas, ainda no início do ano letivo. Realizou-se uma sondagem dos conhecimentos prévios dos estudantes por meio de uma atividade diagnóstica, observações e conversas informais entre eles estudantes que chegava a presenciar. O objetivo foi identificar, conforme Berría *et al* (2012), os “sujeitos que vivenciam os processos”: aqueles que demonstravam uma paixão singular pelo futebol ou futsal e que, frequentemente, resistiam a outras atividades práticas. Uma vez selecionado esse elenco, o passo seguinte consistiu no acompanhamento de seus cotidianos dentro e fora da escola. Essa imersão nas interações sociais

e histórias de vida ocorreu de forma consensual e interativa, permitindo compreender os significados que esses adolescentes atribuem ao futebol como uma prática corporal especial.

A formação do grupo de estudo contou, inicialmente, com o convite a seis estudantes que demonstraram um grande interesse pelo futebol (cinco meninos e uma menina). Além disso, para estabelecer uma comparação com esses perfis, foram convidadas três meninas que não possuíam interesse pelo esporte. Quanto à ética na pesquisa, os participantes e seus responsáveis autorizaram o uso de suas imagens e de seus nomes, conforme detalhado no quadro 1:

Quadro 1 - Nomes dos(as) alunos(as), suas idades no ano letivo de 2025 e se gostam ou não do jogo de futebol.

Estudantes	Idade	É do jogo?
Adrian	12	Sim
Felipe	12	Sim
João	12	Sim
Davi	12	Sim
Arthur	12	Sim
Jhenifé	12	Sim
Emanuele	12	Não
Laura	12	Não
Emilly	12	Não

Fonte: O autor (2025).

Neste cenário, a observação e o diário de campo não foram utilizados apenas como ferramentas restritas para a coleta de dados superficiais, limitadas ao ato de ver ou ouvir. Pelo contrário, buscou-se a contemplação dos fatos e fenômenos que foram objeto desta investigação (Del-Masso; Santos; Cotta, s/d). Na prática, o ato de observar consistiu em refletir e compreender cinco pontos centrais:

1. **O uso dos espaços:** Investigou-se onde as crianças jogavam e como adaptavam os locais disponíveis, observando como o futebol aparecia para além das quadras, como nas ruas, praças ou em encontros no pátio ou na hora da merenda.
2. **Os materiais utilizados:** Analisou-se o tipo de bola e outros recursos, como chuteiras, cones e redes, observando como a disponibilidade ou a falta desses materiais influenciava o modo de jogar.
3. **Influência da família e da mídia:** Exploraram-se as histórias familiares, o hábito de assistir a jogos juntos e o consumo de filmes, redes sociais e videogames que moldavam a visão dos alunos sobre o esporte.
4. **O saber sobre o futebol e o modo de torcer:** Mapearam-se os times e jogadores que as crianças conheciam, além das formas de expressar o fanatismo, como o uso de camisas e materiais diversos.

5. A construção da identidade: Observou-se como o futebol ajudava na formação de quem as crianças são, suas identificações com ídolos e como o esporte se ligava a outros interesses delas.

Para além desses registros, a investigação também deu destaque a dimensões "invisíveis" que foram essenciais para o detalhamento da análise. Isso incluiu a atenção às expressões faciais e à linguagem corporal, que revelavam as emoções e o envolvimento dos estudantes. Foram registradas histórias pessoais, alegrias, tristezas, medos, ansiedades e, principalmente, os sonhos e hábitos de vida que os alunos compartilharam durante a pesquisa.

Esse passo inicial da pesquisa foi essencial para identificar os estudantes que têm uma conexão particular com o futebol, bem como para compreender os significados que atribuem à prática desse esporte em suas vidas. Essa fase permitiu a criação de uma base sólida de conhecimento sobre como esses jovens experienciam o futebol dentro e fora do ambiente escolar.

Essas informações não apenas serviram para aprofundar a compreensão sobre o impacto do futebol na formação cultural e social dos estudantes, mas também para orientar as intervenções didático-pedagógica na etapa subsequente.

No segundo passo, as informações obtidas na fase de observação, a partir das transcrições, possibilitaram o desenvolvimento de estratégias e atividades para **toda a turma** que dialogaram com os significados atribuídos pelos estudantes, promovendo reflexões, debates e estimulando novas perspectivas sobre o futebol nas aulas de Educação Física. Dessa forma, buscou-se potencializar os aprendizados e construir, coletivamente, novos significados para o esporte, alinhados às experiências e paixões dos alunos.

É importante ressaltar que as intervenções foram realizadas com toda a turma às terças-feiras durante as aulas de Educação Física, tanto no ginásio da escola como na sala de aula e que cada tema abordado e conduzido, teve como premissa um ambiente acolhedor e seguro para que todos os participantes se sentissem confortáveis em compartilhar suas experiências. Os registros desses momentos foram feitos a partir de fotografias e vídeos que foram organizados em uma base de dados para facilitar a consulta e a análise.

6.4 MATERIAIS E EQUIPAMENTOS.

Por se inspirar em uma etnografia sobre a relação entre o futebol e a história de vida desses meninos e meninas, a observação participante e o diário de campo foram escolhidos enquanto técnicas para a coleta e sistematização de dados.

A observação participante possibilitou participar ativamente das atividades do grupo, construindo confiança e captando aspectos comportamentais (Trichê; Santos, 2012) que

difícilmente com outro método seria possível perceber. Segundo as autoras em diálogo com Marconi e Lakatos (2009), na observação participante,

[...] o pesquisador se incorpora ao grupo, fazendo parte dele, vivência o que o grupo vivencia. Este comportamento do pesquisador tem como objetivo ganhar confiança do grupo. O pesquisador pode pertencer à comunidade ou ao grupo que está investigando e assim sendo, é chamado de observador Natural; ou o pesquisador se integra a um grupo no qual não fazia parte, e assim se chama de observador Artificial (2012, p. 172).

Segundo Trichê e Pires (2012), nesse tipo de estudo, o olhar clínico e experiente do pesquisador é fundamental, diante disso, o diário de campo é capaz de além do registro, fornecer “[...] todas as informações e percepções sobre como o grupo vivencia o fenômeno investigado” (2012, p.109). Nesse sentido, essa abordagem permitiu interpretar as dinâmicas e as sutilezas que moldam a realidade do grupo.

Seguindo, a observação e o diário de campo permitiram capturar, de forma detalhada e sensível, as particularidades das interações, expressões e narrativas dos participantes no contexto estudado. Além disso, serviu como um espaço para reflexões e análises imediatas, ajudando a registrar percepções que poderiam ser esquecidas com o tempo. Sobre isso, Del-Masso, Santos e Cotta dialogando com Vianna (2007) destacam que é necessário ao observador “[...] desenvolver um método pessoal para fazer as suas anotações, para não ser traído pela sua memória e, além disso, deve fazer um registro de natureza narrativa de tudo que foi constatado no período de observação” (s/d, p.6).

Ao anotar as observações sobre como o futebol se manifestava no cotidiano, nos discursos e nas práticas dos estudantes, essa ferramenta contribuiu para uma compreensão mais rica e profunda da dimensão cultural e social desse esporte na vida deles. Como destacam Trichê e Pires (2012):

[...] um aspecto interessante na coleta das informações é a pertinência do uso de conversas informais (gravadas ou não), análise documental, fotografias, reportagens, objetos que tenham significado e revelem o mundo do informante a partir da perspectiva do mesmo, além do uso da história de vida (2012, p. 109).

Além disso, o registro minucioso possibilitou identificar padrões e significados que transcendem as ações individuais, revelando como o futebol atua como elemento agregador, formador de identidade e expressão de valores no mundo particular dessas crianças e adolescentes, valorizando suas vozes e experiências.

Vale destacar o uso de forma integrada e mediante termos de consentimento, de gravações de áudio e vídeo, úteis para capturar diálogos ou situações importantes que puderam ser revisitadas posteriormente e o registro fotográfico que ilustrou aspectos culturais e sociais do grupo.

Para mensurar o nível de apropriação dos conhecimentos e significados pelos estudantes das intervenções didático-pedagógicas realizadas durante as aulas de Educação Física na escola, foram realizadas rodas de conversa ao final de cada intervenção, também com registros em áudio, vídeo e fotográfico. Segundo Moura e Lima,

As Rodas de Conversa consistem em um método de participação coletiva de debate acerca de determinada temática em que é possível dialogar com os sujeitos, que se expressam e escutam seus pares e a si mesmos por meio do exercício reflexivo. Um dos seus objetivos é de socializar saberes e implementar a troca de experiências, de conversas, de divulgação e de conhecimentos entre os envolvidos, na perspectiva de construir e reconstruir novos conhecimentos sobre a temática proposta (2014, p. 101).

Sua escolha se deu por compreender que mais do que um espaço de diálogo e troca de experiências, na pesquisa qualitativa, a roda de conversa se torna “[...] um ambiente propício para o diálogo, em que todos possam se sentir à vontade para partilhar e escutar, de modo que o falado, o conversado seja relevante para o grupo e suscite, inclusive, a atenção na escuta.” (Moura; Lima, 2014, p. 99). Nesse contexto, se tornou fundamental uma atmosfera de respeito e inclusão, incentivando a participação ativa de todos os membros e garantindo que cada voz fosse ouvida e valorizada.

Essa dinâmica participativa incrementou a coleta de dados, potencializou gatilhos e reflexões que poderiam ser perdidos em outro tipo de técnica. Um exemplo foi a captura de sutilezas e significados implícitos nas narrativas dos participantes, como gestos, sensações, fisionomias etc. Assim, essa ferramenta se destacou em revelar aspectos profundos e complexos das vivências experimentadas, contribuindo significativamente na contemplação do objetivo do estudo.

7 AS VOZES QUE ECOAM DO CAMPO

Neste capítulo apresento a análise e a discussão dos dados colhidos durante a etapa etnográfica e da pesquisa-ação. Para organizar a densidade dos achados e dar voz ao campo, a narrativa foi dividida em três momentos fundamentais, estruturados como se fossem os tempos de uma partida:

No 1º Tempo, abordarei aspectos do diagnóstico inicial e o perfil dos estudantes, detalhando os desafios e as estratégias de aproximação utilizadas no trabalho de campo. Nessa etapa, também serão apresentados aspectos centrais das vidas dos alunos acompanhados, revelando quem são esses sujeitos para além do ambiente escolar.

No 2º Tempo, detalho o desenvolvimento das intervenções pedagógicas realizadas na escola, refletindo sobre as inspirações a partir da escuta, as dificuldades enfrentadas e os resultados das práticas aplicadas.

No 3º Tempo, tentarei apresentar as conclusões sobre como o exercício da escuta impactou diretamente minha visão como professor e pesquisador, assim como, detalhar como esse processo transformou minha percepção sobre a cultura do “jogar bola” nas aulas de Educação Física na escola.

7.1 1º TEMPO - BASTIDORES E CONVOCAÇÃO.

7.1.1 Expectativas criadas x realidade do campo.

Neste ponto, cabe refletir sobre o contraste entre as expectativas que idealizei para o campo de pesquisa e a realidade que efetivamente se estabeleceu. Em meu planejamento, havia o plano de observar esses alunos em um contexto de liberdade plena: ocupando ruas, praças e espaços ou campos comunitários. Visualizava-me, inclusive, jogando futebol com eles (uma estratégia de aproximação que pretendia utilizar para fortalecer os vínculos e a confiança na relação entre professor e estudantes). Entretanto, a prática de campo revelou que o cenário imaginado não se confirmaria daquela maneira.

O primeiro fator impeditivo reside na carga de trabalho de um professor da ativa, que inviabiliza uma imersão tão profunda quanto à característica do estudo exigiria. Por essa razão, ressalto na metodologia que este trabalho se define como uma inspiração etnográfica, e não uma etnografia propriamente dita como preconiza Trichê e Moretti-Pires (2012), ao defender

que: “Para a manutenção do rigor científico são recomendadas algumas atitudes: que **o tempo de permanência no campo de pesquisa**, seja o mais longo possível, pois quanto mais observações mais fidedignas serão as análises dos dados [...]”. (p.108).

Como já dizia nosso coordenador de curso, o PROEF metaforicamente, assemelha-se ao fato de trocar o pneu de um carro com ele em movimento; no entanto, essa é a sua essência e não cabe aqui qualquer questionamento, mas um reconhecimento da realidade docente.

Um segundo ponto, que dá continuidade ao anterior, diz respeito à limitação temporal. Entre segunda e sexta-feira, no turno vespertino (período em que os estudantes desenvolvem suas dinâmicas sociais e o brincar livre), minhas únicas oportunidades de ir a campo eram às quartas e sextas-feiras, visto que, como muitos professores, possuo jornadas em outras instituições.

Essa restrição, de certa forma, não foi negativa e me conduziu ao terceiro ponto. Através de sondagens realizadas durante as aulas de Educação Física sobre os locais de moradia, as frequências e as formas de lazer de cada um, ocorreu uma mudança tática no plano: percebi que, ao invés da rua, o foco do “jogo” havia se deslocado para a Escolinha de Futebol do Guerreiro. Com exceção de Jhenifé, todos os meninos acompanhados faziam parte desse espaço institucionalizado.

A propósito, a Escolinha de Futebol do Guerreiro ocupa um espaço particular situado no bairro Pedro Sales, formado por um pequeno campo com grama artificial, uma arquibancada (que é separada do campo por uma grade de ferro), e algumas estruturas de apoio como um vestiário e uma dispensa. Apresenta-se como um campo de práticas onde a busca pelo rigor técnico e tático se destacam, estabelecendo uma atmosfera que remete ao profissionalismo esportivo, um verdadeiro centro de formação de atletas. Bastante procurada por pais e mães moradores da cidade, a instituição comporta crianças e adolescentes entre quatro e dezoito anos de idade.

O que sobressai ao olhar do observador primário é a robustez do aparato de materiais esportivos: abundância de coletes, bolas, cones e barreiras de agilidade, sinalizando um investimento material que contrasta com a precariedade histórica associada às práticas esportivas realizadas nos ambientes públicos.

O projeto carrega no nome a identidade de seu idealizador, Noé Guerreiro, ex-jogador profissional da cidade que tem se dedicado nos últimos seis anos à consolidação dessa iniciativa. A gênese da escolinha, segundo o próprio Noé, remonta a outro projeto coordenado por um técnico profissional cujas ausências frequentes, devido a viagens de trabalho, geraram uma descontinuidade nos treinos. Diante da demanda das famílias e da necessidade de manter

o vínculo dos jovens com o esporte, Noé assumiu a gestão. O início, marcado pela escassez de parceiros e materiais, deu lugar a uma operação estruturada que hoje atende turmas de aproximadamente 30 crianças e adolescentes, divididos em uma jornada que se estende das 14h às 20h.

Figura 17 - Quantidade de implementos utilizados durante os treinos.



Fonte: Acervo pessoal, 2025.

A direção dos trabalhos da escolinha possui uma gestão familiar, contando com o suporte da esposa e de dois cunhados de Noé, que atuam como monitores na organização das atividades. Essa rede de apoio é o que sustenta o cotidiano de um campo que não se limita ao ensino técnico do futebol, mas de acordo com o próprio Noé, se coloca como uma extensão da rede de formação dos jovens.

Conversando com Noé durante uma das tardes em que estava em campo, ele revelou que o projeto sustenta pilares que transcendem as quatro linhas, manifestando uma vigilância ativa sobre a conduta social dos alunos e utilizando o esporte como um mecanismo de regulação do comportamento extra-campo.

É extremamente relevante aqui, tecer uma crítica sobre essa tal estratégia que é frequentemente utilizada por tantas outras iniciativas do tipo, justificada pelo desejo de “formar cidadãos” e proteger jovens em contextos de vulnerabilidade. Esse discurso tem levantado muitas tensões sobre a instrumentalização do brincar. Quando a prática esportiva é estritamente vinculada, por exemplo, ao rendimento escolar ou à obediência civil, corre-se o risco de esvaziar o sentido autônomo do esporte - resgato novamente as contribuições de Freire (2011) e Freire; Castellani, (2024) sobre o tema -, transformando-o em uma ferramenta de punição ou recompensa. Essa dinâmica revela uma crença na capacidade do futebol de “corrigir” desvios,

depositando sobre os treinadores uma função de monitoramento que as instituições formais e as próprias famílias (muitas vezes sobrecarregadas) não conseguem exercer.

Contudo é preciso considerar que esse discurso moralizante pode apresentar-se, por vezes, de forma superficial, (não tenho o tempo necessário de observação e nem o poder para julgar se ali acontece dessa forma) funcionando antes como uma estratégia de legitimação perante os responsáveis e de captação de novos “clientes” do que como um projeto de formação estruturado. Na prática cotidiana do campo, observa-se que na maioria das iniciativas esportivas do tipo, o objetivo primário permanece centrado na formação técnica e física do atleta, sugerindo que a retórica da “formação do cidadão” atue como uma moldura necessária para viabilizar a manutenção comercial e social do projeto.

Naquele espaço, Adrian, Felipe, João Miguel e Francisco integravam a turma das 16h às 17h, enquanto Arthur participava do horário das 19h às 20h. Coincidentemente, os treinos ocorriam justamente às quartas e sextas-feiras, períodos em que estava disponível para o campo.

Diante dessa configuração, o passo seguinte foi a montagem de um cronograma de acompanhamento. O objetivo era desenvolver observações de maneira individualizada, permitindo um olhar atento a cada estudante, independentemente de estarem todos reunidos ao mesmo tempo (com exceção de Arthur, que, por pertencer a outro turno, demandava uma logística específica).

Esse deslocamento de rota revelou algumas questões, dentre estas, as mudanças no espaço urbano atual e as novas configurações do brincar. Segundo Rodriguez (2019), o que deveria ser um espaço de liberdade, invenção e desordem criativa, está cada vez mais sendo capturado pela lógica do mercado e da produtividade.

O brincar criativo fica comprometido em decorrência de que as cidades diminuíram os espaços de circulação, na redução das casas com quintais e no fechamento das praças com cercas e grades. A anulação desses espaços significa a perda da experiência como o lugar em que se poderia inventar algo diferente no uso do tempo livre, principalmente, para se criar algo na atividade. As praças públicas deixaram de ser públicas, pois as poucas que existem foram reduzidas em pequenos espaços e, em grande parte, cercadas, o que dificulta seu acesso. Nesse quadro estabelecido o brincar, para alguns poucos, ficou restrito a condomínios fechados e para outros, a grande maioria, às ruas violentas em meio ao trânsito de automóveis (p. 69).

A migração do futebol da rua para a escolinha evidencia, primeiramente, a carência de equipamentos públicos, como quadras ou áreas verdes, e espaços como os campinhos de terra, especialmente nos bairros mais afastados, onde o lazer raramente encontra estruturas adequadas. Além disso, a própria dinâmica da vida contemporânea impõe novos limites e, um fato relevante, é quando ambos os pais estão inseridos no mercado de trabalho, o espaço de brincar dos filhos acaba reduzido ao ambiente doméstico por questões de segurança e vigilância.

Soma-se a isso o impacto das marcas da violência que também chegou às pequenas cidades, transformando a rua (outrora um espaço de encontro) em um território de risco. Segundo dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - Ipea, em parceria com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública - FBSP, (2025), há em curso um ascendente processo de migração de grupos criminosos estruturados para polos regionais e cidades pequenas. O Atlas da Violência 2025 revela que,

Capitais como Fortaleza, São Luís, Goiânia, Cuiabá e o Distrito Federal registraram reduções superiores a 60% nas taxas de homicídios entre 2013 e 2023. Essa diminuição nas grandes cidades contrasta com o avanço da criminalidade e das disputas entre facções em municípios médios e interiores, especialmente nas regiões Norte e Nordeste, que passaram a concentrar episódios de violência antes restritos às metrópoles (IPEA, 2025).

Pequenas cidades, outrora percebidas como redutos de tranquilidade, têm sido marcadas pelo avanço dos índices de violência e pela sensação de insegurança que reconfigura o cotidiano de seus habitantes. Esse fenômeno impacta diretamente a infância e a adolescência, promovendo um "encolhimento" das formas de brincar. A rua, tradicionalmente palco da autonomia e da sociabilidade juvenil, passa a ser vista como um território de risco, o que empurra as atividades de lazer para espaços privados ou instituições monitoradas.

É o caso não só de Olho D'Água das Flores, mas também de suas vizinhas Santana do Ipanema, Carneiros e São José da Tapera. A percepção de risco vivenciada pelos moradores dessa região tem sido sustentada por episódios recentes de violência que alteraram o mapa da segurança local e fortalecem o sentimento de que o "medo" não é uma abstração, mas uma reação racional a eventos reais. Essa realidade é corroborada por ocorrências recentes na região, como o avanço de operações das forças de segurança contra o as facções no sertão alagoano registrado no último semestre pela imprensa local.

Esse conjunto de fatores colabora para o declínio do jogar bola na rua, dando lugar a uma espécie de privatização do lazer. Olho D'Água das Flores, com pouco mais de 20.000 habitantes e alguns poucos bairros, já conta com duas escolinhas de futebol, quatro arenas particulares de futebol society, um campo de futebol privado (que pertence ao CEO), contra um ginásio municipal de esportes (existe outro ginásio, porém completamente abandonado pelo poder público e de difícil acesso pela população, localizado no Bairro Alto do Sossego) e nenhum campo público de futebol. O que antes era uma prática cultural e livre, agora se institucionaliza em espaços privados e horários agendados. E nesse cenário, entra a Escolinha do Guerreiro, que deixa de ser apenas uma opção esportiva e passa a ser vendida e consumida, também como um "espaço de proteção".

7.1.2 As estratégias de aproximação.

Após uma rodada de observações individuais na escolinha de futebol, e para que pudessem ser contemplados os demais fatos ou fenômenos objetos da investigação, realizei outra rodada de observações. Desta vez, a aproximação ocorreu de maneira interativa e consensual em seus contextos familiares.

Neste ponto, me aproximar dessas famílias e entrar na vida privada de cada um, mesmo após terem aceitado participar e de assinarem o RCLE, requereu esforço. Constantemente, visitas eram desmarcadas de última hora ou o endereço informado não era encontrado e, some-se a isso, o fato de passar por um problema de saúde que atrapalhou o cronograma.

Diante dessas dificuldades, passei a utilizar algumas estratégias de aproximação: uma delas foi ir às visitas com camisas de times de futebol, visto que os alunos constantemente me viam com a farda institucional da escola. Essa foi uma forma de me aproximar do fenômeno, mostrando que eu também “era do futebol”. Outra estratégia foi levar algum tipo de lanche, como bolos, ou um brinde, como no caso de Francisco, a quem presenteei com uma foto sua durante o treino em um porta-retratos. E por fim, também dei carona a alguns, de suas casas até o local de treino. Tudo isso na tentativa de “quebrar o gelo”, criar um clima de agradabilidade e ter o máximo de abertura possível nas conversas.

7.1.3 O diagnóstico e a convocação.

O processo de identificação dos estudantes que participaram deste estudo não ocorreu de forma aleatória, ele foi fruto de um olhar atento construído ao longo de minha trajetória como servidor na instituição há exatamente 14 anos. Nos últimos quatro anos, devido à organização interna da escola — que conta com quatro professores de Educação Física e uma quantidade numerosa de turmas —, passei a atuar exclusivamente com turmas de 6º ano. Essa continuidade me permitiu observar um fenômeno recorrente: o desconhecimento dos alunos recém-chegados do ensino fundamental I sobre o real sentido da Educação Física escolar.

Na compreensão da maioria desses estudantes, a disciplina é vista apenas como um momento de recreação: o “brincar” ou o “jogar bola”, sem uma conexão clara com objetivos pedagógicos, como demonstrado em um diário de campo de fevereiro de 2024: “*Jogar bola!*”

Como assim jogar bola? Pergunta o professor. “*Ora, jogar futebol!*”, “*Aprender a jogar futebol*”, responde a maioria da turma, no primeiro dia de aula.

É importante situar que esse cenário não é um fato isolado, mas reflexo de uma realidade local. Em Olho D’Água das Flores, assim como em municípios vizinhos, as aulas de Educação Física na educação infantil e no fundamental I geralmente ficam sob a responsabilidade do professor pedagogo, e não de um licenciado na área. Apesar do esforço desses profissionais, a insegurança e a falta de formação específica na disciplina acabam por resumi-la, muitas vezes, ao horário do recreio ou à prática de brincadeiras populares, sem o aprofundamento das competências próprias da área.

Diante desse contexto, no espaço de tempo que compreende as duas primeiras semanas de cada ano letivo, costumo realizar diagnósticos iniciais no intuito de identificar o nível de conhecimentos prévios dos estudantes. Em anos anteriores, cheguei a utilizar textos, questões abertas e rodas de conversa sobre práticas corporais e aspectos relacionados à saúde. No entanto, os resultados eram frequentemente insatisfatórios no que diz respeito à precisão das informações. Por mais que eu buscasse diversificar as atividades, a resposta dos alunos invariavelmente recaía no senso comum: para os meninos, a disciplina era o futebol; para as meninas, o queimado ou o ato de assistir aos meninos jogarem.

Em 2025, buscando mensurar esses resultados com maior clareza, reformulei a estratégia diagnóstica. Elaborei um questionário abrangente objetivo e visual (Apêndice F), com o objetivo de aprofundar essa compreensão sobre as percepções, experiências e expectativas dos alunos em relação à Educação Física. Através desse exercício, explorei 17 aspectos relevantes, buscando desvendar o que a disciplina representava para eles e como suas vivências anteriores influenciavam suas expectativas no presente. Questões como a apreciação das aulas, a participação ativa, os locais e atividades mais frequentes, a clareza das explicações dos professores, a importância atribuída à disciplina, os materiais utilizados e sua origem, e o conhecimento e interesse em diferentes práticas corporais foram abordadas.

O questionário também incluiu imagens de 10 implementos (bola de futebol, bola de basquete, escada de agilidade, raquete, bambolê, cones de marcação, bola de handebol, bola de vôlei, pinos e bola de boliche e peteca) e 10 práticas corporais (futebol, basquete, ginástica, tênis, capoeira, exercícios de alongamento, handebol, vôlei, dança e atletismo), permitindo aos alunos expressar suas preferências e conhecimentos de forma visual e interativa.

As questões foram as seguintes:

1. Você gosta das aulas de Educação Física?
2. Você participa das aulas de Educação Física?

3. Qual o local mais utilizado para as aulas de Educação Física no ano anterior?
4. Quais atividades mais realizavam nas aulas de Educação Física?
5. O(a) professor(a) explicava as atividades que você deveria realizar na aula de Educação Física?
6. Para você, o que a disciplina de Educação Física deve ensinar aos estudantes?
7. Quais materiais foram mais utilizados por você e seus colegas nas aulas de Educação Física?
8. Esses materiais são oferecidos pela escola ou trazidos pelos alunos?
9. Assinale com um X os materiais que você já utilizou durante uma aula de Educação Física?
10. Destes materiais, qual você considera mais importante?
11. Excluindo o que você acha o mais importante, qual deles você gostaria de utilizar nas aulas de Educação Física?
12. Assinale com um X as práticas que você conhece?
13. Destas práticas, qual você considera mais importante?
14. Seu professor já conversou com você sobre qual delas?
15. Excluindo a que você acha mais importante, qual você gostaria de conhecer?
16. Durante as suas aulas de educação física, já surgiu algum tipo de problema? Poderia comentar?
- 17 – Seu(a) professor(a) ajudou na solução deste problema?

Embora no ano letivo de 2025, esse diagnóstico tenha sido desenvolvido com todas as minhas turmas (A, B, D e E), os resultados colhidos com o 6º ano C revelaram-se os mais intrigantes. Enquanto as outras turmas apresentaram um padrão de respostas mais disperso, os dados da turma C evidenciaram uma concentração maior de narrativas, vivências e até mesmo resistências que se conectam diretamente ao meu objeto de estudo.

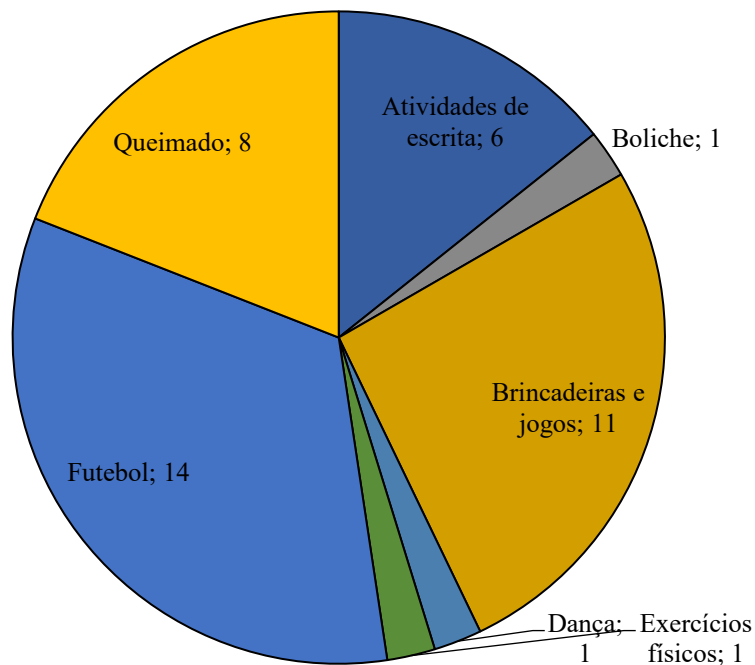
Diante disso, o instrumento funcionou como uma "peneira" fundamental para a pesquisa. Os dados colhidos foram reveladores e confirmaram uma hipótese inicial: a cultura do futebol estava profundamente arraigada no imaginário e na vivência daqueles estudantes. Como se para muitos deles as aulas de Educação Física na etapa anterior de ensino, foi o palco onde esse desejo se concretizava, um espaço de liberdade e prazer.

É importante salientar que, devido à reforma, o prédio da EMEB Maria Augusta Silva Melo não estava apto a receber alunos nos meses de fevereiro e março de 2025. Por esse motivo, o ano letivo iniciou-se de forma improvisada em um prédio compartilhado com outra escola,

que também precisou ser realocada. Como as salas nesse local eram limitadas a no máximo 20 estudantes, muitos alunos que posteriormente formariam a Turma C começaram o ano frequentando outras turmas.

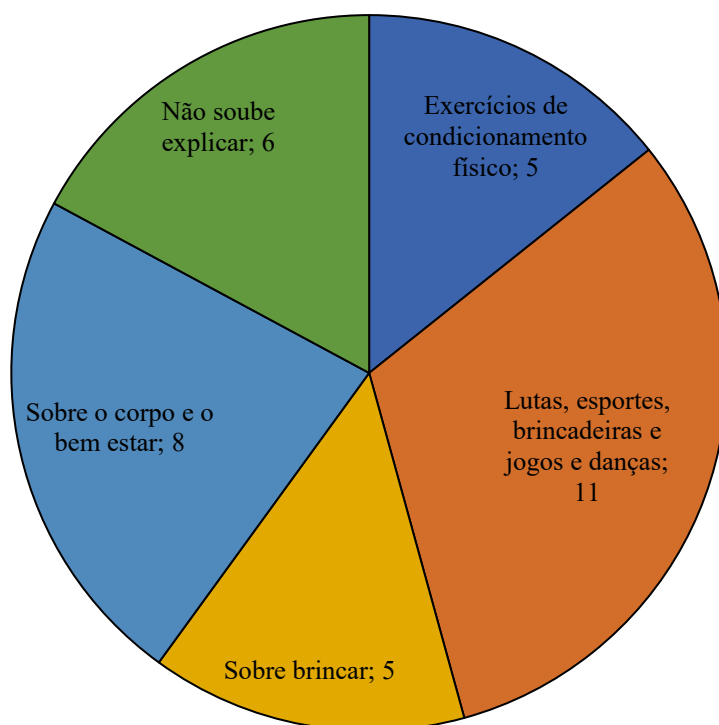
À época, o exercício foi realizado com 30 alunos e as respostas foram organizadas e apresentadas em gráficos. Essa representação visual permitiu uma visão clara e imediata da distribuição das respostas para cada questão. Cabe destacar que, das 17 perguntas elaboradas, trago aqui apenas aquelas que evidenciam a centralidade da Turma C no estudo; contudo para a visualização de todas as respostas, os diagnósticos completos encontram-se disponíveis na seção de apêndices.

Gráfico 1- Atividades que mais realizaram nas aulas de Educação Física. (em número de citações)



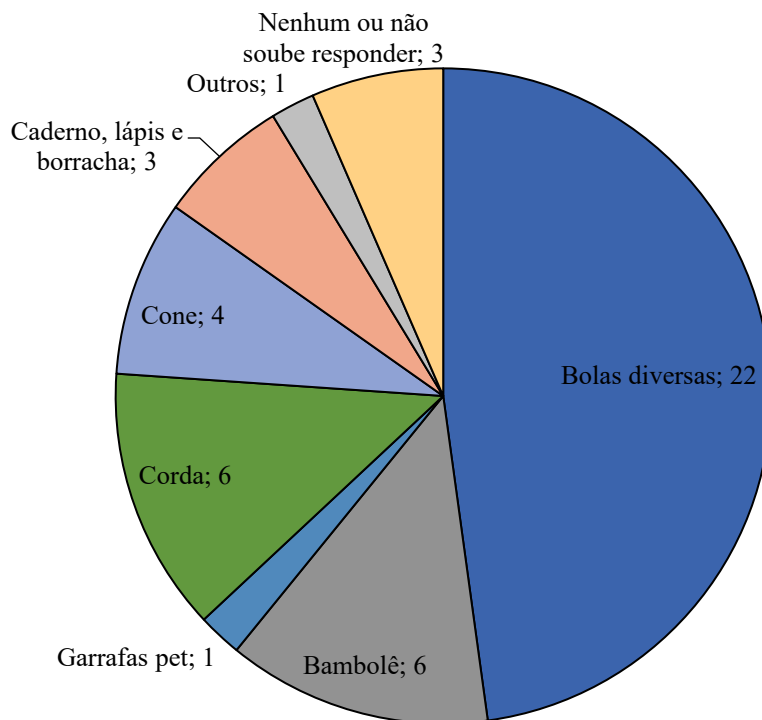
Fonte: Elaborado pelo autor. (2025)

Gráfico 2- O que a disciplina deve ensinar aos estudantes. (em número de citações)



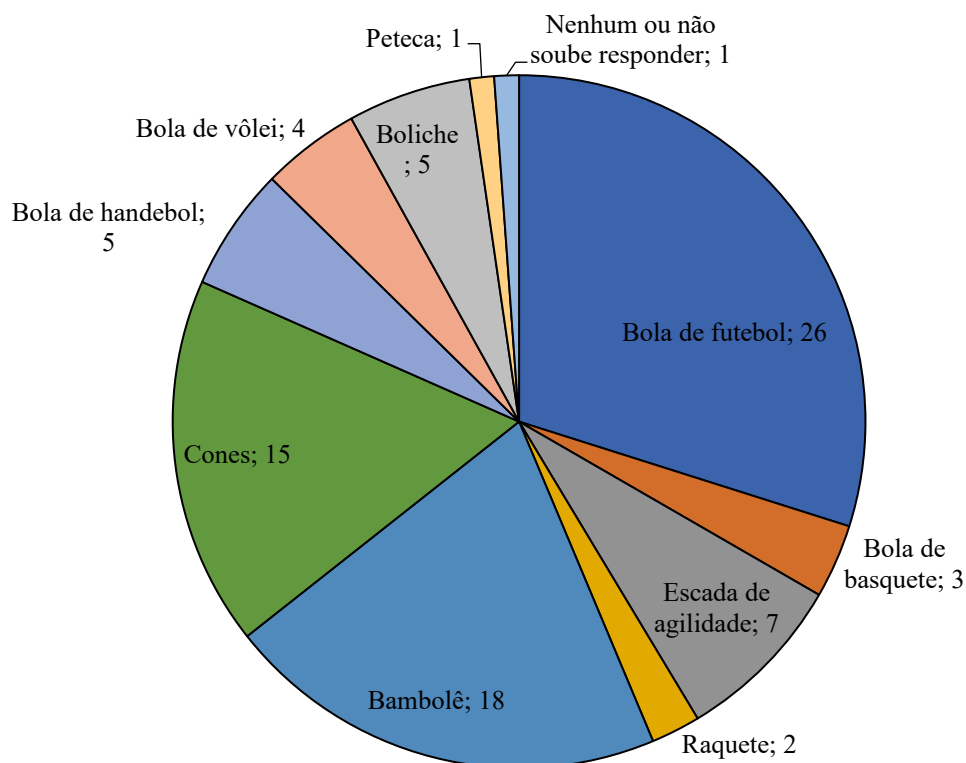
Fonte: Elaborado pelo autor. (2025)

Gráfico 3- Materiais mais utilizados pelos alunos durante as aulas de Educação Física. (em número de citações)



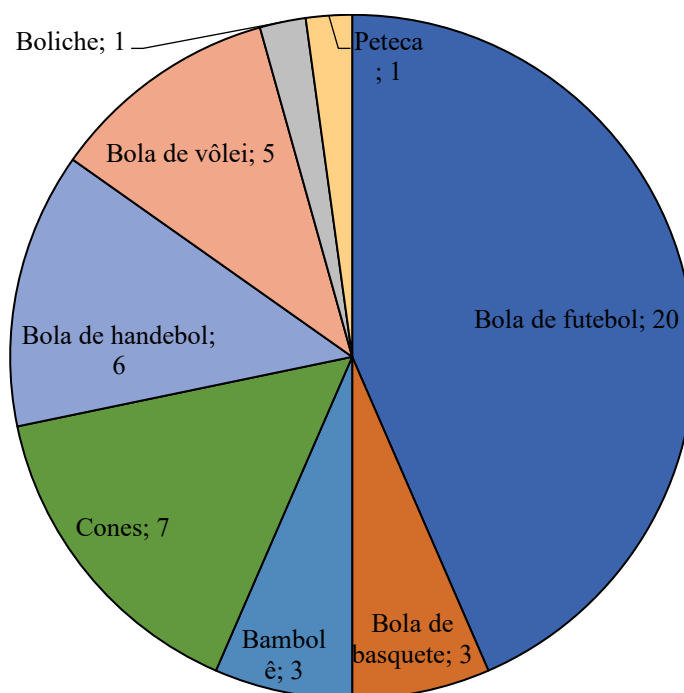
Fonte: Elaborado pelo autor. (2025)

Gráfico 4- Materiais que já utilizaram durante as aulas de Educação Física. (em número de citações)

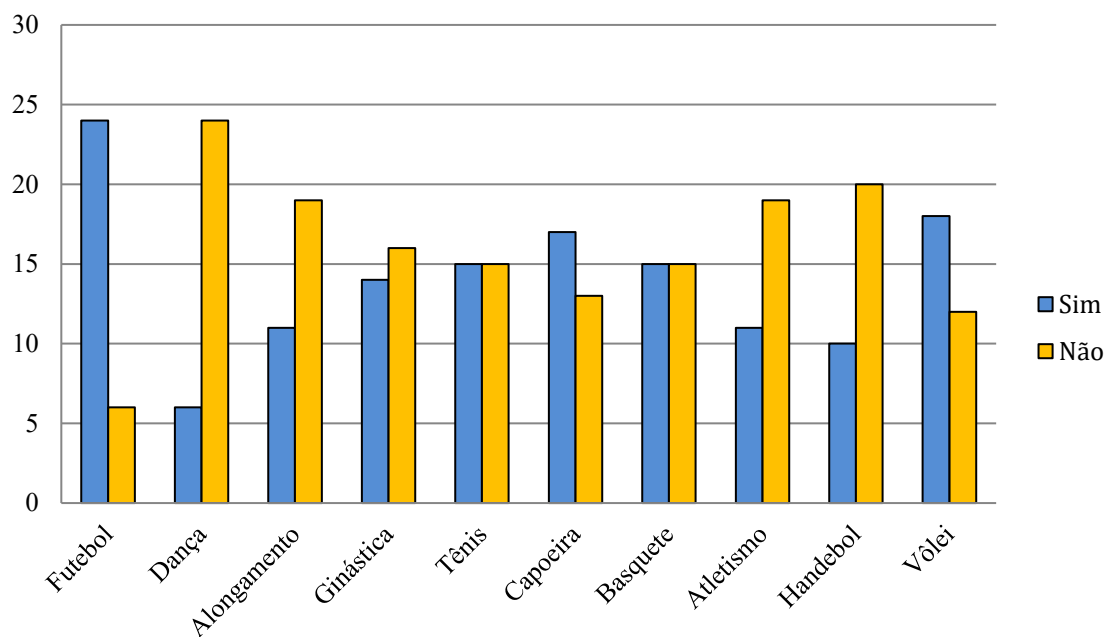


Fonte: Elaborado pelo autor. (2025)

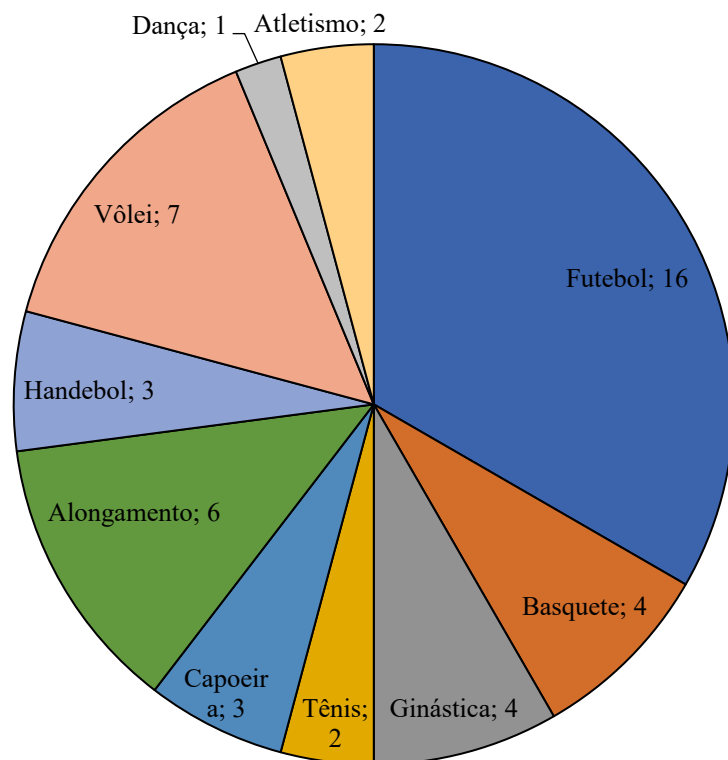
Gráfico 5- Recurso que considera mais importante nas aulas de Educação Física. (em número de citações)



Fonte: Elaborado pelo autor. (2025)

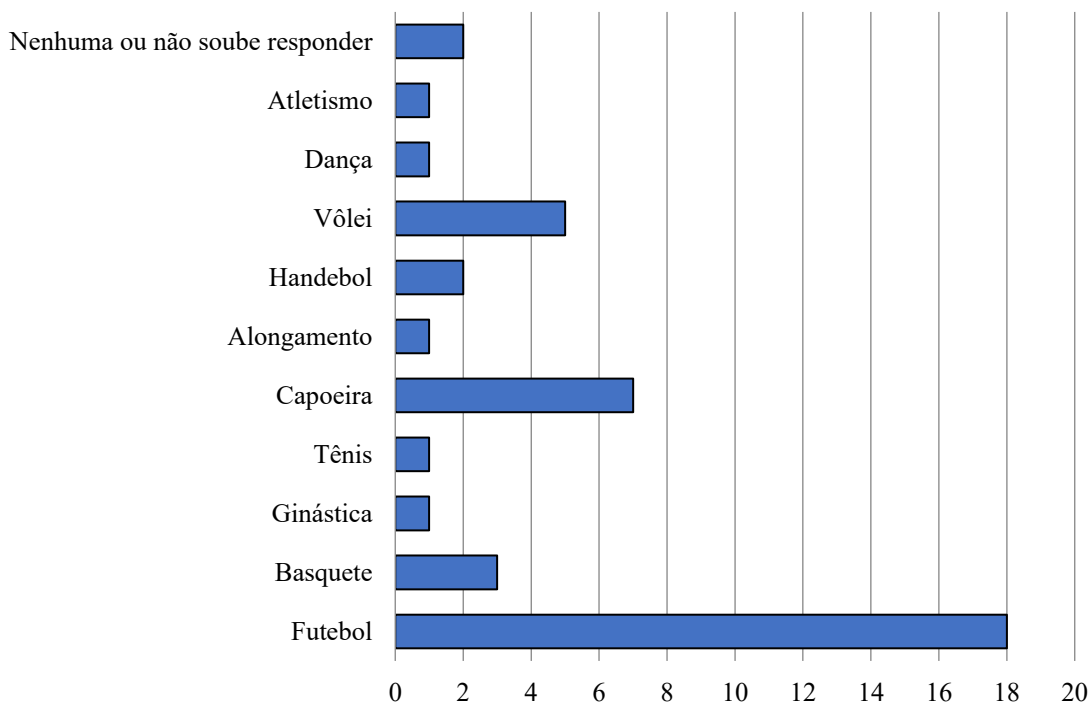
Gráfico 6- Práticas que conhecem. (em número de citações)

Fonte: Elaborado pelo autor. (2025)

Gráfico 7- Práticas que consideram ser mais importantes. (em número de citações)

Fonte: Elaborado pelo autor. (2025)

Gráfico 8- Práticas que já foram abordadas durante as aulas de Educação Física. (em número de citações)



Fonte: Elaborado pelo autor. (2025)

As evidências demonstraram que na turma do 6º ano C, existia um conjunto de padrões claros em sua cultura esportiva e percepção escolar. Em primeiro lugar, o futebol manifestou-se como o elemento central e hegemônico das vivências desses estudantes. Essa predominância foi atestada não apenas pela preferência esmagadora pela bola de futebol como o implemento mais importante, mas também por ser a prática corporal mais conhecida, valorizada e "impregnada" no cotidiano das aulas.

Já em relação ao papel pedagógico da Educação Física, as respostas revelaram que muitos alunos possuíam dificuldades em entender a função desta disciplina na escola. Embora eles valorizem a variedade de atividades e os cuidados com a saúde, a visão do grupo sobre o que se aprende nas aulas ainda é limitada, o que apontou para um desafio em compreender a Educação Física como um espaço de conhecimento e não apenas de lazer, mas, para além dele.

Com os dados do diagnóstico em mãos, passei a confrontar as evidências registradas no papel com a realidade das atividades práticas. Foi nesse cenário que um grupo específico de estudantes começou a se destacar. Para eles, a cultura do futebol não aparecia apenas como uma preferência, mas como algo enraizado, que se manifestava por meio de constantes posturas de embate e resistência. Independentemente da atividade proposta, se não houvesse o "jogo de bola com os pés", esses alunos se colocavam em oposição ao planejamento, improvisando estratégias para que o futebol, de alguma forma, ocupasse o tempo e o espaço da aula.

Este pequeno grupo, que passei a denominar de "núcleo boleiro" da turma, frequentemente tensionava a dinâmica escolar. O foco da aula era constantemente desafiado por conversas paralelas sobre o universo do futebol e pelo uso inadequado de outros implementos esportivos utilizados durante as atividades. Era comum observá-los chutando bolas de vôlei ou handebol, fazendo "embaixadinhas" com bolinhas de tênis ou brincando de "altinha" com a bola de basquete. Para eles, qualquer objeto esférico era, em última instância, uma bola de futebol.

Diante dessas manifestações, passei a dar voz e a dedicar uma atenção especial aos sinais que eles emitiam. A "boleiragem" se manifestava de modo perceptível na estética e no porte de acessórios, como, no uso frequente de camisas de clubes de futebol, meiões, camisas de manga comprida e, por vezes, no uso de caneleiras e luvas de goleiro, tudo trazido de casa em suas mochilas, extensões de suas identidades que invadiam o espaço escolar. Essa identidade coletiva também ditava a organização social da turma, fosse na resolução de tarefas em sala de aula ou no ginásio, os grupos formados por esses estudantes eram invariavelmente restritos aos pares que compartilhavam da mesma paixão pelo jogo. Ao notar que ali estava o foco central da investigação, convidei os estudantes a fazerem parte da pesquisa de forma voluntária.

Embora o interesse tenha sido geral, selecionei seis desses apaixonados pelo jogo para um acompanhamento mais próximo. Assim, entre os meses de agosto e outubro, estive com eles em 12 oportunidades distintas, acompanhando suas dinâmicas sociais tanto no cotidiano escolar quanto em espaços externos. A partir dessa seleção, início a apresentação de cada um, destacando suas histórias de vida e as trajetórias que formaram suas identidades em relação ao jogo, permitindo compreender como o futebol se tornou um elemento central da cultura desses alunos.

Foram “convocados”:

1. Adrian Miguel – 12 anos.

Adrian foi quem “abriu a porteira”. Sem a menor cerimônia, todas as aulas ele buscava encurtar a distância entre a minha mesa e o mundo dele sempre com a mesma pergunta: — “Professor, hoje tem quadra?”. Foi o primeiro a se chegar, o zero um a querer participar e, com aquele jeito despachado de quem não conhece a timidez, acabou se tornando o meu guia de entrada para entender o que fervia naquela turma.

O primeiro estudante a ser apresentado é Adrian Miguel (ou simplesmente Miguel, como é chamado na intimidade da família e pelos colegas de time). Sua trajetória surge em um

movimento de resistência e adaptação: após uma tentativa frustrada de residir com os pais na cidade de Batalha-AL, Miguel insistiu em retornar a Olho D'Água das Flores para viver sob os cuidados da avó materna, Dona Cleonice. Esse retorno não foi apenas geográfico, mas afetivo e cultural, pois buscou resgatar o vínculo com suas raízes, seus animais que vivem no sítio de seu avô e, sobretudo, com o futebol que já conhecia.

A identidade de Miguel com o jogo é marcada por uma organização e um zelo que beiram o ritualístico. Diferente da imagem clássica do "menino de rua" que joga descalço e sem proteção, a relação de Miguel com o futebol é mediada por equipamentos e protocolos. Em seu quarto, uma coleção de chuteiras organizadas uma ao lado da outra representa um verdadeiro mostruário de troféus, revelando não apenas uma paixão, mas uma valorização dos afetos familiares, já que os calçados são presentes do pai. Existe uma chuteira para cada solo e momento: para a grama sintética, para o futsal, para o treino e para o jogo.

Figura 18 - Chuteiras metodicamente organizadas em seu quarto.



Fonte: Acervo pessoal, 2025.

Sua rotina é uma mistura entre a modernidade e o rural. Se por um lado Miguel é um consumidor enérgico do futebol através de telas, pois rotineiramente é visto assistindo a lances de seu time favorito, o Palmeiras, pelo *YouTube* (devido às limitações das transmissões de TV aberta) e divertindo-se com jogos eletrônicos de carros e futebol, por outro, ele nutre uma conexão profunda com o campo e a natureza. No "Rancho Bom Sossego", de propriedade do avô, ele encontra prazer em alimentar suas galinhas e andar a cavalo, revelando uma face serena que contrasta com o semblante sério e concentrado que ostenta durante os treinos na escolinha de futebol que frequenta.

Curiosamente, a trajetória de Miguel aponta para a ausência de experiências a partir do "chão da rua". Suas vivências motoras são protegidas e cercadas pelas paredes de casa ou pelos alambrados da arena particular onde treina.

[...] Miguel, ao contrário de muitos colegas de turma, apesar de adorar o contato com o campo e a natureza, não desenvolveu intimidade com o chão das ruas no sentido de brincar e como palco de suas aventuras desde pequeno. Pelos relatos de sua avó, exceto quando ela residia em outro bairro, quando ainda muito pequeno, era raro vê-lo livre e brincando "solto" (Diário de campo, Olho D'Água das Flores, outubro de 2025).

Nesse contexto, o futebol de Miguel distancia-se da improvisação das brincadeiras de rua ou do quintal e configura-se como uma atividade com horários e regras pré-definidos. Miguel faz parte de uma geração, onde infelizmente o "jogar bola" manifesta-se como uma prática organizada e institucionalizada em ambientes privados.

Figura 19 - Em ação pela escolinha de futebol.



Fonte: Acervo pessoal, 2025.

Entre caminhadas matinais com a avó, a devoção a Nossa Senhora Aparecida e o silêncio de quem ainda está aprendendo a falar sobre as táticas do jogo, apesar de seus 12 anos, Miguel constrói sua identidade como um "boleiro" de postura equilibrada dentro e fora da escola, que vê no futebol o eixo central de sua organização social e emocional.

Figura 20 - Separando seus uniformes de treino.



Fonte: Acervo pessoal, 2025.

2. Felipe Miguel – 12 anos.

Felipe é o tipo de aluno que nem precisa abrir a boca para dizer quem é: suas luvas de goleiro, estendidas sobre a carteira já nas primeiras aulas, foi o seu cartão de visitas. Comigo, foi um menino de poucas palavras, como se o futebol fosse um segredo que vive dentro de sua mochila sempre carregada de equipamentos, adorava transformar a sala de aula em um vestiário à espera do jogo.

A identidade de Felipe é, antes de tudo, forjada sob um alicerce familiar estruturado e de forte influência feminina. Criado pela avó, Dona Rita, e pela mãe, Flávia, em um contexto marcado pela perda precoce do pai, o jovem encontra na família o suporte necessário para o seu desenvolvimento. Em casa, no bairro Santo Antônio, o futebol atua como uma ponte que o liga até suas referências masculinas: seus tios e primos. Longe de ser apenas um passatempo, o esporte é um evento social que mobiliza toda a família, a paixão é tamanha que as paredes da sala, desgastadas pelos chutes repetitivos, testemunham uma obsessão que coloca a bola acima de qualquer outro brinquedo.

[...] embora Felipe tenha vários outros brinquedos, todos ficam em segundo ou terceiro plano. Ela (a mãe) destacou que ele é frequentemente presenteado pela mãe, tios e por ela mesma, — inclusive com uma coleção de carrinhos da Hot Wheels da última vez — mas, nenhum desses presentes recebe a mesma atenção que a bola (Diário de campo, Olho D'Água das Flores, outubro de 2025).

Diferentemente de Adrian, Felipe vivenciou intensamente o "chão da rua" em sua infância. Contudo essa ocupação espontânea do espaço público foi sendo gradualmente substituída pelo quintal e pela escolinha de futebol que também frequenta. Segundo sua avó, Felipe,

[...] vivenciou muito o "chão da rua" em suas brincadeiras. Contudo apontou uma mudança. Felipe já não brinca mais na rua como antes, não só pelo crescimento e aumento da violência no bairro, mas, também naturalmente. Ela explicou que agora ele evita chutar a bola na direção das casas dos vizinhos ou dos veículos

estacionados, se tornando mais responsável e cuidadoso com o espaço (Diário de campo, Olho D'Água das Flores, outubro de 2025).

Esse ambiente de cuidado e proximidade reflete-se diretamente na conduta de Felipe na escola. Em sala de aula, ele se distancia do estereótipo do aluno desatento: é um jovem tímido, porém extremamente organizado e responsável. Felipe senta-se invariavelmente na primeira fileira, demonstra comprometimento com as atividades e um respeito notável pelo ambiente de aprendizagem. Sua maturidade também se revela no autocuidado e na persistência, aos 12 anos, já percorre longas distâncias desacompanhado (apesar das angústias da avó) para dar conta de sua agenda entre a escola e o futebol, revelando uma autodisciplina incomum para a sua idade.

Felipe optou por ser goleiro, um posto historicamente estigmatizado e que carrega uma responsabilidade superior à dos jogadores de linha, principalmente entre seus colegas, pois é o único que se habilita na posição entre a turma. Durante as aulas de Educação Física, faz questão de expor suas luvas em cima da carteira, uma espécie de estandarte pessoal. Curiosamente, durante as atividades práticas, tanto no ginásio da escola como durante seus treinos na escolinha, o menino discreto do cotidiano dá lugar a um jovem articulador, que orienta os companheiros e encara os desafios técnicos da posição com foco na eficiência.

[...] Felipe demonstrou uma característica de liderança notável para sua idade. Ele passava o jogo todo orientando os companheiros de time, uma atitude que mostra sua preocupação com a defesa. [...] Em um momento de desabafo, me olhou na arquibancada e soltou a frase: "O cara avisa, mas...", expressando sua frustração com a falta de atenção da defesa de sua equipe (Diário de campo, Olho D'Água das Flores, agosto de 2025).

Figura 21- O aluno estuda, o goleiro se prepara.



Fonte: Acervo pessoal, 2025.

Figura 22 - Focado durante um treino na escolinha de futebol.



Fonte: Acervo pessoal, 2025.

Curiosamente, sua relação com o futebol não depende de símbolos físicos como coleção de chuteiras ou camisas de seu clube de coração, Flamengo, mas das vivências práticas e também digitais. O videogame Xbox, que é seriamente protegido contra a poeira na sala da casa de sua avó, é o centro das interações familiares, onde as partidas virtuais de futebol unem gerações, principalmente aos finais de semana quando seus primos e tios desembarcam, e transformam o lazer em um espaço de afirmação pessoal.

Esse videogame é, na prática, o principal objeto material da casa que o liga diretamente à sua paixão. Segundo D. Rita, os jogos mais disputados com os tios adultos são justamente os jogos de futebol, transformando o console no centro de todas as relações de diversão familiar nos finais de semana (Diário de campo, Olho D'Água das Flores, agosto de 2025).

Assim, a identidade "boleira" de Felipe é tecida: entre os afetos familiares, o comprometimento escolar e a voz ativa que ecoa debaixo das traves.

Figura 23 - Aqui o campeonato em família é coisa séria.



Fonte: Acervo pessoal, 2025.

3. João Miguel – 12 anos.

O acesso ao João Miguel foi um jogo de esquivo. Enquanto Adrian abriu a “porteira”, João tentou colocar uma “cerca”. Mesmo com o aval da mãe, ele parecia guardar o seu mundo a sete chaves, desmarcando caronas e sugerindo outros caminhos para evitar que eu entrasse no “seu quintal”. Entre uma mensagem e outra via rede social, senti que o seu silêncio não era falta de interesse, mas um tipo de proteção — talvez o receio de deixar um “estranho” enxergar a simplicidade da sua vida antes de se sentir seguro para abrir o jogo.

O perfil de João Miguel traz uma nuance fascinante: a conexão entre a tradição do futebol amador local e a influência estética do futebol globalizado, além de acender um alerta importante sobre os processos de aprendizagem e atenção no ambiente escolar.

A trajetória de João é profundamente marcada por uma herança do futebol comunitário em Olho D'Água das Flores. Neto de "Poerinha" (veterano do futebol amador e dono/comandante do Atlético Olhodaguense) e sobrinho de "Galego", (atleta ativo da equipe), João cresceu imerso no universo do futebol amador comunitário. Aos finais de semana, na garupa da moto do avô, sempre percorre os campos da região, sendo o único entre muitos netos a carregar adiante esse apreço familiar pelo jogo. No entanto, sua identidade com o esporte revela um contraste geracional: embora frequente o ambiente do clube do avô, ao ser questionado sobre o nome da equipe, ao invés de recordar, João passa a descrever a identidade visual da equipe associando-o a um o gigante europeu, o Paris Saint-Germain (PSG):

Cresci numa época em que essa paixão era passada de pai para filho - e não é que João recebe essa influência diretamente do avô e mesmo assim não soube falar o nome da equipe que acompanha quase que todos os finais de semana? Mas sim, soube explicar que a camisa utilizada é predominante azul, com uma listra vertical vermelha e detalhes brancos também na vertical, idêntica a que é utilizada há 7.500km de distância por um time mundialmente conhecido (Diário de campo, Olho D'Água das Flores, outubro de 2025).

Fato que sugere como o imaginário do futebol globalizado molda a percepção das crianças sobre a realidade local.

Essa dualidade entre o interesse e a dispersão reflete-se de forma acentuada em sua vida escolar e pessoal. João apresenta um perfil que desafia o cotidiano pedagógico: fica nas últimas carteiras, entre o grupo que frequentemente é notado pela atenção fragmentada e pelo fluxo constante de conversas que atravessam as atividades. No ambiente doméstico, oscila entre o cuidado passageiro com alguns pássaros de estimação e uma relação intensa com as telas, como relata sua mãe:

[...] já teve problemas com João em relação ao excesso de horas na frente da tela de seu aparelho celular. Hoje, ela ressalta que João ainda acessa jogos e vídeos pelo

celular, mas que tenta controlar ao máximo essa exposição. Iara comentou que durante o período em que ele ficava até altas horas da noite com o celular, seu comportamento mudou bastante e suas notas despencaram muito na escola, além de perceber mudanças no comportamento e na atenção com outras atividades no dia a dia (Diário de campo, Olho D'Água das Flores, outubro de 2025).

Figura 24 - Seu precioso brinquedo no cantinho da sala.



Fonte: Acervo pessoal, 2025.

Iara relata dificuldades de relacionamento com o filho, que por sua vez, apresenta limitações em manter o foco em tarefas consideradas repetitivas, contrastando com o engajamento em atividades de seu interesse, como o futebol e os programas de TV sobre performances de caminhões.

No campo, a relação de João com o futebol é de persistência e retorno, após um período afastado da escolinha, ele retornou aos treinos, motivado pela influência dos colegas de sala. Sua postura, quando observada nos detalhes, é de uma timidez contida, acrescentada de alguém que parece processar o mundo em uma velocidade própria, fazendo com que apresente dificuldades em acompanhar o ritmo dos colegas durante o jogo. Embora não desfrute da mesma destreza técnica que os demais, João traz ao campo uma autenticidade curiosa: parece ocupar um espaço de observador/participante, onde o prazer em fazer parte do grupo supera a preocupação com a performance propriamente dita.

Figura 25 - João ao centro realizando exercícios durante um treino na escolinha de futebol.



Fonte: Acervo pessoal, 2025.

Durante as orientações dos professores, João se comporta demonstrando timidez, com os dois braços voltados para trás. Durante o desenvolvimento das atividades, ele demonstra um pouco de dificuldade de coordenação motora. Diferentemente da sala de aula, onde João Miguel integra um grupo que se senta no final da sala e que chama bastante a atenção dos professores por conversar, levantar, circular entre as carteiras etc., durante o treino, ele não sorri, porém demonstra certa desatenção e pouco foco nos exercícios propostos. Fato que também se reflete na sala de aula (Diário de campo, Olho D'Água das Flores, agosto de 2025).

João demonstra um cuidado rigoroso com seus dois pares de chuteira e seu material de treino, garantindo que estejam sempre limpos e organizados. Em seu dia a dia, o esporte é vivenciado, tanto de maneira informal e despretensiosa no quintal de casa, onde de acordo com sua mãe, brinca de chutar sua bola contra o muro, como, através dos treinamentos sistematizados às quartas e sextas-feiras. Uma passagem entre a tradição herdada de seu avô e a necessidade de se sentir pertencido entre seus colegas.

Figura 26 - Suas chuteiras favoritas.



Fonte: Acervo pessoal, 2025.

4. Davi Francisco – 12 anos.

Encontrar Francisco foi um exercício de persistência entre endereços trocados e informações desconstruídas. Quando o acesso enfim se deu, o que encontrei foi um menino de pouquíssimas palavras, que prefere o silêncio e as sentenças curtas a qualquer tentativa de esticar a conversa. Essa reserva desaparece assim que ele entra em quadra: ali, sem precisar de discurso, ele se torna a referência prática do grupo dos boleiros.

Morador do bairro Manoel Floriano, em Olho D'Água das Flores, Davi Francisco habita um território densamente povoado onde os espaços formais de lazer foram suprimidos pelo crescimento urbano, um exemplo foi o que aconteceu como o antigo campinho de futebol que frequentava todas as tardes, extinto, para dar lugar a uma unidade básica de saúde. A escassez de espaços de convivência fez de sua residência, a calçada de casa e a rua irregular em paralelepípedos, seu laboratório técnico particular.

Figura 27 - Davi Francisco, ao centro e sem camisa, com a garotada da rua em frente à sua casa.



Fonte: Acervo pessoal, 2025.

A identidade de Francisco, como é mais conhecido entre os amigos, com o jogo não é fruto do acaso, o menino é herdeiro de uma linhagem de "boleiros" amadores da cidade, espelhando-se no irmão mais velho e nos tios que defendem equipes locais do município. Essa

rede de apoio ajuda no fortalecimento do repertório técnico, enquanto sua mãe oferece o suporte emocional e o cuidado prático do dia a dia.

Para Francisco, o futebol é o seu idioma principal. Se em conversas diretas ele é econômico nas palavras, respondendo quase em sussurros e evitando o contato visual, em campo ele se torna um protagonista.

Ao final do treino, decidi ir conversar com Francisco. Foi nesse momento que um novo Francisco se revelou. Na escola, a timidez dele passava despercebida por conta das interações em grupo, mas ali, sozinho, o traço mais reservado do garoto se manifestou. Ele é, de longe, o mais tímido do grupo de alunos do 6º Ano C que acompanho. [...] Ao me aproximar, percebi a mudança em seu semblante. Perguntei sobre a atividade e ele respondeu baixinho, de cabeça baixa, sem me olhar nos olhos, com uma tristeza discreta (Diário de campo, Olho D'Água das Flores, agosto de 2025).

Ao observar sua desenvoltura durante as aulas de Educação Física e nos treinos da escolinha, pode-se considerar que o garoto possui um domínio técnico diferenciado com a redonda nos pés: muito habilidoso, sua visão de jogo periférica e agilidade compensam a baixa estatura.

O que lhe falta em tamanho, ele compensa com um talento natural e uma técnica impressionante. Chamou-me a atenção, nas atividades práticas durante as aulas de Educação Física na Escola, a forma como o pequeno interagia com a bola, uma calma absoluta, sugerindo além de talento, muito controle emocional. Ao invés de simplesmente chutar a bola, como a maioria das outras crianças, Francisco parece “acariciá-la” demonstrando domínio ao mantê-la sempre “colada” ao pé (Diário de campo, Olho D'Água das Flores, agosto de 2025).

Figura 28 - Em ação pela escolinha, magnetismo puro.



Fonte: Acervo pessoal, 2025.

Curiosamente, seu desapego às redes sociais e aos jogos eletrônicos o diferencia de sua geração, sua diversão favorita é a entrega ao jogo real, seja assistindo ao Flamengo com um

ímpeto que chega a assustar os pais, estudando o jogo e “brigando com a TV”, seja transformando a frente de sua casa em um estádio particular, onde até o portão do vizinho guarda as marcas de suas finalizações. Seu ídolo é o meio-de-campo uruguaio do Flamengo Arrascaeta, onde o projeta como espelho de sua própria função tática nos jogos. Sua mãe reforça que

[...] é difícil imaginá-lo sem a bola, pois ele não demonstra atração por jogos eletrônicos ou internet como a maioria dos meninos de sua idade. O que o prende mesmo – com Francisco do lado sorrindo e concordando com tudo – é assistir aos jogos do Flamengo pela TV, muitas vezes sozinho, já que nem o pai e nem ela tem “paciência” para acompanhar uma partida inteira. Francisco não: torce, briga, xinga e às vezes é repreendido pelo barulho que faz, principalmente quando os jogos acontecem até tarde da noite (Diário de campo, Olho D’Água das Flores, outubro de 2025).

Um dos traços mais singulares de Francisco é sua “passada”, olhando apressadamente, remete a aquele caminhar estilizado dos jogadores de futebol que gera memes na internet (um caminhar lento e arrastado como se não houvesse pressa no mundo, com o tronco levemente inclinado para trás e peito estufado, demonstrando desdém e autoconfiança exagerada e um olhar de “marra”), porém sob observação atenta, sua marcha é uma cicatriz de superação: seu pé esquerdo, ligeiramente virado para dentro, carrega a memória de um atropelamento por caminhão na infância.

Quando não está fazendo o que mais gosta, Francisco se retrai, e essa postura é repetida na escola de forma específica. Embora também ocupe fisicamente o espaço final da sala, subverte o clichê: revela-se um aluno de seriedade exemplar, entregando uma responsabilidade e uma dedicação aos estudos que contrastam com o burburinho que rotineiramente se manifesta ao seu redor durante as aulas na sala.

Figura 29 - Boleiragem reunida na sala.



Fonte: Acervo pessoal, 2025.

Sua identidade de “boleiro” também é preservada e celebrada através da escolha de seus trajes: suas camisas de clubes, principalmente europeus, são elevadas quase sempre ao status de “vestimenta de gala”. Foi assim em minha visita a sua casa e sempre é durante as aulas práticas no ginásio.

[...] Elaine pediu para que Francisco fosse colocar uma roupa “mais arrumada”. Francisco retornou de seu quarto vestindo uma camisa do italiano Juventus de Turim. Achei engraçado, pois sua escolha revelou uma percepção de “roupa arrumada” ligada à sua paixão pelo futebol (Diário de campo, Olho D’Água das Flores, outubro de 2025).

Na história desse menino percebe-se que o futebol é assumidamente a principal forma de se comunicar com o mundo, funcionando como um dialeto próprio através do qual ele consegue expressar sua maneira própria de estar no jogo e construir relações que sua timidez costuma silenciar. Além disso, sua paixão pelo jogo transcende o lazer para se tornar um elemento vital em sua dinâmica familiar, capaz de unir passado e presente e, criando um solo fértil, onde sonhos e realidade se encontram no calçar das chuteiras.

Figura 30 - A bola é o brinquedo, a mãe é o porto seguro.



Fonte: Acervo pessoal, 2025.

5. Arthur Francisco – 12 anos.

Arthur foi quem mais rápido encurtou a distância. Apesar de morar no ponto mais afastado e levar uma vida de muita humildade, fez questão de abrir as portas de casa, apresentando a família e sua rotina sem qualquer hesitação. Conhecido por todos na vizinhança, ele se destaca como a voz mais ativa do grupo: um menino sonhador e proativo, que toma a iniciativa tanto nas conversas quanto no desejo de compartilhar sua realidade.

Arthur é um garoto de vivacidade contagiante e habita um território de contrastes. Sua casa está localizada no Alto do Sossego, um bairro periférico de Olho D'Água das Flores que, apesar do nome, carrega as cicatrizes da violência e do isolamento geográfico. Localizado às margens da AL-130, o bairro possui o ar de um povoado, isolado do centro urbano, onde a precariedade de serviços básicos se manifesta na falta de água recorrente e na iluminação deficiente dos postes que mal consegue clarear os lares humildes. No entanto, é nesse cenário de vulnerabilidade que Arthur floresce como uma figura de raciocínio rápido, habilidade na comunicação e uma vaidade típica de quem faz do estilo dos ídolos do futebol a sua própria armadura.

Seu núcleo familiar é marcado por uma rede de relações harmoniosas que desafiam a distância física e as dificuldades financeiras. Criado pela mãe, Renata, e pelo padrasto, Josenilton (que o acolhe com o afeto de um pai biológico), Arthur convive em um ambiente de profundo companheirismo, especialmente com seu irmão mais novo, Antônio Caio. A união entre os dois é selada no ato de dormirem abraçados e na partilha da paixão pelo futebol, sob o olhar zeloso de uma mãe que se desdobra para que o pouco que chega seja dividido de forma igualitária. Mesmo com a separação dos pais, a parceria entre Arthur e seu pai biológico é sólida. É ele o responsável pelo transporte até a escolinha e pelo suporte emocional no esporte. Em relação ao futebol,

[...] ele é apaixonado desde pequeno e que acha que o pai dele, pode ter "culpa" nisso. [...] perguntei se ele se espelhou no pai para gostar tanto de futebol, mas, ele me falou que não, que aprendeu a gostar na rua, brincando com os amigos. Dando a entender que o pai é que se inspira nele para praticar esportes e levar uma vida saudável (Diário de campo, Olho D'Água das Flores, setembro de 2025).

Arthur é, por definição, um "boleiro". Na escola, é um dos líderes do grupo que se senta atrás, dono de uma organização impecável e muito articulado, na sala, costuma restringir sua "resenha" apenas aos companheiros de treino. Sua relação com o futebol transcende o campo,

manifestando-se no cuidado com o cabelo "sempre na régua"¹⁴ e na coleção de camisas que guarda como tesouros.

Curiosamente, sua identidade clubística revela o impacto da globalização nas pequenas cidades do interior. Sua coleção é dominada por mantos do Manchester City, revelando que a lealdade de Arthur migrou da proximidade geográfica para o espetáculo de sucesso do futebol europeu. Os times locais no âmbito de Estado, ou mesmo o time da cidade, o Centro Esportivo Olhodaguense - CEO, dá lugar às potências internacionais e ao Flamengo, este último, uma paixão compartilhada com a mãe diante da pequena TV de 14 polegadas que centraliza o lazer da família.

Arthur rapidamente foi até lá e trouxe cinco camisas, nesse momento descobri que ele possui três camisas do Manchester City da Inglaterra. Completam sua coleção, uma camisa da Seleção Brasileira e uma camisa do Flamengo. Perguntei se ele não tinha nenhuma do CEO, o Centro Esportivo Olhodaguense, principal time da cidade, ele me respondeu que não, sem indiferença (Diário de campo, Olho D'Água das Flores, setembro de 2025).

Figura 31 - O guarda-roupa oficial de quem respira futebol.



Fonte: Acervo pessoal, 2025.

A autonomia de Arthur impressiona. Ele é o narrador de sua própria história, capaz de explicar os detalhes deste estudo à mãe ou de tomar a iniciativa de trabalhar no campo, para

¹⁴ Expressão popular bastante utilizada no universo do futebol e das periferias brasileiras que indica um corte de cabelo impecável. O termo "na régua" faz referência à precisão geométrica do acabamento (o "pezinho"), geralmente feito com navalha, resultando em linhas perfeitamente retas e simétricas. Para esses adolescentes, estar com o cabelo "na régua" faz parte do conceito de "estar trajado" ou pronto para o espetáculo. É como se fosse uma questão de pertencimento e confiança: se o cabelo está alinhado, "o jogador" se sente pronto para a performance em campo e para o convívio entre os pares.

conquistar sua própria renda e assim realizar seus desejos. Um jovem de pés no chão, comprometido e resiliente.

Quando está em ação, como zagueiro, exibe um foco que alterna entre a seriedade tática e a extroversão que lhe rendeu o apelido de "Arthuzinho" para os mais íntimos. Embora jogue na defesa, tem em Everton Cebolinha, atacante do Flamengo, seu jogador favorito, revelando uma admiração por sua habilidade.

[...] descobri que Arthur conhece exatamente todos os jogadores do elenco do Flamengo. Perguntei então qual a escalação que ele, caso fosse o técnico, escalaria para o confronto e sem titubear ele cita um a um, seus jogadores favoritos, do goleiro ao ponta-esquerdo. Seus jogadores favoritos são Everton Cebolinha e Wallace Yan, curiosamente dois atacantes que têm na habilidade com a bola nos pés suas características mais importantes. Curioso porque Arthur me relatou ser zagueiro, uma posição que faz parte do grupo de defensores de uma equipe que justamente atua para limitar as ações dos atacantes adversários (Diário de campo, Olho D'Água das Flores, setembro de 2025).

Arthur é o retrato de uma infância que, apesar de cercada por muros invisíveis, encontra no futebol a liberdade de sonhar, a vaidade de se afirmar e a inteligência para navegar entre as durezas do cotidiano e as aspirações que o futebol de elite lhe inspira.

Figura 32 - Arthur e sua mãe.



Fonte: Acervo pessoal, 2025.

Diferente de muitas crianças de sua geração, Arthur é herdeiro do “chão da rua”. No isolamento territorial, ele desfruta do privilégio de uma infância sem muros, onde apesar das tensões sociais, lhe permite que se sinta livre, seja nos arredores de casa ou no ginásio da comunidade, o brincar é um fato cotidiano.

Figura 33 - Na escolinha de futebol, focado para a missão.



Fonte: Acervo pessoal, 2025.

6. Jhenifé Lohane – 12 anos.

O interesse em trazer Jhenifé para próximo nasceu de sua insistente recusa em seguir o fluxo da turma. Nas aulas práticas, o que chamava a atenção era o seu isolamento deliberado: enquanto o grupo se misturava, ela preferia o canto da quadra, acompanhada no máximo por uma colega ou pelo contato solitário com a bola de futebol. Essa distância, no entanto, não se desfez de imediato, foi necessário um processo de convencimento e paciência até que ela cedesse e aceitasse, enfim, minha aproximação para ouvir a sua história.

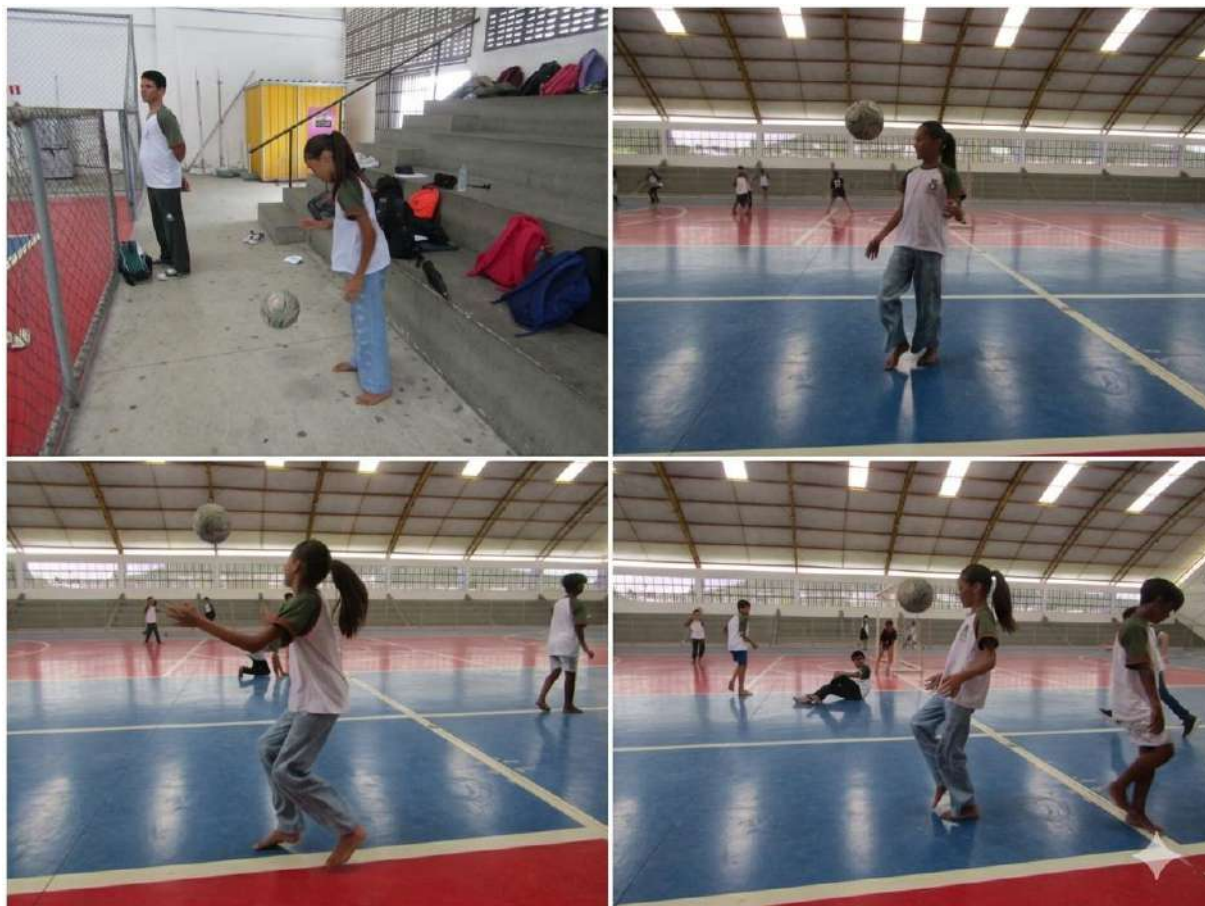
A trajetória de Jhenifé no universo do futebol é atravessada por um silêncio imposto que diz tanto quanto seus chutes na quadra. Moradora do Conjunto Manoel Floriano, ela habita um contexto em que as fronteiras entre o público (a escola) e o privado (a família) são rigidamente vigiadas, o que impôs a mim, enquanto pesquisador, um dos percalços mais simbólicos de uma pesquisa: o imponderável do campo. Pires (2011), certa vez, ao aconselhar seus orientandos, ressaltou alguns detalhes que poderiam via à tona ao adentrarem no campo:

Estejam abertos ao imprevisto, o que Malinowski (1997) chama de o imponderável da vida social, aquilo que escapa ao nosso planejamento, nos faz mudar de rota e acaba sendo revelador. Como na vida, não tentem direcionar demais o curso das águas, deixem a vida nos levar e tentem aproveitar os momentos de incerteza para perguntar aos nativos o que está acontecendo! (p. 145).

De acordo com o autor, o que escapa ao planejamento “acaba sendo revelador”. Nesse sentido, meu intuito era de apenas propor uma conversa sobre a rotina, vivências e o pertencimento de Jhenifé ao futebol, porém ter o acesso à sua residência negado pelo pai a partir de uma ligação telefônica, fez com que o planejamento caísse por terra, visto que Jhenifé era a única menina da turma que no cotidiano das aulas demonstrava uma afeição fora do comum para com o futebol. Por outro lado, um dado marcante da dinâmica familiar saltou aos olhos: a estrutura de poder que denunciava as marcas de um machismo estrutural.

Embora a aluna tenha aceitado participar da pesquisa, o acesso à sua história de vida fora do ambiente escolar foi restringido pela postura de sua família. Após diversas tentativas de contato via mensagens por WhatsApp e ligações, uma visita foi combinada com a mãe da estudante. No entanto, ao confirmar o encontro, o pai de Jhenifé negou, também via telefonema, prontamente a minha entrada na residência, informando que a filha e a esposa não estariam mais à disposição e que não insistisse. O tom ríspido de suas palavras sugeriu questões de gênero e controle familiar, visto que um professor estaria adentrando em sua residência para conversar com sua esposa e filha (Diário de campo, Olho D'Água das Flores, outubro de 2025).

A “deselegância” e a “desconfiança” dele foram evidências valiosíssimas. Em vez de insistir no futebol, que era rota original, a “rota reveladora” passou a ser: Como o controle masculino sobre o espaço doméstico e sobre os corpos das mulheres impede a construção da identidade delas no esporte? A resposta para essa pergunta revela muito sobre o ambiente onde Jhenifé constrói sua identidade feminina e esportiva.

Figura 34 - Driblando a rotina.

Fonte: Acervo pessoal, 2025.

Essa limitação doméstica explica, em grande medida, a forma instintiva e solitária com que ela desenvolveu sua relação com a bola. Enquanto o irmão mais velho gozava da liberdade da rua para aprender o jogo na convivência com os pares, a Jhenifé restava a parede do quintal. Foi chutando contra o concreto, no improviso das horas livres, que ela forjou uma técnica que hoje julga - e aparentemente demonstra -, ser superior à das outras meninas. Essa consciência ou talvez imodéstia de sua própria habilidade criou um isolamento curioso no ginásio: ela não se sente representada no jogo com as colegas e, por vezes, evita a disputa com os meninos, preferindo a companhia solitária de suas embaixadinhas e o controle absoluto de "sua bola", já que faz questão de ser a primeira a buscar uma na sala de materiais.

No cotidiano escolar, Jhenifé transborda uma energia que parece não caber no tempo das aulas. É uma aluna ativa, intelectualmente capaz, mas que carrega a urgência de quem precisa aproveitar cada minuto de liberdade. Essa agitação constante, embora por vezes comprometa o zelo com materiais e a organização escolar, é a expressão de alguém que encontrou no futebol, seja na escola ou nos treinos do CRAS (Centro de Referência e

Assistência Social), onde, de acordo com a própria, em alguns dias da semana treina em um campo society, um espaço de afirmação que lhe é negado em outros âmbitos.

Figura 35 - Quem disse que lugar de menina não é com a bola no pé?



Fonte: Acervo pessoal, 2025.

Para Jhenifé, às terças-feiras, durante a Educação Física, se estabelece um ato de resistência, uma forma de romper com o silêncio e com o preconceito, provando que, embora sua circulação seja limitada, sua destreza e sua vontade de “jogar bola” continuam a encontrar caminhos para florescer.

7. Emanuele – 12 anos, Emilly – 12 anos e Laura – 12 anos.

Esse trio era comumente encontrado na arquibancada, território de onde observavam o movimento da turma. Marcadas por uma aparente aversão às práticas esportivas de maneira geral, elas se mantinham distantes da dinâmica com a bola até que um imprevisto alterou a rotina: a interdição da quadra e a mudança de local das atividades. Foi justamente nessa quebra de padrão do espaço que almejei mudanças no comportamento delas, porém, foi na persistente recusa delas em participar das práticas propostas, que a janela de diálogo se abriu, permitindo minha aproximação para entender o que as afastava do jogo.

Laura, Emilly e Manu formam um trio de amigas cuja identidade escolar é marcada pelo distanciamento das práticas corporais e, especificamente, pela oposição ao futebol. Ao contrário dos "boleiros" que dominam o centro da quadra, as três habitam as margens (as arquibancadas

do ginásio ou as mesas de cimento do clube social quando utilizado), revelando uma postura que mistura indiferença, autoproteção e as marcas de experiências escolares passadas.

Figura 36 - Emilly ao fundo a esquerda e Emanuele ao fundo no centro.



Fonte: Acervo pessoal, 2025.

A trajetória das meninas ajuda a explicar o desinteresse atual. O histórico escolar do trio é carente de vivências práticas. Laura e Emanuele relatam que, em suas experiências anteriores, a Educação Física resumia-se a copiar textos e essa bagagem moldou uma expectativa baixa: ao ingressarem no sexto ano, imaginavam que a disciplina continuaria sendo um exercício de escrita, com raras idas à quadra. Quando a prática finalmente acontece, elas parecem não possuir o repertório motor ou a motivação necessária que julgam necessários para romper o isolamento da arquibancada, preferindo o conforto da parceria que formaram entre si.

Embora afirmem gostar de vôlei e queimada, a aversão ao futebol nas aulas possui raízes mais profundas que o simples "cansaço" alegado por Emilly. O afastamento é uma reação ao ambiente da quadra, descrito por Laura como um espaço de “meninos chatos e intrometidos”. Há também um componente grave de exclusão de gênero quando Emanuele revela que o desinteresse é alimentado pelas falas dos colegas que afirmam que “menina não é boa para jogar” ou que, as alunas que gostam de futebol sofrem com rótulos e estereótipos de gênero que tentam definir sua sexualidade.

[...] Questionei então se poderiam explicar melhor, se possuem algum trauma, se algum dia aconteceu de alguém se machucar, ou alguém falar algo do tipo que elas não sabem jogar, ou que aquilo não é coisa de menina e só os meninos devem jogar, ou que nunca irão ter a capacidade de aprender etc.

Laura – “Eu não jogo também por causa dos meninos que são muito chatos, são enxeridos (aqui no interior de Alagoas, trata-se de um menino intrometido ou metido, que se mete em assuntos que não lhe dizem respeito e que não foi chamado, um verdadeiro curioso e bisbilhoteiro) e porque não gosto muito de jogar com meninos”.

Emily – “Eu não gosto muito, também não gosto muito de brincar das brincadeiras”.

Emanuele – “Bom, é... eu não jogo porque os meninos ficam falando que não, tipo assim, menina não é para jogar, não é boa para jogar futebol, por isso que eu fico sentada às vezes e brincando com as meninas de pega-pega” (Diário de campo, Olho D’Água das Flores, outubro de 2025).

Mais grave que a dinâmica escolar são as marcas do preconceito que carregam de fora. Tanto Laura quanto Emanuele admitem já ter sofrido opressão por gostarem ou tentarem jogar futebol. O relato de Emanuele é o mais sensível, expondo o estigma social que associa o interesse feminino pelo esporte a ofensas pejorativas sobre sua orientação sexual. O peso desse julgamento é visível na fragilidade emocional de Manu, especialmente ao recordar de sua camisa do Flamengo que foi rasgada por alguém de sua própria casa que não quis revelar, um símbolo de um pertencimento interrompido que ainda lhe provoca lágrimas.

[...] Indaguei se elas possuíam camisas do Flamengo em casa, já que todas eram flamenguistas ou também de algum outro time de futebol.

Laura – “Eu tenho do Flamengo”.

Emily – “Eu não tenho”.

Emanuele – “Eu tinha, mas rasgaram a minha aí... mas eu vou comprar outra.” (a palavra rasgada me gerou um sentimento de pena e ao mesmo tempo tristeza e aflição do olhar de Manu, visto que ela deixou cair algumas lágrimas de seus olhos) Rapidamente suas colegas perceberam o desconforto enquanto Manu secava suas lágrimas.

A partir da resposta de Emanuele, fiquei bastante pensativo e pausei por alguns segundos nosso diálogo procurando um gatilho ou abertura para tentar entender o que se passou na intimidade daquela adolescente. Então me veio à mente, indagar se em casa, na rua ou até mesmo ali na escola, elas já sofreram alguma forma de preconceito e opressão por às vezes jogar ou simplesmente gostar de futebol e que por conta disso, deixaram de querer jogar devido aos julgamentos que as pessoas iriam fazer.

Laura – “Sim!”.

Emily – “Eu nunca!”.

Emanuele – “Sim, as pessoas falaram, ficavam falando que futebol não era de menina e ficavam me chamando de sapatona”. (É o termo pejorativo que se utilizam para se referir à mulher lésbica) (Diário de campo, Olho D’Água das Flores, outubro de 2025).

Curiosamente, a aversão à prática não se traduz em desinteresse total pelo esporte enquanto espetáculo. As três são flamenguistas declaradas e afirmam acompanhar os jogos pela TV. Elas dominam o “básico” do torcedor contemporâneo, citando jogadores como Gabigol, Pedro, Arrascaeta e ídolos globais como Messi e Cristiano Ronaldo. Emily chega até a antecipar conceitos do jogo, como por exemplo, o significado das cores dos cartões utilizados pelos árbitros.

Figura 37 - A arquibancada como refúgio.



Fonte: Acervo pessoal, 2025.

Para este trio, o futebol é um objeto de consumo visual, mas que se torna hostil quando precisa ser executado pelo próprio corpo. O "ficar pelos cantos" não é, portanto, uma falta de inteligência sobre o jogo, mas uma defesa contra um ambiente que elas aprenderam a ver como não pertencente a elas. Infelizmente, a identidade dessas alunas em relação ao futebol é construída no espaço entre a admiração pelos ídolos da TV e a exclusão vivida no chão tanto de casa, como da quadra, onde o medo do julgamento e as experiências anteriores com a disciplina frustradas ainda pesam mais do que o desejo de jogar.

7.1.4 O intervalo.

Paralelamente tanto às visitas à escolinha de futebol como às suas casas, também me inseri em outros espaços que esses adolescentes utilizam para vivenciar o futebol. Dentre estes, a própria escola, especificamente o intervalo, que no dia a dia acaba se transformando em palco de conversas, brincadeiras e outras formas de interações que remetem ao esporte. Seja explicitamente pelo fato ou sutilmente, através de suas expressões.

Durante essa imersão, pude identificar um fenômeno que revelou particularidades interessantes sobre estes estudantes. Uma delas foi que o uso deste tempo e espaço por eles não se desenvolvia de maneira aleatória, mas orientado por estratégias de territorialidade e afirmação de grupo.

Através de algumas visitas anteriores ao pátio da Escola na hora do intervalo e de sondagens realizadas dentro da própria sala de aula, descobri que muitos estudantes, principalmente das turmas de sextos anos, não sei se por se sentirem fragilizados na questão territorial (visto que as salas de aula onde funcionam essas turmas ficam localizadas em frente ao refeitório e seu espaço é frequentado por outros estudantes das outras turmas no momento da merenda) ou por falta de espaços com características semelhantes aos que existiam em suas escolas de origem, optam por, primeiro não consumir a merenda que é servida no refeitório e segundo, se reservam a alguns espaços específicos da escola.

Particularmente no turno matutino são três sextos (A, B e C), três sétimos (A, B e C), quatro oitavos (A, B, C e D) e quatro nonos anos (A, B, C e D), são 14 turmas, todas elas com uma faixa de 45 alunos que juntos somam em média 630 estudantes que convivem juntos durante os dez minutos de intervalo, que particularmente às terças e quartas-feiras acontece entre as 10h e 10h10min, em um espaço não tão pequeno porém insuficiente para acomodar tantos estudantes. Durante duas tentativas anteriores à de hoje, de encontrar meus alunos do 6º ano C, não tinha conseguido êxito, é uma grande quantidade de pessoas conversando e circulando ao mesmo tempo e as turmas de sextos anos especificamente são formadas pelos alunos menores o que acabou dificultando minha visualização.

Outro ponto interessante é que durante o intervalo para o lanche, por orientação dos inspetores (funcionários que circulam pelos corredores e têm a função de orientar os estudantes e acompanhá-los em algumas situações, gerenciar os horários de aula, detectando turmas sem professores etc.) e da gestão, as portas das salas são fechadas e os estudantes devem sair. Diante disso, alguns alunos permanecem em frente às salas, encostados à parede em pequenos grupos, e muitos outros, buscam por espaços de preferência menos congestionados que o pátio/refeitório (Diário de campo, Olho D'Água das Flores, outubro de 2025).

Essa concentração enorme de alunos em um intervalo de apenas dez minutos gera um cenário de saturação que impele os alunos menores, a buscarem zonas de refúgio. Essa segregação espacial passou a ser observada logo na entrada da escola e nas proximidades do jardim, revelando a criação de redutos específicos onde a sociabilidade se organiza de forma autônoma:

Então, ao dar a volta pelos demais espaços, percebi que o reduto dos estudantes das turmas de sextos anos, daqueles que optam por não se reservarem à porta de suas salas, é a parte do hall de entrada da Escola, uma área em formato de "T" onde a base da letra é o corredor de entrada e na parte superior, duas áreas de circulação onde se concentram dois carrinhos de vendedores ambulantes, um de doces, salgadinhos e outras guloseimas e o outro, que comercializa salgados e refrigerantes [...] É uma área cercada por uma grade e que separa a parte interna da parte externa do prédio. Aqui percebe-se que é o espaço onde eles interagem, realizam suas brincadeiras e que preferem se alimentar (Diário de campo, Olho D'Água das Flores, outubro de 2025).

Nesse local, a preferência por produtos industrializados em detrimento da merenda escolar atua como um marcador de distinção e autonomia, estabelecendo o local como o ponto de encontro habitual de um grupo que possui interesses comuns: a necessidade de se sentirem pertencentes.

Durante as observações, as evidências colhidas demonstraram que o futebol operava como o principal catalisador das interações e da construção da identidade daqueles sujeitos. A minha presença no "reduto" do grupo desencadeou imediatamente diálogos que orbitavam a

prática esportiva, aconteciam desde o relato detalhado de intercâmbios regionais representando a escolinha de futebol nos fins de semana, até comentários sobre aspectos técnicos do jogo, como por exemplo, sobre posicionamento deles em campo.

[...] perguntei ao grupo sobre o tal intercâmbio. Arthur e Adrian confirmaram sua participação no evento, enquanto João Miguel não havia participado. Com entusiasmo, relataram que haviam vencido seus jogos, ambos na categoria Sub-11 (alunos com até 11 anos de idade). Arthur, em particular, estava animado, comentando com os colegas sobre seu desempenho como zagueiro.

Nesse momento intervi Arthur e esclareci que, no Fut7, modalidade que praticam, não é comum denominar os defensores de zagueiro. A reação foi de surpresa tanto de Arthur como do restante do grupo e o desconhecimento foi geral entre todos. Expliquei, então, que as posições no Fut7 são diferentes das do futebol de campo e mais parecidas com as do futsal, e detalhei para Arthur a diferença entre ambas (Diário de campo, Olho D'Água das Flores, outubro de 2025).

Essa identidade de jogador que todos os dias eles incorporavam, era tão profunda que se manifestava corporalmente, bastava apenas um gatilho, como um bate papo sobre o jogo, a fisionomia já mudava: ficavam mais sérios, suas pernas passavam a gesticular chutes e até improvisar garrafas de refrigerante descartadas em bola. Ilustrando como suas corporeidades respondem à atmosfera do grupo e ao espaço ocupado.

Figura 38 - Habemus “bola”.



Fonte: Acervo pessoal, 2025.

Por outro lado, há registros de momentos de lazer alternativo, como brincadeiras envolvendo corridas, dominó e o jogo de baralho, fornecendo uma evidência crucial sobre a complexidade desses sujeitos. Observei que o interesse por estes tipos de jogos e brincadeiras revelam uma diversidade de demandas sociais que coexistem com o futebol.

Figura 39 - Nem só sobre bola é o intervalo.



Fonte: Acervo pessoal, 2025.

Em síntese, o intervalo escolar se transforma em um importante laboratório de identidades onde o adolescente/atleta e o adolescente/estudante negociam seu tempo e espaço, de forma multifacetada, embora tenha no futebol seu eixo gravitacional, ele contempla uma ampla gama de expressões culturais e sociais que forjam um grupo muito específico.

7.2 2º TEMPO – INTERVENÇÕES E PRÁTICA ESCOLAR: ENTRE O PLANEJÁVEL E O EXECUTÁVEL.

Ao adentrar o cotidiano da prática escolar, torna-se evidente que o fazer pedagógico não ocorre em um vácuo, mas é profundamente condicionado por estruturas que escapam ao controle direto do professor. Esta seção analisará as condições encontradas durante a etapa das intervenções, organizada em subtópicos que revelam as tensões entre o percurso traçado e os limites impostos pela realidade institucional.

7.2.1 A luta contra o relógio: o calendário e suas interrupções.

O primeiro desafio que se impõe à prática pedagógica na escola é a gestão de um tempo que se revela invariavelmente escasso e fragmentado. Após a etapa de observação em campo, o retorno à escola para a implementação das intervenções didático-pedagógicas, que constituíam a segunda fase deste estudo, ocorreu em um cenário de grande restrição temporal. Estávamos no final do mês de outubro, com o quarto bimestre letivo em pleno curso e o encerramento do ano fixado para o dia 19 de dezembro. O planejamento inicial era de seis momentos de intervenção com os estudantes, mas a realidade institucional rapidamente impôs sucessivas reconfigurações.

Um dos fatores determinantes para essa alteração foi a realização dos Jogos Interclasses. Habitualmente realizados em outubro, os jogos foram deslocados para novembro devido às excepcionalidades de um ano letivo atípico¹⁵. Considerando que as aulas de Educação Física da Turma C ocorriam às terças-feiras, o horizonte de possibilidades reduziu-se drasticamente, restando apenas cinco datas disponíveis antes do fechamento do ciclo.

A complexidade do calendário acentuou-se ainda mais com uma decisão da coordenação pedagógica que alterou a dinâmica dos últimos dias letivos. Diferente do fluxo habitual, em que as avaliações (provas tradicionais impressas em papel) ocorriam dentro do horário regular de cada componente, instituiu-se um "calendário de provas bimestrais" em que o aluno comparecia apenas para realizar os exames e era dispensado em seguida. Essa medida, divulgada já na segunda semana de dezembro, desmobilizou o ambiente escolar no sentido das aulas convencionais, convertendo a escola em um espaço puramente avaliativo onde o aluno só trazia para a escola sua caneta, lápis e borracha.

Para o desenvolvimento desta segunda etapa da pesquisa, essa mudança abarcou mais uma terça-feira fundamental, abreviando o fim do ano letivo e reduzindo o cronograma de intervenção a apenas três datas letivas e ao período dos Jogos Interclasses. Essa luta contra o relógio revelou como a burocracia do calendário e as decisões administrativas podem esvaziar

¹⁵ Na gramática das gestões estaduais e municipais de educação, o termo "**ano letivo atípico**" refere-se aos anos ímpares, marcados pela mensuração do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB). Tal período impõe uma reestruturação do calendário e das prioridades das secretarias estaduais e municipais, que passam a operar sob uma "estrutura de prontidão" voltada ao Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB) e exames correlatos, como o Sistema de Avaliação Educacional de Alagoas (SAVEAL). Guardadas as proporções com o ciclo quadrienal da Copa do Mundo da FIFA, as redes de ensino mobilizam recursos e pessoal de forma intensiva ("a toque de caixa"), visando garantir a participação e o desempenho de alunos e professores em avaliações de proficiência que, em última análise, balizam o financiamento e, infelizmente, o prestígio político das instâncias gestoras.

o tempo de aprendizagem, transformando o fim do ano letivo em uma corrida pragmática que muitas vezes sacrifica a continuidade e a profundidade das propostas pedagógicas.

7.2.2 O desafio da turma numerosa e as particularidades do 6º ano

Se a primeira etapa deste estudo permitiu um mergulho profundo nas histórias de vida e na formação da identidade de um pequeno grupo de "boleiros", a segunda fase impôs o desafio da coletividade. A pesquisa-ação foi desenvolvida com a totalidade da turma: um grupo de 38 adolescentes em sua plenitude, vivenciando as efervescências típicas do início da juventude. Gerir esse contingente exigiu um esforço de mediação que em alguns momentos sobrecarregou a regência, dificultando um olhar individualizado em meio à densidade demográfica da turma.

Desde o início do ano letivo, antes mesmo da minha aproximação enquanto pesquisador, conduzir as aulas de Educação Física na Turma C revelou-se uma tarefa complexa. O ambiente caracterizou-se por ser, simultaneamente, caótico e vibrante. Essa dualidade decorreu tanto da expressiva quantidade de alunos quanto da diversidade de personagens que formava o grupo, cada um trazendo suas próprias demandas, ritmos e formas de resistência.

Nesta fase de transição onde se estabelece o 6º ano, como já citado na parte introdutória desta dissertação, as mudanças de comportamento são muito latentes, o que gera um choque cultural e organizacional imenso para os adolescentes e que se reflete na busca por afirmação social, frequentemente se manifestando através de um fervor coletivo. Se nos demais componentes curriculares essa agitação acontecia no campo verbal, aqui, na Educação Física, ela se torna física, espacial e estética. É onde a “adolescência em estado bruto” literalmente se movimenta.

Complementando as ideias de Coelho, Pinto e Bezerra (2023), na ilustração abaixo estão alguns dos fenômenos mais latentes que surgem nessa fase.

Figura 40 - Problemáticas do 6º ano (Diário de campo, Olho D'água Das Flores, dezembro de 2025).



Fonte: Imagem gerada através da Plataforma Canva®. Acesso em 13 mar. 2026.

Trabalhar com este grupo significou, portanto, navegar em um cenário onde os conflitos e as conversas paralelas não foram apenas ruídos ou falta de educação, mas expressões de uma turma que transbordou energia. Mediar essa vitalidade para que ela se transformasse em engajamento pedagógico foi, sem dúvida, um dos maiores desafios estruturais desta etapa.

7.2.3 A gênese das intervenções e os temas geradores.

Este subitem dedica-se a apresentar a gênese das intervenções didático-pedagógicas que caracterizaram a segunda etapa deste estudo, revelando o caminho trilhado para transformar as observações de campo em estratégias de ensino. Longe de ser um plano distante da realidade, as temáticas aqui propostas emergiram da escuta sensível e do olhar atento às histórias de vida, identidades e interações dos estudantes frente ao futebol. Para tanto, os dados brutos — registrados em doze relatórios detalhados que capturaram desde os contextos familiares dos estudantes, as dinâmicas de gênero durante as aulas e até as conversas informais entre eles — foram submetidos a um processo de categorização indutiva, conforme as orientações de Vasconcellos *et al* (2012). O objetivo foi demonstrar como os padrões, as recorrências e os silenciamentos identificados no diário de campo serviram de matéria-prima para a construção de uma prática pedagógica que buscasse dialogar diretamente com a visão de mundo e os anseios da turma C no dia a dia.

Para dar ordem à grande quantidade de informações dos doze relatórios produzidos, utilizei a técnica de codificação por cores, um recurso visual que permitiu identificar o que se repetia nas falas, gestos e comportamentos dos estudantes. A utilização da codificação por cores na produção e análise textual transcende a estética, configurando-se como uma estratégia cognitiva que amplia o engajamento do autor e a organização estrutural do manuscrito (Carvalho, 2023). Segundo a autora, essa técnica permite a separação de informações em unidades de categorização visual, o que facilita a identificação de elementos discretos e fortalece a percepção consciente da organização das ideias. Diante disso, a sistematização por cores atuou como um recurso de consolidação de dados, permitindo a individualização e a seleção de diferentes grupos informacionais dentro de um mesmo texto.

Esse processo consistiu em revisitar cada relatório e destacar trechos específicos com cores distintas, onde cada cor representava um tema principal ou um assunto importante que aparecia nos diferentes momentos observados.

Essa organização permitiu que dados, que pareciam isolados (como comentários informais ou intimidades familiares), pudessem ser cruzados e agrupados. A partir desse "mapa colorido" dos relatórios, as informações deixaram de ser apenas relatos por ordem de data e passaram a constituir eixos temáticos bem fundamentados que por sua vez contemplaram algumas categorias de análise. Esse método foi essencial para que o planejamento das intervenções não fosse imposto de fora para dentro, mas sim extraído diretamente das necessidades e tensões reais que as cores ajudaram a revelar.

Eixo 01 – A construção da identidade boleira.

Agrupou as categorias: especialização precoce, admiração por equipes mundiais e as influências familiares.

a) A especialização precoce:

Ao mergulhar nos relatos de campo sobre Adrian, Felipe, Francisco e Arthur, a categoria da especialização precoce emergiu não apenas como uma forma de ensinar o esporte, mas como um elemento central na formação de quem esses estudantes são. Os "flashes" colhidos na Escolinha do Guerreiro revelaram uma gramática do treinamento que os alunos levam para dentro da escola, ou seja, uma rotina onde o brincar é substituído por uma lógica de obrigações, um exemplo disso: as falas de Adrian sobre o "treino de finalização", o treino "coletivo" citado por Felipe, a "insatisfação do treinador" diante da ineficiência dos alunos ou a definição de Arthur como "zagueiro". Demonstrando que, antes mesmo de amadurecerem, esses jovens já se percebem através de funções rígidas e cobranças por desempenho.

Ao cruzar as informações dos três territórios (a Escolinha do Guerreiro, o ambiente doméstico/rua e o cotidiano escolar), percebi a profundidade desse fenômeno. Na escolinha, o ambiente é de constante pressão: as "exaustivas repetições" e os gritos por precisão do treinador Noé moldam um comportamento de obediência à técnica e à tática. A origem desse comportamento pode residir em uma expectativa externa, onde a assiduidade, o esforço e o compromisso são as únicas moedas de troca para uma "promoção" dentro do grupo e a promessa de um sucesso futuro no esporte. O futebol deixa de ser um espaço de descoberta para se tornar um regime de trabalho sério, que contempla tudo aquilo que eles entendem fazer parte do contexto de ser um "atleta".

O gancho pedagógico que essa categoria me revelou foi o impacto dessa "atletização" no ambiente escolar. Quando esses alunos chegam à aula de Educação Física, eles trazem consigo toda essa representação. Para eles, uma aula que não reproduza ou que não tenha o

rigor de um "treino coletivo" é vista como algo sem valor. Um exemplo disso é a exigência deles em relação a minha presença (professor) como árbitro/treinador/olheiro da atividade. Esse cenário impôs a seguinte reflexão: como mostrar que o corpo na escola não precisa ser apenas uma ferramenta de reprodução de gestos e técnicas? A partir desses flashes, percebi que precisaria resgatar o direito ao erro e ao jogo livre, permitindo que o "zagueiro" pudesse, enfim, romper com as amarras da função tática e vivenciar o esporte como um espaço de liberdade, autonomia e prazer.

b) A admiração pelas equipes mundiais:

Analisando os discursos e o vestuário de Arthur, João Miguel, Francisco e Adrian, a categoria da referência a clubes estrangeiros revelou-se um traço marcante da identidade desses adolescentes. Os registros mostraram que a indumentária esportiva se revela como um símbolo de status entre seus pares. Outros pontos que chamaram a atenção foi a resposta de Arthur (indiferença) sobre a ausência da camisa do CEO (Centro Esportivo Olhodaguense) e a dificuldade de João Miguel em nomear o time do próprio avô — preferindo a associação imediata com o PSG — sinalizam um distanciamento entre o que eles consomem digitalmente e a realidade física do seu território.

Há uma percepção que a origem desse comportamento está ligada a uma lógica de valorização do que vem de fora. No ambiente doméstico, a camisa de um clube europeu ocupa o lugar da "roupa de sair", como no entendimento de Francisco, funcionando como um traje de gala. Esse gesto, ao se vestir de Juventus para estar "arrumado", demonstra que essas camisas carregam um valor simbólico de elegância e importância que supera o vestuário comum (digo camisas nacionais). Ter a camisa do Manchester City ou do Real Madrid é, para eles, uma forma de se conectar a um mundo de sucesso, mesmo que isso signifique apagar a memória afetiva local, como ocorreu com João Miguel ao esquecer o nome do time da própria família.

O direcionamento pedagógico que essa constatação me trouxe foi a necessidade de propiciar caminhos para desenvolvimento do sentimento de pertencimento nas aulas de Educação Física. Se o aluno não reconhece o time da própria cidade ou do bairro como algo valioso, ele corre o risco de transforma-se em um "estrangeiro" em seu próprio lugar. A partir dessas evidências, entendi que uma possível intervenção deveria ir além do gesto técnico, propondo atividades que resgatassem a história do futebol regional ou comunitário. O objetivo é mostrar que, embora o futebol seja um fenômeno global, a experiência real de jogo acontece aqui, no chão da rua, na escolinha ou no ginásio da escola, e possui uma história comunitária que merece ser valorizada tanto quanto o valor midiático do futebol europeu.

c) As influências familiares:

A categoria influência familiar, se mostrou mais evidente ao observar as dinâmicas de Arthur, João Miguel, Francisco e Felipe, pois revelou-se o alicerce sobre o qual se constrói a identidade desses meninos. Os discursos registrados apontaram que o futebol não é apenas uma prática esportiva escolhida ao acaso, mas uma herança cultural transmitida por gerações. A imagem da família de Arthur reunida em frente à televisão para prestigiar um Flamengo X Vasco ou o compromisso fiel de seu pai com os horários de treino na escolinha, demonstram que o esporte é um projeto compartilhado. No caso de João Miguel, Francisco e Felipe, a presença de figuras masculinas — avôs, tios e irmãos — atua como um suporte emocional e de incentivo, legitimando o futebol como o principal caminho de lazer e afirmação social.

Com essas constatações percebi que a origem desse comportamento entusiasmado e de entrega ao jogo, reside na rede de afetos que envolve os estudantes. O ambiente doméstico funciona como o primeiro "centro de treinamento" simbólico, onde as memórias e encontros familiares alimentam o desejo desses estudantes em pertencer a esse universo. Essa rede de incentivos pode ser uma das explicações que sustentam a assiduidade na escolinha e justifica o esforço da família, por exemplo, em prover chuteiras, mensalidades e fardamento, transformando o futebol em uma linguagem comum dentro de seus contextos familiares.

Tal dinâmica me fez entender que durante nossos encontros na quadra, a forte carga de expectativa familiar, também faz com que o desempenho nas aulas Educação Física seja carregado de uma responsabilidade que vai além da prática. Diante desse cenário, faz todo sentido durante as atividades na escola, acolher essa tradição compartilhada, mas também oferecer aos alunos a possibilidade de vivenciar o esporte para além da obrigação de "dar orgulho" aos seus incentivadores. O objetivo é criar um espaço onde o prazer de jogar bola possa existir por si só, sem o peso das expectativas familiares, permitindo que cada um construa sua própria relação com o movimento.

Eixo 02 – O território das tensões: o gênero e a ocupação do espaço.

Agrupou as categorias: gênero e o futebol e a dinâmica da escola/ginásio.

a) Gênero e futebol:

Essa categoria surge ao se examinar as trajetórias de Laura, Emanuele e Jhenifé, visto que, o preconceito e a restrição de gênero revelaram-se uma barreira explícita que molda a experiência escolar dessas alunas. Os discursos registrados revelaram uma realidade de

violência simbólica, como nos casos de Laura e Emanuele que deixam de ocupar a quadra devido à hostilidade dos colegas que, por meio de insultos e rótulos pejorativos, demarcam o futebol como uma espécie de "QG masculino". O relato de Emanuele é particularmente contundente e ao mesmo me fez ficar preocupado, expondo que o desejo de jogar é cerceado tanto pelo julgamento dos pares, quanto por atos de agressão (ao ter sua camisa do Flamengo rasgada), evidenciando uma tentativa de apagar sua identidade esportiva.

Ao confrontarmos os discursos, as vivências e o cotidiano escolar, percebe-se que a engrenagem que sustenta essa exclusão está profundamente enraizada na vigilância familiar e na desigualdade de acesso ao território do jogo, seja ele na rua ou na quadra. Enquanto o irmão de Jhenifé e os meninos da turma possuem a liberdade da “pedagogia da rua”, Jhenifé é confinada ao ambiente doméstico, restando-lhe o ato de "chutar contra a parede" como uma forma silenciosa de resistência e desejo. Essa lógica de controle manifestou-se de forma ainda mais nítida na recusa ríspida de seu pai à pesquisa, sugerindo que a circulação de um professor no ambiente privado era lida como uma interferência na estrutura de autoridade exercida sobre a esposa e a filha. No ambiente escolar, essa barreira invisível entre meninos e meninas é reproduzida: os meninos sentem-se "donos" da quadra justamente porque o território de fora já lhes pertence por herança de um machismo estrutural.

O horizonte que essas evidências me apresentaram foi a necessidade de uma Educação Física que não apenas "deixe as meninas jogarem", mas que confronte ativamente as estruturas de poder na quadra. Ficou claro que a exclusão não é uma escolha das alunas, mas uma imposição silenciosa (e às vezes barulhenta) que as empurra para o "pega-pega" às margens do ginásio, como na fala de Emanuele. Nesse cenário, compreendi que minha intervenção poderia pautar a democratização do acesso às práticas corporais e o direito ao corpo como temas centrais, desafiando a turma a repensar quem pode ocupar o centro do espaço e por que o futebol, um bem cultural, ainda é utilizado como arma de segregação contra as mulheres.

b) A ocupação do espaço:

Ao observar os fluxos e movimentos na escola, nota-se que o futebol atua como um elemento onipresente na rotina desses adolescentes, um eixo central que articula as relações sociais do 6º ano C. As cenas registradas no intervalo revelaram que essa cultura não se manifesta apenas no movimento, mas na própria organização dos grupos (algumas “rodinhas” que se formam), nos discursos e nos objetos que carregam em suas mochilas: chuteiras, luvas ou camisas que permanecem guardadas na sala, a espera silenciosa pelo "sim" que autoriza a ida ao ginásio. Mesmo em momentos de descontração, alheios à bola, como no jogo de baralho,

a identidade dos “boleiros” permanece pulsante, vista de modo perceptível, através dos diálogos constantes sobre o mundo da bola, que por sua vez, pautam os encontros habituais desses adolescentes. Essa conexão com o esporte é tão profunda que transborda em gestos impulsivos, como na manhã que converteram uma simples garrafa plástica vazia em um objeto de jogo (bola). Esse ato espontâneo de chutar o que está pelo caminho revela que, para esses adolescentes, o futebol não é apenas uma prática, mas uma forma de estar no mundo.

Nesse contexto, percebe-se também que o futebol é um *start* que movimenta uma engrenagem, que por sua vez, governa o uso do espaço e gera uma divisão física nítida entre os corpos. No ginásio ou no clube, o futebol dita o ritmo do ambiente, muitas vezes empurrando quem não faz parte do grupo dominante para as bordas. Laura, Emile e Emanuele são personagens de um grupo maior que acabam “espremidas” nos pequenos recuos deixados pelo deslocamento das balizas ou, que optam pelo isolamento nas arquibancadas, sentindo que aquele centro não lhes pertence. Mesmo Jhenifê, apesar de sua técnica, acaba vivenciando um “não-lugar”, treinando sozinha em espaços marginais por não encontrar eco na dinâmica agressiva que se estabelece no centro da quadra.

Toda essa conjuntura me fez perceber que a Educação Física, por vezes, contribui ou reproduz uma hierarquia onde o futebol, enquanto prática hegemônica, acaba por “espremer” as demais possibilidades de convivência. Foi possível observar que o domínio dos meninos sobre a maior parte do ginásio e do espaço do clube não é apenas uma ocupação física, mas uma mensagem simbólica de quem detém o protagonismo naquele território. A partir dessas cenas de exclusão silenciosa, minha intervenção poderia se pautar na busca por uma reconfiguração da quadra, transformando-a de um espaço restrito a poucos em um território de direito coletivo, onde o futebol conviva com as outras identidades sem sufocá-las.

Eixo 03 – O brincar sob o cerco e a escola como refúgio.

Agrupou a categoria: o perigo da rua e o confinamento.

a) A rua como território de incertezas:

Sob o prisma das condições de vida e lazer, o que se observou foi que a rua deixou de ser um espaço de plena liberdade para se tornar um território de incertezas, onde o brincar é constantemente mediado pelo medo ou pela restrição espacial. As cenas colhidas nos relatórios revelaram um mosaico de realidades: enquanto Arthur desfruta do raro privilégio de um bairro ainda calmo (durante o dia), longe da intensa movimentação dos bairros próximos ao centro da cidade, a maioria de seus colegas, como Adrian e Felipe, enfrenta o confinamento doméstico.

O impacto da insegurança urbana e a carência de infraestrutura pública eficiente, transformam o ato de chutar uma bola em uma atividade de resistência solitária, como faz João Miguel e Felipe respectivamente, manifestada no impacto insistente da bola contra o muro da casa vizinha ou na parede da sala da casa de sua avó, revelando que o corpo desses estudantes clama pelo movimento mesmo quando o acesso ao espaço público lhes é negado.

Ao entrelaçar esses registros com as dinâmicas territoriais observadas, ficou nítido que a força que dita esse isolamento é a combinação entre dois aspectos: a precariedade dos espaços comuns e as diferentes formas de controle familiar. No ambiente doméstico de João Miguel, Francisco e Felipe, o futebol sobrevive de forma fragmentada, entre portões amassados e paredes danificadas, mostrando que a casa se tornou o último reduto de prática diante de uma rua socialmente interdita. Essa realidade ganha contornos específicos na história de Jhenifé, no seu caso, o cerceamento não advém de uma violência urbana declarada, mas de uma vigilância de matriz patriarcal que limita seus passos em comparação aos do irmão. Em relação a Arthur, mesmo diante de sua “liberdade”, a ausência de serviços básicos como a falta de água e a distância dos centros de convivência, surgem como agravantes que tornam o lazer um exercício de enfrentamento das dificuldades do entorno.

O horizonte que essa etapa de escuta me revelou foi a percepção da escola como o principal (e, por vezes, único) território de segurança e encontro coletivo para esse grupo. Foi possível observar que, ao chegar à aula de Educação Física, esses estudantes trazem consigo uma "fome de espaço" acumulada das tardes de isolamento (exceto quando vão à escolinha de futebol). Esses fatos, portanto, consolidam-se como um potencial tema para intervenção na escola. Entendi que o meu papel, para além de qualquer conteúdo formal, poderá ser o de mediar um espaço onde o corpo possa finalmente se expressar e a convivência aconteça sem o cerco das paredes domésticas, validando a escola, dentre as suas obrigações, como um refúgio necessário para o exercício do brincar.

Buscando dialogar diretamente com as necessidades, tensões e visões de mundo do 6º ano “C”, e diante do iminente início dos jogos interclasses e encerramento do ano letivo, o processo de escuta revelou-se o guia fundamental para a decisão sobre o que abordar nos encontros que se aproximavam. Com a disponibilidade de alguns poucos momentos presenciais com os estudantes, as escolhas pedagógicas deram-se de maneira indutiva, partindo dos fatos que mais impactaram o meu olhar, enquanto pesquisador, durante a imersão no campo. Assim, selecionei dois eixos centrais para serem desenvolvidos nas aulas: **1) O corpo feminino e o futebol e 2) Futebol e arte.**

A escolha por essas temáticas não foi aleatória, ela nasceu do desejo de confrontar a exclusão observada e, ao mesmo tempo, celebrar a paixão estética que os alunos demonstraram pela cultura da bola através das camisas. O objetivo central foi promover reflexões e debates que estimulassem novas perspectivas sobre o futebol das aulas de Educação Física, indo além da prática meramente recreativa ou excludente. Dessa forma, buscou-se potencializar os aprendizados e construir, coletivamente, novos significados para o esporte. Significados estes, que estiveram alinhados às experiências de vida e à potencialidade criativa de cada estudante.

Já em relação aos jogos interclasses, momento em que a escola se mobiliza inteiramente para as competições, tornou-se decisivo traçar um planejamento que não interrompesse o fluxo das intervenções. Em vez de uma pausa, busquei aproveitar a efervescência do evento para introduzir uma dimensão de aprendizado ainda não explorada: o tema **Mídia e Futebol**. Essa escolha partiu da observação de experiências passadas, nas quais grupos significativos de estudantes (especialmente do 6º ano) demonstravam resistência ou desconforto com a programação esportiva tradicional, o que resultava em uma vivência escolar incompleta e em um nítido sentimento de não pertencimento.

O intuito dessa proposta foi a necessidade de ressignificar a participação desses adolescentes, promovendo a inclusão por meio de papéis diversificados e igualmente essenciais ao evento. Assim, a semana dos jogos extrapolou a vivência lúdica da competição para se tornar uma experiência de vida formativa, permitindo problematizar as interseccionalidades do futebol sob novos ângulos. Para viabilizar esse objetivo, elaborei, paralelamente a competição, o projeto de intervenção intitulado "**A VOZ DO JOGO: Mídia e Protagonismo no Interclasses 2025**" (ver anexos). Este miniprojeto ocupou quatro datas (uma dessas, paralelamente à intervenção 2): duas semanas anteriores ao evento, a semana de véspera ao evento, a semana dos jogos propriamente ditos e uma terça-feira reservada para a avaliação e o *feedback* coletivo das atividades produzidas.

Quadro 2 – Cronograma de intervenções pedagógicas.

Data	Intervenção	Eixo desenvolvido
04/11/2025	01	- O corpo feminino e o futebol.
11/11/2025	02	- Futebol e arte. - Reunião geral sobre o projeto "A voz do jogo".
18/11/2025	03	- Reunião de pauta/alinhamento das ações do projeto "A voz do jogo".
24 a 27/11/2025	03	- Interclasses 2025 / cobertura midiática.
09/12/2025	04	- Pós-jogo, avaliação do projeto.

Fonte: O autor (2026).

As metas estabelecidas para essa etapa focaram em converter a resistência em engajamento e estruturaram-se nas seguintes dimensões e objetivos:

- **Participação Ativa:** Assegurando que os estudantes distantes da prática esportiva tradicional assumissem responsabilidades cruciais na cobertura midiática;
- **Experimentação Profissional:** Permitindo o contato com funções do universo do futebol (repórter, fotógrafo, narrador, comentarista e social media), expandindo a percepção sobre as possibilidades de atuação nesse campo;
- **Alfabetização Midiática:** Capacitando os alunos no uso de ferramentas de comunicação e mídias sociais para a produção de conteúdo informativo e de entretenimento;
- **Análise Crítica:** Estimulando a reflexão sobre como o esporte é noticiado e consumido, abordando temas como ética na informação e representatividade;
- **Fortalecimento de Vínculos:** Desenvolvendo a responsabilidade e o trabalho em equipe, consolidando o senso de pertencimento à comunidade escolar através de um produto concreto.

Ressalto, que o detalhamento do desenvolvimento dessas intervenções, bem como a análise minuciosa dos resultados alcançados por este miniprojeto, será integralmente contemplado no próximo tópico.

7.2.4 As táticas que funcionaram e os erros de passe.

7.2.4.1 1ª Intervenção.

A primeira intervenção realizada com a Turma C foi estruturada sob o tema “O corpo feminino e o futebol: desconstruindo estereótipos e promovendo a inclusão” – o plano de ação dessa e das demais intervenções encontra-se na seção apêndices. Esta etapa teve como propósito central confrontar os limites invisíveis que afastam as estudantes da prática, desdobrando-se nos seguintes objetivos:

- a) Investigar como a construção histórica e social do corpo feminino no Brasil reflete no acesso e na permanência da mulher no futebol;
- b) Debater as rotulagens de gênero no esporte, questionando a compreensão de que certas modalidades seriam exclusivamente masculinas;
- c) Fomentar o respeito às diferenças e a valorização da igualdade de direitos e oportunidades dentro e fora da quadra;

- d) Proporcionar uma prática do futebol que seja, acima de tudo, acolhedora e divertida, permitindo que as meninas ocupem o centro do jogo e rompam com o estigma de que o esporte "é coisa de menino".

A aula foi desenhada como um convite à reflexão sobre as barreiras invisíveis que moldam o comportamento de meninos e meninas na quadra. O encontro iniciou-se com uma roda de conversa, estratégia escolhida para horizontalizar o diálogo e permitir que as primeiras impressões sobre o futebol surgissem sem filtros. Inicialmente os questionei sobre o que lhes vinham à mente ao ouvir a palavra "futebol", o objetivo foi provocar a turma a materializar seus pensamentos em uma folha papel.

As respostas obtidas revelaram um imaginário coletivo fortemente alicerçado na materialidade e na espetacularização do esporte. A centralidade da figura do jogo ficou evidente com a "bola" sendo citada por quase 40% dos presentes (10 menções), enquanto o restante das palavras gravitou em torno de clubes de elite (Flamengo e São Paulo), grandes ídolos (Pelé, Cristiano Ronaldo) e momentos de ápice (Copa do Mundo, *Champions League* e Gol). O dado mais latente, contudo, foi a omissão absoluta do universo feminino: nenhuma resposta mencionou jogadoras, times ou categorias que não fossem a masculina.

Quadro 3 – Imaginário coletivo sobre futebol.

<i>Quando vocês pensam em “futebol”, o que vem à cabeça? Que imagens, que palavras, que pessoas?</i>	
Categoria	Frequência de citações.
Bola	10 vezes
Jogadores	3 vezes
Flamengo	2 vezes
Gol	2 vezes
Correr	2 vezes
Pelé	1 vez
Cristiano Ronaldo	1 vez
Torcida	1 vez
Goleiro	1 vez
Champions League	1 vez
Copa do Mundo	1 vez
São Paulo	1 vez

Fonte: O autor (2026).

No entanto, o cenário mudou quando o foco foi direcionado ao futebol feminino; após o registro visual de algumas atletas consagradas e personagens da modalidade, os alunos foram instigados a revelarem o que pensam ou escutam sobre a versão feminina do jogo. As novas percepções foram anotadas no verso da mesma folha:

Quadro 4 – E quando o assunto é futebol feminino?

<i>E quando vocês pensam em futebol feminino? O que muda? O que vocês sentem ou ouvem sobre isso?</i>	
Categoria	Frequência de citações.
Mulher	3 vezes
Mulher fazendo gol	3 vezes
Menina jogando bola	3 vezes
Meninas	3 vezes
Jogadoras	3 vezes
Machismo	2 vezes
Goleira	2 vezes
Uniforme feminino	1 vez

Fonte: O autor (2026).

As respostas à segunda pergunta revelaram uma mudança drástica e positiva no tom do diálogo, saindo do "futebol-espetáculo" (ídolos e clubes) para o "futebol-sujeito" (quem joga).

Figura 41 - Dinâmica 1: o que vêm à cabeça quando pensam em futebol?

Fonte – Acervo pessoal (2025).

Figura 42 - Dinâmica 2: e quando pensam em futebol feminino?



Fonte – Acervo pessoal (2025).

Esse contraste imediato serviu como ponto de partida para uma exposição oral necessária sobre os conceitos de patriarcado e sexismo. Utilizando uma linguagem acessível, busquei traduzir essas estruturas sociais como ideias antigas que ainda tentam ditar o que é "coisa de homem" e "de mulher", influenciando desde a divisão de tarefas domésticas até o julgamento das roupas e comportamentos das meninas na escola.

Durante a explanação sobre como a cultura do patriarcado molda nossos comportamentos, busquei trazer exemplos concretos da rotina doméstica para aquele espaço. Ao questionar os meninos sobre quem participava de tarefas como lavar a louça ou arrumar a casa, o resultado foi um retrato fiel da desigualdade de gênero: apenas quatro dos 19 meninos ergueram a mão. O silêncio dos demais foi rompido pela fala emblemática de Jhoy Samuel (12 anos), que justificou sua inércia com uma frase que sintetiza séculos de construção social:

“- Professor, eu não sou mulé!” - Jhoy Samuel.

Neste momento, a tensão da fala de Jhoy foi confrontada pela postura de Carlos Eduardo (12 anos), um dos poucos que haviam assumido as tarefas domésticas. Acenando negativamente com a cabeça, ele rebateu o colega, afirmando que arruma seu quarto e ajuda a mãe na cozinha, sentenciando:

“-Por isso não vou deixar de ser homem!” – Carlos Eduardo.

Este embate entre os dois estudantes revelou que a masculinidade, para muitos desses jovens, ainda é vista como uma fragilidade que pode ser "perdida" ao realizar tarefas tidas como femininas. A fala de Carlos, porém sinaliza uma brecha importante: a percepção de que a identidade masculina não depende da exploração do trabalho da mulher.

Ao inverter a pergunta para as meninas, questionando-as sobre a liberdade de brincar nas ruas ou praças, a resposta confirmou que o lazer feminino é condicionado. A grande maioria afirmou que possui liberdade, mas com uma ressalva crucial: o "brincar" só acontece após o cumprimento das obrigações domésticas. A fala de Laura ecoou como um consenso entre as colegas:

“-Professor, eu brinco. Mas só depois de fazer as coisas!” - Laura.

Enquanto para os meninos a rua é um direito natural, para as meninas ela é uma "recompensa" pelo trabalho doméstico. Isso demonstrou como, desde cedo, o corpo feminino é treinado para servir e para o ambiente privado, enquanto o masculino é incentivado ao domínio do espaço público e ao lazer sem contrapartidas.

Após essas interações, introduzi o conceito de sexismo como o mecanismo que sustenta essa desigualdade, explicando que ele ocorre quando um gênero se sente superior ou mais importante que o outro. O silêncio que tomou conta da quadra nesse instante foi profundo; era o peso da descoberta de que os comportamentos que eles consideravam "normais" tinham um nome e uma lógica de dominação.

Utilizei a própria fala de Jhoy para ilustrar o conceito; expliquei que a crença de que tarefas "delicadas" cabem apenas às mulheres, enquanto o esforço físico e a liderança pertencem aos homens, gera uma desvalorização silenciosa da capacidade feminina. Essa estrutura retira das mulheres o direito de gerir suas próprias escolhas e reduz suas habilidades intelectuais e corporais a papéis sociais engessados.

Essa compreensão da desigualdade dentro de casa foi o combustível necessário para mover a discussão do ambiente doméstico para as quatro linhas da quadra. Uma vez identificado o sexismo na divisão da louça, tornou-se inevitável questionar por que ele também se manifestava na divisão da bola, preparando o terreno para o próximo momento da aula.

A discussão avançou para o campo das experiências vividas. Ao questionar se já haviam presenciado frases que desprezavam o futebol feminino, abriu-se um espaço de escuta onde as vozes da rua, da casa e da própria escola se manifestaram no “SIM”. Para contrapor essa percepção, apresentei um vídeo com lances emblemáticos de atletas profissionais durante os jogos. O impacto visual dos gols e dribles serviu como uma evidência irrefutável de habilidade, levando-os a questionar a veracidade das críticas que costumam ouvir ou reproduzir.

Figura 43 - Grupo de meninos atentos as jogadas de habilidade do futebol feminino.



Fonte – Acervo pessoal (2025).

A habilidade técnica apresentada nos vídeos funcionou como um choque de realidade contra o discurso do "futebol feminino chato":

“-Professor, jogam demais!” – Jhon Carlos.

“-Driblam que só...” – sussurrou Álvaro.

No segundo momento, a teoria ganhou rosto e história com a presença de uma convidada especial: convidei a professora Geyce, da disciplina de Ciências e da mesma unidade de ensino para se aproximar e contar um pouco sobre a sua história e suas vivências com o futebol na infância. Essa estratégia buscou aproximar o tema da realidade cotidiana dos alunos, transformando a discussão em algo palpável e inspirador. Sua fala tornou o tema muito mais próximo para os alunos, que estão em plena fase de formação de identidade e de questionamentos sobre o papel do corpo e de gênero nos esportes. Ao compartilhar sua paixão pelo futebol, ela gerou uma identificação imediata.

Figura 44 - Professora Geyce contando sobre suas vivências.



Fonte – Acervo pessoal (2025).

Ao final, os estudantes elaboraram perguntas que revelaram curiosidades sobre os desafios, as conquistas e a trajetória de uma mulher em um território historicamente masculino. Esse diálogo entre gerações permitiu que, principalmente as meninas, vissem, na figura de sua própria professora, a personificação da resistência e do talento.

Curiosamente, a maior parte das interações partiu dos meninos, seis deles tomaram a palavra, enquanto apenas uma menina se sentiu à vontade para perguntar a convidada. As indagações, embora carregadas da espontaneidade e inocência típicas da idade, percorreram diferentes nuances da vida esportiva, como por exemplo: *"Por que você parou de jogar?"*, *"Você assiste futebol na TV?"* e *"Para que time você torce?"*.

Entretanto a pergunta que deu o tom mais profundo e tocou na ferida social do tema não partiu da curiosidade técnica, mas da vivência de quem enfrenta diariamente as barreiras do preconceito. **Emanuele**, que lida na prática com os julgamentos alheios por ser uma entusiasta do esporte, lançou o questionamento mais significativo:

"- O que você fazia quando as pessoas diziam para você não jogar?" - Emanuele.

Essa pergunta, carregada de uma busca por acolhimento, encontrou eco na resposta mais longa e detalhada dada por Geyce. A professora não apenas respondeu a uma dúvida, mas ofereceu um depoimento de resistência, compartilhando como lidou com as interdições ao seu corpo e ao seu desejo de jogar futebol ao longo da vida.

Figura 45 - Momento de diálogo: Emanuele ao fundo, com a mão timidamente levantada esperando a sua vez de perguntar.



Fonte – Acervo pessoal (2025).

O que deu certo:

A aprendizagem ganhou contornos de realidade nos pequenos gestos e nas quebras de silêncio que pontuaram a intervenção. O primeiro "clique" veio com a postura firme de Carlos, ao desmistificar a ideia de que o cuidado doméstico afetaria sua masculinidade, desafiando abertamente o preconceito de Jhoy. Esse movimento abriu caminho para que a percepção sobre o futebol também mudasse; o impacto técnico das atletas nos vídeos rompeu resistências, ecoando no reconhecimento de John sobre a competência das jogadoras e no sussurro admirado de Álvaro diante da qualidade dos dribles presenciados.

Para as meninas, a aula deixou de ser um debate teórico e tornou-se um espaço de inspiração e resistência, simbolizado após a fala da professora convidada (provocada por um questionamento pertinente de Emanuele). O aprendizado real residiu na desnaturalização do privilégio masculino e no fortalecimento do pertencimento feminino. Ao final, o futebol foi ressignificado pela turma não apenas como um jogo de bola hegemonicamente masculino, mas como um território de direito que independe de gênero.

Esse primeiro momento permitiu colocar em análise uma das marcas mais fortes da cultura do “jogar bola” na escola: a associação quase automática entre futebol, masculinidade e habilidade corporal. Ao tematizar o futebol feminino, a aula não apenas apresentou outro recorte do esporte, mas provocou a turma a questionar quem historicamente teve o direito de

ocupar esse espaço com legitimidade. As reflexões de Daólio (1995) ajudam a interpretar esse movimento ao evidenciar que o corpo não pode ser compreendido apenas em sua dimensão biológica, pois também é produzido culturalmente. As reações dos estudantes, os questionamentos levantados e a escuta da professora convidada revelaram que os limites impostos às meninas no futebol não são naturais, mas produzidos socialmente e reproduzidos, muitas vezes, dentro da própria escola.

Esse movimento também tensiona a discussão sobre o “reinado da bola”, pois mostrou que a hegemonia do futebol nas aulas de Educação Física não afeta todos os estudantes da mesma forma. Embora o futebol apareça como prática desejada e valorizada pela turma, sua presença pode reforçar exclusões quando permanece presa à lógica dos mais habilidosos, dos meninos que ocupam a quadra com maior segurança e das meninas que, por diferentes razões, acabam sendo empurradas para uma participação secundária. A intervenção, portanto, não negou a força do futebol no cotidiano dos alunos, mas colocou essa força em debate, permitindo que a turma percebesse que gostar de futebol não significa aceitar, sem questionamento, os modos desiguais como esse esporte foi historicamente organizado e vivido.

Ao mesmo tempo, a proposta se afastou da lógica do “rola a bola”, discutida por González (2020), pois partiu do interesse dos estudantes pelo futebol sem se limitar ao desejo imediato de apenas jogar. A exibição dos vídeos, a roda de conversa, o depoimento da professora convidada e as perguntas levantadas pelos alunos transformaram o futebol em objeto de intervenção pedagógica intencional, aproximando-se da compreensão de Machado *et al* (2010). Assim, o que deu certo nessa intervenção foi justamente a possibilidade de transformar uma prática já significativa para os estudantes em oportunidade de reflexão sobre participação, igualdade e pertencimento.

Os erros de passe:

Nem toda estratégia desenhada no papel resiste às pulsações do cotidiano escolar. É preciso reconhecer que a intervenção enfrentou desafios estruturais e conjunturais que impactaram o fluxo planejado. O início da aula às 10h10min nos colocou diante de um cenário crítico: o pós-intervalo. Os estudantes chegaram ao ginásio com os corpos aquecidos pela agitação do “recreio” e o ambiente pouco arejado, castigado pelo calor intenso do horário, potencializou a inquietude da turma.

O desafio de estabelecer uma escuta atenta tornou-se físico. Pedir que o grupo se sentasse no piso da quadra para um momento de exposição oral, em meio à alta temperatura do verão em um ambiente fechado, revelou-se uma barreira ao engajamento. Essa configuração espacial e térmica alimentou conversas paralelas, focos isolados de indisciplina e pedidos

constantes para saídas ao bebedouro, fragmentando a organização da intervenção. Diante dessa dispersão, os 90 minutos previstos mostraram-se insuficientes. Essa autocrítica, que é necessária, apontou para uma carência na gestão do tempo, do grupo e do espaço, o que dificultou e culminou no cancelamento da vivência prática de futebol misto que encerraria o encontro.

Enquanto pesquisador, trazer um destaque sobre relevância desses entraves, contudo é fundamental visto que as “falhas”, para além de meras intercorrências, também são dados da realidade. Documentar essas dificuldades além de um exercício, pode oferecer subsídios valiosos para o refinamento de futuras intervenções.

7.2.4.2 2ª Intervenção.

Durante a semana seguinte, realizou-se a segunda intervenção planejada e foi estruturada sob o tema “Futebol e Arte: as cores da paixão”. O objetivo central foi deslocar o olhar do aluno do campo puramente esportivo para o campo cultural e estético, analisando a camisa de futebol como um objeto de design, moda e comunicação, buscando assim, com que os estudantes compreendessem como cores e símbolos funcionam como elementos de identidade e pertencimento. E ao final, permitindo que eles próprios experimentassem o papel de criadores ao projetarem suas próprias identidades visuais.

Para esse encontro, o plano começou a ganhar forma ainda na aula anterior, quando solicitei aos estudantes que trouxessem de casa camisas de times de futebol, sem adiantar detalhes sobre a dinâmica. A proposta foi estruturada para ocupar um período inicial de 100 minutos (duas aulas), porém, aproveitando uma lacuna deixada por uma ausência no corpo docente, nosso momento passou a ocupar além das duas aulas regulares de Educação Física, uma terceira aula diante da oportunidade.

A aula aconteceu no espaço onde merendam (em frente ao refeitório), um espaço amplo, aberto e com muitas mesas o que favoreceu a dinâmica inicial: a montagem de um grande “varal de camisas”. Com o auxílio da turma, transformamos o local em uma exposição viva. Esse momento foi enriquecido por uma rede de colaboração que revelou o quanto o futebol pulsa em todos os segmentos da escola: o Diretor Geral (ex-jogador profissional de futsal), o Diretor Adjunto (ex-preparador físico de futebol profissional) e, de forma memorável, o professor aposentado e atual inspetor escolar Inon Melo, todos disponibilizaram seus acervos pessoais. Somamos mais de 70 camisas de diversos clubes de futebol e de épocas diferentes, criando um mosaico histórico e artístico diante dos olhos dos alunos.

Figura 46 - Varal de camisas montado com a ajuda da turma.



Fonte – Acervo pessoal (2025).

A reação inicial dos estudantes diante do volume e da diversidade das peças foi de imediato entusiasmo, transformando aquele momento em um espaço de grande interesse e descoberta. Mais do que espectadores, eles foram protagonistas na construção da própria exposição, ajudando ativamente a esticar as cordas e a prender as camisas, uma a uma. Após a montagem, o que se viu foi um movimento constante de observação: a turma circulava entre as peças, tocando os tecidos, analisando as texturas e escolhendo as camisas que mais lhes chamavam a atenção. Enquanto parte da turma se ocupava com o trabalho da montagem, os demais acompanhavam a organização atentamente, revelando o impacto visual causado pela atividade.

Com o varal pronto, iniciamos uma análise técnica e estética, questionando a recorrência das cores, os detalhes de design (escudos, marcas, golas, patrocínios, tecidos, entre outros) e a antiguidade das peças. Em seguida, foi estabelecido um momento de diálogo para refletir sobre o peso simbólico daquelas camisas.

Em uma linguagem simples, busquei enfatizar que aquelas peças eram muito mais do que uniformes; eram como se fossem "estandartes de família" que carregavam memórias e emoções. Nesse cenário, o professor Inon, que acompanhava tudo de perto como se estivesse admirando e protegendo suas camisas com bastante zelo, tornou-se o protagonista de um resgate

histórico. Como cronista esportivo e figura icônica do futebol regional, ele narrou a origem de várias camisas dentre elas: a do CEO (time da cidade), a história por trás das camisas do Icasa e; da camisa do Íbis, o "pior time do mundo", que deixou os estudantes absolutamente atônitos e imersos nos detalhes narrados.

Figura 47 - Inspetor Inon interagindo com os estudantes no varal de camisas.



Fonte – Acervo pessoal (2025).

A participação do professor Inon elevou a aula a um patamar de resgate histórico e valorização da identidade local. Com a autoridade de quem vivencia o futebol em diferentes funções, ele revelou que as camisas expostas representavam menos da metade de sua coleção pessoal, fruto de um interesse que o leva a buscar um exemplar em cada viagem que realiza. O ponto alto de sua fala aconteceu ao apresentar a camisa do Icasa; com satisfação, Inon destacou que aquela peça fora utilizada por um jogador olhodaguense que saiu do bairro Nova Brasília (a mesma comunidade onde a escola está inserida) para se destacar no futebol cearense, conectando diretamente o cotidiano dos alunos à trajetória de alguém que ocupou as mesmas ruas que eles.

A curiosidade da turma foi alimentada também por histórias curiosas e folclóricas. Inon detalhou a trajetória do Íbis, explicando que a fama do time reside justamente no fato de nunca ter conquistado um campeonato, o que gera uma procura tamanha que existe até fila de espera em Recife para adquirir suas camisas. Muitos estudantes riram e custaram a acreditar na existência do "pior time do mundo":

“- Os jogadores e o técnico não devem saber de nada!” - Lhays

Uma quebra de expectativa interessante para quem está habituado apenas ao glamour dos grandes vencedores e dos times europeus que eles tanto veneram. Por fim, ao falar sobre o CEO, o professor explicou que a fundação do clube coincide com a emancipação política de Olho D’água das Flores e que suas cores são uma homenagem direta à bandeira do município. Ouvindo com atenção absoluta, os alunos interagiram e compreenderam inicialmente que, por trás de cada tecido e cada cor, havia uma história de pertencimento.

Na sequência realizei uma breve explanação sobre as origens das cores de camisas tradicionais como o uniforme rubro-negro do Flamengo e as camisas da seleção brasileira. Diante do sinal do intervalo, o varal transformou-se em uma pequena exposição pública com a visita de muitos estudantes de outras turmas.

Enquanto recolhia as peças do varal para guardá-las e iniciar a dinâmica seguinte, fui questionado por Alyce (12 anos) que me ajudava na tarefa:

“-Professor, interessante que cada uma tem um significado!”

O comentário de Alyce naquele momento me revelou tão cedo a desnaturalização do objeto. Demonstrando que ela começou a notar os sentidos e as memórias por trás de cada cor, transformando a simples curiosidade em um aprendizado real sobre o esporte.

No retorno pós-intervalo, a fruição cedeu lugar à criação ativa. As mesas do refeitório foram reorganizadas para abrigar pequenos grupos de produção, onde cada estudante recebeu um molde de camisa recortado em cartolina branca. O desafio proposto foi o exercício do design: os alunos deveriam projetar a identidade visual de um time imaginário da própria escola. O manuseio das cartolinas brancas serviu como um convite ao preenchimento de novos significados; munidos de pincéis e tintas coloridas, os grupos mergulharam em um processo de escolha intencional. Eles precisaram debater e definir quais valores gostariam que seus times transmitissem e como as cores e símbolos escolhidos poderiam comunicar essas ideias visualmente. A cartolina, antes neutra, ganhou vida através de listras, escudos e composições que refletiram a visão de mundo de cada estudante como nas imagens a seguir:

Figura 48 - Escolhendo as cores e os desenhos que melhor representam a identidade do grupo.



Fonte – Acervo pessoal (2025).

Figura 49 - Quais valores o time deve ter?



Fonte – Acervo pessoal (2025).

Figura 50 - Do papel vazio ao projeto de camisa.



Fonte – Acervo pessoal (2025).

Figura 51 - Concentração na criação das listras e formas.



Fonte – Acervo pessoal (2025).

Figura 52 - Personalidade e vida na obra de arte.



Fonte – Acervo pessoal (2025).

Figura 53 - Arthur mandou essa.



Fonte – Acervo pessoal (2025).

Figura 54 - Davi Francisco também deixou sua marca.



Fonte – Acervo pessoal (2025).

Figura 55 - Camisas que ganharam forma e mostraram a visão de mundo de cada estudante.



Fonte – Acervo pessoal (2025).

Durante a pintura nos moldes de cartolina, notou-se um movimento inicial de identificação com o ambiente, com uma procura intensa pelas cores verde e vermelha, tons que compõem a fachada da escola. Enquanto alguns estudantes se dedicavam a preencher minuciosamente todo o papel com tinta, outros optavam por ganhar tempo focando em detalhes específicos. Percebeu-se que, nos grupos formados por meninos, a inspiração vinha claramente de modelos de times que eles já conheciam, com uma prioridade quase instintiva na criação do "escudo". Já nos grupos formados pelas meninas, as escolhas recaíram sobre a cor rosa e desenhos mais livres, com um olhar mais voltado para o visual geral da peça do que para a simbologia dos brasões.

Esses comportamentos ofereceram caminhos para entender como a turma processa a imagem do esporte. A fixação no escudo demonstrou como o imaginário dos meninos está muito ligado à ideia de clube e tradição, replicando o que veem na TV. Por outro lado, a liberdade das meninas ao priorizarem o design e cores fora do padrão tradicional sugeriu uma relação com o futebol menos presa a regras, usando a camisa como um espaço de criação pessoal. Mesmo quando parte da turma fugiu da proposta original para criar desenhos aleatórios, isso revelou um momento de autonomia, onde o desejo de inventar algo novo superou a intenção de apenas seguir um modelo pronto.

O encerramento da intervenção foi marcado pela montagem de um novo varal, onde as produções autorais dos alunos ocuparam um lugar de destaque no refeitório. Esse gesto consolidou a ideia de que a cultura do futebol também é produzida por eles e no ambiente deles, ao projetarem a identidade da própria escola. Durante o processo, foi possível notar que, mesmo ao criarem seus próprios designs, os estudantes trouxeram marcas internacionais, plataformas de conteúdo e as bets, revelando o quanto o imaginário local é atravessado pelo consumo global e pela mídia. A exposição final não celebrou apenas o talento artístico, mas serviu como um espelho de como esses estudantes enxergam o esporte: uma mistura entre o desejo de pertencimento à sua comunidade e a forte influência dos modelos comerciais que admiram.

Figura 56 - Trabalho concluído: marcas da identidade da turma.



Fonte – Acervo pessoal (2025).

O que deu certo:

A aprendizagem tornou-se real no momento em que as camisas de futebol deixaram de ser tratadas como simples uniformes para serem lidas como um suporte de histórias e escolhas intencionais. Isso ficou evidente no alto nível de engajamento da turma, que não apenas observou o varal, mas apropriou-se dele ao participar da montagem e ao escolher suas peças preferidas através de uma observação atenta.

A interação produtiva entre os alunos e os professores, criou um ambiente de diálogo que permitiu o surgimento de reflexões espontâneas. Por exemplo, a reação de Lhays ao ouvir a história do Íbis, fato que revelou uma interessante quebra de expectativa em relação ao rendimento esportivo. Ao trazer que os jogadores e o técnico "não sabiam de absolutamente nada de futebol" para que o clube carregasse o estigma de "pior time do mundo", a estudante externalizou como o imaginário infantojuvenil é fortemente balizado pela lógica do alto desempenho, da eficiência e da vitória. Na mesma direção, veio o comentário de Alyce, ao notar que "cada camisa tem um significado", aquilo foi o ponto de virada que materializou essa compreensão: o reconhecimento de que o esporte é um território de mensagens e identidades que vão além do jogo em si.

Além disso, a prática de criação revelou que o aprendizado alcançou o campo da autonomia. O exercício de escolher cores e símbolos para os desenhos obrigou os estudantes a pensar sobre o que queriam comunicar através daquelas formas. Mesmo quando reproduziram marcas famosas ou criaram visuais aleatórios, eles exerceram o papel de autores de sua própria cultura.

A segunda intervenção permitiu compreender que o “reinado da bola” não se sustenta apenas pelo desejo de jogar, mas também pelos símbolos que cercam o futebol e dão sentido a ele no cotidiano dos estudantes. As camisas, os escudos, as cores, as marcas e as histórias dos clubes fazem parte de um universo cultural que alimenta o lugar privilegiado ocupado pelo futebol no imaginário dos estudantes. Assim, ao transformar as camisas em objeto de observação e diálogo, a aula deslocou o olhar da turma: aquilo que antes poderia ser visto apenas como uniforme passou a ser lido como suporte de narrativas, escolhas e valores.

Essa leitura também ajudou a enfrentar a lógica do desinvestimento pedagógico, especialmente quando o futebol deixa de ser usado apenas como ocupação do tempo ou recompensa para os alunos e passa a ser tratado como conteúdo intencionalmente organizado. A reação de Lhays diante da história do Íbis e o comentário de Alyce ao perceber que “cada camisa tem um significado” indicam que a mediação pedagógica possibilitou aos estudantes estranhar aquilo que antes parecia comum. A partir desse estranhamento, o futebol passou a ser

percebido como fenômeno que comunica vitórias e derrotas, humor e afeto, tradição e identidade. Superando a visão reducionista do fenômeno esportivo na escola como trouxe Silva e Campos (2014).

A etapa de criação das camisas ampliou ainda mais esse movimento. Ao escolherem cores, símbolos e desenhos, os estudantes não apenas reproduziram elementos já presentes na cultura futebolística, mas também produziram suas próprias leituras sobre ela. Vago (2009) contribui para compreender esse processo ao defender a Educação Física como espaço de aprendizagem, circulação e produção de cultura. Nesse sentido, a atividade não se reduziu a uma produção artística complementar, mas constituiu uma experiência de autoria. Embora haja aspectos que possam ser aprofundados em intervenções futuras, o encontro cumpriu papel importante ao incentivar os alunos a saírem da posição de espectadores para se tornarem sujeitos capazes de analisar, criar e atribuir novos sentidos ao que veem, vestem e reconhecem como parte de seu mundo.

Os erros de passe:

Um dos desafios marcantes foi a gestão de uma turma numerosa em um espaço aberto. Manter o equilíbrio entre o entusiasmo dos alunos e a necessidade de não interferir nas aulas das salas vizinhas exigiu um esforço constante de organização e paciência. Além disso, a própria dinâmica do ambiente escolar trouxe imprevistos: durante o intervalo, a curiosidade de outros estudantes que circulavam pelo refeitório, acabou provocando a queda do varal. Embora esse episódio tenha exigido tempo para reorganizar a exposição, ele também serviu para mostrar o quanto o acervo chamava a atenção e despertava o interesse de todos que passavam por ali.

No que diz respeito ao planejamento das atividades, o fator tempo acabou limitando algumas etapas. A criação dos moldes de cartolina, por exemplo, que seria um momento interessante de construção coletiva, precisou ser simplificada, e os moldes foram levados prontos para que pudéssemos cumprir o calendário previsto. Essa adaptação, embora necessária para garantir a execução da pintura, acabou reduzindo o tempo de envolvimento manual dos estudantes com o material. Essas situações, funcionaram como aprendizados práticos sobre como ajustar as expectativas e as ferramentas de ensino à realidade e ao ritmo vivo da escola.

7.2.4.3 3ª Intervenção.

A terceira intervenção pedagógica consolidou-se como uma construção coletiva, materializada em um miniprojeto executado durante os jogos interclasses. A proposta foi

estruturada de forma estratégica, assegurando a viabilidade das ações frente ao cronograma disponível e à realidade temporal da instituição.

Intitulado de “A voz do jogo: Mídia e Protagonismo no Interclasses 2025”, seu desenvolvimento aconteceu da seguinte forma:

Semana -2 (duas semanas antes): Pontapé inicial.

A semente desse projeto já havia sido plantada em conversas anteriores, o que gerou um engajamento instantâneo da turma. Ao apresentarmos formalmente os objetivos, o foco foi claro: tirar os alunos do papel passivo de "espectadores" ou "não-participantes" - estigma muitas vezes carregado por quem não se identifica com a prática esportiva - e colocá-los como protagonistas ativos.

Nesse momento, nasceu o **Grupo de Cobertura Midiática (GCM)**. A ideia era que, enquanto parte da turma representasse o 6º C nas quadras, outros ocupariam funções valorizadas de registro e comunicação, garantindo que todos tivessem um senso de utilidade e pertencimento à comunidade escolar.

Semana -1: A Reunião de Pauta.

Uma semana antes dos jogos, transformamos a sala de aula em uma verdadeira redação. Enquanto os "boleiros" focavam na ficha de inscrição e na estratégia dos jogos, o restante da turma dividia as tarefas do GCM: social media, fotógrafos, repórteres, operadores de vídeo e apoio técnico.

Definimos que o Instagram seria nossa plataforma principal e estabelecemos um “manual de ética”, discutindo o que seria postado e como realizar entrevistas pautadas pelo decoro. Assumi o papel de “editor-chefe”, garantindo o alinhamento com as políticas da escola, mas dando autonomia para que eles operassem os equipamentos (celulares, microfones e filmadoras).

Semana 0: Cobertura do Evento.

No primeiro dia, a equipe do GCM chegou cedo para receber seus kits: coletes brancos de identificação e crachás personalizados. O impacto visual foi imediato, chamando a atenção de autoridades e gestores da educação que se faziam ali presentes para a abertura oficial do evento. Durante quatro dias de projeto, os espaços destinados aos jogos tornaram-se cenário de um trabalho intenso:

- **Repórteres de campo:** Realizaram entrevistas dinâmicas com jogadores, professores, coordenação e gestão escolar.
- **Fotógrafos e Cinegrafistas:** Capturaram desde jogos completos em que a turma se apresentava até a emoção da torcida nas arquibancadas.

- **Social Media:** Laura, posteriormente Alyce e Grazieli, sob minha supervisão, transformavam todo o material bruto em *posts* e *stories* que levaram o evento para além dos muros da escola.

A experiência de utilizar o colete e o crachá funcionou como um marco de confiança para os estudantes do GCM, fazendo com que se sentissem peças fundamentais do evento, o que eliminou o receio de interagir com as pessoas de início. Esse comportamento atraiu o interesse do público, despertando a curiosidade das pessoas e logo em seguida, dando lugar ao reconhecimento, diante dos pedidos de registros e entrevistas pelos estudantes presentes, o que comprovava o valor do trabalho que estavam realizando. Ao final, o interesse dos alunos do grupo crescia à medida que recebiam elogios da comunidade e dos professores, fortalecendo um ciclo de aprendizado prático que transformou a cobertura em um momento autodescoberta.

Um fenômeno interessante aconteceu: com o passar dos dias o GCM tornou-se um rodízio espontâneo. Alunos que não estavam escalados inicialmente começaram a ajudar, assumindo o microfone ou a câmera, o que enriqueceu a produção.

Figura 57 - Equipe do GCM em ação.



Fonte – Acervo pessoal (2025).

Enquanto as outras turmas se dispersavam, o 6º C permanecia unido em um setor específico da arquibancada, fortalecendo a identidade do grupo.

Figura 58 - Capitão Arthur sendo entrevistado por seu xará Arthur Brito, que por sua vez, assumiu o papel de repórter durante os jogos. Eloá, registrava tudo de vídeo.



Fonte – Acervo pessoal (2025).

Figura 59 - Torcida organizada, como parte integrante da dinâmica dos jogos de futebol, também ganhou forma.



Fonte – Acervo pessoal (2025).

A repercussão digital da cobertura foi um dos marcos dessa intervenção. O perfil no Instagram, alimentado em tempo real, rapidamente se tornou o principal canal de informações

sobre o Interclasses, alcançando números de visualizações que surpreenderam a própria turma, inclusive, sendo os conteúdos repostados pelos perfis oficiais da Escola e da Prefeitura Municipal de Olho D'água das Flores. Cada *story* postado, cada registro de gol e cada vídeo de entrevista publicado geravam uma onda de engajamento que envolvia não apenas os estudantes, mas também familiares e a equipe escolar. Esse alcance indicou que a produção dos alunos teve valor real de comunicação, dando visibilidade ao protagonismo de toda a turma e transformando a percepção comum sobre o que significa produzir conteúdo e "fazer jornalismo" no ambiente escolar.

Figura 60 - Print de um post do perfil oficial da EMEB Maria Augusta de uma das entrevistas realizadas.



Fonte – Instagram. Disponível em: @escolamariaaugustaofc. Acesso em 01 de Mai.2026.

Figura 61 - Print de um relatório de interações no perfil criado para a turma após interclasse.



Fonte – @6cnaarea

Figura 62 - Print de um relatório contendo o alcance de uma das entrevistas realizadas e postadas no perfil.



Fonte – @6cnaarea

Semana +1: O Pós-Jogo.

Na semana seguinte ao evento, a roda de conversa para autoavaliação, foi realizada em sala e transformou-se em um exercício de maturidade e olhar crítico sobre o que havíamos construído.

Ao refletir sobre os desafios da equipe, Emanuele pontuou com honestidade a importância do compromisso coletivo:

“-Poderia ser melhor se todos viessem e participassem mais. Porque a maioria dos meninos que disseram que iria jogar não vieram!”.

Essa observação evidenciou que a turma começou a perceber como a responsabilidade individual impacta o resultado de todo o grupo. Por outro lado, o entusiasmo com o ritmo da cobertura midiática foi validado quando ela destacou a dedicação ininterrupta da equipe do GCM.

“-Professor, toda hora postavam coisa!”

A confirmação de que o projeto rompeu os muros da escola veio com o relato de Alessanderson, que orgulhosamente compartilhou:

“-Professor, minha mãe mesmo seguiu (o Instagram da turma)!”.

Essas falas não apenas reafirmaram o sucesso da dinâmica, como também serviram de base para pensarmos em melhorias futuras, reforçando o sentimento de que eles eram, de fato, os donos daquela narrativa.

Porém o resultado mais concreto dessa etapa foi a criação do “álbum oficial dos jogos interclasses”. Onde juntos, selecionamos as melhores fotos e vídeos para compor uma memória digital na rede social da turma. O que nasceu para ser um registro dos jogos tornou-se agora um espaço permanente para documentar as atividades e projetos do 6º C, estendendo o protagonismo para além do calendário esportivo.

O que deu certo:

A aprendizagem tornou-se real no momento em que a prática midiática ofereceu uma alternativa à tradicional exclusão dos jogos interclasses, que culturalmente tendem a afastar os estudantes que não se identificam com as modalidades esportivas ofertadas. O "clique" fundamental ocorreu quando esses alunos deixaram de ocupar a margem do evento para se tornarem protagonistas da informação. Ao utilizarem câmeras, celulares e microfones com uma finalidade pedagógica, eles ressignificaram o uso da tecnologia: o esforço individual se transformou em um compromisso coletivo, priorizando o registro de um evento que agora pertencia a todos. O alto nível de engajamento demonstrou que, ao receberem meios para

produzir e registrar, o senso de responsabilidade e organização floresceu naturalmente, tratando cada conteúdo como um produto de valor real para a escola.

Além disso, a apreciação estética do trabalho final e o impacto dos discursos dos estudantes revelaram um profundo sentimento de pertencimento. Ver o 6º C unido na arquibancada, onde a torcida e a equipe de comunicação trabalhavam em sintonia, materializou a ideia de que o esporte é um fenômeno social que vai muito além das quatro linhas. A satisfação de ver o conteúdo alcançar famílias e amigos fora da escola consolidou a percepção de que o que foi construído durante os jogos tinha utilidade e prestígio no mundo real. Essa intervenção sinalizou que, ao abrir espaço para quem costuma ser deixado de lado nas competições, o aprendizado deixa de ser uma obrigação escolar e passa a ser uma experiência de vida marcada pela autonomia e pela descoberta de novas capacidades. Com efeito, essa abordagem se mostrou como a que mais diretamente responde à pergunta central deste estudo, que foi como o futebol pode entrar no planejamento do professor de Educação Física por outras vias, sem ficar preso apenas ao jogar.

Ao retomar a perspectiva teórica, esse tensionamento se mostra relevante: o interclasse costuma reforçar o chamado “reinado da bola”, uma vez que prioriza os estudantes com melhor desempenho técnico, os que marcam gols e, conseqüentemente, os que vencem e ganham maior protagonismo na quadra. As ações desenvolvidas no projeto não negaram esse reinado, mas o desloca. A bola continuou no centro do evento, porém, os alunos passaram a perceber que o futebol também envolve registros, a torcida, a comunicação, os bastidores etc. Isso dialoga com a crítica à hegemonia futebol/futsal nas aulas e à esportivização, marcada pela performance e seletividade.

Outro ponto a ressaltar com a proposta foi sem dúvida retirar a Educação Física de uma posição meramente funcional dentro da escola. Se, em algumas situações, a disciplina é reduzida a um espaço de ocupação do tempo, controle da rotina ou simples organização de eventos, como discutem González (2020) e Pich *et al.* (2013), nesta experiência o interclasses foi transformado em objeto de conhecimento. A reunião de pauta, a divisão de funções, o manual de ética, o uso orientado das tecnologias e a mediação docente mostraram que o evento esportivo foi mais do que competição: tornou-se uma experiência planejada de comunicação, responsabilidade, convivência e autoria coletiva.

O principal ganho pedagógico esteve justamente na ampliação das formas de aprender com o futebol. Ao assumirem as diferentes funções, os estudantes mobilizaram saberes que ultrapassaram a centralidade do desempenho esportivo, aproximando-se da defesa de Barroso (2020) quando o autor, em diálogo com González e Bracht (2012), destaca o “ensinar sobre o

fazer”, incluindo valores, atitudes e compreensão crítica sobre a própria cultura. Nessa direção, a experiência também reforçou o discurso de Silva e Campos (2014), evidenciando as conexões com temas e dilemas sociais, como por exemplo, a inclusão, o protagonismo juvenil e a ética que precisam estar presentes de forma reflexiva no cotidiano escolar. Ao final, a turma não apenas participou dos jogos: produziu uma narrativa própria sobre eles, tornando, como defende Vago (2009), o espaço da Educação Física novamente em um lugar de produção e reinvenção de cultura.

Os erros de passe:

É importante reconhecer que, embora esta intervenção tenha superado desafios estruturais de espaço e organização que marcaram as anteriores, novos obstáculos surgiram no campo técnico e ético.

O primeiro deles foi a impossibilidade de realizar as transmissões ao vivo (*lives*) das partidas, devido às exigências de número mínimo de seguidores da plataforma. Essa barreira técnica causou uma frustração compreensível, especialmente para os alunos que se prepararam com entusiasmo para as funções de narradores e comentaristas. Esse limite da rede social acabou silenciando uma camada de interatividade que teria enriquecido ainda mais a experiência de cobertura em tempo real, servindo de aprendizado sobre a necessidade de estratégias alternativas em ambientes digitais controlados por terceiros.

Contudo o ponto mais sensível ocorreu após o encerramento do projeto, quando a gestão das credenciais do perfil (senha de acesso) resultou em um episódio de descontinuidade.

A exclusão intencional de postagens, memórias e seguidores por parte de alguns integrantes revelou um desafio pedagógico que vai além do conteúdo: a importância de fomentar a ética e a autorresponsabilidade no ambiente virtual. Ver o trabalho coletivo e as memórias digitais serem deletados de forma deliberada foi uma situação que, embora reflita comportamentos típicos dessa fase do desenvolvimento dos estudantes, impactou o brilho do que foi construído. Embora frustrante, esse desfecho evidenciou a vulnerabilidade das memórias digitais e reforçou que a preservação de um trabalho coletivo exige, além da técnica, o amadurecimento do compromisso ético com o legado construído pelo grupo.

7.2 3º TEMPO: REFLEXÕES E RESULTADOS.

7.2.1 A transformação do olhar.

“Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”
(Freire, 1987, p.39).

Ao avançar para a análise dos resultados, faz-se necessário refletir sobre como a experiência em campo reconfigurou minha própria percepção pedagógica. Ao iniciar este estudo, minha visão sobre os estudantes do 6º ano era, em grande medida, moldada pelas demandas da gestão de sala: turmas numerosas, por vezes dispersas, e cujos silêncios ou resistências nas aulas de Educação Física eram interpretados como desinteresse. No entanto, o convívio no campo revelou que o que eu via como "apatia" era, na verdade, uma lacuna de pertencimento. Hoje, não os vejo mais como uma massa homogênea, mas, como sujeitos de cultura, produtores de sentidos e detentores de vozes potentes que apenas aguardavam o suporte adequado para emergir.

Reconhecer que o aprendizado é uma construção coletiva, permite compreender que a transformação do meu olhar não foi um evento isolado, mas o resultado de uma imersão na realidade viva daquela turma.

Lá atrás, durante a graduação, quando líamos sobre as bases do desenvolvimento humano, Vygotsky e sua teoria, traziam que nós somente nos tornamos nós mesmos através dos outros¹⁶, que o conhecimento é construído socialmente (Vigotsky; Luria; Leontiev, 2010). Dessa forma, essa convivência alterou profundamente minha identidade como professor. Se antes minha preocupação central recaía sobre a execução técnica de um cronograma de aulas, hoje me entendo como um mediador cultural e um facilitador de experiências.

Aprendi que o planejamento do ensino não pode ser um roteiro blindado, ele precisa ser "poroso", capaz de absorver as pulsações do cotidiano e os "cliques" de aprendizagem que surgem nos imprevistos.

Planejar, agora, significa desenhar espaços onde o protagonismo do aluno seja a bússola, reconhecendo que a aula só cumpre seu papel quando permite que o estudante saia da condição de espectador para se tornar autor de sua própria trajetória.

Ao confrontar os objetivos iniciais com os resultados obtidos, o campo revelou que o futebol, para os estudantes do 6º ano C, vai muito além da prática de um esporte, ele se manifesta como um território de identidade e refúgio. É nesse espaço que muitos buscam reconhecimento e onde as relações sociais se fortalecem. Ao democratizar frentes de

¹⁶ Na obra *Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem* / Lev Semenovich Vigotskii, Alexander Romanovich Luria, Alex N. Leontiev; tradução de: Maria da Pena Villalobos. 11ª edição - São Paulo: ícone, 2010. Vigotski aborda e desenvolve a teoria histórico-cultural principalmente ao discutir como o desenvolvimento psicológico humano está profundamente ligado ao contexto social e histórico. Ele enfatiza ainda que as funções psicológicas superiores se formam a partir das interações sociais e são mediadas pela linguagem e outros instrumentos culturais.

participação e recursos, esse esporte também pode ser uma linguagem de inclusão. Ao abrir espaço, mobilizar e disponibilizar ferramentas adequadas, mesmo aqueles que não se identificam com o jogo em si, encontram no futebol um lugar de pertencimento.

Diante de turmas que demonstram uma motivação genuína pelo esporte, surge um questionamento central: por que não transformar esse interesse em uma oportunidade de aprendizado? Muitas vezes, poderá ser o receio de cair no chamado desinvestimento pedagógico, como demonstrou Machado *et al* (2010) e González (2020) ou então, trazer “mais do mesmo”, fazendo com que o professor ignore o potencial educativo daquilo que os estudantes já amam. No entanto, este estudo demonstrou que aproximar ainda mais os estudantes do futebol não significa “dar mais capim ao cavalo”, mas sim, aproveitar uma energia que já existe para que se aprofunde conhecimentos.

Essa compreensão, baseada na escuta atenta desses estudantes, de fato mudará a dinâmica de minhas aulas de Educação Física. Como já citado, a prática pedagógica não será mais uma estrutura imposta, mas será sim, guiada pelas necessidades e potenciais revelados pelos estudantes, garantindo que o desempenho técnico e a produção de conhecimento caminhem juntos. A escuta deixará de ser apenas um gesto atencioso para se tornar a base de uma práxis voltada para a realidade de cada turma.

Ao contrário do abandono da prática docente, trabalhar com o que mobiliza os alunos exige uma forma de ensinar ainda mais atenta e planejada. Potencializar os significados atribuídos ao futebol por eles, poderá ser a porta de entrada para uma formação humana mais completa.

7.2.2 Aproximações e distanciamentos.

Uma nuance significativa deste estudo foi observar como o conjunto das intervenções promoveu novos encontros entre os estudantes e a cultura do futebol. Para os estudantes que inicialmente não se identificavam com a modalidade, as discussões sobre o corpo feminino no esporte e futebol e arte, serviram como portas de entrada para um universo que antes parecia exclusivo de alguns. Ao perceberem que o futebol também é feito de história, de luta por igualdade e pelos sentidos e identidades que envolvem o torcer, esses alunos encontraram pontos de conexão que iam além do gesto técnico. A aproximação aconteceu porque o esporte foi humanizado e apresentado como um campo onde todos podem ter um lugar de fala e de pertencimento.

Por outro lado, os apaixonados pelo jogo também vivenciaram um deslocamento de perspectiva. Ao serem provocados a refletir sobre a presença das mulheres no futebol e a compreender o esporte como um fenômeno social e estético, eles passaram a ver a modalidade para além da capacidade técnico-tática. Esse grupo começou a entender que ser um "jogador" ou um "torcedor" exige responsabilidade, respeito à diversidade e consciência ética. O futebol deixou de ser apenas a busca pelo gol para se tornar um espaço de reflexão sobre quem somos e como nos relacionamos com o outro. Além disso, essa troca fortaleceu o respeito mútuo, transformando a admiração entre os colegas em um elemento de união da turma.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Mais que o encerramento de um ciclo acadêmico, os achados aqui apresentados, traduzem-se nas marcas permanentes que ficaram no cotidiano escolar, na transformação da realidade vivida. Essa vivência revelou como legado a certeza de que a escola tem o potencial de renovar seus ambientes de convívio, transformando o que antes era motivo de divisão em um território de acolhimento e aprendizado crítico. Na prática, a própria aula de Educação Física - historicamente associada à seleção dos mais aptos e à exclusão dos menos habilidosos - torna-se um espaço de diálogo e igualdade, onde a convivência passa a ser a base para o aprendizado de todos.

A primeira grande contribuição consolidada é a percepção de que todos cabem no futebol. Que o pertencimento não deve estar atrelado à habilidade física ou à paixão prévia pelo jogo. Ao validar e valorizar diferentes formas de participação - seja jogando ativamente, criando conteúdos sobre o esporte ou questionando suas estruturas -, a ação pedagógica deixa uma lição prática de inclusão. O futebol passa a ser visto como um patrimônio coletivo, onde o direito de fazer parte é garantido a cada estudante, independentemente de sua afinidade com a bola.

Além disso, este estudo deixa para a comunidade escolar uma herança de desnaturalização do óbvio. Rompeu-se com a antiga visão de que o futebol na escola precisa ser sinônimo de exclusão ou de uma "aula livre" sem intencionalidade. A pesquisa demonstra que esse esporte é um objeto de análise extremamente rico, repleto de camadas que podem e devem ser discutidas sob diferentes lentes da sociedade. Ao trazer temas complexos para o centro do debate, o chão da quadra provou ser um espaço legítimo para a formação de cidadãos conscientes e críticos.

Essa mudança de perspectiva reconfigura profundamente o papel do educador. A semente para a prática pedagógica é a transição definitiva de um modelo tradicional para uma postura mediadora: o professor deixa de ser aquele que apenas "aplica conteúdos" isolados para se tornar o profissional que constrói sentidos junto com a turma. Essa nova forma de ensinar exige sensibilidade para escutar e coragem para planejar a partir do que emerge dos próprios estudantes, resgatando a dignidade e a relevância social da Educação Física escolar.

Diante disso, as relações humanas dentro da instituição se fortalecem. O legado institucional é a abertura de um precedente pedagógico que mostra que é possível democratizar o ensino de modalidades tradicionais sem esvaziá-las de prazer. A construção coletiva passa a ser uma diretriz prática e viável, inspirando outras ações dentro da escola a adotarem a escuta e a diversidade como eixos centrais de seus currículos.

Para concluir, o que fica para a escola após o término desta investigação é uma nova sensibilidade diante da cultura corporal. O futebol não perdeu seu encantamento ou sua competitividade saudável, mas ganhou contornos de justiça e igualdade. Este estudo cumpre sua função social ao demonstrar que, quando ousamos transformar o olhar pedagógico, a escola deixa de reproduzir as exclusões do mundo e passa a ensaiar uma sociedade mais acolhedora.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, S. F., & FURTADO, A. C. Educação Física brasileira no governo militar nas décadas de 1960 e 1970. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 31, n. 60, p. 01-18, Out./Dez 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2019e59693/41716>. Acesso em: 27 de Ago. 2024.
- AQUINO, Pedro Carlos Silva. Futebol e religião: um estudo sobre as práticas religiosas no futebol amador no interior do sul cearense brasileiro. **Esporte e Sociedade**. Ano 17, n. 339, Jun. 2024. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/esportesociedade/article/view/54793/37134>. Acesso em 13 Fev. 2025.
- BASEI, Ana Paula; VIEIRA, Marcos Araújo. O futebol como conteúdo de ensino da Educação Física escolar: possibilidades a partir da concepção crítico-emancipatória. **Revista Digital EFdeportes**. Buenos Aires, Ano 12, n. 115, Dez 2007. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd115/o-futebol-como-conteudo-de-ensino-da-educacao-fisicaescolar.htm>. Acesso em: 29 Jun. 2024.
- BARROSO, A, L, R. **Desafios da educação física escolar**: temáticas da formação em serviço no ProEF [recurso eletrônico] / Denise Ivana de Paula Albuquerque e Maria Candida Soares Del-Masso. - São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020. Disponível em: <https://edutec.unesp.br/proef/turmaII/d1/0008-unesp-iep3-livro-desafios-educacao-fisica-escolar-proef-15032021-v2.pdf#page=83>. Acesso em: 22 Mai. 2024.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: https://www.gov.br/mec/pt-br/escola-em-tempo-integral/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal.pdf. Acesso em: 26 Ago. 2024.
- _____. Ministério da Educação e do Desporto. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física**. MEC, 1998. Disponível em: <https://cptstatic.s3.amazonaws.com/pdf/cpt/pcn/volume-08-educacao-fisica.pdf>. Acesso em: 05 Fev. 2025.
- _____. Ministério de Educação e Cultura. Lei nº 9.394 de 20 de Dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 26 Ago. 2024.
- BURTON, Chris. Super bowl, copa do mundo ou liga dos campeões – qual evento tem a maior audiência do planeta? **Portal Goal**, Fev. 2025. Disponível em: <https://www.goal.com/br/not%C3%ADcias/super-bowl-copa-do-mundo-ou-liga-dos-campeoes-qual-evento-tem-maior-audiencia-no-planeta/blte4afd89eb81e1148>. Acesso em 14 Fev. 2025.
- CARDOSO, Ana Lúcia. **O futebol da escola: uma proposta co-educativa sob a ótica da pedagogia crítico-emancipatória**. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal de Santa Catarina, Criciúma, 2003. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/85579/190853.pdf;jsessionid=F>. Acesso em: 29 Jun. 2024.

CARLOTTO, M. S; CÂMARA, S. G. O Tecnoestresse em Trabalhadores que Atuam com Tecnologia de Informação e Comunicação. **Psicologia, Ciência e Profissão**. V. 30, p. 308-317, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/pVQSQX5SPLbyzXCdM8DZT7v/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 Fev. 2025.

CATTO, André. Salário médio de jogadores de futebol não alcança nem as 100 maiores remunerações de contratação. **Portal G1**, Dez. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/trabalho-e-carreira/noticia/2022/12/04/salario-medio-de-jogadores-de-futebol-nao-alcanca-nem-as-100-maiores-remuneracoes-de-contratacao.ghtml>. Acesso em: 12 Fev. 2025.

CARVALHO, Daniela Cleusa de Jesus. As Potencialidades da Codificação Por Cores na Produção de Textos. **Revista Letra Magna**. São Paulo, V. 19, n. 34, Set 2023. Disponível em: <https://ojs.ifsp.edu.br/magna/article/view/2431/1479>. Acesso em: 21 Mar 2026.

CHAIB, Mohamed. Representações Sociais, Subjetividade e aprendizagem. **Cadernos de Pesquisa**, V. 45, n 156, p. 358-372, Abril a Junho, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/Cq5F8fCDttQG3zLXLPbZfmg/>. Acesso em: 08 de Jun. 2024.

COELHO, O. S.; PINTO, M. J. N.; BEZERRA, M. S. O 6º Ano do ensino fundamental: competências socioemocionais e metodologias ativas como estratégias para superar os desafios da transição escolar. In: **Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade**, 2023, Aracajú. Anais, V. 17, n. 9, Set. 2023. Disponível em: <https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/20093/2/6AnoEnsinoFundamentalTransicaoEscolar.pdf>. Acesso em: 17 Mar 2026.

COLARES, B. S; CRUZ, R. A. R. S. Abordagem intradisciplinar dos temas contemporâneos transversais nas aulas de Educação Física. **Revista Educação Pública**. V. 21, n. 31, Ago. 2021. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/21/31/abordagem-intradisciplinar-dos-temas-contemporaneos-transversais-nas-aulas-de-educacao-fisica>. Acesso em: 12 Fev. 2025.

COM queda de homicídios, facções expandem atuação e redesenham geografia do crime no Brasil. **Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada**, Brasília, 07 Novembro 2025. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/porta/categorias/45-todas-as-noticias/noticias/16129-com-queda-de-homicidios-faccoes-expandem-atuacao-e-redesenham-geografia-do-crime-no-brasil>. Acesso em: 14 Mar. 2026.

DANTAS, L. M. V *et al*. Afiliação no sexto ano do ensino fundamental sob o olhar dos alunos. **Educação Básica, Cultura, Currículo**. V. 51, São Paulo, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/R5S6LwDyYfYrfgDPPvGGvB/?lang=pt>. Acesso em: 10 de Jun. 2024.

DAÓLIO, J. A Construção Cultural do Corpo Feminino, Ou o Risco de Transformar Meninas em “Antas”. In. ROMERO, E. **Corpo, Mulher e Sociedade**. Campinas: Editora Papirus, 1995, p.99-108. Disponível em: https://www.jocimardaolio.com.br/files/ugd/19c8e4_46471bc2534148d88b7f8224c265b931.pdf. Acesso em: 10 Fev. 2025.

DARIDO, S. C; GONZÁLEZ, F. J; GINCIENE, G. **Desafios da educação física escolar: temáticas da formação em serviço no ProEF** [recurso eletrônico] / Denise Ivana de Paula Albuquerque e Maria Candida Soares Del-Masso. - São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020. Disponível em: <https://edutec.unesp.br/proef/turmaII/d1/0008-unesp-iep3-livro-desafios-educacao-fisica-escolar-proef-15032021-v2.pdf#page=130> . Acesso em: 11 Fev. 2025.

DEL-MASSO, M. C. S; SANTOS, M. A. P & COTTA, M. A. C. Instrumentos e técnicas da pesquisa. **Material Didático da Disciplina Seminários de Pesquisa em Educação Física**. [S.I.]. Disponível em: https://edutec.unesp.br/public_content/Proef/Turma%20II/D02/ParteII/texto-17-D02-Instrumentos%20e%20T%C3%A9cnicas%20de%20Pesquisa.pdf. Acesso em: 24 Jun. 2024.

_____. Análise qualitativa e análise quantitativa em pesquisa científica. **Material Didático da Disciplina Seminários de Pesquisa em Educação Física**. [S.I.]. Disponível em: https://edutec.unesp.br/public_content/Proef/Turma%20V/materiais/D02/ParteII/Texto%20-%20-%20An%C3%A1lise%20Qualitativa%20e%20An%C3%A1lise%20Quantitativa.pdf. Acesso em: 24 Jun. 2024.

DEL-MASSO, M. C. Percurso Investigativo. **Material Didático da Disciplina Seminários de Pesquisa em Educação Física**. [S.I.]. Disponível em: https://edutec.unesp.br/public_content/Proef/Turma%20V/materiais/D02/ParteII/texto%20-%20-%20Percurso%20Investigativo.pdf. Acesso em: 24 Jun. 2024.

ESTUDO: 43% dos torcedores consideram o futebol mais divertido nas redes sociais do que na TV. **Máquina do Esporte**, 12 Dez. 2025. Disponível em: <https://maquinadoesporte.com.br/futebol/estudo-aponta-que-43-dos-torcedores-consideram-o-futebol-mais-divertido-nas-redes-sociais-do-que-na-tv/>. Acesso em: 03 Mar. 2026.

FERNANDES, Lucas Santos. O Impacto da Cultura de Futebol nas Aulas de Educação Física. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. ano 3, ed. 6, vol. 7, p. 91-96, Junho, 2018. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/cultura-futebol>. Acesso em: 10 de Jun. 2024.

FERREIRA, Fernando da Costa. Futebol de classe: a importância dos times de fábrica nos primeiros anos do século XX. **Revista Digital EFdeportes**. Buenos Aires, Ano 10, nº 90, Nov. 2005. Disponível em: [http:// https://www.efdeportes.com/efd90/times.htm](http://https://www.efdeportes.com/efd90/times.htm). Acesso em: 27 Jun. 2024.

FERREIRA, Heraldo Simões; SAMPAIO, José Jackson Coelho. Tendências e abordagens pedagógicas da educação física escolar e suas interfaces com a saúde. **Revista Digital EFdeportes**. Buenos Aires, ano 18, n. 182, Jul. 2013. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd182/tendencias-pedagogicas-da-educacao-fisica-escolar.htm>. Acesso em: 29 Jun. 2024.

FREIRE, J. B.; CASTELLANI, R. Mais uma vez explicando sobre a especialização precoce no futebol. **Universidade do Futebol**. Set. 2024. Disponível em: <https://universidadedofutebol.com.br/2024/09/20/mais-uma-vez-explicando-sobre-a-especializacao-precoce-no-futebol/#>. Acesso em: 26 jan. 2026.

GONZÁLEZ, F. J. **Desafios da educação física escolar**: temáticas da formação em serviço no ProEF [recurso eletrônico] / Denise Ivana de Paula Albuquerque e Maria Candida Soares Del-Masso. - São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020. Disponível em: <https://edutec.unesp.br/proef/turmaII/d1/0008-unesp-iep3-livro-desafios-educacao-fisica-escolar-proef-15032021-v2.pdf#page=130> . Acesso em: 01 Mai. 2024.

GONZÁLEZ, F. J; FENSTERSEIFER. Entre o “não mais” e o “ainda não”: pensando saídas do não-lugar da educação física escolar. **Cadernos de Formação - Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. V. 1, n. 1, p. 9-24, Set. 2009. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/cadernos/article/view/929>. Acesso em: 05 Fev. 2025.

GWI. *Global sports trends shaping the 2026 World Cup*. GWI, 2025. Disponível em: <https://www.gwi.com/world-cup/sports-trends#:~:text=Sports%20fandom%20has%20never%20been,home%20to%20watch%20the%20match>. Acesso em: 26 jan. 2026.

JÚNIOR, M. A. F; OLIVEIRA, E. Padrão FIFA na copa do mundo e na educação física escolar: megaeventos esportivos como possibilidade pedagógica para a formação de uma aluno com pensamento crítico e autônomo. **Horizontes**. Dourados-MS, v. 6, n. 11, p. 5-17, Jan./Jun. 2018. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/horizontes/article/view/8310/4847>. Acesso em: 14 Fev. 2024.

KERNER, Ina. Tudo é interseccional? sobre a relação entre racismo e sexismo. Traduzido por Bianca Tavorali. **Dossiê Teoria Crítica**. V. 93, p. 45-58, Jul. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/nec/a/xpdJwv86XT8KjcpvkQWHKCr/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 11 Fev. 2025.

LANGE, Carla Helena. Violência na escola: combate, prevenção e segurança. **Sponte**, Pato Branco/PR, 6 Jul. 2023. Disponível em: <https://www.sponte.com.br/blog/violencia-na-escola-combate-prevencao-e-seguranca>. Acesso em: 11 Fev. 2025.

LEMONS, Nivea Maria Nunes *et al.* A ausência de aulas de educação física nas séries iniciais do ensino fundamental. In: Congresso Nacional de Educação, 3. 2016, Natal. **Anais [...]**. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/19666>. Acesso em: 15 Fev. 2025.

MACHADO, T. S. **Sobre o impacto do movimento renovador da educação física nas identidades docentes**. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2012. Disponível em: https://sappg.ufes.br/tese_drupal//tese_5394_THIAGO%20MACHADO%20DISSERTA%C7%C3VERS%C3O%20FINAL.pdf. Acesso em: 05 Fev. 2025.

MACHADO, T. S. *et al.* As práticas de desinvestimento pedagógico na educação física escolar. **Revista Movimento**. V. 16, n. 2, p. 129-147, Abril a Junho, 2010. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=115316043007>. Acesso em: 05 Fev. 2025.

E. M. E. B. MARIA AUGUSTA SILVA MELO. Projeto Político Pedagógico. Olho D’Água Das Flores: E.M.E.B. Maria Augusta Silva Melo, 2022.

MASCARENHAS, Gilmar. O futebol no Brasil: reflexões sobre paisagem e identidade através dos estádios. In: BARTHE-DELOIZY, F., and SERPA, A., orgs. **Visões do Brasil: estudos culturais em Geografia** [online]. Salvador: EDUFBA; Edições L'Harmattan, 2012, pp. 67-85. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/8pk8p/pdf/barthe-9788523212384-05.pdf>. Acesso em: 11 Fev. 2025.

MELO, T. L; CAMPOS, D. A. Situações de violência nas aulas de educação física e a prática pedagógica do professor. **Pensar a Prática**. Goiânia, V. 21, n. 4, Out/Dez. 2018. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fef/article/view/48285/pdf>. Acesso em: 11 Fev. 2025.

MILAGRES, P; SILVA, C. F; KAWALSKI, M. O higienismo no campo da educação física: estudos históricos. **Motrivivência**. V. 30, n. 54, Jul. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2018v30n54p160/37041>. Acesso em: 05 Fev. 2025.

MOURA, A. F; LIMA, A. F. A reinvenção da roda: roda de conversa: um instrumento metodológico possível. **Revista Temas em Educação**. V. 23, n. 1, p. 98-106, Jan./Jun. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rteo/article/view/18338/11399>. Acesso em: 04 Mar. 2025.

NEERU, Jayanthi A. *et al.* Health Consequences of Youth Sport Specialization. **Journal of Athletic Training**. V. 54, n. 10, p. 1049-1049, Out. 2019. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC6805065/pdf/i1062-6050-54-10-1040.pdf>. Acesso em: 26 jan. 2026.

NEIRA, Marcos Garcia. Currículo cultural da educação física: pressupostos, princípios e orientações didáticas. **e-Curriculum**. V. 16, n. 1, p. 4-28, Jan./Mar. 2018. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/view/27374>. Acesso em: 09 Fev. 2025.

NIX DIVERSIDADE E ECONOMIA SOCIAL. *Diversidade & Inclusão no Esporte*: reflexões sobre os mapeamentos de coletivos, eventos e torcidas de futebol LGBTQIA+. São Paulo: NIX Diversidade e Economia Social, 2023. Disponível em: https://nixdiversidade.org/wp-content/uploads/2023/06/230623_NikeNix_reflexoes-KS3_.pdf. Acesso em: 27 jan.2026.

OBSERVATÓRIO DA DISCRIMINAÇÃO RACIAL NO FUTEBOL. Menos de 8% dos treinadores são negros na elite do futebol brasileiro. **Observatório da Discriminação Racial do Futebol**. Nov. 2024. Disponível em: <https://observatorioracialfutebol.com.br/menos-de-8-dos-treinadores-sao-negros-na-elite-do-futebol-brasileiro/>. Acesso em: 11 Fev. 2025.

OSTI, A; SILVEIRA, C. A. F.; BRENELLI, R. P. Representações Sociais: aproximando Piaget e Moscovici. **Schème - Revista Eletrônica de Psicologia e Epistemologia Genéticas**. V. 5, n. 1, Janeiro a Julho, 2013. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/scheme/article/view/3176>. Acesso em: 05 Fev. 2025.

PAZ, Diego. Revisão de literatura sobre homofobia: escolhas, argumentos e exercício reflexivo em pesquisa. **Psicologia: ciência e profissão**. V. 40, p. 1-18, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/Hp9xCfgqRXyVLhNbMHWg8Lk/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 11 Fev. 2025.

PICH, S; SCHAEFFER, P. A; CARVALHO, L. P. O caráter funcional do abandono do trabalho docente na Educação Física na dinâmica da cultura escolar. **Revista do Centro de Educação**. V. 38, n. 3, p. 631-643, Setembro a Dezembro, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reveducao/article/view/7269/pdf>. Acesso em: 05 Fev. 2025.

PINTO, Joelcio Fernandes. Memórias de professores/as de educação física das décadas de 1950, 1960 e 1970: esportivizações da escola e escolarizações do esporte. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. V. 36, n. 2, Abril a Junho, 2014. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/viewFile/2153/1110>. Acesso em: 05 Fev. 2025.

PIRES, Flávia Ferreira. Roteiro sentimental para o trabalho de campo. **Cadernos de campo**. V. 20, n. 20, p. 143-148, 2011. Disponível em: https://revistas.usp.br/cadernosdecampo/pt_BR/article/view/36794/39516. Acesso em: 16 Fev. 2026.

REBOSSIO, Alejandro. Buenos Aires, a cidade com mais campos de futebol do mundo. **Portal El País**, Ago. 2015. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2015/08/17/deportes/1439826746_040027.html. Acesso em: 23 Jan. 2026.

REIS, Rafael. Com 8ª maior média de público do mundo, Brasileiro perde para Série B alemã. **Portal UOL**, Dez. 2025. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/colunas/rafael-reis/2025/12/23/brasileiro-perde-para-2-divisao-e-tem-8-maior-media-de-publico-do-mundo.htm>. Acesso em: 23 Jan. 2026.

RODRIGUES, Rogério. Educação e Infância: alguns apontamentos sobre o brincar das crianças. **@rquivo Brasileiro de Educação**. V. 7, n. 16, Jan. a Dez., 2019. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/arquivobrasileiroeducacao/article/view/22089/16272>. Acesso em: 13 Mar. 2026.

ROTTMANN, Hans Gert. O espaço do futebol nas aulas de Educação Física no Brasil: História e potencialidades pedagógicas. In: ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO. 11. 2016, Curitiba, **Reunião Científica Regional da ANPED**. Curitiba: 2016. Disponível em: http://www.anpedsul2016.ufpr.br/portal/wp-content/uploads/2015/11/Eixo-1_HANS-GERT-ROTTMANN.pdf. Acesso em: 10 de Jun. 2024.

SILVA, Daniel Neves. "História da televisão"; **Brasil Escola**. [entre 2010 e 2024]. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiag/breve-historia-televisao.htm>. Acesso em 27 de agosto de 2024.

SILVA, G. B *et al.* As contribuições das aulas de futsal na formação crítica dos alunos do 3º ano do ensino médio. **Revista Cippus**. Canoas/RS, v. 3, n. 1, p. 121-132, Mai. 2014. Disponível em: <https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Cippus/article/view/1208/1075>. Acesso em: 14 Fev. 2025.

SILVA, M. J. e PAULA, M. C. Perspectivas da inteligência artificial como ferramenta de apoio para análise textual discursiva. **Revista Pesquisa Qualitativa**. V. 12, n. 30, p. 01-26, Abr.

2024. Disponível em: <https://editora.sepq.org.br/rpq/article/view/727/448>. Acesso em: 05 Mar. 2025.

SILVA, Mateus Alexandre. O futebol como vivência de lazer de estudantes no ensino médio em cidades pequenas do interior de Minas Gerais. 2019. **Dissertação** (Mestrado em Estudos do Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/32674/1/Disserta%c3%a7%c3%a3o%20Mateus%20final.pdf>. Acesso em: 13 Fev. 2025.

SILVA, S. R; CAMPOS, P. A. F. Futebol e a educação física na escola: possibilidades de uma relação educativa. **Ciência e Cultura**. V. 66, n. 2, p. 39-41, Jun. 2014. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252014000200015. Acesso em: 09 Fev. 2025.

SILVANO, S; ORTIGARA, V. Currículo de formação ampliada e teoria da atividade de ensino na educação física escolar. **Práxis Educativa**. V. 11, n. 2, p. 464-481, 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/894/89442687009/html/>. Acesso em: 09 Fev. 2025.

TERRA, Carlos. Como a inovação tecnológica redefine a experiência do torcedor conectado. **Esmeraldino.com**, Goiânia, 17 Fev. 2026. Disponível em: https://esmeraldino.com/como-a-inovacao-tecnologica-redefine-a-experiencia-do-torcedor-conectado/#google_vignette. Acesso em: 03 Mar. 2026.

TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educação e Pesquisa**. V. 31, n. 3, p. 443-466, Set. a Dez., 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/3DkbXnqBQyq5bV4TCL9NSH/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 03 Mar. 2025.

VAGO, Tarcísio Mauro. Pensar a educação física na escola: para uma formação cultural da infância e da juventude. **Cadernos de Formação - Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. V. 1, n. 1, p. 25-42, Set. 2009. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/cadernos/article/view/930/540>. Acesso em: 07 Fev. 2025.

VIANA, A. E. S. Futebol: das questões de gênero à prática pedagógica. **Conexões**. Campinas, V. 6, número especial, p. 640-648, 2008. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8637864/5555>. Acesso em: 10 Fev. 2025.

VIEIRA, C; LOURENÇO, F. C; ADANYA, M. Y C. O ensino superior e a educação física no regime militar: concepções a partir do modelo napoleônico. *In*: Congresso Norte Paranaense de Educação Física Escolar, 8. 2017, Londrina. **Anais [...]** Disponível em: <https://www.uel.br/eventos/conpef/portal/pages/arquivos/ANAIS%20CONPEF%202017/o%20ensino%20superior%20128280-19890.doc.pdf>. Acesso em: 05 Fev. 2025.

WACHELKE, J. F. R; CAMARGO, B. V. Representações Sociais, Representações Individuais e Comportamento. **Revista Interamericana de Psicologia**. V. 41, n. 03, p. 379-390, 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rip/v41n3/v41n3a13.pdf>. Acesso em: 10 de Jun. 2024.

Sites Consultados:

Em: <https://static.tre-al.jus.br/portal/eleicoes/2020/resultados/resultadostotalizacao/tre-al-eleicoes-2020-OLHO-DAGUA-DAS-FLORES.pdf>. Tribunal Regional Eleitoral de Alagoas. Acesso em: 24 Jun. 2024.

Em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/al/olho-dagua-das-flores/panora>. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Acesso em: 24 Jun. 2024.

Em: https://dados.al.gov.br/catalogo/hr/dataset/mapa-politico-administrativo-do-estado-de-alagoas/resource/9eab0c91-696e-488d-83e7-2199d1a660e4?inner_span=True. Alagoas em Dados e Informações. Acesso em: 24 Jun. 2024.

Em: https://cnes2.datasus.gov.br/Lista_Es_Municipio.asp?VEstado=27&VCodMunicipio=270570&NomeEstado=ALAGOAS. Cadastro Nacional de Estabelecimentos de Saúde. Acesso em: 24 Jun. 2024.

Em: <https://qedu.org.br/municipio/2705705-olho-dagua-das-flores>. QEdu. Acesso em: 24 Jun. 2024.

Em: <https://transparencia.al.gov.br/repassse/repasses-aos-municipios/>. Portal da Transparência Graciliano Ramos – Alagoas. Acesso em: 24 Jun. 2024.

Em: <https://www42.bb.com.br/portalbb/daf/beneficiario,802,4647,4652,0,1,bbx>. Banco do Brasil. Acesso em: 24 Jun. 2024.

Em: <https://olhodaguadasflores.al.gov.br/>. Prefeitura Municipal de Olho D'Água Das Flores. Acesso em: 24 Jun. 2024.

Em: <https://app.globoesporte.globo.com/futebol/futebol-internacional/os-10-melhores-times-da-historia/index.html>. Globo.com. Acesso em: 27 Ago. 2024.

Em: <https://inside.fifa.com/fifa-world-ranking/men>. Inside FIFA. Acesso em 11 Fev. 2025.

Em: <https://brasil.un.org/pt-br/279573-sobre-onu>. Nações Unidas Brasil. Acesso em 11 Fev. 2025.

Em: <https://cbfs.com.br/site/index.asp>. Confederação Brasileira de Futebol de Salão. Acesso em 12 Fev. 2025.

Em: <https://www.cbsb.com.br/>. Confederação de Beach Soccer do Brasil. Acesso em 12 Fev. 2025.

Em: <https://cbf7.com.br/>. Confederação Brasileira de Futebol de 7. Acesso em 12 Fev. 2025.

Em: <https://cbfutevolei.com.br/>. Confederação Brasileira de Futevôlei. Acesso em 12 Fev. 2025.

Em: <https://www.cbfm.com.br/o-esporte/>. Confederação Brasileira de Futebol de Mesa. Acesso em 12 Fev. 2025.

Em: <https://www.sescpr.com.br/bolanarede/modalidades/>. Serviço Social do Comércio do Paraná. Acesso em 12 Fev. 2025.

Em: <https://www.pesquisagamebrasil.com.br/>. Plataforma PGB Data Insights. Acesso em: 23 Jan. 2026.

Em: <https://www.chiliz.com/wp-content/uploads/2024/10/The-Global-Fan-1.pdf>. Portal Chiliz. Acesso em: 23 Jan. 2026.

Em: <https://fbfootgolf.com.br/>. Federação Brasileira de Footgolf. Acesso em: 02 Fev. 2026.

Em: <https://www.footgolf.sport/>. Federation International Footgolf. Acesso em: 02 Fev. 2026.

BIBLIOGRAFIA

APOLO, Alexandre. **A criança e o adolescente no esporte**: como deveria ser. São Paulo: Phorte, 2007.

ARAÚJO, A. da S. e FILHO, C. C. R. História do futebol. In: SILVA, R. da S.; CORDEIRO, L. B.; CAMPOS, P. A. F. (Organizadores) **O ensino do futebol: para além da bola rolando**. 1 ed. Rio de Janeiro: Jaguatirica, 2016.

BERRIA, J. *et al.* Seleção dos Informantes. In: SANTOS, S. G.; MORETTI-PIRES, R. O. (organizadores.) **Métodos e técnicas de pesquisa qualitativa aplica à Educação Física**. 1 ed. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2012.

CONFORTIN, S. C; BERRIA, J; SANTOS, S. G. Pesquisa ação e pesquisa participante. In: SANTOS, S. G; MORETTI-PIRES, R. O. (organizadores.) **Métodos e técnicas de pesquisa qualitativa aplica à Educação Física**. 1 ed. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2012.

DARIDO, S. C.; JÚNIOR, O. M. S. **Para ensinar educação física**: possibilidades de intervenção na escola. 2 ed. Campinas, SP: Papirus, 2007.

FILHO, Lino Casteliani *et al.* **Metodologia do Ensino de Educação Física**. 2. ed. rev. São Paulo: Cortez, 2009.

FREIRE, João Batista. **Educação de corpo inteiro**: teoria e prática da educação física. 1 ed. São Paulo: Scipione, 2010.

FREIRE, João Batista. **Pedagogia do futebol**. 3.ed. Campinas: Autores Associados, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987. Disponível em: https://www.letras.ufmg.br/espanhol/pdf/pedagogia_do_oprimido.pdf. Acesso em: 06 Mai. 2026.

LUCENA, Ricardo de F. **O esporte na cidade**: aspectos do esforço civilizador brasileiro. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

MARQUES, H. R. *et al.* **Metodologia da pesquisa e do trabalho científico**. 6. ed. rev., atual. e ampl. Campo Grande, MS: UCDB, 2024.

MAYOR, S. T. S. e NETO, G. J. de S. História do futebol. In: SILVA, R. da S.; CORDEIRO, L. B.; CAMPOS, P. A. F. (Organizadores) **O ensino do futebol: para além da bola rolando**. 1 ed. Rio de Janeiro: Jaguatirica, 2016.

TRICHÊS, P. B. M; MORETTI-PIRES, R. O. Pesquisa etnográfica. In: SANTOS, S. G; MORETTI-PIRES, R. O. (organizadores.) **Métodos e técnicas de pesquisa qualitativa aplica à Educação Física**. 1 ed. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2012.

TRICHÊS, P. B. M; SANTOS, S. G. Técnicas de Coleta de Informações. In: SANTOS, S. G; MORETTI-PIRES, R. O. (organizadores.) **Métodos e técnicas de pesquisa qualitativa aplica à Educação Física**. 1 ed. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2012.

VASCONCELLOS, R. P. *et al*. Resultados, discussão, considerações finais e referências. In: SANTOS, S. G; MORETTI-PIRES, R. O. (organizadores.) **Métodos e técnicas de pesquisa qualitativa aplica à Educação Física**. 1 ed. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2012.

VIGOTSKII, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. Seleção e apresentação de José Cipolla-Neto, Luiz Silveira Menna-Barreto, Maria Thereza Fraga Rocco, Marta Kohl de Oliveira. Tradução de Maria da Pena Villalobos. 11. ed. São Paulo: Ícone, 2010. Disponível em: <https://www.unifal-mg.edu.br/humanizacao/wp-content/uploads/sites/14/2017/04/VIGOTSKI-Lev-Semenovitch-Linguagem-Desenvolvimento-e-Aprendizagem.pdf>. Acesso em: 06 Mai. 2026.

VOSER, R. C; GUIMARÃES, M. G. V; RIBEIRO, E. R. **Futebol: história, técnica e treino de goleiro**. 2 ed, Porto Alegre/RS: EDIPUC, 2010. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=6LTDNXCGX4kC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 27 Ago. 2024.

APÊNDICES

APÊNDICE A - REGISTRO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PARTICIPAÇÃO EM PROJETO DE PESQUISA

REGISTRO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PARTICIPAÇÃO EM PROJETO DE PESQUISA

Seu filho(a) está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa com o tema “A cultura do “jogar bola” na perspectiva das crianças do 6º ano: subsídios para o planejamento do professor de educação física”, que iremos desenvolver na Escola Municipal de Educação Básica Maria Augusta Silva Melo onde ele(a) frequenta. A pesquisa será realizada pelo Prof. Rodolfo Luiz Santos Rego e orientada pela Profa. Dra. Miráira Noal Manfroi. A seguir, elencamos as informações do projeto de pesquisa com relação à participação do seu(sua) filho(a) neste estudo:

- A participação do(a) seu(sua) filho(a) neste estudo é muito importante para nós, mas você pode não permiti-la ou interrompê-la no momento em que assim desejar;
- O estudo tem como objetivo compreender como a escuta das crianças do 6º ano pode auxiliar a prática pedagógica do professor de Educação Física a partir dos significados que elas atribuem ao futebol, ampliando assim, a leitura de mundo delas acerca do esporte.
- A importância deste estudo é contribuir com o planejamento de ensino dos professores que atuam nesta etapa da educação básica, pois, olhar para as histórias dos alunos relacionadas ao futebol, possibilitará uma melhor reflexão sobre o tema e uma abordagem mais específica a ser adotada durante as aulas;
- Que a coleta de dados deste estudo começará em agosto de 2025 e terminará em dezembro de 2025;
- Que o estudo será realizado em duas etapas. A **primeira** durante as aulas de Educação Física, será feita uma sondagem a partir dos conhecimentos prévios dos alunos, para identificar os estudantes, sejam meninos ou meninas, que demonstram uma paixão especial por jogar futebol ou futsal, estudantes, que na maior parte do tempo resistem a participar de outras atividades durante as aulas da disciplina. A partir daí, estes estudantes serão selecionados para que, em seus cotidianos, dentro e fora do ambiente escolar, através de suas interações sociais, culturais e histórias de vida, possamos conhecer e compreender melhor os significados que eles atribuem ao futebol e que o torna uma prática corporal tão especial. A **segunda** será, a partir da observação e escuta do cotidiano e histórias de vida dos estudantes, traçar possibilidades de intervenção pedagógica nas aulas de educação física que envolvam suas relações com o futebol, sugerindo vivências, levantando questionamentos, estabelecendo novos sentidos e significados sobre o esporte.
- A participação do(a) seu(sua) filho(a) na pesquisa acontecerá em ambas as etapas do item anterior, ou seja, nas atividades de observação dentro e fora do ambiente escolar;
- Sempre que desejar, serão fornecidos esclarecimentos sobre cada uma das etapas do estudo;
- Os possíveis riscos em participar desta pesquisa serão baixos. Sendo que os incômodos que as crianças poderão vir a sentir com a participação serão os seguintes: constrangimento em saber que estarão sendo observadas e filmadas e desconforto em expressar suas opiniões durante as fases da pesquisa. Os riscos deverão ser minimizados com a escuta atenta e acolhimento da criança, caso seja percebido qualquer desconforto durante qualquer fase de desenvolvimento da pesquisa, imediatamente serão interrompidos os registros. Somente diante de uma

Sara Alcantara

sinalização de que as crianças estarão à vontade (não demonstrando receio ou aborrecimento diante da câmara ou do pesquisador) é que a coleta será iniciada.

- Sobre a autorização de uso de imagem e/ou voz você deve assinalar quais conteúdos você permite, ou não, o uso e/ou divulgação de seu filho(a):

1) Divulgação da imagem de seu filho(a):

- (X) Sim, autorizo a divulgação da minha imagem de meu filho(a).
() Não, não autorizo a divulgação da minha imagem de meu filho(a).

2) Permissão para uso de gravação em vídeo:

- (X) Sim, autorizo o uso de gravação em vídeo.
() Não, não autorizo o uso de gravação em vídeo.

3) Permissão para uso de gravação em áudio:

- (X) Sim, autorizo o uso de gravação em áudio.
() Não, não autorizo o uso de gravação em áudio.

4) Permissão para uso do conteúdo da gravação em áudio:

- (X) Sim, autorizo o uso do conteúdo da gravação em áudio.
() Não, não autorizo o uso do conteúdo de gravação em áudio.

5) Permissão para divulgação da sua voz:

- (X) Sim, autorizo a divulgação da sua voz.
() Não, não autorizo a divulgação da sua voz.

- Seu(sua) filho(a) deverá contar com a seguinte assistência: mediação do pesquisadores, por meio de acolhimento e conversa com as crianças em situações de desconforto.
- Seu(sua) filho(a) deverá contar com assistência imediata e integral por danos: quando necessário, o pesquisador e a instituição envolvida na pesquisa se responsabilizarão em proporcionar assistência imediata e integral de acesso gratuito pós-estudo diante das complicações e danos decorrentes, direta ou indiretamente, na pesquisa.
- Nada será pago ou cobrado de você ou da criança sob sua responsabilidade legal para participar desta pesquisa, pois a aceitação é voluntária.
- Fica também garantida a indenização em casos de danos comprovadamente decorrentes da participação da criança ou do adulto, conforme decisão judicial ou extrajudicial.
- Você receberá os resultados da pesquisa no formato que você preferir, impresso ou por e-mail e uma palestra que será realizada na escola em que acontece a pesquisa.
- Todas as informações desta pesquisa serão confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, e sendo assegurado o sigilo e privacidade sobre a participação das crianças e dos adultos.
- Os dados coletados nesta pesquisa (vídeos, fotos, áudio e registros escritos) ficarão armazenados em pasta de arquivo no computador pessoal protegido por senha, sob a responsabilidade do pesquisador e, pelo período de cinco anos; ao fim desse período, serão deletados todos os arquivos salvos.

Fara Alcantara

- A qualquer momento seu(sua) filho(a) poderá se recusar a continuar participando do estudo e, também, poderá retirar este consentimento, sem que isso lhe traga qualquer penalidade ou prejuízo;
- As informações conseguidas por meio da participação do seu(sua) filho(a) não permitirão a identificação da sua identidade, exceto aos responsáveis pelo estudo, e a divulgação das mencionadas informações só será feita entre os profissionais estudiosos do assunto, após a sua autorização;
- Seu(sua) filho(a) será indenizado(a) por qualquer dano que venha a sofrer com a participação da pesquisa, seja direta ou indiretamente;
- Você receberá uma via do Registro de Consentimento Livre e Esclarecido assinado por todos. O registro será emitido em duas vias, uma para o pesquisador e outra para o participante.
- O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) é um grupo de indivíduos com conhecimento científico que realizam a revisão ética inicial e continuada do estudo de pesquisa para mantê-lo seguro e proteger seus direitos. O CEP é responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos. Este papel está baseado nas diretrizes éticas brasileiras (Res. CNS 466/12, CNS Nº 510/2016 e complementares). Se você tiver dúvidas sobre seus direitos como participante de pesquisa, você pode contatar Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP) da UFAL, pelo telefone: (82) 3214- 1041.

Eu, **Iara da Silva Alcântara**,

Responsável pela criança **João Miguel Alcântara Rocha**, tendo compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a participação da mesma no mencionado estudo e estando consciente dos meus direitos, das minhas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a participação da criança implicam, concordo que ela participe e para isso eu DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO EU TENHA SIDO FORÇADO OU OBRIGADO.

Endereço da equipe da pesquisa:
UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE
Av. Lourival Melo Mota, S/N, Tabuleiro do Martins, Maceió - AL, Cep: 57072-970

Contato de urgência: 99621-3619 (mãe)
Endereço: Rua São Francisco, 1547.
Bairro: Centro
Cidade/CEP: 57442-000
Telefone: 99621-3619
Ponto de referência: -

ATENÇÃO: O Comitê de Ética da UFAL analisou e aprovou este projeto de pesquisa. Para obter mais informações a respeito deste projeto de pesquisa, informar ocorrências

Iara da Silva Alcântara

irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo, dirija-se ao: Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Alagoas. Prédio do Centro de Interesse Comunitário (CIC), Térreo, Campus A. C. Simões, Cidade Universitária, Telefone: (82) 3214-1041 – Horário de Atendimento: das 14:00 às 18:00 (temporariamente).

E-mail: cep@ufal.br

Maceió, 14 de Agosto de 2025.

Sara da Silva Alcântara

Assinatura ou impressão datiloscópica d(o,a) voluntári(o,a) ou responsável legal e rubricar as demais folhas

Rodolfo Luiz Santos Rego

Nome e Assinatura do Pesquisador pelo estudo (Rubricar as demais páginas)

REGISTRO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PARTICIPAÇÃO EM PROJETO DE PESQUISA

Seu filho(a) está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa com o tema “A cultura do “jogar bola” na perspectiva das crianças do 6º ano: subsídios para o planejamento do professor de educação física”, que iremos desenvolver na Escola Municipal de Educação Básica Maria Augusta Silva Melo onde ele(a) frequenta. A pesquisa será realizada pelo Prof. Rodolfo Luiz Santos Rego e orientada pela Profa. Dra. Miraira Noal Manfroi. A seguir, elencamos as informações do projeto de pesquisa com relação à participação do seu(sua) filho(a) neste estudo:

- A participação do(a) seu(sua) filho(a) neste estudo é muito importante para nós, mas você pode não permiti-la ou interrompê-la no momento em que assim desejar;
- O estudo tem como objetivo compreender como a escuta das crianças do 6º ano pode auxiliar a prática pedagógica do professor de Educação Física a partir dos significados que elas atribuem ao futebol, ampliando assim, a leitura de mundo delas acerca do esporte.
- A importância deste estudo é contribuir com o planejamento de ensino dos professores que atuam nesta etapa da educação básica, pois, olhar para as histórias dos alunos relacionadas ao futebol, possibilitará uma melhor reflexão sobre o tema e uma abordagem mais específica a ser adotada durante as aulas;
- Que a coleta de dados deste estudo começará em agosto de 2025 e terminará em dezembro de 2025;
- Que o estudo será realizado em duas etapas. A **primeira** durante as aulas de Educação Física, será feita uma sondagem a partir dos conhecimentos prévios dos alunos, para identificar os estudantes, sejam meninos ou meninas, que demonstram uma paixão especial por jogar futebol ou futsal, estudantes, que na maior parte do tempo resistem a participar de outras atividades durante as aulas da disciplina. A partir daí, estes estudantes serão selecionados para que, em seus cotidianos, dentro e fora do ambiente escolar, através de suas interações sociais, culturais e histórias de vida, possamos conhecer e compreender melhor os significados que eles atribuem ao futebol e que o torna uma prática corporal tão especial. A **segunda** será, a partir da observação e escuta do cotidiano e histórias de vida dos estudantes, traçar possibilidades de intervenção pedagógica nas aulas de educação física que envolvam suas relações com o futebol, sugerindo vivências, levantando questionamentos, estabelecendo novos sentidos e significados sobre o esporte.
- A participação do(a) seu(sua) filho(a) na pesquisa acontecerá em ambas as etapas do item anterior, ou seja, nas atividades de observação dentro e fora do ambiente escolar;
- Sempre que desejar, serão fornecidos esclarecimentos sobre cada uma das etapas do estudo;
- Os possíveis riscos em participar desta pesquisa serão baixos. Sendo que os incômodos que as crianças poderão vir a sentir com a participação serão os seguintes: constrangimento em saber que estarão sendo observadas e filmadas e desconforto em expressar suas opiniões durante as fases da pesquisa. Os riscos deverão ser minimizados com a escuta atenta e acolhimento da criança, caso seja percebido qualquer desconforto durante qualquer fase de desenvolvimento da pesquisa, imediatamente serão interrompidos os registros. Somente diante de uma

Remota

sinalização de que as crianças estarão à vontade (não demonstrando receio ou aborrecimento diante da câmara ou do pesquisador) é que a coleta será iniciada.

- Sobre a autorização de uso de imagem e/ou voz você deve assinalar quais conteúdos você permite, ou não, o uso e/ou divulgação de seu filho(a):

1) Divulgação da imagem de seu filho(a):

(X) Sim, autorizo a divulgação da minha imagem de meu filho(a).

() Não, não autorizo a divulgação da minha imagem de meu filho(a).

2) Permissão para uso de gravação em vídeo:

(X) Sim, autorizo o uso de gravação em vídeo.

() Não, não autorizo o uso de gravação em vídeo.

3) Permissão para uso de gravação em áudio:

(X) Sim, autorizo o uso de gravação em áudio.

() Não, não autorizo o uso de gravação em áudio.

4) Permissão para uso do conteúdo da gravação em áudio:

(X) Sim, autorizo o uso do conteúdo da gravação em áudio.

() Não, não autorizo o uso do conteúdo de gravação em áudio.

5) Permissão para divulgação da sua voz:

(X) Sim, autorizo a divulgação da sua voz.

() Não, não autorizo a divulgação da sua voz.

- Seu(sua) filho(a) deverá contar com a seguinte assistência: mediação do pesquisadores, por meio de acolhimento e conversa com as crianças em situações de desconforto.
- Seu(sua) filho(a) deverá contar com assistência imediata e integral por danos: quando necessário, o pesquisador e a instituição envolvida na pesquisa se responsabilizarão em proporcionar assistência imediata e integral de acesso gratuito pós-estudo diante das complicações e danos decorrentes, direta ou indiretamente, na pesquisa.
- Nada será pago ou cobrado de você ou da criança sob sua responsabilidade legal para participar desta pesquisa, pois a aceitação é voluntária.
- Fica também garantida a indenização em casos de danos comprovadamente decorrentes da participação da criança ou do adulto, conforme decisão judicial ou extrajudicial.
- Você receberá os resultados da pesquisa no formato que você preferir, impresso ou por e-mail e uma palestra que será realizada na escola em que acontece a pesquisa.
- Todas as informações desta pesquisa serão confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, e sendo assegurado o sigilo e privacidade sobre a participação das crianças e dos adultos.
- Os dados coletados nesta pesquisa (vídeos, fotos, áudio e registros escritos) ficarão armazenados em pasta de arquivo no computador pessoal protegido por senha, sob a responsabilidade do pesquisador e, pelo período de cinco anos; ao fim desse período, serão deletados todos os arquivos salvos.

Renata

- A qualquer momento seu(sua) filho(a) poderá se recusar a continuar participando do estudo e, também, poderá retirar este consentimento, sem que isso lhe traga qualquer penalidade ou prejuízo;
- As informações conseguidas por meio da participação do seu(sua) filho(a) não permitirão a identificação da sua identidade, exceto aos responsáveis pelo estudo, e a divulgação das mencionadas informações só será feita entre os profissionais estudiosos do assunto, após a sua autorização;
- Seu(sua) filho(a) será indenizado(a) por qualquer dano que venha a sofrer com a participação da pesquisa, seja direta ou indiretamente;
- Você receberá uma via do Registro de Consentimento Livre e Esclarecido assinado por todos. O registro será emitido em duas vias, uma para o pesquisador e outra para o participante.
- O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) é um grupo de indivíduos com conhecimento científico que realizam a revisão ética inicial e continuada do estudo de pesquisa para mantê-lo seguro e proteger seus direitos. O CEP é responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos. Este papel está baseado nas diretrizes éticas brasileiras (Res. CNS 466/12, CNS Nº 510/2016 e complementares). Se você tiver dúvidas sobre seus direitos como participante de pesquisa, você pode contatar Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP) da UFAL, pelo telefone: (82) 3214- 1041.

Eu, **Renata Bonfim**,

Responsável pela criança **Arthur Francisco Pereira Bonfim**, tendo compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a participação da mesma no mencionado estudo e estando consciente dos meus direitos, das minhas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a participação da criança implicam, concordo que ela participe e para isso eu DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO EU TENHA SIDO FORÇADO OU OBRIGADO.

Endereço da equipe da pesquisa:

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

INSTITUTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE

Av. Lourival Melo Mota, S/N, Tabuleiro do Martins, Maceió - AL, Cep: 57072-970

Contato de urgência: 99936-2888

Endereço: Rua sem denominação.

Bairro: Alto do Sossêgo.

Cidade/CEP: Olho D'Água das Flores - AL. 57442-000

Telefone: 99940-4036

Ponto de referência: 1ª rua calçada.

ATENÇÃO: O Comitê de Ética da UFAL analisou e aprovou este projeto de pesquisa. Para obter mais informações a respeito deste projeto de pesquisa, informar ocorrências

Renata

irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo, dirija-se ao: Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Alagoas. Prédio do Centro de Interesse Comunitário (CIC), Térreo, Campus A. C. Simões, Cidade Universitária, Telefone: (82) 3214-1041 – Horário de Atendimento: das 14:00 às 18:00 (temporariamente).

E-mail: cep@ufal.br

Maceió, 14 de Agosto de 2025.

x Renata Benfim
Assinatura ou impressão datiloscópica d(o,a)
voluntári(o,a) ou responsável legal e rubricar
as demais folhas

Rodolfo Luiz Santos Rego
Rodolfo Luiz Santos Rego
Nome e Assinatura do Pesquisador pelo estudo
(Rubricar as demais páginas)

REGISTRO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PARTICIPAÇÃO EM PROJETO DE PESQUISA

Seu filho(a) está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa com o tema "A cultura do "jogar bola" na perspectiva das crianças do 6º ano: subsídios para o planejamento do professor de educação física", que iremos desenvolver na Escola Municipal de Educação Básica Maria Augusta Silva Melo onde ele(a) frequenta. A pesquisa será realizada pelo Prof. Rodolfo Luiz Santos Rego e orientada pela Profa. Dra. Miráira Noal Manfroi. A seguir, elencamos as informações do projeto de pesquisa com relação à participação do seu(sua) filho(a) neste estudo:

- A participação do(a) seu(sua) filho(a) neste estudo é muito importante para nós, mas você pode não permiti-la ou interrompê-la no momento em que assim desejar;
- O estudo tem como objetivo compreender como a escuta das crianças do 6º ano pode auxiliar a prática pedagógica do professor de Educação Física a partir dos significados que elas atribuem ao futebol, ampliando assim, a leitura de mundo delas acerca do esporte.
- A importância deste estudo é contribuir com o planejamento de ensino dos professores que atuam nesta etapa da educação básica, pois, olhar para as histórias dos alunos relacionadas ao futebol, possibilitará uma melhor reflexão sobre o tema e uma abordagem mais específica a ser adotada durante as aulas;
- Que a coleta de dados deste estudo começará em agosto de 2025 e terminará em dezembro de 2025;
- Que o estudo será realizado em duas etapas. A **primeira** durante as aulas de Educação Física, será feita uma sondagem a partir dos conhecimentos prévios dos alunos, para identificar os estudantes, sejam meninos ou meninas, que demonstram uma paixão especial por jogar futebol ou futsal, estudantes, que na maior parte do tempo resistem a participar de outras atividades durante as aulas da disciplina. A partir daí, estes estudantes serão selecionados para que, em seus cotidianos, dentro e fora do ambiente escolar, através de suas interações sociais, culturais e histórias de vida, possamos conhecer e compreender melhor os significados que eles atribuem ao futebol e que o torna uma prática corporal tão especial. A **segunda** será, a partir da observação e escuta do cotidiano e histórias de vida dos estudantes, traçar possibilidades de intervenção pedagógica nas aulas de educação física que envolvam suas relações com o futebol, sugerindo vivências, levantando questionamentos, estabelecendo novos sentidos e significados sobre o esporte.
- A participação do(a) seu(sua) filho(a) na pesquisa acontecerá em ambas as etapas do item anterior, ou seja, nas atividades de observação dentro e fora do ambiente escolar;
- Sempre que desejar, serão fornecidos esclarecimentos sobre cada uma das etapas do estudo;
- Os possíveis riscos em participar desta pesquisa serão baixos. Sendo que os incômodos que as crianças poderão vir a sentir com a participação serão os seguintes: constrangimento em saber que estarão sendo observadas e filmadas e desconforto em expressar suas opiniões durante as fases da pesquisa. Os riscos deverão ser minimizados com a escuta atenta e acolhimento da criança, caso seja percebido qualquer desconforto durante qualquer fase de desenvolvimento da pesquisa, imediatamente serão interrompidos os registros. Somente diante de uma

Stanis V. dos Santos

sinalização de que as crianças estarão à vontade (não demonstrando receio ou aborrecimento diante da câmara ou do pesquisador) é que a coleta será iniciada.

- Sobre a autorização de uso de imagem e/ou voz você deve assinalar quais conteúdos você permite, ou não, o uso e/ou divulgação de seu filho(a):

1) Divulgação da imagem de seu filho(a):

- (X) Sim, autorizo a divulgação da minha imagem de meu filho(a).
() Não, não autorizo a divulgação da minha imagem de meu filho(a).

2) Permissão para uso de gravação em vídeo:

- (X) Sim, autorizo o uso de gravação em vídeo.
() Não, não autorizo o uso de gravação em vídeo.

3) Permissão para uso de gravação em áudio:

- (X) Sim, autorizo o uso de gravação em áudio.
() Não, não autorizo o uso de gravação em áudio.

4) Permissão para uso do conteúdo da gravação em áudio:

- (X) Sim, autorizo o uso do conteúdo da gravação em áudio.
() Não, não autorizo o uso do conteúdo de gravação em áudio.

5) Permissão para divulgação da sua voz:

- (X) Sim, autorizo a divulgação da sua voz.
() Não, não autorizo a divulgação da sua voz.

- Seu(sua) filho(a) deverá contar com a seguinte assistência: mediação do pesquisadores, por meio de acolhimento e conversa com as crianças em situações de desconforto.
- Seu(sua) filho(a) deverá contar com assistência imediata e integral por danos: quando necessário, o pesquisador e a instituição envolvida na pesquisa se responsabilizarão em proporcionar assistência imediata e integral de acesso gratuito pós-estudo diante das complicações e danos decorrentes, direta ou indiretamente, na pesquisa.
- Nada será pago ou cobrado de você ou da criança sob sua responsabilidade legal para participar desta pesquisa, pois a aceitação é voluntária.
- Fica também garantida a indenização em casos de danos comprovadamente decorrentes da participação da criança ou do adulto, conforme decisão judicial ou extrajudicial.
- Você receberá os resultados da pesquisa no formato que você preferir, impresso ou por e-mail e uma palestra que será realizada na escola em que acontece a pesquisa.
- Todas as informações desta pesquisa serão confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, e sendo assegurado o sigilo e privacidade sobre a participação das crianças e dos adultos.
- Os dados coletados nesta pesquisa (vídeos, fotos, áudio e registros escritos) ficarão armazenados em pasta de arquivo no computador pessoal protegido por senha, sob a responsabilidade do pesquisador e, pelo período de cinco anos; ao fim desse período, serão deletados todos os arquivos salvos.

Itamar V. dos Santos

- A qualquer momento seu(sua) filho(a) poderá se recusar a continuar participando do estudo e, também, poderá retirar este consentimento, sem que isso lhe traga qualquer penalidade ou prejuízo;
- As informações conseguidas por meio da participação do seu(sua) filho(a) não permitirão a identificação da sua identidade, exceto aos responsáveis pelo estudo, e a divulgação das mencionadas informações só será feita entre os profissionais estudiosos do assunto, após a sua autorização;
- Seu(sua) filho(a) será indenizado(a) por qualquer dano que venha a sofrer com a participação da pesquisa, seja direta ou indiretamente;
- Você receberá uma via do Registro de Consentimento Livre e Esclarecido assinado por todos. O registro será emitido em duas vias, uma para o pesquisador e outra para o participante.
- O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) é um grupo de indivíduos com conhecimento científico que realizam a revisão ética inicial e continuada do estudo de pesquisa para mantê-lo seguro e proteger seus direitos. O CEP é responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos. Este papel está baseado nas diretrizes éticas brasileiras (Res. CNS 466/12, CNS Nº 510/2016 e complementares). Se você tiver dúvidas sobre seus direitos como participante de pesquisa, você pode contatar Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP) da UFAL, pelo telefone: (82) 3214- 1041.

Eu, **Flávia Vieira dos Santos**,

Responsável pela criança **Felipe Miguel Azevedo dos Santos**, tendo compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a participação da mesma no mencionado estudo e estando consciente dos meus direitos, das minhas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a participação da criança implicam, concordo que ela participe e para isso eu DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO EU TENHA SIDO FORÇADO OU OBRIGADO.

Endereço da equipe da pesquisa:

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE
 Av. Lourival Melo Mota, S/N, Tabuleiro do Martins, Maceió - AL, Cep: 57072-970

Contato de urgência: 99993-8816 (mãe)

Endereço: Rua 21 de Fevereiro, nº 61.

Bairro: Santo Antônio.

Cidade/CEP: Olho D'Água das Flores - AL. 57442-000

Telefone: 99697 – 3894 (Vó)

Ponto de referência: Próximo ao posto de saúde.

ATENÇÃO: O Comitê de Ética da UFAL analisou e aprovou este projeto de pesquisa. Para obter mais informações a respeito deste projeto de pesquisa, informar ocorrências

Flávia V. dos Santos

irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo, dirija-se ao: Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Alagoas. Prédio do Centro de Interesse Comunitário (CIC), Térreo, Campus A. C. Simões, Cidade Universitária, Telefone: (82) 3214-1041 – Horário de Atendimento: das 14:00 às 18:00 (temporariamente).

E-mail: cep@ufal.br

Maceió, 14 de Agosto de 2025.

Ilaino N. dos Santos

Assinatura ou impressão datiloscópica d(o,a) voluntári(o,a) ou responsável legal e rubricar as demais folhas

Rodolfo Luiz Santos Rego

Nome e Assinatura do Pesquisador pelo estudo
(Rubricar as demais páginas)

REGISTRO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PARTICIPAÇÃO EM PROJETO DE PESQUISA

Seu filho(a) está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa com o tema “A cultura do “jogar bola” na perspectiva das crianças do 6º ano: subsídios para o planejamento do professor de educação física”, que iremos desenvolver na Escola Municipal de Educação Básica Maria Augusta Silva Melo onde ele(a) frequenta. A pesquisa será realizada pelo Prof. Rodolfo Luiz Santos Rego e orientada pela Profa. Dra. Miralra Noal Manfroi. A seguir, elencamos as informações do projeto de pesquisa com relação à participação do seu(sua) filho(a) neste estudo:

- A participação do(a) seu(sua) filho(a) neste estudo é muito importante para nós, mas você pode não permiti-la ou interrompê-la no momento em que assim desejar;
- O estudo tem como objetivo compreender como a escuta das crianças do 6º ano pode auxiliar a prática pedagógica do professor de Educação Física a partir dos significados que elas atribuem ao futebol, ampliando assim, a leitura de mundo delas acerca do esporte.
- A importância deste estudo é contribuir com o planejamento de ensino dos professores que atuam nesta etapa da educação básica, pois, olhar para as histórias dos alunos relacionadas ao futebol, possibilitará uma melhor reflexão sobre o tema e uma abordagem mais específica a ser adotada durante as aulas;
- Que a coleta de dados deste estudo começará em agosto de 2025 e terminará em dezembro de 2025;
- Que o estudo será realizado em duas etapas. **A primeira** durante as aulas de Educação Física, será feita uma sondagem a partir dos conhecimentos prévios dos alunos, para identificar os estudantes, sejam meninos ou meninas, que demonstram uma paixão especial por jogar futebol ou futsal, estudantes, que na maior parte do tempo resistem a participar de outras atividades durante as aulas da disciplina. A partir daí, estes estudantes serão selecionados para que, em seus cotidianos, dentro e fora do ambiente escolar, através de suas interações sociais, culturais e histórias de vida, possamos conhecer e compreender melhor os significados que eles atribuem ao futebol e que o torna uma prática corporal tão especial. **A segunda** será, a partir da observação e escuta do cotidiano e histórias de vida dos estudantes, traçar possibilidades de intervenção pedagógica nas aulas de educação física que envolvam suas relações com o futebol, sugerindo vivências, levantando questionamentos, estabelecendo novos sentidos e significados sobre o esporte.
- A participação do(a) seu(sua) filho(a) na pesquisa acontecerá em ambas as etapas do item anterior, ou seja, nas atividades de observação dentro e fora do ambiente escolar;
- Sempre que desejar, serão fornecidos esclarecimentos sobre cada uma das etapas do estudo;
- Os possíveis riscos em participar desta pesquisa serão baixos. Sendo que os incômodos que as crianças poderão vir a sentir com a participação serão os seguintes: constrangimento em saber que estarão sendo observadas e filmadas e desconforto em expressar suas opiniões durante as fases da pesquisa. Os riscos deverão ser minimizados com a escuta atenta e acolhimento da criança, caso seja percebido qualquer desconforto durante qualquer fase de desenvolvimento da pesquisa, imediatamente serão interrompidos os registros. Somente diante de uma

Cherice

sinalização de que as crianças estarão à vontade (não demonstrando receio ou aborrecimento diante da câmara ou do pesquisador) é que a coleta será iniciada.

- Sobre a autorização de uso de imagem e/ou voz você deve assinalar quais conteúdos você permite, ou não, o uso e/ou divulgação de seu filho(a):

1) Divulgação da imagem de seu filho(a):

(X) Sim, autorizo a divulgação da minha imagem de meu filho(a).

() Não, não autorizo a divulgação da minha imagem de meu filho(a).

2) Permissão para uso de gravação em vídeo:

(X) Sim, autorizo o uso de gravação em vídeo.

() Não, não autorizo o uso de gravação em vídeo.

3) Permissão para uso de gravação em áudio:

(X) Sim, autorizo o uso de gravação em áudio.

() Não, não autorizo o uso de gravação em áudio.

4) Permissão para uso do conteúdo da gravação em áudio:

(X) Sim, autorizo o uso do conteúdo da gravação em áudio.

() Não, não autorizo o uso do conteúdo de gravação em áudio.

5) Permissão para divulgação da sua voz:

(X) Sim, autorizo a divulgação da sua voz.

() Não, não autorizo a divulgação da sua voz.

- Seu(sua) filho(a) deverá contar com a seguinte assistência: mediação do pesquisadores, por meio de acolhimento e conversa com as crianças em situações de desconforto.
- Seu(sua) filho(a) deverá contar com assistência imediata e integral por danos: quando necessário, o pesquisador e a instituição envolvida na pesquisa se responsabilizarão em proporcionar assistência imediata e integral de acesso gratuito pós-estudo diante das complicações e danos decorrentes, direta ou indiretamente, na pesquisa.
- Nada será pago ou cobrado de você ou da criança sob sua responsabilidade legal para participar desta pesquisa, pois a aceitação é voluntária.
- Fica também garantida a indenização em casos de danos comprovadamente decorrentes da participação da criança ou do adulto, conforme decisão judicial ou extrajudicial.
- Você receberá os resultados da pesquisa no formato que você preferir, impresso ou por e-mail e uma palestra que será realizada na escola em que acontece a pesquisa.
- Todas as informações desta pesquisa serão confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, e sendo assegurado o sigilo e privacidade sobre a participação das crianças e dos adultos.
- Os dados coletados nesta pesquisa (vídeos, fotos, áudio e registros escritos) ficarão armazenados em pasta de arquivo no computador pessoal protegido por senha, sob a responsabilidade do pesquisador e, pelo período de cinco anos; ao fim desse período, serão deletados todos os arquivos salvos.

Cherice

- A qualquer momento seu(sua) filho(a) poderá se recusar a continuar participando do estudo e, também, poderá retirar este consentimento, sem que isso lhe traga qualquer penalidade ou prejuízo;
- As informações conseguidas por meio da participação do seu(sua) filho(a) não permitirão a identificação da sua identidade, exceto aos responsáveis pelo estudo, e a divulgação das mencionadas informações só será feita entre os profissionais estudiosos do assunto, após a sua autorização;
- Seu(sua) filho(a) será indenizado(a) por qualquer dano que venha a sofrer com a participação da pesquisa, seja direta ou indiretamente;
- Você receberá uma via do Registro de Consentimento Livre e Esclarecido assinado por todos. O registro será emitido em duas vias, uma para o pesquisador e outra para o participante.
- O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) é um grupo de indivíduos com conhecimento científico que realizam a revisão ética inicial e continuada do estudo de pesquisa para mantê-lo seguro e proteger seus direitos. O CEP é responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos. Este papel está baseado nas diretrizes éticas brasileiras (Res. CNS 466/12, CNS Nº 510/2016 e complementares). Se você tiver dúvidas sobre seus direitos como participante de pesquisa, você pode contatar Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP) da UFAL, pelo telefone: (82) 3214- 1041.

Eu, **Cleonice Ribeiro Cruz dos Santos**,

Responsável pela criança **Adrian Miguel dos Santos**, tendo compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a participação da mesma no mencionado estudo e estando consciente dos meus direitos, das minhas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a participação da criança implicam, concordo que ela participe e para isso eu DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO EU TENHA SIDO FORÇADO OU OBRIGADO.

Endereço da equipe da pesquisa:

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

INSTITUTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE

Av. Lourival Melo Mota, S/N, Tabuleiro do Martins, Maceió - AL, Cep: 57072-970

Contato de urgência: 99951-9075

Endereço: Rua da Vitória, 286.

Bairro: Santo Antônio

Cidade/CEP: 57442-000

Telefone: 99951-9075

Ponto de referência: -

ATENÇÃO: O Comitê de Ética da UFAL analisou e aprovou este projeto de pesquisa. Para obter mais informações a respeito deste projeto de pesquisa, informar ocorrências

Cleonice

irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo, dirija-se ao: Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Alagoas. Prédio do Centro de Interesse Comunitário (CIC), Térreo, Campus A. C. Simões, Cidade Universitária, Telefone: (82) 3214-1041 – Horário de Atendimento: das 14:00 às 18:00 (temporariamente).

E-mail: cep@ufal.br

Maceió, 14 de Agosto de 2025.

Cleanice Ribeiro Cruz dos Santos
Assinatura ou impressão datiloscópica d(o,a)
voluntári(o,a) ou responsável legal e rubricar
as demais folhas

Rodolfo Luiz Santos Rego
Nome e Assinatura do Pesquisador pelo estudo
(Rubricar as demais páginas)

REGISTRO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PARTICIPAÇÃO EM PROJETO DE PESQUISA

Seu filho(a) está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa com o tema "A cultura do "jogar bola" na perspectiva das crianças do 6º ano: subsídios para o planejamento do professor de educação física", que iremos desenvolver na Escola Municipal de Educação Básica Maria Augusta Silva Melo onde ele(a) frequenta. A pesquisa será realizada pelo Prof. Rodolfo Luiz Santos Rego e orientada pela Profa. Dra. Miraira Noal Manfroi. A seguir, elencamos as informações do projeto de pesquisa com relação à participação do seu(sua) filho(a) neste estudo:

- A participação do(a) seu(sua) filho(a) neste estudo é muito importante para nós, mas você pode não permiti-la ou interrompê-la no momento em que assim desejar;
- O estudo tem como objetivo compreender como a escuta das crianças do 6º ano pode auxiliar a prática pedagógica do professor de Educação Física a partir dos significados que elas atribuem ao futebol, ampliando assim, a leitura de mundo delas acerca do esporte;
- A importância deste estudo é contribuir com o planejamento de ensino dos professores que atuam nesta etapa da educação básica, pois, olhar para as histórias dos alunos relacionadas ao futebol, possibilitará uma melhor reflexão sobre o tema e uma abordagem mais específica a ser adotada durante as aulas;
- Que a coleta de dados deste estudo começará em agosto de 2025 e terminará em dezembro de 2025;
- Que o estudo será realizado em duas etapas. **A primeira** durante as aulas de Educação Física, será feita uma sondagem a partir dos conhecimentos prévios dos alunos, para identificar os estudantes, sejam meninos ou meninas, que demonstram uma paixão especial por jogar futebol ou futsal, estudantes, que na maior parte do tempo resistem a participar de outras atividades durante as aulas da disciplina. A partir daí, estes estudantes serão selecionados para que, em seus cotidianos, dentro e fora do ambiente escolar, através de suas interações sociais, culturais e histórias de vida, possamos conhecer e compreender melhor os significados que eles atribuem ao futebol e que o torna uma prática corporal tão especial. **A segunda** será, a partir da observação e escuta do cotidiano e histórias de vida dos estudantes, traçar possibilidades de intervenção pedagógica nas aulas de educação física que envolvam suas relações com o futebol, sugerindo vivências, levantando questionamentos, estabelecendo novos sentidos e significados sobre o esporte.
- A participação do(a) seu(sua) filho(a) na pesquisa acontecerá em ambas as etapas do item anterior, ou seja, nas atividades de observação dentro e fora do ambiente escolar;
- Sempre que desejar, serão fornecidos esclarecimentos sobre cada uma das etapas do estudo;
- Os possíveis riscos em participar desta pesquisa serão baixos. Sendo que os incômodos que as crianças poderão vir a sentir com a participação serão os seguintes: constrangimento em saber que estarão sendo observadas e filmadas e desconforto em expressar suas opiniões durante as fases da pesquisa. Os riscos deverão ser minimizados com a escuta atenta e acolhimento da criança, caso seja percebido qualquer desconforto durante qualquer fase de desenvolvimento da pesquisa, imediatamente serão interrompidos os registros. Somente diante de uma

Elaine

sinalização de que as crianças estarão à vontade (não demonstrando receio ou aborrecimento diante da câmara ou do pesquisador) é que a coleta será iniciada.

- Sobre a autorização de uso de imagem e/ou voz você deve assinalar quais conteúdos você permite, ou não, o uso e/ou divulgação de seu filho(a):

1) Divulgação da imagem de seu filho(a):

- (X) Sim, autorizo a divulgação da minha imagem de meu filho(a).
() Não, não autorizo a divulgação da minha imagem de meu filho(a).

2) Permissão para uso de gravação em vídeo:

- (X) Sim, autorizo o uso de gravação em vídeo.
() Não, não autorizo o uso de gravação em vídeo.

3) Permissão para uso de gravação em áudio:

- (X) Sim, autorizo o uso de gravação em áudio.
() Não, não autorizo o uso de gravação em áudio.

4) Permissão para uso do conteúdo da gravação em áudio:

- (X) Sim, autorizo o uso do conteúdo da gravação em áudio.
() Não, não autorizo o uso do conteúdo de gravação em áudio.

5) Permissão para divulgação da sua voz:

- (X) Sim, autorizo a divulgação da sua voz.
() Não, não autorizo a divulgação da sua voz.

- Seu(sua) filho(a) deverá contar com a seguinte assistência: mediação do pesquisadores, por meio de acolhimento e conversa com as crianças em situações de desconforto.
- Seu(sua) filho(a) deverá contar com assistência imediata e integral por danos: quando necessário, o pesquisador e a instituição envolvida na pesquisa se responsabilizarão em proporcionar assistência imediata e integral de acesso gratuito pós-estudo diante das complicações e danos decorrentes, direta ou indiretamente, na pesquisa.
- Nada será pago ou cobrado de você ou da criança sob sua responsabilidade legal para participar desta pesquisa, pois a aceitação é voluntária.
- Fica também garantida a indenização em casos de danos comprovadamente decorrentes da participação da criança ou do adulto, conforme decisão judicial ou extrajudicial.
- Você receberá os resultados da pesquisa no formato que você preferir, impresso ou por e-mail e uma palestra que será realizada na escola em que acontece a pesquisa.
- Todas as informações desta pesquisa serão confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, e sendo assegurado o sigilo e privacidade sobre a participação das crianças e dos adultos.
- Os dados coletados nesta pesquisa (vídeos, fotos, áudio e registros escritos) ficarão armazenados em pasta de arquivo no computador pessoal protegido por senha, sob a responsabilidade do pesquisador e, pelo período de cinco anos; ao fim desse período, serão deletados todos os arquivos salvos.

Elaine

- A qualquer momento seu(sua) filho(a) poderá se recusar a continuar participando do estudo e, também, poderá retirar este consentimento, sem que isso lhe traga qualquer penalidade ou prejuízo;
- As informações conseguidas por meio da participação do seu(sua) filho(a) não permitirão a identificação da sua identidade, exceto aos responsáveis pelo estudo, e a divulgação das mencionadas informações só será feita entre os profissionais estudiosos do assunto, após a sua autorização;
- Seu(sua) filho(a) será indenizado(a) por qualquer dano que venha a sofrer com a participação da pesquisa, seja direta ou indiretamente;
- Você receberá uma via do Registro de Consentimento Livre e Esclarecido assinado por todos. O registro será emitido em duas vias, uma para o pesquisador e outra para o participante.
- O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) é um grupo de indivíduos com conhecimento científico que realizam a revisão ética inicial e continuada do estudo de pesquisa para mantê-lo seguro e proteger seus direitos. O CEP é responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos. Este papel está baseado nas diretrizes éticas brasileiras (Res. CNS 466/12, CNS Nº 510/2016 e complementares). Se você tiver dúvidas sobre seus direitos como participante de pesquisa, você pode contatar Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP) da UFAL, pelo telefone: (82) 3214- 1041.

Eu, Elaine Ramalho dos Santos,

Responsável pela criança **Davi Francisco Ramalho Alves**, tendo compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a participação da mesma no mencionado estudo e estando consciente dos meus direitos, das minhas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a participação da criança implicam, concordo que ela participe e para isso eu **DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO EU TENHA SIDO FORÇADO OU OBRIGADO.**

Endereço da equipe da pesquisa:

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

INSTITUTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE

Av. Lourival Melo Mota, S/N, Tabuleiro do Martins, Maceió - AL, Cep: 57072-970

Contato de urgência: 98216-7920

Endereço: Rua Vercador Abílio Cabral de Melo, s/n.

Bairro: Manoel Floriano

Cidade/CEP: 57442-000

Telefone: 98216-7920

Ponto de referência: -

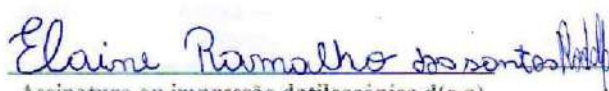
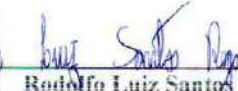
ATENÇÃO: O Comitê de Ética da UFAL analisou e aprovou este projeto de pesquisa. Para obter mais informações a respeito deste projeto de pesquisa, informar ocorrências

Elaine

irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo, dirija-se ao: Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Alagoas. Prédio do Centro de Interesse Comunitário (CIC), Térreo, Campus A. C. Simões, Cidade Universitária, Telefone: (82) 3214-1041 – Horário de Atendimento: das 14:00 às 18:00 (temporariamente).

E-mail: cep@ufal.br

Macció, 14 de Agosto de 2025.

	
Assinatura ou impressão datiloscópica d(o,a) voluntári(o,a) ou responsável legal e rubricar as demais folhas	Nome e Assinatura do Pesquisador pelo estudo (Rubricar as demais páginas)

**APÊNDICE B - REGISTRO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
(RALE)**

**Universidade Federal de Alagoas
Instituto de Educação Física e Esporte**

Registro de Assentimento Livre e Esclarecido (RALE)

Você está sendo convidado para participar da pesquisa **“A cultura do “jogar bola” na perspectiva das crianças do 6º ano: subsídios para o planejamento do professor de educação física”**. Seus pais e/ou seus responsáveis permitiram que você participasse desse estudo.

Meu nome é Rodolfo Luiz Santos Rego, sou pesquisador e meu telefone é (82) 98216-7920, trabalhando comigo você também vai encontrar a pesquisadora Miráira Noal Manfroí, e o telefone dela é (79) 99122-9180.

A pesquisa será feita na sua cidade, com você e outros colegas de turma. Vamos acompanhar você na Escola Municipal de Educação Básica Maria Augusta Silva Melo e também fora do ambiente escolar como em suas brincadeiras na rua, em casa ou outros lugares e através de suas interações sociais, culturais e histórias de vida, possamos conhecer e compreender melhor o porquê o futebol é importante para você. Nós usaremos uma câmera fotográfica e filmadora para filmar e tirar fotos suas e das outras crianças. Uma coisa ruim que pode acontecer é você ficar tímido ou envergonhado quando for filmado. Caso você se sinta incomodado enquanto estiver sendo filmado, você pode nos avisar que iremos parar.

Existem coisas boas na sua participação nesta pesquisa: ajudar a entender melhor o futebol que você pratica nas aulas de Educação Física e fora da escola. Ninguém saberá que você está participando da pesquisa, só o seu pai e a sua mãe, ou outra pessoa responsável por você e seu professor e auxiliar. Quando terminarmos a pesquisa, vamos mostrar os resultados para você.

Se você tiver alguma dúvida, você pode me perguntar ou me telefonar.


Assinatura da criança participante

**Universidade Federal de Alagoas
Instituto de Educação Física e Esporte**

Registro de Assentimento Livre e Esclarecido (RALE)

Você está sendo convidado para participar da pesquisa **"A cultura do "jogar bola" na perspectiva das crianças do 6º ano: subsídios para o planejamento do professor de educação física"**. Seus pais e/ou seus responsáveis permitiram que você participasse desse estudo.

Meu nome é Rodolfo Luiz Santos Rego, sou pesquisador e meu telefone é (82) 98216-7920, trabalhando comigo você também vai encontrar a pesquisadora Miraira Noal Manfroí, e o telefone dela é (79) 99122-9180.

A pesquisa será feita na sua cidade, com você e outros colegas de turma. Vamos acompanhar você na Escola Municipal de Educação Básica Maria Augusta Silva Melo e também fora do ambiente escolar como em suas brincadeiras na rua, em casa ou outros lugares e através de suas interações sociais, culturais e histórias de vida, possamos conhecer e compreender melhor o porquê o futebol é importante para você. Nós usaremos uma câmera fotográfica e filmadora para filmar e tirar fotos suas e das outras crianças. Uma coisa ruim que pode acontecer é você ficar tímido ou envergonhado quando for filmado. Caso você se sinta incomodado enquanto estiver sendo filmado, você pode nos avisar que iremos parar.

Existem coisas boas na sua participação nesta pesquisa: ajudar a entender melhor o futebol que você pratica nas aulas de Educação Física e fora da escola. Ninguém saberá que você está participando da pesquisa, só o seu pai e a sua mãe, ou outra pessoa responsável por você e seu professor e auxiliar. Quando terminarmos a pesquisa, vamos mostrar os resultados para você.

Se você tiver alguma dúvida, você pode me perguntar ou me telefonar.

Arthur Francisco Pereira Borges

Assinatura da criança participante

**Universidade Federal de Alagoas
Instituto de Educação Física e Esporte**

Registro de Assentimento Livre e Esclarecido (RALE)

Você está sendo convidado para participar da pesquisa **“A cultura do “jogar bola” na perspectiva das crianças do 6º ano: subsídios para o planejamento do professor de educação física”**. Seus pais e/ou seus responsáveis permitiram que você participasse desse estudo.

Meu nome é Rodolfo Luiz Santos Rego, sou pesquisador e meu telefone é (82) 98216-7920, trabalhando comigo você também vai encontrar a pesquisadora Miráira Noal Manfroí, e o telefone dela é (79) 99122-9180.

A pesquisa será feita na sua cidade, com você e outros colegas de turma. Vamos acompanhar você na Escola Municipal de Educação Básica Maria Augusta Silva Melo e também fora do ambiente escolar como em suas brincadeiras na rua, em casa ou outros lugares e através de suas interações sociais, culturais e histórias de vida, possamos conhecer e compreender melhor o porquê o futebol é importante para você. Nós usaremos uma câmera fotográfica e filmadora para filmar e tirar fotos suas e das outras crianças. Uma coisa ruim que pode acontecer é você ficar tímido ou envergonhado quando for filmado. Caso você se sinta incomodado enquanto estiver sendo filmado, você pode nos avisar que iremos parar.

Existem coisas boas na sua participação nesta pesquisa: ajudar a entender melhor o futebol que você pratica nas aulas de Educação Física e fora da escola. Ninguém saberá que você está participando da pesquisa, só o seu pai e a sua mãe, ou outra pessoa responsável por você e seu professor e auxiliar. Quando terminarmos a pesquisa, vamos mostrar os resultados para você.

Se você tiver alguma dúvida, você pode me perguntar ou me telefonar.



Assinatura da criança participante

**Universidade Federal de Alagoas
Instituto de Educação Física e Esporte**

Registro de Assentimento Livre e Esclarecido (RALE)

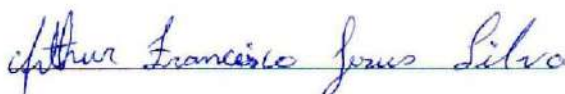
Você está sendo convidado para participar da pesquisa **“A cultura do “jogar bola” na perspectiva das crianças do 6º ano: subsídios para o planejamento do professor de educação física”**. Seus pais e/ou seus responsáveis permitiram que você participasse desse estudo.

Meu nome é Rodolfo Luiz Santos Rego, sou pesquisador e meu telefone é (82) 98216-7920, trabalhando comigo você também vai encontrar a pesquisadora Miraiira Noal Manfroi, e o telefone dela é (79) 99122-9180.

A pesquisa será feita na sua cidade, com você e outros colegas de turma. Vamos acompanhar você na Escola Municipal de Educação Básica Maria Augusta Silva Melo e também fora do ambiente escolar como em suas brincadeiras na rua, em casa ou outros lugares e através de suas interações sociais, culturais e histórias de vida, possamos conhecer e compreender melhor o porquê o futebol é importante para você. Nós usaremos uma câmera fotográfica e filmadora para filmar e tirar fotos suas e das outras crianças. Uma coisa ruim que pode acontecer é você ficar tímido ou envergonhado quando for filmado. Caso você se sinta incomodado enquanto estiver sendo filmado, você pode nos avisar que iremos parar.

Existem coisas boas na sua participação nesta pesquisa: ajudar a entender melhor o futebol que você pratica nas aulas de Educação Física e fora da escola. Ninguém saberá que você está participando da pesquisa, só o seu pai e a sua mãe, ou outra pessoa responsável por você e seu professor e auxiliar. Quando terminarmos a pesquisa, vamos mostrar os resultados para você.

Se você tiver alguma dúvida, você pode me perguntar ou me telefonar.



Assinatura da criança participante

**Universidade Federal de Alagoas
Instituto de Educação Física e Esporte**

Registro de Assentimento Livre e Esclarecido (RALE)

Você está sendo convidado para participar da pesquisa **"A cultura do "jogar bola" na perspectiva das crianças do 6º ano: subsídios para o planejamento do professor de educação física"**. Seus pais e/ou seus responsáveis permitiram que você participasse desse estudo.

Meu nome é Rodolfo Luiz Santos Rego, sou pesquisador e meu telefone é (82) 98216-7920, trabalhando comigo você também vai encontrar a pesquisadora Miraira Noal Manfroí, e o telefone dela é (79) 99122-9180.

A pesquisa será feita na sua cidade, com você e outros colegas de turma. Vamos acompanhar você na Escola Municipal de Educação Básica Maria Augusta Silva Melo e também fora do ambiente escolar como em suas brincadeiras na rua, em casa ou outros lugares e através de suas interações sociais, culturais e histórias de vida, possamos conhecer e compreender melhor o porquê o futebol é importante para você. Nós usaremos uma câmera fotográfica e filmadora para filmar e tirar fotos suas e das outras crianças. Uma coisa ruim que pode acontecer é você ficar tímido ou envergonhado quando for filmado. Caso você se sinta incomodado enquanto estiver sendo filmado, você pode nos avisar que iremos parar.

Existem coisas boas na sua participação nesta pesquisa: ajudar a entender melhor o futebol que você pratica nas aulas de Educação Física e fora da escola. Ninguém saberá que você está participando da pesquisa, só o seu pai e a sua mãe, ou outra pessoa responsável por você e seu professor e auxiliar. Quando terminarmos a pesquisa, vamos mostrar os resultados para você.

Se você tiver alguma dúvida, você pode me perguntar ou me telefonar.



Assinatura da criança participante



**Universidade Federal de Alagoas
Instituto de Educação Física e Esporte**

Registro de Assentimento Livre e Esclarecido (RALE)

Você está sendo convidado para participar da pesquisa **“A cultura do “jogar bola” na perspectiva das crianças do 6º ano: subsídios para o planejamento do professor de educação física”**. Seus pais e/ou seus responsáveis permitiram que você participasse desse estudo.

Meu nome é Rodolfo Luiz Santos Rego, sou pesquisador e meu telefone é (82) 98216-7920, trabalhando comigo você também vai encontrar a pesquisadora Miráira Noal Manfroí, e o telefone dela é (79) 99122-9180.

A pesquisa será feita na sua cidade, com você e outros colegas de turma. Vamos acompanhar você na Escola Municipal de Educação Básica Maria Augusta Silva Melo e também fora do ambiente escolar como em suas brincadeiras na rua, em casa ou outros lugares e através de suas interações sociais, culturais e histórias de vida, possamos conhecer e compreender melhor o porquê o futebol é importante para você. Nós usaremos uma câmera fotográfica e filmadora para filmar e tirar fotos suas e das outras crianças. Uma coisa ruim que pode acontecer é você ficar tímido ou envergonhado quando for filmado. Caso você se sinta incomodado enquanto estiver sendo filmado, você pode nos avisar que iremos parar.

Existem coisas boas na sua participação nesta pesquisa: ajudar a entender melhor o futebol que você pratica nas aulas de Educação Física e fora da escola. Ninguém saberá que você está participando da pesquisa, só o seu pai e a sua mãe, ou outra pessoa responsável por você e seu professor e auxiliar. Quando terminarmos a pesquisa, vamos mostrar os resultados para você.

Se você tiver alguma dúvida, você pode me perguntar ou me telefonar.



Assinatura da criança participante

**Universidade Federal de Alagoas
Instituto de Educação Física e Esporte**

Registro de Assentimento Livre e Esclarecido (RALE)

Você está sendo convidado para participar da pesquisa **“A cultura do “jogar bola” na perspectiva das crianças do 6º ano: subsídios para o planejamento do professor de educação física”**. Seus pais e/ou seus responsáveis permitiram que você participasse desse estudo.

Meu nome é Rodolfo Luiz Santos Rego, sou pesquisador e meu telefone é (82) 98216-7920, trabalhando comigo você também vai encontrar a pesquisadora Miráira Noal Manfroí, e o telefone dela é (79) 99122-9180.

A pesquisa será feita na sua cidade, com você e outros colegas de turma. Vamos acompanhar você na Escola Municipal de Educação Básica Maria Augusta Silva Melo e também fora do ambiente escolar como em suas brincadeiras na rua, em casa ou outros lugares e através de suas interações sociais, culturais e histórias de vida, possamos conhecer e compreender melhor o porquê o futebol é importante para você. Nós usaremos uma câmera fotográfica e filmadora para filmar e tirar fotos suas e das outras crianças. Uma coisa ruim que pode acontecer é você ficar tímido ou envergonhado quando for filmado. Caso você se sinta incomodado enquanto estiver sendo filmado, você pode nos avisar que iremos parar.

Existem coisas boas na sua participação nesta pesquisa: ajudar a entender melhor o futebol que você pratica nas aulas de Educação Física e fora da escola. Ninguém saberá que você está participando da pesquisa, só o seu pai e a sua mãe, ou outra pessoa responsável por você e seu professor e auxiliar. Quando terminarmos a pesquisa, vamos mostrar os resultados para você.

Se você tiver alguma dúvida, você pode me perguntar ou me telefonar.

Bani Francisca Ramalho ALMEIDA

Assinatura da criança participante

**Universidade Federal de Alagoas
Instituto de Educação Física e Esporte**

Registro de Assentimento Livre e Esclarecido (RALE)

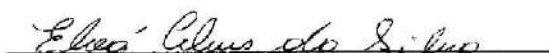
Você está sendo convidado para participar da pesquisa **“A cultura do “jogar bola” na perspectiva das crianças do 6º ano: subsídios para o planejamento do professor de educação física”**. Seus pais e/ou seus responsáveis permitiram que você participasse desse estudo.

Meu nome é Rodolfo Luiz Santos Rego, sou pesquisador e meu telefone é (82) 98216-7920, trabalhando comigo você também vai encontrar a pesquisadora Miráira Noal Manfroí, e o telefone dela é (79) 99122-9180.

A pesquisa será feita na sua cidade, com você e outros colegas de turma. Vamos acompanhar você na Escola Municipal de Educação Básica Maria Augusta Silva Melo e também fora do ambiente escolar como em suas brincadeiras na rua, em casa ou outros lugares e através de suas interações sociais, culturais e histórias de vida, possamos conhecer e compreender melhor o porquê o futebol é importante para você. Nós usaremos uma câmera fotográfica e filmadora para filmar e tirar fotos suas e das outras crianças. Uma coisa ruim que pode acontecer é você ficar tímido ou envergonhado quando for filmado. Caso você se sinta incomodado enquanto estiver sendo filmado, você pode nos avisar que iremos parar.

Existem coisas boas na sua participação nesta pesquisa: ajudar a entender melhor o futebol que você pratica nas aulas de Educação Física e fora da escola. Ninguém saberá que você está participando da pesquisa, só o seu pai e a sua mãe, ou outra pessoa responsável por você e seu professor e auxiliar. Quando terminarmos a pesquisa, vamos mostrar os resultados para você.

Se você tiver alguma dúvida, você pode me perguntar ou me telefonar.



Assinatura da criança participante

**Universidade Federal de Alagoas
Instituto de Educação Física e Esporte**

Registro de Assentimento Livre e Esclarecido (RALE)

Você está sendo convidado para participar da pesquisa **“A cultura do “jogar bola” na perspectiva das crianças do 6º ano: subsídios para o planejamento do professor de educação física”**. Seus pais e/ou seus responsáveis permitiram que você participasse desse estudo.

Meu nome é Rodolfo Luiz Santos Rego, sou pesquisador e meu telefone é (82) 98216-7920, trabalhando comigo você também vai encontrar a pesquisadora Miráira Noal Manfroí, e o telefone dela é (79) 99122-9180.

A pesquisa será feita na sua cidade, com você e outros colegas de turma. Vamos acompanhar você na Escola Municipal de Educação Básica Maria Augusta Silva Melo e também fora do ambiente escolar como em suas brincadeiras na rua, em casa ou outros lugares e através de suas interações sociais, culturais e histórias de vida, possamos conhecer e compreender melhor o porquê o futebol é importante para você. Nós usaremos uma câmera fotográfica e filmadora para filmar e tirar fotos suas e das outras crianças. Uma coisa ruim que pode acontecer é você ficar tímido ou envergonhado quando for filmado. Caso você se sinta incomodado enquanto estiver sendo filmado, você pode nos avisar que iremos parar.

Existem coisas boas na sua participação nesta pesquisa: ajudar a entender melhor o futebol que você pratica nas aulas de Educação Física e fora da escola. Ninguém saberá que você está participando da pesquisa, só o seu pai e a sua mãe, ou outra pessoa responsável por você e seu professor e auxiliar. Quando terminarmos a pesquisa, vamos mostrar os resultados para você.

Se você tiver alguma dúvida, você pode me perguntar ou me telefonar.

Emanuelle Soares Ferreira Brasil

Assinatura da criança participante

**Universidade Federal de Alagoas
Instituto de Educação Física e Esporte**

Registro de Assentimento Livre e Esclarecido (RALE)

Você está sendo convidado para participar da pesquisa **“A cultura do “jogar bola” na perspectiva das crianças do 6º ano: subsídios para o planejamento do professor de educação física”**. Seus pais e/ou seus responsáveis permitiram que você participasse desse estudo.

Meu nome é Rodolfo Luiz Santos Rego, sou pesquisador e meu telefone é (82) 98216-7920, trabalhando comigo você também vai encontrar a pesquisadora Miráira Noal Manfro, e o telefone dela é (79) 99122-9180.

A pesquisa será feita na sua cidade, com você e outros colegas de turma. Vamos acompanhar você na Escola Municipal de Educação Básica Maria Augusta Silva Melo e também fora do ambiente escolar como em suas brincadeiras na rua, em casa ou outros lugares e através de suas interações sociais, culturais e histórias de vida, possamos conhecer e compreender melhor o porquê o futebol é importante para você. Nós usaremos uma câmera fotográfica e filmadora para filmar e tirar fotos suas e das outras crianças. Uma coisa ruim que pode acontecer é você ficar tímido ou envergonhado quando for filmado. Caso você se sinta incomodado enquanto estiver sendo filmado, você pode nos avisar que iremos parar.

Existem coisas boas na sua participação nesta pesquisa: ajudar a entender melhor o futebol que você pratica nas aulas de Educação Física e fora da escola. Ninguém saberá que você está participando da pesquisa, só o seu pai e a sua mãe, ou outra pessoa responsável por você e seu professor e auxiliar. Quando terminarmos a pesquisa, vamos mostrar os resultados para você.

Se você tiver alguma dúvida, você pode me perguntar ou me telefonar.

Emilly Beatriz Rodrigues Silva

Assinatura da criança participante

**Universidade Federal de Alagoas
Instituto de Educação Física e Esporte**

Registro de Assentimento Livre e Esclarecido (RALE)

Você está sendo convidado para participar da pesquisa **“A cultura do “jogar bola” na perspectiva das crianças do 6º ano: subsídios para o planejamento do professor de educação física”**. Seus pais e/ou seus responsáveis permitiram que você participasse desse estudo.

Meu nome é Rodolfo Luiz Santos Rego, sou pesquisador e meu telefone é (82) 98216-7920, trabalhando comigo você também vai encontrar a pesquisadora Miraira Noal Manfroí, e o telefone dela é (79) 99122-9180.

A pesquisa será feita na sua cidade, com você e outros colegas de turma. Vamos acompanhar você na Escola Municipal de Educação Básica Maria Augusta Silva Melo e também fora do ambiente escolar como em suas brincadeiras na rua, em casa ou outros lugares e através de suas interações sociais, culturais e histórias de vida, possamos conhecer e compreender melhor o porquê o futebol é importante para você. Nós usaremos uma câmera fotográfica e filmadora para filmar e tirar fotos suas e das outras crianças. Uma coisa ruim que pode acontecer é você ficar tímido ou envergonhado quando for filmado. Caso você se sinta incomodado enquanto estiver sendo filmado, você pode nos avisar que iremos parar.

Existem coisas boas na sua participação nesta pesquisa: ajudar a entender melhor o futebol que você pratica nas aulas de Educação Física e fora da escola. Ninguém saberá que você está participando da pesquisa, só o seu pai e a sua mãe, ou outra pessoa responsável por você e seu professor e auxiliar. Quando terminarmos a pesquisa, vamos mostrar os resultados para você.

Se você tiver alguma dúvida, você pode me perguntar ou me telefonar.

Éilly Vitória Barbosa dos Santos

Assinatura da criança participante

**Universidade Federal de Alagoas
Instituto de Educação Física e Esporte**

Registro de Assentimento Livre e Esclarecido (RALE)

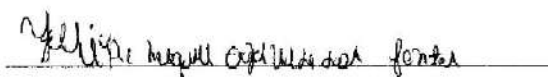
Você está sendo convidado para participar da pesquisa **“A cultura do “jogar bola” na perspectiva das crianças do 6º ano: subsídios para o planejamento do professor de educação física”**. Seus pais e/ou seus responsáveis permitiram que você participasse desse estudo.

Meu nome é Rodolfo Luiz Santos Rego, sou pesquisador e meu telefone é (82) 98216-7920, trabalhando comigo você também vai encontrar a pesquisadora Miráira Noal Manfro, e o telefone dela é (79) 99122-9180.

A pesquisa será feita na sua cidade, com você e outros colegas de turma. Vamos acompanhar você na Escola Municipal de Educação Básica Maria Augusta Silva Melo e também fora do ambiente escolar como em suas brincadeiras na rua, em casa ou outros lugares e através de suas interações sociais, culturais e histórias de vida, possamos conhecer e compreender melhor o porquê o futebol é importante para você. Nós usaremos uma câmera fotográfica e filmadora para filmar e tirar fotos suas e das outras crianças. Uma coisa ruim que pode acontecer é você ficar tímido ou envergonhado quando for filmado. Caso você se sinta incomodado enquanto estiver sendo filmado, você pode nos avisar que iremos parar.

Existem coisas boas na sua participação nesta pesquisa: ajudar a entender melhor o futebol que você pratica nas aulas de Educação Física e fora da escola. Ninguém saberá que você está participando da pesquisa, só o seu pai e a sua mãe, ou outra pessoa responsável por você e seu professor e auxiliar. Quando terminarmos a pesquisa, vamos mostrar os resultados para você.

Se você tiver alguma dúvida, você pode me perguntar ou me telefonar.



Assinatura da criança participante

**Universidade Federal de Alagoas
Instituto de Educação Física e Esporte**

Registro de Assentimento Livre e Esclarecido (RALE)

Você está sendo convidado para participar da pesquisa **“A cultura do “jogar bola” na perspectiva das crianças do 6º ano: subsídios para o planejamento do professor de educação física”**. Seus pais e/ou seus responsáveis permitiram que você participasse desse estudo.

Meu nome é Rodolfo Luiz Santos Rego, sou pesquisador e meu telefone é (82) 98216-7920, trabalhando comigo você também vai encontrar a pesquisadora Miraira Noal Manfro, e o telefone dela é (79) 99122-9180.

A pesquisa será feita na sua cidade, com você e outros colegas de turma. Vamos acompanhar você na Escola Municipal de Educação Básica Maria Augusta Silva Melo e também fora do ambiente escolar como em suas brincadeiras na rua, em casa ou outros lugares e através de suas interações sociais, culturais e histórias de vida, possamos conhecer e compreender melhor o porquê o futebol é importante para você. Nós usaremos uma câmera fotográfica e filmadora para filmar e tirar fotos suas e das outras crianças. Uma coisa ruim que pode acontecer é você ficar tímido ou envergonhado quando for filmado. Caso você se sinta incomodado enquanto estiver sendo filmado, você pode nos avisar que iremos parar.

Existem coisas boas na sua participação nesta pesquisa: ajudar a entender melhor o futebol que você pratica nas aulas de Educação Física e fora da escola. Ninguém saberá que você está participando da pesquisa, só o seu pai e a sua mãe, ou outra pessoa responsável por você e seu professor e auxiliar. Quando terminarmos a pesquisa, vamos mostrar os resultados para você.

Se você tiver alguma dúvida, você pode me perguntar ou me telefonar.

Rodolfo Fabiano Teixeira dos Santos

Assinatura da criança participante

**Universidade Federal de Alagoas
Instituto de Educação Física e Esporte**

Registro de Assentimento Livre e Esclarecido (RALE)

Você está sendo convidado para participar da pesquisa **“A cultura do “jogar bola” na perspectiva das crianças do 6º ano: subsídios para o planejamento do professor de educação física”**. Seus pais e/ou seus responsáveis permitiram que você participasse desse estudo.

Meu nome é Rodolfo Luiz Santos Rego, sou pesquisador e meu telefone é (82) 98216-7920, trabalhando comigo você também vai encontrar a pesquisadora Miraira Noal Manfroi, e o telefone dela é (79) 99122-9180.

A pesquisa será feita na sua cidade, com você e outros colegas de turma. Vamos acompanhar você na Escola Municipal de Educação Básica Maria Augusta Silva Melo e também fora do ambiente escolar como em suas brincadeiras na rua, em casa ou outros lugares e através de suas interações sociais, culturais e histórias de vida, possamos conhecer e compreender melhor o porquê o futebol é importante para você. Nós usaremos uma câmera fotográfica e filmadora para filmar e tirar fotos suas e das outras crianças. Uma coisa ruim que pode acontecer é você ficar tímido ou envergonhado quando for filmado. Caso você se sinta incomodado enquanto estiver sendo filmado, você pode nos avisar que iremos parar.

Existem coisas boas na sua participação nesta pesquisa: ajudar a entender melhor o futebol que você pratica nas aulas de Educação Física e fora da escola. Ninguém saberá que você está participando da pesquisa, só o seu pai e a sua mãe, ou outra pessoa responsável por você e seu professor e auxiliar. Quando terminarmos a pesquisa, vamos mostrar os resultados para você.

Se você tiver alguma dúvida, você pode me perguntar ou me telefonar.

Rodolfo Luiz Santos Rego

Assinatura da criança participante

**Universidade Federal de Alagoas
Instituto de Educação Física e Esporte**

Registro de Assentimento Livre e Esclarecido (RALE)

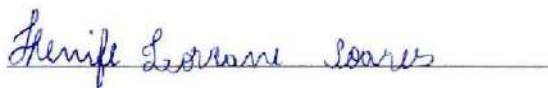
Você está sendo convidado para participar da pesquisa **“A cultura do “jogar bola” na perspectiva das crianças do 6º ano: subsídios para o planejamento do professor de educação física”**. Seus pais e/ou seus responsáveis permitiram que você participasse desse estudo.

Meu nome é Rodolfo Luiz Santos Rego, sou pesquisador e meu telefone é (82) 98216-7920, trabalhando comigo você também vai encontrar a pesquisadora Mirafra Noal Manfroí, e o telefone dela é (79) 99122-9180.

A pesquisa será feita na sua cidade, com você e outros colegas de turma. Vamos acompanhar você na Escola Municipal de Educação Básica Maria Augusta Silva Melo e também fora do ambiente escolar como em suas brincadeiras na rua, em casa ou outros lugares e através de suas interações sociais, culturais e histórias de vida, possamos conhecer e compreender melhor o porquê o futebol é importante para você. Nós usaremos uma câmera fotográfica e filmadora para filmar e tirar fotos suas e das outras crianças. Uma coisa ruim que pode acontecer é você ficar tímido ou envergonhado quando for filmado. Caso você se sinta incomodado enquanto estiver sendo filmado, você pode nos avisar que iremos parar.

Existem coisas boas na sua participação nesta pesquisa: ajudar a entender melhor o futebol que você pratica nas aulas de Educação Física e fora da escola. Ninguém saberá que você está participando da pesquisa, só o seu pai e a sua mãe, ou outra pessoa responsável por você e seu professor e auxiliar. Quando terminarmos a pesquisa, vamos mostrar os resultados para você.

Se você tiver alguma dúvida, você pode me perguntar ou me telefonar.



Assinatura da criança participante

**Universidade Federal de Alagoas
Instituto de Educação Física e Esporte**

Registro de Assentimento Livre e Esclarecido (RALE)

Você está sendo convidado para participar da pesquisa **“A cultura do “jogar bola” na perspectiva das crianças do 6º ano: subsídios para o planejamento do professor de educação física”**. Seus pais e/ou seus responsáveis permitiram que você participasse desse estudo.

Meu nome é Rodolfo Luiz Santos Rego, sou pesquisador e meu telefone é (82) 98216-7920, trabalhando comigo você também vai encontrar a pesquisadora Mirafra Noal Manfro, e o telefone dela é (79) 99122-9180.

A pesquisa será feita na sua cidade, com você e outros colegas de turma. Vamos acompanhar você na Escola Municipal de Educação Básica Maria Augusta Silva Melo e também fora do ambiente escolar como em suas brincadeiras na rua, em casa ou outros lugares e através de suas interações sociais, culturais e histórias de vida, possamos conhecer e compreender melhor o porquê o futebol é importante para você. Nós usaremos uma câmera fotográfica e filmadora para filmar e tirar fotos suas e das outras crianças. Uma coisa ruim que pode acontecer é você ficar tímido ou envergonhado quando for filmado. Caso você se sinta incomodado enquanto estiver sendo filmado, você pode nos avisar que iremos parar.

Existem coisas boas na sua participação nesta pesquisa: ajudar a entender melhor o futebol que você pratica nas aulas de Educação Física e fora da escola. Ninguém saberá que você está participando da pesquisa, só o seu pai e a sua mãe, ou outra pessoa responsável por você e seu professor e auxiliar. Quando terminarmos a pesquisa, vamos mostrar os resultados para você.

Se você tiver alguma dúvida, você pode me perguntar ou me telefonar.

Inamaghi Montina Anelvede Silva

Assinatura da criança participante

**Universidade Federal de Alagoas
Instituto de Educação Física e Esporte**

Registro de Assentimento Livre e Esclarecido (RALE)

Você está sendo convidado para participar da pesquisa **“A cultura do “jogar bola” na perspectiva das crianças do 6º ano: subsídios para o planejamento do professor de educação física”**. Seus pais e/ou seus responsáveis permitiram que você participasse desse estudo.

Meu nome é Rodolfo Luiz Santos Rego, sou pesquisador e meu telefone é (82) 98216-7920, trabalhando comigo você também vai encontrar a pesquisadora Miraira Noal Manfroi, e o telefone dela é (79) 99122-9180.

A pesquisa será feita na sua cidade, com você e outros colegas de turma. Vamos acompanhar você na Escola Municipal de Educação Básica Maria Augusta Silva Melo e também fora do ambiente escolar como em suas brincadeiras na rua, em casa ou outros lugares e através de suas interações sociais, culturais e histórias de vida, possamos conhecer e compreender melhor o porquê o futebol é importante para você. Nós usaremos uma câmera fotográfica e filmadora para filmar e tirar fotos suas e das outras crianças. Uma coisa ruim que pode acontecer é você ficar tímido ou envergonhado quando for filmado. Caso você se sinta incomodado enquanto estiver sendo filmado, você pode nos avisar que iremos parar.

Existem coisas boas na sua participação nesta pesquisa: ajudar a entender melhor o futebol que você pratica nas aulas de Educação Física e fora da escola. Ninguém saberá que você está participando da pesquisa, só o seu pai e a sua mãe, ou outra pessoa responsável por você e seu professor e auxiliar. Quando terminarmos a pesquisa, vamos mostrar os resultados para você.

Se você tiver alguma dúvida, você pode me perguntar ou me telefonar.



Assinatura da criança participante

**Universidade Federal de Alagoas
Instituto de Educação Física e Esporte**

Registro de Assentimento Livre e Esclarecido (RALE)

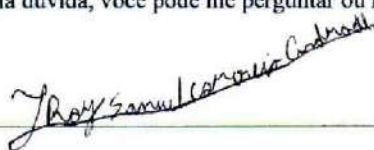
Você está sendo convidado para participar da pesquisa **“A cultura do “jogar bola” na perspectiva das crianças do 6º ano: subsídios para o planejamento do professor de educação física”**. Seus pais e/ou seus responsáveis permitiram que você participasse desse estudo.

Meu nome é Rodolfo Luiz Santos Rego, sou pesquisador e meu telefone é (82) 98216-7920, trabalhando comigo você também vai encontrar a pesquisadora Miraira Noal Manfroi, e o telefone dela é (79) 99122-9180.

A pesquisa será feita na sua cidade, com você e outros colegas de turma. Vamos acompanhar você na Escola Municipal de Educação Básica Maria Augusta Silva Melo e também fora do ambiente escolar como em suas brincadeiras na rua, em casa ou outros lugares e através de suas interações sociais, culturais e histórias de vida, possamos conhecer e compreender melhor o porquê o futebol é importante para você. Nós usaremos uma câmera fotográfica e filmadora para filmar e tirar fotos suas e das outras crianças. Uma coisa ruim que pode acontecer é você ficar tímido ou envergonhado quando for filmado. Caso você se sinta incomodado enquanto estiver sendo filmado, você pode nos avisar que iremos parar.

Existem coisas boas na sua participação nesta pesquisa: ajudar a entender melhor o futebol que você pratica nas aulas de Educação Física e fora da escola. Ninguém saberá que você está participando da pesquisa, só o seu pai e a sua mãe, ou outra pessoa responsável por você e seu professor e auxiliar. Quando terminarmos a pesquisa, vamos mostrar os resultados para você.

Se você tiver alguma dúvida, você pode me perguntar ou me telefonar.



Assinatura da criança participante

**Universidade Federal de Alagoas
Instituto de Educação Física e Esporte**

Registro de Assentimento Livre e Esclarecido (RALE)

Você está sendo convidado para participar da pesquisa **"A cultura do "jogar bola" na perspectiva das crianças do 6º ano: subsídios para o planejamento do professor de educação física"**. Seus pais e/ou seus responsáveis permitiram que você participasse desse estudo.

Meu nome é Rodolfo Luiz Santos Rego, sou pesquisador e meu telefone é (82) 98216-7920, trabalhando comigo você também vai encontrar a pesquisadora Miraira Noal Manfro, e o telefone dela é (79) 99122-9180.

A pesquisa será feita na sua cidade, com você e outros colegas de turma. Vamos acompanhar você na Escola Municipal de Educação Básica Maria Augusta Silva Melo e também fora do ambiente escolar como em suas brincadeiras na rua, em casa ou outros lugares e através de suas interações sociais, culturais e histórias de vida, possamos conhecer e compreender melhor o porquê o futebol é importante para você. Nós usaremos uma câmera fotográfica e filmadora para filmar e tirar fotos suas e das outras crianças. Uma coisa ruim que pode acontecer é você ficar tímido ou envergonhado quando for filmado. Caso você se sinta incomodado enquanto estiver sendo filmado, você pode nos avisar que iremos parar.

Existem coisas boas na sua participação nesta pesquisa: ajudar a entender melhor o futebol que você pratica nas aulas de Educação Física e fora da escola. Ninguém saberá que você está participando da pesquisa, só o seu pai e a sua mãe, ou outra pessoa responsável por você e seu professor e auxiliar. Quando terminarmos a pesquisa, vamos mostrar os resultados para você.

Se você tiver alguma dúvida, você pode me perguntar ou me telefonar.

João Miguel da Costa Rocha

Assinatura da criança participante

**Universidade Federal de Alagoas
Instituto de Educação Física e Esporte**

Registro de Assentimento Livre e Esclarecido (RALE)

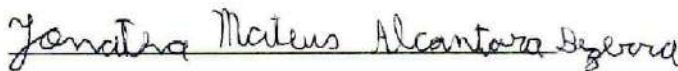
Você está sendo convidado para participar da pesquisa **“A cultura do “jogar bola” na perspectiva das crianças do 6º ano: subsídios para o planejamento do professor de educação física”**. Seus pais e/ou seus responsáveis permitiram que você participasse desse estudo.

Meu nome é Rodolfo Luiz Santos Rego, sou pesquisador e meu telefone é (82) 98216-7920, trabalhando comigo você também vai encontrar a pesquisadora Miraira Noal Manfro, e o telefone dela é (79) 99122-9180.

A pesquisa será feita na sua cidade, com você e outros colegas de turma. Vamos acompanhar você na Escola Municipal de Educação Básica Maria Augusta Silva Melo e também fora do ambiente escolar como em suas brincadeiras na rua, em casa ou outros lugares e através de suas interações sociais, culturais e histórias de vida, possamos conhecer e compreender melhor o porquê o futebol é importante para você. Nós usaremos uma câmera fotográfica e filmadora para filmar e tirar fotos suas e das outras crianças. Uma coisa ruim que pode acontecer é você ficar tímido ou envergonhado quando for filmado. Caso você se sinta incomodado enquanto estiver sendo filmado, você pode nos avisar que iremos parar.

Existem coisas boas na sua participação nesta pesquisa: ajudar a entender melhor o futebol que você pratica nas aulas de Educação Física e fora da escola. Ninguém saberá que você está participando da pesquisa, só o seu pai e a sua mãe, ou outra pessoa responsável por você e seu professor e auxiliar. Quando terminarmos a pesquisa, vamos mostrar os resultados para você.

Se você tiver alguma dúvida, você pode me perguntar ou me telefonar.



Assinatura da criança participante

**Universidade Federal de Alagoas
Instituto de Educação Física e Esporte**

Registro de Assentimento Livre e Esclarecido (RALE)

Você está sendo convidado para participar da pesquisa **"A cultura do "jogar bola" na perspectiva das crianças do 6º ano: subsídios para o planejamento do professor de educação física"**. Seus pais e/ou seus responsáveis permitiram que você participasse desse estudo.

Meu nome é Rodolfo Luiz Santos Rego, sou pesquisador e meu telefone é (82) 98216-7920, trabalhando comigo você também vai encontrar a pesquisadora Miráira Noal Manfroí, e o telefone dela é (79) 99122-9180.

A pesquisa será feita na sua cidade, com você e outros colegas de turma. Vamos acompanhar você na Escola Municipal de Educação Básica Maria Augusta Silva Melo e também fora do ambiente escolar como em suas brincadeiras na rua, em casa ou outros lugares e através de suas interações sociais, culturais e histórias de vida, possamos conhecer e compreender melhor o porquê o futebol é importante para você. Nós usaremos uma câmera fotográfica e filmadora para filmar e tirar fotos suas e das outras crianças. Uma coisa ruim que pode acontecer é você ficar tímido ou envergonhado quando for filmado. Caso você se sinta incomodado enquanto estiver sendo filmado, você pode nos avisar que iremos parar.

Existem coisas boas na sua participação nesta pesquisa: ajudar a entender melhor o futebol que você pratica nas aulas de Educação Física e fora da escola. Ninguém saberá que você está participando da pesquisa, só o seu pai e a sua mãe, ou outra pessoa responsável por você e seu professor e auxiliar. Quando terminarmos a pesquisa, vamos mostrar os resultados para você.

Se você tiver alguma dúvida, você pode me perguntar ou me telefonar.

João Igor Barriguh Santos

Assinatura da criança participante

**Universidade Federal de Alagoas
Instituto de Educação Física e Esporte**

Registro de Assentimento Livre e Esclarecido (RALE)

Você está sendo convidado para participar da pesquisa **“A cultura do “jogar bola” na perspectiva das crianças do 6º ano: subsídios para o planejamento do professor de educação física”**. Seus pais e/ou seus responsáveis permitiram que você participasse desse estudo.

Meu nome é Rodolfo Luiz Santos Rego, sou pesquisador e meu telefone é (82) 98216-7920, trabalhando comigo você também vai encontrar a pesquisadora Miráira Noal Manfroí, e o telefone dela é (79) 99122-9180.

A pesquisa será feita na sua cidade, com você e outros colegas de turma. Vamos acompanhar você na Escola Municipal de Educação Básica Maria Augusta Silva Melo e também fora do ambiente escolar como em suas brincadeiras na rua, em casa ou outros lugares e através de suas interações sociais, culturais e histórias de vida, possamos conhecer e compreender melhor o porquê o futebol é importante para você. Nós usaremos uma câmera fotográfica e filmadora para filmar e tirar fotos suas e das outras crianças. Uma coisa ruim que pode acontecer é você ficar tímido ou envergonhado quando for filmado. Caso você se sinta incomodado enquanto estiver sendo filmado, você pode nos avisar que iremos parar.

Existem coisas boas na sua participação nesta pesquisa: ajudar a entender melhor o futebol que você pratica nas aulas de Educação Física e fora da escola. Ninguém saberá que você está participando da pesquisa, só o seu pai e a sua mãe, ou outra pessoa responsável por você e seu professor e auxiliar. Quando terminarmos a pesquisa, vamos mostrar os resultados para você.

Se você tiver alguma dúvida, você pode me perguntar ou me telefonar.

Lauane Isaias da Silva

Assinatura da criança participante

**Universidade Federal de Alagoas
Instituto de Educação Física e Esporte**

Registro de Assentimento Livre e Esclarecido (RALE)

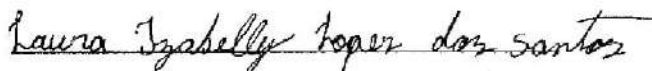
Você está sendo convidado para participar da pesquisa **"A cultura do "jogar bola" na perspectiva das crianças do 6º ano: subsídios para o planejamento do professor de educação física"**. Seus pais e/ou seus responsáveis permitiram que você participasse desse estudo.

Meu nome é Rodolfo Luiz Santos Rego, sou pesquisador e meu telefone é (82) 98216-7920, trabalhando comigo você também vai encontrar a pesquisadora Miraira Noal Manfro, e o telefone dela é (79) 99122-9180.

A pesquisa será feita na sua cidade, com você e outros colegas de turma. Vamos acompanhar você na Escola Municipal de Educação Básica Maria Augusta Silva Melo e também fora do ambiente escolar como em suas brincadeiras na rua, em casa ou outros lugares e através de suas interações sociais, culturais e histórias de vida, possamos conhecer e compreender melhor o porquê o futebol é importante para você. Nós usaremos uma câmera fotográfica e filmadora para filmar e tirar fotos suas e das outras crianças. Uma coisa ruim que pode acontecer é você ficar tímido ou envergonhado quando for filmado. Caso você se sinta incomodado enquanto estiver sendo filmado, você pode nos avisar que iremos parar.

Existem coisas boas na sua participação nesta pesquisa: ajudar a entender melhor o futebol que você pratica nas aulas de Educação Física e fora da escola. Ninguém saberá que você está participando da pesquisa, só o seu pai e a sua mãe, ou outra pessoa responsável por você e seu professor e auxiliar. Quando terminarmos a pesquisa, vamos mostrar os resultados para você.

Se você tiver alguma dúvida, você pode me perguntar ou me telefonar.



Assinatura da criança participante

**Universidade Federal de Alagoas
Instituto de Educação Física e Esporte**

Registro de Assentimento Livre e Esclarecido (RALE)

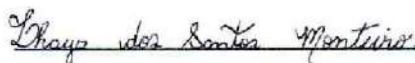
Você está sendo convidado para participar da pesquisa **“A cultura do “jogar bola” na perspectiva das crianças do 6º ano: subsídios para o planejamento do professor de educação física”**. Seus pais e/ou seus responsáveis permitiram que você participasse desse estudo.

Meu nome é Rodolfo Luiz Santos Rego, sou pesquisador e meu telefone é (82) 98216-7920, trabalhando comigo você também vai encontrar a pesquisadora Miraira Noal Manfroi, e o telefone dela é (79) 99122-9180.

A pesquisa será feita na sua cidade, com você e outros colegas de turma. Vamos acompanhar você na Escola Municipal de Educação Básica Maria Augusta Silva Melo e também fora do ambiente escolar como em suas brincadeiras na rua, em casa ou outros lugares e através de suas interações sociais, culturais e histórias de vida, possamos conhecer e compreender melhor o porquê o futebol é importante para você. Nós usaremos uma câmera fotográfica e filmadora para filmar e tirar fotos suas e das outras crianças. Uma coisa ruim que pode acontecer é você ficar tímido ou envergonhado quando for filmado. Caso você se sinta incomodado enquanto estiver sendo filmado, você pode nos avisar que iremos parar.

Existem coisas boas na sua participação nesta pesquisa: ajudar a entender melhor o futebol que você pratica nas aulas de Educação Física e fora da escola. Ninguém saberá que você está participando da pesquisa, só o seu pai e a sua mãe, ou outra pessoa responsável por você e seu professor e auxiliar. Quando terminarmos a pesquisa, vamos mostrar os resultados para você.

Se você tiver alguma dúvida, você pode me perguntar ou me telefonar.



Assinatura da criança participante

**Universidade Federal de Alagoas
Instituto de Educação Física e Esporte**

Registro de Assentimento Livre e Esclarecido (RALE)

Você está sendo convidado para participar da pesquisa **“A cultura do “jogar bola” na perspectiva das crianças do 6º ano: subsídios para o planejamento do professor de educação física”**. Seus pais e/ou seus responsáveis permitiram que você participasse desse estudo.

Meu nome é Rodolfo Luiz Santos Rego, sou pesquisador e meu telefone é (82) 98216-7920, trabalhando comigo você também vai encontrar a pesquisadora Miráira Noal Manfroi, e o telefone dela é (79) 99122-9180.

A pesquisa será feita na sua cidade, com você e outros colegas de turma. Vamos acompanhar você na Escola Municipal de Educação Básica Maria Augusta Silva Melo e também fora do ambiente escolar como em suas brincadeiras na rua, em casa ou outros lugares e através de suas interações sociais, culturais e histórias de vida, possamos conhecer e compreender melhor o porquê o futebol é importante para você. Nós usaremos uma câmera fotográfica e filmadora para filmar e tirar fotos suas e das outras crianças. Uma coisa ruim que pode acontecer é você ficar tímido ou envergonhado quando for filmado. Caso você se sinta incomodado enquanto estiver sendo filmado, você pode nos avisar que iremos parar.

Existem coisas boas na sua participação nesta pesquisa: ajudar a entender melhor o futebol que você pratica nas aulas de Educação Física e fora da escola. Ninguém saberá que você está participando da pesquisa, só o seu pai e a sua mãe, ou outra pessoa responsável por você e seu professor e auxiliar. Quando terminarmos a pesquisa, vamos mostrar os resultados para você.

Se você tiver alguma dúvida, você pode me perguntar ou me telefonar.

Rodolfo Luiz Santos Rego

Assinatura da criança participante

**Universidade Federal de Alagoas
Instituto de Educação Física e Esporte**

Registro de Assentimento Livre e Esclarecido (RALE)

Você está sendo convidado para participar da pesquisa **“A cultura do “jogar bola” na perspectiva das crianças do 6º ano: subsídios para o planejamento do professor de educação física”**. Seus pais e/ou seus responsáveis permitiram que você participasse desse estudo.

Meu nome é Rodolfo Luiz Santos Rego, sou pesquisador e meu telefone é (82) 98216-7920, trabalhando comigo você também vai encontrar a pesquisadora Miraira Noal Manfro, e o telefone dela é (79) 99122-9180.

A pesquisa será feita na sua cidade, com você e outros colegas de turma. Vamos acompanhar você na Escola Municipal de Educação Básica Maria Augusta Silva Melo e também fora do ambiente escolar como em suas brincadeiras na rua, em casa ou outros lugares e através de suas interações sociais, culturais e histórias de vida, possamos conhecer e compreender melhor o porquê o futebol é importante para você. Nós usaremos uma câmera fotográfica e filmadora para filmar e tirar fotos suas e das outras crianças. Uma coisa ruim que pode acontecer é você ficar tímido ou envergonhado quando for filmado. Caso você se sinta incomodado enquanto estiver sendo filmado, você pode nos avisar que iremos parar.

Existem coisas boas na sua participação nesta pesquisa: ajudar a entender melhor o futebol que você pratica nas aulas de Educação Física e fora da escola. Ninguém saberá que você está participando da pesquisa, só o seu pai e a sua mãe, ou outra pessoa responsável por você e seu professor e auxiliar. Quando terminarmos a pesquisa, vamos mostrar os resultados para você.

Se você tiver alguma dúvida, você pode me perguntar ou me telefonar.

Maria amelia januario alves

Assinatura da criança participante

**Universidade Federal de Alagoas
Instituto de Educação Física e Esporte**

Registro de Assentimento Livre e Esclarecido (RALE)

Você está sendo convidado para participar da pesquisa **"A cultura do "jogar bola" na perspectiva das crianças do 6º ano: subsídios para o planejamento do professor de educação física"**. Seus pais e/ou seus responsáveis permitiram que você participasse desse estudo.

Meu nome é Rodolfo Luiz Santos Rego, sou pesquisador e meu telefone é (82) 98216-7920, trabalhando comigo você também vai encontrar a pesquisadora Miraira Noal Manfroi, e o telefone dela é (79) 99122-9180.

A pesquisa será feita na sua cidade, com você e outros colegas de turma. Vamos acompanhar você na Escola Municipal de Educação Básica Maria Augusta Silva Melo e também fora do ambiente escolar como em suas brincadeiras na rua, em casa ou outros lugares e através de suas interações sociais, culturais e histórias de vida, possamos conhecer e compreender melhor o porquê o futebol é importante para você. Nós usaremos uma câmera fotográfica e filmadora para filmar e tirar fotos suas e das outras crianças. Uma coisa ruim que pode acontecer é você ficar tímido ou envergonhado quando for filmado. Caso você se sinta incomodado enquanto estiver sendo filmado, você pode nos avisar que iremos parar.

Existem coisas boas na sua participação nesta pesquisa: ajudar a entender melhor o futebol que você pratica nas aulas de Educação Física e fora da escola. Ninguém saberá que você está participando da pesquisa, só o seu pai e a sua mãe, ou outra pessoa responsável por você e seu professor e auxiliar. Quando terminarmos a pesquisa, vamos mostrar os resultados para você.

Se você tiver alguma dúvida, você pode me perguntar ou me telefonar.

Maria Clara Melo dos Santos

Assinatura da criança participante

**Universidade Federal de Alagoas
Instituto de Educação Física e Esporte**

Registro de Assentimento Livre e Esclarecido (RALE)

Você está sendo convidado para participar da pesquisa **“A cultura do “jogar bola” na perspectiva das crianças do 6º ano: subsídios para o planejamento do professor de educação física”**. Seus pais e/ou seus responsáveis permitiram que você participasse desse estudo.

Meu nome é Rodolfo Luiz Santos Rego, sou pesquisador e meu telefone é (82) 98216-7920, trabalhando comigo você também vai encontrar a pesquisadora Mirafra Noal Manfroí, e o telefone dela é (79) 99122-9180.

A pesquisa será feita na sua cidade, com você e outros colegas de turma. Vamos acompanhar você na Escola Municipal de Educação Básica Maria Augusta Silva Melo e também fora do ambiente escolar como em suas brincadeiras na rua, em casa ou outros lugares e através de suas interações sociais, culturais e histórias de vida, possamos conhecer e compreender melhor o porquê o futebol é importante para você. Nós usaremos uma câmera fotográfica e filmadora para filmar e tirar fotos suas e das outras crianças. Uma coisa ruim que pode acontecer é você ficar tímido ou envergonhado quando for filmado. Caso você se sinta incomodado enquanto estiver sendo filmado, você pode nos avisar que iremos parar.

Existem coisas boas na sua participação nesta pesquisa: ajudar a entender melhor o futebol que você pratica nas aulas de Educação Física e fora da escola. Ninguém saberá que você está participando da pesquisa, só o seu pai e a sua mãe, ou outra pessoa responsável por você e seu professor e auxiliar. Quando terminarmos a pesquisa, vamos mostrar os resultados para você.

Se você tiver alguma dúvida, você pode me perguntar ou me telefonar.



Assinatura da criança participante

**Universidade Federal de Alagoas
Instituto de Educação Física e Esporte**

Registro de Assentimento Livre e Esclarecido (RALE)

Você está sendo convidado para participar da pesquisa **“A cultura do “jogar bola” na perspectiva das crianças do 6º ano: subsídios para o planejamento do professor de educação física”**. Seus pais e/ou seus responsáveis permitiram que você participasse desse estudo.

Meu nome é Rodolfo Luiz Santos Rego, sou pesquisador e meu telefone é (82) 98216-7920, trabalhando comigo você também vai encontrar a pesquisadora Miraira Noal Manfroi, e o telefone dela é (79) 99122-9180.

A pesquisa será feita na sua cidade, com você e outros colegas de turma. Vamos acompanhar você na Escola Municipal de Educação Básica Maria Augusta Silva Melo e também fora do ambiente escolar como em suas brincadeiras na rua, em casa ou outros lugares e através de suas interações sociais, culturais e histórias de vida, possamos conhecer e compreender melhor o porquê o futebol é importante para você. Nós usaremos uma câmera fotográfica e filmadora para filmar e tirar fotos suas e das outras crianças. Uma coisa ruim que pode acontecer é você ficar tímido ou envergonhado quando for filmado. Caso você se sinta incomodado enquanto estiver sendo filmado, você pode nos avisar que iremos parar.

Existem coisas boas na sua participação nesta pesquisa: ajudar a entender melhor o futebol que você pratica nas aulas de Educação Física e fora da escola. Ninguém saberá que você está participando da pesquisa, só o seu pai e a sua mãe, ou outra pessoa responsável por você e seu professor e auxiliar. Quando terminarmos a pesquisa, vamos mostrar os resultados para você.

Se você tiver alguma dúvida, você pode me perguntar ou me telefonar.

Matheus Dos Prazeres Barbosa

Assinatura da criança participante

**Universidade Federal de Alagoas
Instituto de Educação Física e Esporte**

Registro de Assentimento Livre e Esclarecido (RALE)

Você está sendo convidado para participar da pesquisa **"A cultura do "jogar bola" na perspectiva das crianças do 6º ano: subsídios para o planejamento do professor de educação física"**. Seus pais e/ou seus responsáveis permitiram que você participasse desse estudo.

Meu nome é Rodolfo Luiz Santos Rego, sou pesquisador e meu telefone é (82) 98216-7920, trabalhando comigo você também vai encontrar a pesquisadora Miraira Noal Manfroí, e o telefone dela é (79) 99122-9180.

A pesquisa será feita na sua cidade, com você e outros colegas de turma. Vamos acompanhar você na Escola Municipal de Educação Básica Maria Augusta Silva Melo e também fora do ambiente escolar como em suas brincadeiras na rua, em casa ou outros lugares e através de suas interações sociais, culturais e histórias de vida, possamos conhecer e compreender melhor o porquê o futebol é importante para você. Nós usaremos uma câmera fotográfica e filmadora para filmar e tirar fotos suas e das outras crianças. Uma coisa ruim que pode acontecer é você ficar tímido ou envergonhado quando for filmado. Caso você se sinta incomodado enquanto estiver sendo filmado, você pode nos avisar que iremos parar.

Existem coisas boas na sua participação nesta pesquisa: ajudar a entender melhor o futebol que você pratica nas aulas de Educação Física e fora da escola. Ninguém saberá que você está participando da pesquisa, só o seu pai e a sua mãe, ou outra pessoa responsável por você e seu professor e auxiliar. Quando terminarmos a pesquisa, vamos mostrar os resultados para você.

Se você tiver alguma dúvida, você pode me perguntar ou me telefonar.

Mayra Barbosa de Oliveira Silva

Assinatura da criança participante

**Universidade Federal de Alagoas
Instituto de Educação Física e Esporte**

Registro de Assentimento Livre e Esclarecido (RALE)

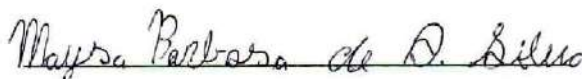
Você está sendo convidado para participar da pesquisa **“A cultura do “jogar bola” na perspectiva das crianças do 6º ano: subsídios para o planejamento do professor de educação física”**. Seus pais e/ou seus responsáveis permitiram que você participasse desse estudo.

Meu nome é Rodolfo Luiz Santos Rego, sou pesquisador e meu telefone é (82) 98216-7920, trabalhando comigo você também vai encontrar a pesquisadora Miraira Noal Manfroi, e o telefone dela é (79) 99122-9180.

A pesquisa será feita na sua cidade, com você e outros colegas de turma. Vamos acompanhar você na Escola Municipal de Educação Básica Maria Augusta Silva Melo e também fora do ambiente escolar como em suas brincadeiras na rua, em casa ou outros lugares e através de suas interações sociais, culturais e histórias de vida, possamos conhecer e compreender melhor o porquê o futebol é importante para você. Nós usaremos uma câmera fotográfica e filmadora para filmar e tirar fotos suas e das outras crianças. Uma coisa ruim que pode acontecer é você ficar tímido ou envergonhado quando for filmado. Caso você se sinta incomodado enquanto estiver sendo filmado, você pode nos avisar que iremos parar.

Existem coisas boas na sua participação nesta pesquisa: ajudar a entender melhor o futebol que você pratica nas aulas de Educação Física e fora da escola. Ninguém saberá que você está participando da pesquisa, só o seu pai e a sua mãe, ou outra pessoa responsável por você e seu professor e auxiliar. Quando terminarmos a pesquisa, vamos mostrar os resultados para você.

Se você tiver alguma dúvida, você pode me perguntar ou me telefonar.



Assinatura da criança participante

**Universidade Federal de Alagoas
Instituto de Educação Física e Esporte**

Registro de Assentimento Livre e Esclarecido (RALE)

Você está sendo convidado para participar da pesquisa **“A cultura do “jogar bola” na perspectiva das crianças do 6º ano: subsídios para o planejamento do professor de educação física”**. Seus pais e/ou seus responsáveis permitiram que você participasse desse estudo.

Meu nome é Rodolfo Luiz Santos Rego, sou pesquisador e meu telefone é (82) 98216-7920, trabalhando comigo você também vai encontrar a pesquisadora Miraira Noal Manfroí, e o telefone dela é (79) 99122-9180.

A pesquisa será feita na sua cidade, com você e outros colegas de turma. Vamos acompanhar você na Escola Municipal de Educação Básica Maria Augusta Silva Melo e também fora do ambiente escolar como em suas brincadeiras na rua, em casa ou outros lugares e através de suas interações sociais, culturais e histórias de vida, possamos conhecer e compreender melhor o porquê o futebol é importante para você. Nós usaremos uma câmera fotográfica e filmadora para filmar e tirar fotos suas e das outras crianças. Uma coisa ruim que pode acontecer é você ficar tímido ou envergonhado quando for filmado. Caso você se sinta incomodado enquanto estiver sendo filmado, você pode nos avisar que iremos parar.

Existem coisas boas na sua participação nesta pesquisa: ajudar a entender melhor o futebol que você pratica nas aulas de Educação Física e fora da escola. Ninguém saberá que você está participando da pesquisa, só o seu pai e a sua mãe, ou outra pessoa responsável por você e seu professor e auxiliar. Quando terminarmos a pesquisa, vamos mostrar os resultados para você.

Se você tiver alguma dúvida, você pode me perguntar ou me telefonar.

Mully da Silva

Assinatura da criança participante

**Universidade Federal de Alagoas
Instituto de Educação Física e Esporte**

Registro de Assentimento Livre e Esclarecido (RALE)

Você está sendo convidado para participar da pesquisa **“A cultura do “jogar bola” na perspectiva das crianças do 6º ano: subsídios para o planejamento do professor de educação física”**. Seus pais e/ou seus responsáveis permitiram que você participasse desse estudo.

Meu nome é Rodolfo Luiz Santos Rego, sou pesquisador e meu telefone é (82) 98216-7920, trabalhando comigo você também vai encontrar a pesquisadora Miraira Noal Manfro, e o telefone dela é (79) 99122-9180.

A pesquisa será feita na sua cidade, com você e outros colegas de turma. Vamos acompanhar você na Escola Municipal de Educação Básica Maria Augusta Silva Melo e também fora do ambiente escolar como em suas brincadeiras na rua, em casa ou outros lugares e através de suas interações sociais, culturais e histórias de vida, possamos conhecer e compreender melhor o porquê o futebol é importante para você. Nós usaremos uma câmera fotográfica e filmadora para filmar e tirar fotos suas e das outras crianças. Uma coisa ruim que pode acontecer é você ficar tímido ou envergonhado quando for filmado. Caso você se sinta incomodado enquanto estiver sendo filmado, você pode nos avisar que iremos parar.

Existem coisas boas na sua participação nesta pesquisa: ajudar a entender melhor o futebol que você pratica nas aulas de Educação Física e fora da escola. Ninguém saberá que você está participando da pesquisa, só o seu pai e a sua mãe, ou outra pessoa responsável por você e seu professor e auxiliar. Quando terminarmos a pesquisa, vamos mostrar os resultados para você.

Se você tiver alguma dúvida, você pode me perguntar ou me telefonar.

Rodolfo Luiz Santos Rego

Assinatura da criança participante

**Universidade Federal de Alagoas
Instituto de Educação Física e Esporte**

Registro de Assentimento Livre e Esclarecido (RALE)

Você está sendo convidado para participar da pesquisa **“A cultura do “jogar bola” na perspectiva das crianças do 6º ano: subsídios para o planejamento do professor de educação física”**. Seus pais e/ou seus responsáveis permitiram que você participasse desse estudo.

Meu nome é Rodolfo Luiz Santos Rego, sou pesquisador e meu telefone é (82) 98216-7920, trabalhando comigo você também vai encontrar a pesquisadora Miraira Noal Manfroí, e o telefone dela é (79) 99122-9180.

A pesquisa será feita na sua cidade, com você e outros colegas de turma. Vamos acompanhar você na Escola Municipal de Educação Básica Maria Augusta Silva Melo e também fora do ambiente escolar como em suas brincadeiras na rua, em casa ou outros lugares e através de suas interações sociais, culturais e histórias de vida, possamos conhecer e compreender melhor o porquê o futebol é importante para você. Nós usaremos uma câmera fotográfica e filmadora para filmar e tirar fotos suas e das outras crianças. Uma coisa ruim que pode acontecer é você ficar tímido ou envergonhado quando for filmado. Caso você se sinta incomodado enquanto estiver sendo filmado, você pode nos avisar que iremos parar.

Existem coisas boas na sua participação nesta pesquisa: ajudar a entender melhor o futebol que você pratica nas aulas de Educação Física e fora da escola. Ninguém saberá que você está participando da pesquisa, só o seu pai e a sua mãe, ou outra pessoa responsável por você e seu professor e auxiliar. Quando terminarmos a pesquisa, vamos mostrar os resultados para você.

Se você tiver alguma dúvida, você pode me perguntar ou me telefonar.

Sabrina Melissa Brito Silva

Assinatura da criança participante

**Universidade Federal de Alagoas
Instituto de Educação Física e Esporte**

Registro de Assentimento Livre e Esclarecido (RALE)

Você está sendo convidado para participar da pesquisa **“A cultura do “jogar bola” na perspectiva das crianças do 6º ano: subsídios para o planejamento do professor de educação física”**. Seus pais e/ou seus responsáveis permitiram que você participasse desse estudo.

Meu nome é Rodolfo Luiz Santos Rego, sou pesquisador e meu telefone é (82) 98216-7920, trabalhando comigo você também vai encontrar a pesquisadora Miraira Noal Manfroi, e o telefone dela é (79) 99122-9180.

A pesquisa será feita na sua cidade, com você e outros colegas de turma. Vamos acompanhar você na Escola Municipal de Educação Básica Maria Augusta Silva Melo e também fora do ambiente escolar como em suas brincadeiras na rua, em casa ou outros lugares e através de suas interações sociais, culturais e histórias de vida, possamos conhecer e compreender melhor o porquê o futebol é importante para você. Nós usaremos uma câmera fotográfica e filmadora para filmar e tirar fotos suas e das outras crianças. Uma coisa ruim que pode acontecer é você ficar tímido ou envergonhado quando for filmado. Caso você se sinta incomodado enquanto estiver sendo filmado, você pode nos avisar que iremos parar.

Existem coisas boas na sua participação nesta pesquisa: ajudar a entender melhor o futebol que você pratica nas aulas de Educação Física e fora da escola. Ninguém saberá que você está participando da pesquisa, só o seu pai e a sua mãe, ou outra pessoa responsável por você e seu professor e auxiliar. Quando terminarmos a pesquisa, vamos mostrar os resultados para você.

Se você tiver alguma dúvida, você pode me perguntar ou me telefonar.



Assinatura da criança participante

APÊNDICE C – DECLARAÇÃO DE CUMPRIMENTO DAS NORMAS



Universidade Federal de Alagoas
Instituto de Educação Física e Esporte

DECLARAÇÃO DE CUMPRIMENTO DAS NORMAS DA RESOLUÇÃO 466/12 E RESOLUÇÃO CNS Nº 510/2016 DE PUBLICIZAÇÃO DOS RESULTADOS E SOBRE O USO E DESTINAÇÃO DO MATERIAL/DADOS COLETADOS

Rodolfo Luiz Santos Rego, orientado pela Profa. Dra. Miráira Noal Manfroí, pesquisadores do projeto intitulado “A Cultura do “jogar bola” na Perspectiva das Crianças do 6º Ano: Subsídios para o Planejamento do Professor de Educação Física”, ao mesmo tempo em que se comprometem a seguir fielmente os dispositivos da Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde/MS e Resolução CNS Nº 510/2016, asseguram que os resultados da presente pesquisa, favoráveis ou não, serão tornados públicos por meio do acervo digital da Biblioteca Central da Universidade Federal de Alagoas, bem como declaram que os dados coletados para o desenvolvimento do projeto, as fotografias, os vídeos e as gravações serão utilizados para obtenção dos dados para alcance dos objetivos desse estudo e, após conclusão da pesquisa, os dados serão armazenados por cinco anos, ficando disponível no banco de dados dos pesquisadores e que após esse período, contados a partir da finalização do relatório de pesquisa, serão descartados.

Maceió, 31 de Março de 2025.

Documento assinado digitalmente
gov.br RODOLFO LUIZ SANTOS REGO
Data: 30/03/2025 22:06:44-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Rodolfo Luiz Santos Rego
Pesquisador

Documento assinado digitalmente
gov.br MIRÁIRA NOAL MANFROI
Data: 31/03/2025 10:25:20-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Miráira Noal Manfroí
Orientadora

APÊNDICE D – CARTA DE AUTORIZAÇÃO**Universidade Federal de Alagoas
Instituto de Educação Física e Esporte****CARTA DE AUTORIZAÇÃO**

Eu, Maxwell Rocha dos Santos, Diretor Geral da Escola Municipal de Educação Básica Maria Augusta Silva Melo, autorizo a realização da pesquisa intitulada “A Cultura do “jogar bola” na Perspectiva das Crianças do 6º Ano: Subsídios para o Planejamento do Professor de Educação Física” sob responsabilidade dos pesquisadores Rodolfo Luiz Santos Rego e Miráira Noal Manfroi, orientadora. Tenho ciência de que, sempre que desejar, poderei solicitar esclarecimentos a respeito de qualquer uma das etapas do estudo e que poderei retirar meu consentimento sem que isso me traga prejuízos. Tenho conhecimento das resoluções éticas em pesquisa, a saber Resolução Nº 466 de 12 de dezembro de 2012 e Resolução Nº 510, de 07 de abril de 2016, do CNS.

Olho D'Água das Flores - AL, 31 de Março de 2025.

Maxwell Rocha dos Santos

Diretor Geral

Diretor Geral da Escola Municipal de Educação Básica Maria Augusta Silva Melo

Maxwell Rocha dos Santos

Diretor Geral

Port. 573/2023 / Mat. 139

APÊNDICE E – DEMONSTRATIVO DE INFRAESTUTURA

Universidade Federal de Alagoas
Instituto de Educação Física e Esporte



DEMONSTRATIVO DE EXISTÊNCIA DE INFRAESTRUTURA DA PESQUISA E PARA ATENDER EVENTUAIS PROBLEMAS DELA RESULTANTES, COM A CONCORDÂNCIA DOCUMENTADA DA INSTITUIÇÃO

A pesquisa “A Cultura do “jogar bola” na Perspectiva das Crianças do 6º Ano: Subsídios para o Planejamento do Professor de Educação Física” será realizada, presencialmente, nas dependências da Escola Municipal de Educação Básica Maria Augusta Silva Melo. Informo que a instituição possui a infraestrutura necessária para a realização da pesquisa e segurança sanitária.

Olho D’Água das Flores - AL, 31 de Março de 2025.

Maxwell Rocha dos Santos
Diretor Geral

Maxwell Rocha dos Santos
Diretor Geral
Port. 573/2023 / Mat. 139

Diretor Geral da Escola Municipal de Educação Básica Maria Augusta Silva Melo

Profa. Dra. Miráira Noal Manfroi
Orientadora (IEFE/UFAL)



Documento assinado digitalmente
MIRAIRA NOAL MANFROI
Data: 07/04/2025 12:13:09-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

APÊNDICE F – DIAGNÓSTICOS INICIAIS / 6º ANO

DIAGNÓSTICO INICIAL

Prof. Rodolfo Luiz Santos Rego

Escola: M. F. B. Maria Augusta Silva MeloNome: Emilly Beatriz Rodrigues SilvaSexo: (F) (M) Idade: 11 Série/turma: 6^o-C

- RESPONDA COM ATENÇÃO ÀS QUESTÕES ABAIXO SOBRE SUAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA:

1. Você gosta das aulas de educação física? (X) SIM () NÃO
2. Você participa das aulas de educação física? (X) SIM () NÃO
3. Qual o local mais utilizado para as aulas de educação física ano passado?
() Quadra () Ginásio () Pátio () Campo () Galpão (X) Sala () Outro
4. Quais atividades você mais realizou nas aulas de educação física?

texto

5. O(a) professor(a) explica as atividades que você deve realizar na aula de educação física?

(X) SIM () NÃO

6. Para você o que a disciplina de educação física deve ensinar aos estudantes?

brincadeira e Jogos.

7. Quais os materiais que são mais utilizados por você e seus colegas nas aulas de educação física?

cores e Bola e Babomles.

8. Esses materiais são oferecidos pela escola ou trazidos pelos alunos? (X) Escola () Alunos

9. Assinale com um X os materiais que você já utilizou durante uma aula de educação física?



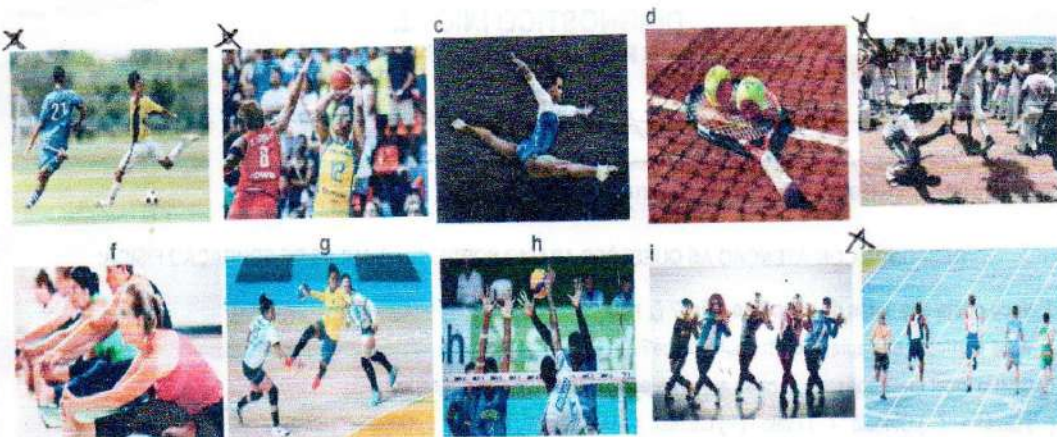
10. Destes materiais, qual você considera mais importante?

(a) (b) (c) (d) (e) (X) (g) (h) (i) (j)

11. Destes materiais, excluindo o que você acha o mais importante, qual deles você gostaria de utilizar nas aulas de educação física?

(a) (b) (X) (d) (e) (f) (g) (h) (i) (j)

12. Assinale um X nas práticas você conhece:



13. Destas práticas, qual você considera mais importante?

(a) (b) (c) (d) (e) (f) ☒ (h) (i) (j)

14. Seu(a) professor(a) já conversou com você sobre qual delas?

☒ (b) (c) (d) (e) (f) (g) (h) (i) (j)

15. Destas práticas, excluindo a que você acha mais importante, qual você gostaria de conhecer?

(a) (b) (c) (d) (e) (f) (g) (h) ☒ (i)

16. Durante as suas aulas de educação física, já surgiu algum tipo de problema? Poderia comentar?

não houve nenhum problema

17. Seu(a) professor(a) ajuda na solução deste(s) problema(s)? ☒ (SIM) ☐ (NÃO)

Obrigado pela participação!

DIAGNÓSTICO INICIAL

Prof. Rodolfo Luiz Santos Rego

Escola: M.E.B. Maria Augusta Silva MeloNome: Grazielle Fabiana Teixeira das SantosSexo: (F) (M) Idade: 11 Série/turma: 6ª "C"

- RESPONDA COM ATENÇÃO ÀS QUESTÕES ABAIXO SOBRE SUAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA:

1. Você gosta das aulas de educação física? ☒ SIM () NÃO
2. Você participa das aulas de educação física? ☒ SIM () NÃO
3. Qual o local mais utilizado para as aulas de educação física ano passado?
- () Quadra () Ginásio () Pátio () Campo () Galpão ☒ Sala () Outro
4. Quais atividades você mais realizou nas aulas de educação física?

Tenista

5. O(a) professor(a) explica as atividades que você deve realizar na aula de educação física?

☒ SIM () NÃO

6. Para você o que a disciplina de educação física deve ensinar aos estudantes?

Brincadeiras e jogos

7. Quais os materiais que são mais utilizados por você e seus colegas nas aulas de educação física?

Bala, Barbale, cone

8. Esses materiais são oferecidos pela escola ou trazidos pelos alunos? ☒ Escola () Alunos

9. Assinale com um X os materiais que você já utilizou durante uma aula de educação física?

☒

b

c



g

d

☒

h

☒

j

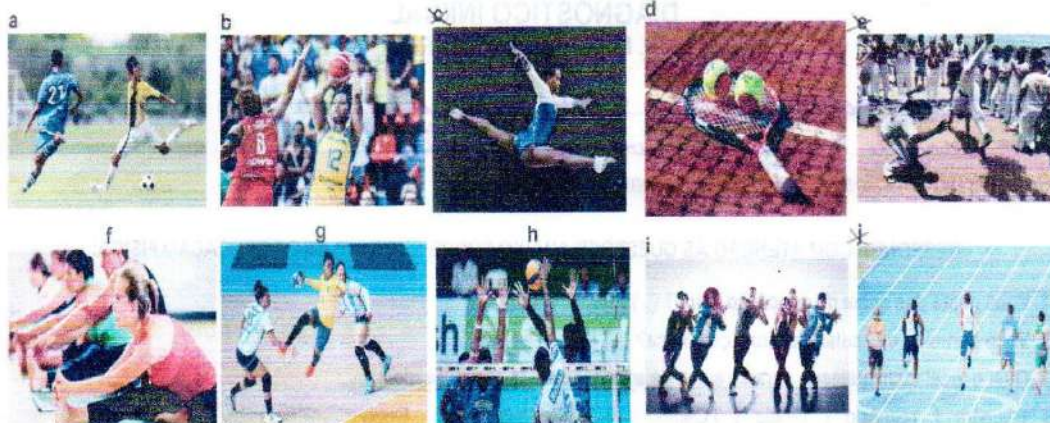
10. Destes materiais, qual você considera mais importante?

(a) (b) (c) (d) ☒ (f) (g) (h) (i) (j)

11. Destes materiais, excluindo o que você acha o mais importante, qual deles você gostaria de utilizar nas aulas de educação física?

(a) (b) (c) (d) (e) ☒ (g) (h) (i) (j)

12. Assinale um X nas práticas você conhece:



13. Destas práticas, qual você considera mais importante?

(a) (b) (c) (d) (e) ☒ (f) (g) (h) (i) (j)

14. Seu(a) professor(a) já conversou com você sobre qual delas?

(a) (b) (c) (d) ☒ (e) (f) (g) (h) (i) (j)

15. Destas práticas, excluindo a que você acha mais importante, qual você gostaria de conhecer?

(a) (b) ☒ (c) (d) (e) (f) (g) (h) (i) (j)

16. Durante as suas aulas de educação física, já surgiu algum tipo de problema? Poderia comentar?

Sim muitas vezes

17. Seu(a) professor(a) ajuda na solução deste(s) problema(s)? (SIM) (NÃO)

Obrigado pela participação!

DIAGNÓSTICO INICIAL

Prof. Rodolfo Luiz Santos Rego

Escola: _____

Nome: Emanuel Soares Ferreira Brasil

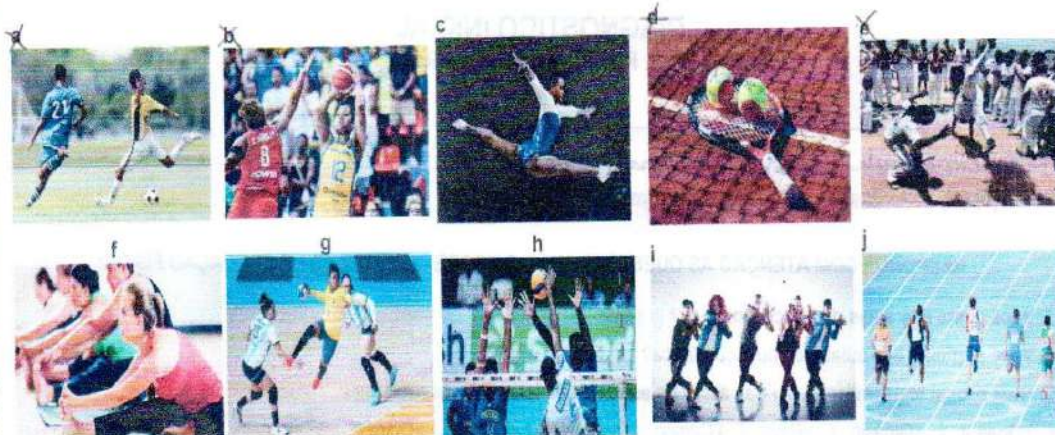
Sexo: (F) (M) Idade: _____ Série/turma: 6ª ano "C"

- RESPONDA COM ATENÇÃO ÀS QUESTÕES ABAIXO SOBRE SUAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA:

1. Você gosta das aulas de educação física? ☒ SIM () NÃO
2. Você participa das aulas de educação física? ☒ SIM () NÃO
3. Qual o local mais utilizado para as aulas de educação física ano passado?
() Quadra () Ginásio () Pátio () Campo () Galpão ☒ Sala () Outro
4. Quais atividades você mais realizou nas aulas de educação física?
Brincadeiras em sala
5. O(a) professor(a) explica as atividades que você deve realizar na aula de educação física?
☒ SIM () NÃO
6. Para você o que a disciplina de educação física deve ensinar aos estudantes?
Ter uma boa alimentação, e manter a saúde
7. Quais os materiais que são mais utilizados por você e seus colegas nas aulas de educação física?
balê e bilis
8. Esses materiais são oferecidos pela escola ou trazidos pelos alunos? () Escola () Alunos
9. Assinale com um X os materiais que você já utilizou durante uma aula de educação física?



10. Destes materiais, qual você considera mais importante?
☒ (a) (b) (c) (d) (e) ☒ (g) (h) (i) (j)
11. Destes materiais, excluindo o que você acha o mais importante, qual deles você gostaria de utilizar nas aulas de educação física?
(a) (b) (c) (d) (e) (f) (g) ☒ (h) (i) (j)
12. Assinale um X nas práticas você conhece:



13. Destas práticas, qual você considera mais importante?

☒ (a) ☐ (b) ☐ (c) ☐ (d) ☐ (e) ☐ (f) ☐ (g) ☐ (h) ☐ (i) ☐ (j)

14. Seu(a) professor(a) já conversou com você sobre qual delas?

☒ (a) ☐ (b) ☐ (c) ☐ (d) ☐ (e) ☐ (f) ☐ (g) ☐ (h) ☐ (i) ☐ (j)

15. Destas práticas, excluindo a que você acha mais importante, qual você gostaria de conhecer?

☐ (a) ☐ (b) ☐ (c) ☐ (d) ☐ (e) ☐ (f) ☐ (g) ☐ (h) ☐ (i) ☐ (j)

16. Durante as suas aulas de educação física, já surgiu algum tipo de problema? Poderia comentar?

*Os professores ficam atrapalhando por isso perde muita coisa
aulas ou as faltas*

17. Seu(a) professor(a) ajuda na solução deste(s) problema(s)? (SIM) (NÃO)

Obrigado pela participação!

DIAGNÓSTICO INICIAL

Prof. Rodolfo Luiz Santos Rego

Escola: Mun. de Educ. B. Maria Augusta Silva Melo
 Nome: Maysa Barbosa de Oliveira Silva
 Sexo: ☒ (M) ☐ (F) Idade: 11 Série/turma: 6º E

• RESPONDA COM ATENÇÃO ÀS QUESTÕES ABAIXO SOBRE SUAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA:

1. Você gosta das aulas de educação física? ☒ SIM () NÃO
2. Você participa das aulas de educação física? ☒ SIM () NÃO
3. Qual o local mais utilizado para as aulas de educação física ano passado?
 () Quadra () Ginásio ☒ Pátio () Campo () Galpão ☒ Sala () Outro
4. Quais atividades você mais realizou nas aulas de educação física?
futebol, jogos e recreio
5. O(a) professor(a) explica as atividades que você deve realizar na aula de educação física?
☒ SIM () NÃO
6. Para você o que a disciplina de educação física deve ensinar aos estudantes?
Brincar

7. Quais os materiais que são mais utilizados por você e seus colegas nas aulas de educação física?
Bola

8. Esses materiais são oferecidos pela escola ou trazidos pelos alunos? ☒ Escola () Alunos
9. Assinale com um X os materiais que você já utilizou durante uma aula de educação física?



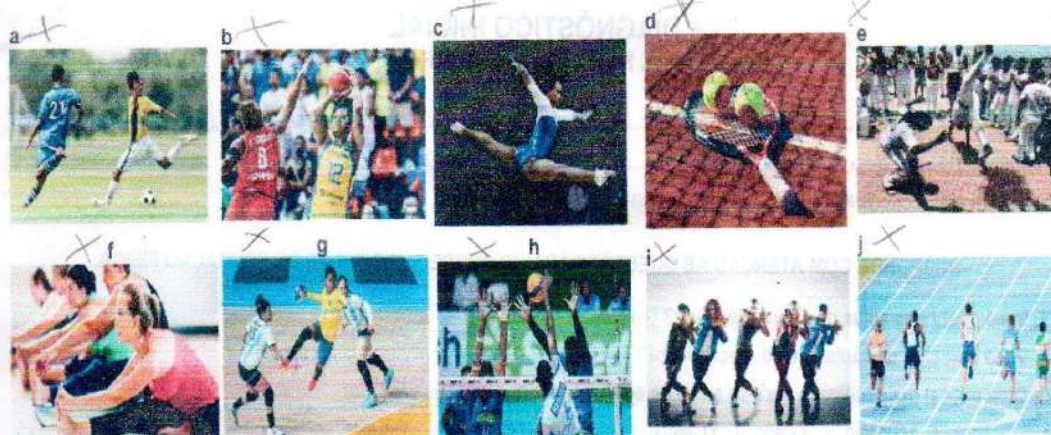
10. Destes materiais, qual você considera mais importante?

☒ (a) (b) (c) (d) (e) (f) (g) (h) (i) (j)

11. Destes materiais, excluindo o que você acha o mais importante, qual deles você gostaria de utilizar nas aulas de educação física?

☒ (a) ☐ (b) (c) (d) (e) (f) (g) (h) (i) (j)

12. Assinale um X nas práticas você conhece:



13. Destas práticas, qual você considera mais importante?

(a) (b) (c) (d) (e) (f) (g) (h) (i) (j)

14. Seu(a) professor(a) já conversou com você sobre qual delas?

(a) (b) (c) (d) (e) (f) (g) (h) (i) (j)

15. Destas práticas, excluindo a que você acha mais importante, qual você gostaria de conhecer?

(a) (b) (c) (d) (e) (f) (g) (h) (i) (j)

16. Durante as suas aulas de educação física, já surgiu algum tipo de problema? Poderia comentar?

nao

17. Seu(a) professor(a) ajuda na solução deste(s) problema(s)? (SIM) (NÃO)

Obrigado pela participação!

DIAGNÓSTICO INICIAL

Prof. Rodolfo Luiz Santos Rego

Escola: Colégio B. Maria Augusta Silva

Nome: Maria Victória da Silva Marques

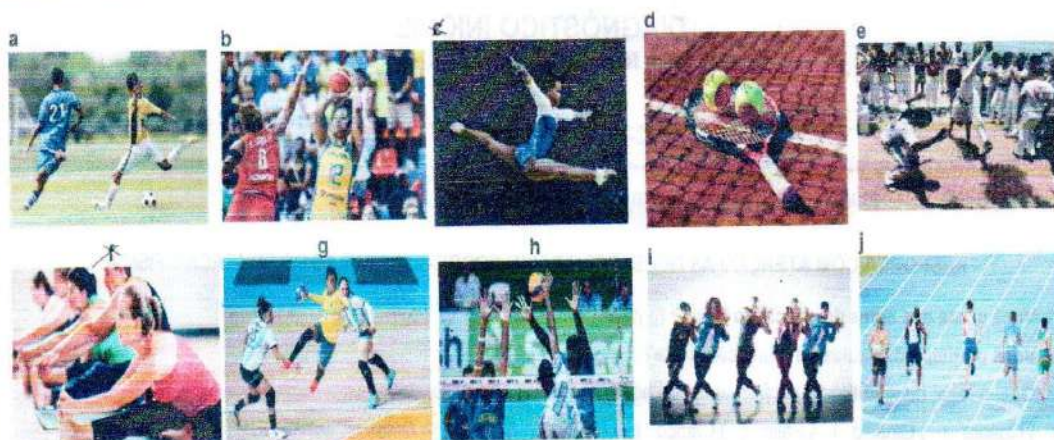
Sexo: ☒ (F) ☐ (M) Idade: 11 Série/turma: 6^o C

• RESPONDA COM ATENÇÃO ÀS QUESTÕES ABAIXO SOBRE SUAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA:

1. Você gosta das aulas de educação física? ☒ SIM ☐ NÃO
2. Você participa das aulas de educação física? ☒ SIM ☐ NÃO
3. Qual o local mais utilizado para as aulas de educação física ano passado?
() Quadra () Ginásio () Pátio () Campo () Galpão ☒ Sala () Outro
4. Quais atividades você mais realizou nas aulas de educação física?
futebol, queimado
5. O(a) professor(a) explica as atividades que você deve realizar na aula de educação física?
☒ SIM ☐ NÃO
6. Para você o que a disciplina de educação física deve ensinar aos estudantes?
deve ensinar sobre o esporte e sobre o corpo
7. Quais os materiais que são mais utilizados por você e seus colegas nas aulas de educação física?
bola, bambolê, cordão e etc...
8. Esses materiais são oferecidos pela escola ou trazidos pelos alunos? ☒ Escola ☐ Alunos
9. Assinale com um X os materiais que você já utilizou durante uma aula de educação física?



10. Destes materiais, qual você considera mais importante?
(a) (b) (c) (d) (e) (f) (g) (h) (i) (j)
11. Destes materiais, excluindo o que você acha o mais importante, qual deles você gostaria de utilizar nas aulas de educação física?
(a) (b) (c) (d) (e) (f) (g) (h) (i) (j)
12. Assinale um X nas práticas você conhece:



13. Destas práticas, qual você considera mais importante?

(a) (b) (c) (d) (e) (f) (g) (h) (i) (j)

14. Seu(a) professor(a) já conversou com você sobre qual delas?

(a) (b) (c) (d) (e) (f) (g) (h) (i) (j)

15. Destas práticas, excluindo a que você acha mais importante, qual você gostaria de conhecer?

(a) (b) (c) (d) (e) (f) (g) (h) (i) (j)

16. Durante as suas aulas de educação física, já surgiu algum tipo de problema? Poderia comentar?

adicionar ou dar de cabeça

17. Seu(a) professor(a) ajuda na solução deste(s) problema(s)? (SIM) (NÃO)

Obrigado pela participação!

DIAGNÓSTICO INICIAL

Prof. Rodolfo Luiz Santos Rego

Escola: Municipal de Educação Básica Maria da An. Silva mdo

Nome: Carlos Eduardo Rodrigues Lisboa Galvão

Sexo: (F) (M) Idade: 11 Série/turma: 6º C

- RESPONDA COM ATENÇÃO ÀS QUESTÕES ABAIXO SOBRE SUAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA:

1. Você gosta das aulas de educação física? ☒ SIM () NÃO

2. Você participa das aulas de educação física? ☒ SIM () NÃO

3. Qual o local mais utilizado para as aulas de educação física ano passado?

() Quadra () Ginásio () Pátio () Campo () Galpão ☒ Sala () Outro

4. Quais atividades você mais realizou nas aulas de educação física?

As práticas de educação física no caderno

5. O(a) professor(a) explica as atividades que você deve realizar na aula de educação física?

☒ SIM () NÃO

6. Para você o que a disciplina de educação física deve ensinar aos estudantes?

Atividades físicas, futebol, vôlei, e ginástica

7. Quais os materiais que são mais utilizados por você e seus colegas nas aulas de educação física?

O caderno

8. Esses materiais são oferecidos pela escola ou trazidos pelos alunos? () Escola ☒ Alunos

9. Assinale com um X os materiais que você já utilizou durante uma aula de educação física?



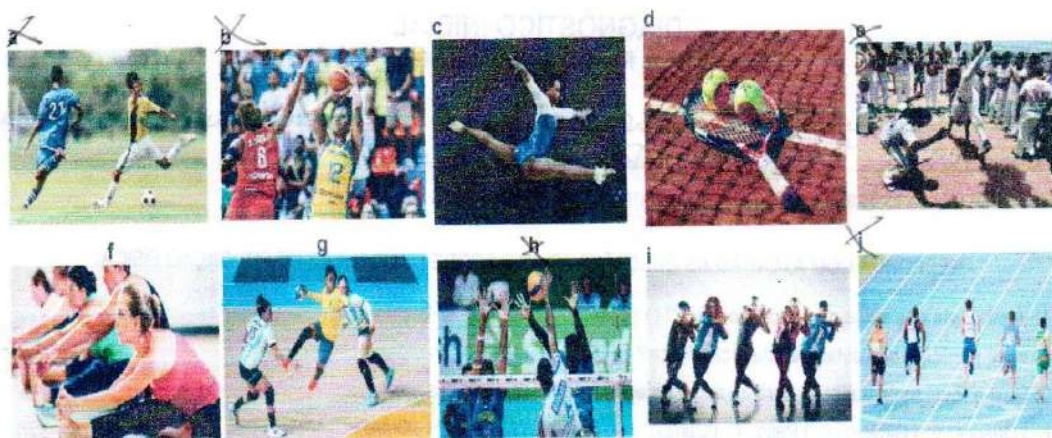
10. Destes materiais, qual você considera mais importante?

☒ (a) (b) (c) (d) (e) (f) ☒ (g) (h) (i) (j)

11. Destes materiais, excluindo o que você acha o mais importante, qual deles você gostaria de utilizar nas aulas de educação física?

(a) (b) (c) (d) (e) (f) (g) (h) ☒ (i) (j)

12. Assinale um X nas práticas você conhece:



13. Destas práticas, qual você considera mais importante?

~~(a)~~ ~~(b)~~ (c) (d) (e) (f) (g) ~~(h)~~ (i) ~~(j)~~

14. Seu(a) professor(a) já conversou com você sobre qual delas?

(a) (b) (c) (d) ~~(e)~~ (f) (g) (h) (i) (j)

15. Destas práticas, excluindo a que você acha mais importante, qual você gostaria de conhecer?

(a) (b) (c) (d) ~~(e)~~ (f) (g) (h) (i) (j)

16. Durante as suas aulas de educação física, já surgiu algum tipo de problema? Poderia comentar?

Não pois eu nunca pratiquei Ed. física

17. Seu(a) professor(a) ajuda na solução deste(s) problema(s)? (SIM) (NÃO)

Obrigado pela participação!

DIAGNÓSTICO INICIAL

Prof. Rodolfo Luiz Santos Rego

Escola: Escola M.E.B. Maria Augusta Silva MeloNome: José Arthur Pantoja SilvaSexo: (F) ☒ (M)Idade: 11Série/turma: 6ª ano C

- RESPONDA COM ATENÇÃO ÀS QUESTÕES ABAIXO SOBRE SUAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA:

1. Você gosta das aulas de educação física? ☒ SIM () NÃO2. Você participa das aulas de educação física? ☒ SIM () NÃO

3. Qual o local mais utilizado para as aulas de educação física ano passado?

() Quadra () Ginásio ☒ Pátio () Campo () Galpão ☒ Sala () Outro

4. Quais atividades você mais realizou nas aulas de educação física?

baliche

5. O(a) professor(a) explica as atividades que você deve realizar na aula de educação física?

☒ SIM () NÃO

6. Para você o que a disciplina de educação física deve ensinar aos estudantes?

a física do corpo

7. Quais os materiais que são mais utilizados por você e seus colegas nas aulas de educação física?

a bola8. Esses materiais são oferecidos pela escola ou trazidos pelos alunos? ☒ Escola () Alunos

9. Assinale com um X os materiais que você já utilizou durante uma aula de educação física?



10. Destes materiais, qual você considera mais importante?

(a) (b) (c) (d) (e) ☒ (f) (g) (h) (i) (j)

11. Destes materiais, excluindo o que você acha o mais importante, qual deles você gostaria de utilizar nas aulas de educação física?

☒ (b) (c) (d) (e) (f) (g) (h) (i) (j)

12. Assinale um X nas práticas você conhece:



13. Destas práticas, qual você considera mais importante?

☒ (a) (b) (c) (d) (e) (f) (g) (h) (i) (j)

14. Seu(a) professor(a) já conversou com você sobre qual delas?

☒ (a) (b) (c) (d) (e) (f) (g) (h) (i) (j)

15. Destas práticas, excluindo a que você acha mais importante, qual você gostaria de conhecer?

(a) (b) (c) (d) (e) (f) (g) (h) ☒ (i) (j)

16. Durante as suas aulas de educação física, já surgiu algum tipo de problema? Poderia comentar?

não

17. Seu(a) professor(a) ajuda na solução deste(s) problema(s)? ☒ (SIM) ☐ (NÃO)

Obrigado pela participação!

DIAGNÓSTICO INICIAL

Prof. Rodolfo Luiz Santos Rego

Escola: Escola Municipal de Educ. Prof. Maria Augusta Silva
 Nome: Marcelo Barbosa de Oliveira
 Sexo: (F) (M) (M) Idade: 11 Série/turma: 6ª C

- RESPONDA COM ATENÇÃO ÀS QUESTÕES ABAIXO SOBRE SUAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA:

1. Você gosta das aulas de educação física? ☒ SIM () NÃO
2. Você participa das aulas de educação física? ☒ SIM () NÃO
3. Qual o local mais utilizado para as aulas de educação física ano passado?
 () Quadra () Ginásio ☒ Pátio () Campo () Galpão () Sala () Outro
4. Quais atividades você mais realizou nas aulas de educação física?
jogar bola, Bata, Fita elástica
5. O(a) professor(a) explica as atividades que você deve realizar na aula de educação física?
☒ SIM () NÃO
6. Para você o que a disciplina de educação física deve ensinar aos estudantes?
varios atitudes
7. Quais os materiais que são mais utilizados por você e seus colegas nas aulas de educação física?
Bola
8. Esses materiais são oferecidos pela escola ou trazidos pelos alunos? () Escola ☒ Alunos
9. Assinale com um X os materiais que você já utilizou durante uma aula de educação física?



10. Destes materiais, qual você considera mais importante?
☒ (a) (b) (c) (d) (e) (f) (g) (h) (i) (j)
11. Destes materiais, excluindo o que você acha o mais importante, qual deles você gostaria de utilizar nas aulas de educação física?
 (a) (b) (c) (d) ☒ (e) (f) (g) (h) (i) (j)
12. Assinale um X nas práticas você conhece:



13. Destas práticas, qual você considera mais importante?

(a) (b) (c) (d) (e) ☒ (f) (g) (h) (i) (j)

14. Seu(a) professor(a) já conversou com você sobre qual delas?

☒ (a) (b) (c) (d) (e) (f) (g) (h) (i) (j)

15. Destas práticas, excluindo a que você acha mais importante, qual você gostaria de conhecer?

(a) (b) ☒ (c) (d) (e) (f) (g) (h) (i) (j)

16. Durante as suas aulas de educação física, já surgiu algum tipo de problema? Poderia comentar?

não tem

17. Seu(a) professor(a) ajuda na solução deste(s) problema(s)? ☒ SIM ☐ NÃO

Obrigado pela participação!

DIAGNÓSTICO INICIAL

Prof. Rodolfo Luiz Santos Rego

Escola: Municipal de Educação Básica

Nome: Yan Santos Teixeira

Sexo: (F) ☒ (M) ☐ Idade: 11 Série/turma: 6º

- RESPONDA COM ATENÇÃO ÀS QUESTÕES ABAIXO SOBRE SUAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA:

1. Você gosta das aulas de educação física? ☒ SIM () NÃO
2. Você participa das aulas de educação física? () SIM ☒ NÃO
3. Qual o local mais utilizado para as aulas de educação física ano passado?
() Quadra () Ginásio ☒ Pátio () Campo () Galpão () Sala () Outro
4. Quais atividades você mais realizou nas aulas de educação física?
Futebol
5. O(a) professor(a) explica as atividades que você deve realizar na aula de educação física?
() SIM ☒ NÃO

6. Para você o que a disciplina de educação física deve ensinar aos estudantes?

Sobre o corpo e o bem estar

7. Quais os materiais que são mais utilizados por você e seus colegas nas aulas de educação física?

bola de futebol

8. Esses materiais são oferecidos pela escola ou trazidos pelos alunos? ☒ Escola () Alunos

9. Assinale com um X os materiais que você já utilizou durante uma aula de educação física?



10. Destes materiais, qual você considera mais importante?

☒ (a) (b) (c) (d) (e) ☒ (f) ☒ (g) (h) (i) (j)

11. Destes materiais, excluindo o que você acha o mais importante, qual deles você gostaria de utilizar nas aulas de educação física?

(a) (b) (c) (d) (e) (f) (g) (h) (i) (j)

12. Assinale um X nas práticas você conhece:



13. Destas práticas, qual você considera mais importante?

☒ (a) (b) (c) (d) (e) (f) (g) (h) (i) (j)

14. Seu(a) professor(a) já conversou com você sobre qual delas?

(a) (b) (c) (d) (e) (f) (g) (h) (i) (j)

15. Destas práticas, excluindo a que você acha mais importante, qual você gostaria de conhecer?

(a) (b) (c) (d) ☒ (f) (g) (h) (i) (j)

16. Durante as suas aulas de educação física, já surgiu algum tipo de problema? Poderia comentar?

Não

17. Seu(a) professor(a) ajuda na solução deste(s) problema(s)? ☒ (SIM) (NÃO)

Obrigado pela participação!

DIAGNÓSTICO INICIAL

Prof. Rodolfo Luiz Santos Rego

Escola: Escola De Educ. Bón. Maria Augusta SilvaNome: Júlio Sirgino Santos LimaSexo: ☒ (M) Idade: 11 Série/turma: 6º Ano C

- RESPONDA COM ATENÇÃO ÀS QUESTÕES ABAIXO SOBRE SUAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA:

1. Você gosta das aulas de educação física? ☒ SIM () NÃO
2. Você participa das aulas de educação física? ☒ SIM () NÃO
3. Qual o local mais utilizado para as aulas de educação física ano passado?
() Quadra () Ginásio ☒ Pátio () Campo () Galpão ☒ Sala () Outro
4. Quais atividades você mais realizou nas aulas de educação física?
Reps - pega, futebol e quimada.
5. O(a) professor(a) explica as atividades que você deve realizar na aula de educação física?
☒ SIM () NÃO
6. Para você o que a disciplina de educação física deve ensinar aos estudantes?

7. Quais os materiais que são mais utilizados por você e seus colegas nas aulas de educação física?

Bolas.

8. Esses materiais são oferecidos pela escola ou trazidos pelos alunos? () Escola ☒ Alunos
9. Assinale com um X os materiais que você já utilizou durante uma aula de educação física?



10. Destes materiais, qual você considera mais importante?

(a) (b) (c) (d) ☒ (f) (g) (h) (i) (j)

11. Destes materiais, excluindo o que você acha o mais importante, qual deles você gostaria de utilizar nas aulas de educação física?

(a) ☒ (c) (d) (e) (f) (g) (h) (i) (j)

12. Assinale um X nas práticas você conhece:



13. Destas práticas, qual você considera mais importante?

(a) (b) (c) (d) (e) (f) (g) (h) (i) ☒ (j)

14. Seu(a) professor(a) já conversou com você sobre qual delas?

☒ (a) (b) (c) (d) (e) (f) (g) (h) (i) (j)

15. Destas práticas, excluindo a que você acha mais importante, qual você gostaria de conhecer?

(a) ☒ (b) (c) (d) (e) (f) (g) (h) (i) (j)

16. Durante as suas aulas de educação física, já surgiu algum tipo de problema? Poderia comentar?

Sim. Um menino desobedeceu a ele mesmo.

17. Seu(a) professor(a) ajuda na solução deste(s) problema(s)? ☒ (SIM) ☐ (NÃO)

Obrigado pela participação!

DIAGNÓSTICO INICIAL

Prof. Rodolfo Luiz Santos Rego

Escola: _____

Nome: Edilânio Rodrigues Das Saneas

Sexo: (F) (M)

Idade: _____

Série/turma: 6º

- RESPONDA COM ATENÇÃO ÀS QUESTÕES ABAIXO SOBRE SUAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA:

1. Você gosta das aulas de educação física? ☒ SIM ☐ NÃO2. Você participa das aulas de educação física? ☒ SIM ☐ NÃO

3. Qual o local mais utilizado para as aulas de educação física ano passado?

☐ Quadra ☐ Ginásio ☒ Pátio ☐ Campo ☐ Galpão ☐ Sala ☐ Outro

4. Quais atividades você mais realizou nas aulas de educação física?

Exercícios Alongamento

5. O(a) professor(a) explica as atividades que você deve realizar na aula de educação física?

☒ SIM ☐ NÃO

6. Para você o que a disciplina de educação física deve ensinar aos estudantes?

Exercícios

7. Quais os materiais que são mais utilizados por você e seus colegas nas aulas de educação física?

BOLA8. Esses materiais são oferecidos pela escola ou trazidos pelos alunos? ☒ Escola ☐ Alunos

9. Assinale com um X os materiais que você já utilizou durante uma aula de educação física?

a



b



c



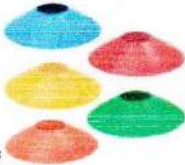
d



e



g



f



h



i



j



10. Destes materiais, qual você considera mais importante?

☒ (a) ☐ (b) ☐ (c) ☐ (d) ☐ (e) ☐ (f) ☐ (g) ☐ (h) ☐ (i) ☐ (j)

11. Destes materiais, excluindo o que você acha o mais importante, qual deles você gostaria de utilizar nas aulas de educação física?

☐ (a) ☐ (b) ☐ (c) ☐ (d) ☒ (e) ☐ (f) ☐ (g) ☐ (h) ☐ (i) ☐ (j)

12. Assinale um X nas práticas você conhece:



13. Destas práticas, qual você considera mais importante?

(a) (b) (c) (d) (e) (f) (g) (h) (i) (j)

14. Seu(a) professor(a) já conversou com você sobre qual delas?

(a) (b) (c) (d) (e) (f) (g) (h) (i) (j)

15. Destas práticas, excluindo a que você acha mais importante, qual você gostaria de conhecer?

(a) (b) (c) (d) (e) (f) (g) (h) (i) (j)

16. Durante as suas aulas de educação física, já surgiu algum tipo de problema? Poderia comentar?

Não

17. Seu(a) professor(a) ajuda na solução deste(s) problema(s)? (SIM) (NÃO)

Obrigado pela participação!

DIAGNÓSTICO INICIAL

Prof. Rodolfo Luiz Santos Rego

Escola: _____

Nome: JOÃO MARI

Sexo: (F) (M) Idade: _____ Série/turma: 6º ano "C"

- RESPONDA COM ATENÇÃO ÀS QUESTÕES ABAIXO SOBRE SUAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA:

1. Você gosta das aulas de educação física? (✓) SIM () NÃO
2. Você participa das aulas de educação física? (✓) SIM () NÃO
3. Qual o local mais utilizado para as aulas de educação física ano passado?
(x) Quadra () Ginásio () Pátio () Campo () Galpão (✓) Sala () Outro
4. Quais atividades você mais realizou nas aulas de educação física?
Futebol
5. O(a) professor(a) explica as atividades que você deve realizar na aula de educação física?
(✓) SIM () NÃO
6. Para você o que a disciplina de educação física deve ensinar aos estudantes?
Fizicas
7. Quais os materiais que são mais utilizados por você e seus colegas nas aulas de educação física?
Futebol
8. Esses materiais são oferecidos pela escola ou trazidos pelos alunos? () Escola () Alunos
9. Assinale com um X os materiais que você já utilizou durante uma aula de educação física?



10. Destes materiais, qual você considera mais importante?
(x) (a) (b) (c) (d) (e) (f) (g) (h) (i) (j)
11. Destes materiais, excluindo o que você acha o mais importante, qual deles você gostaria de utilizar nas aulas de educação física?
(a) (b) (c) (d) (e) (f) (g) (h) (i) (j)
12. Assinale um X nas práticas você conhece:



13. Destas práticas, qual você considera mais importante?

(a) (b) (c) (d) (e) (f) (g) (h) (i) (j)

14. Seu(a) professor(a) já conversou com você sobre qual delas?

(a) (b) (c) (d) (e) (f) (g) (h) (i) (j)

15. Destas práticas, excluindo a que você acha mais importante, qual você gostaria de conhecer?

(a) (b) (c) (d) (e) (f) (g) (h) (i) (j)

16. Durante as suas aulas de educação física, já surgiu algum tipo de problema? Poderia comentar?

brigar

17. Seu(a) professor(a) ajuda na solução deste(s) problema(s)? (SIM) (NÃO)

Obrigado pela participação!

DIAGNÓSTICO INICIAL

Prof. Rodolfo Luiz Santos Rego

Escola: M.E.B. Maria Augusta Sibrio Melo

Nome: Luciano Vitorino Vieira da Silva

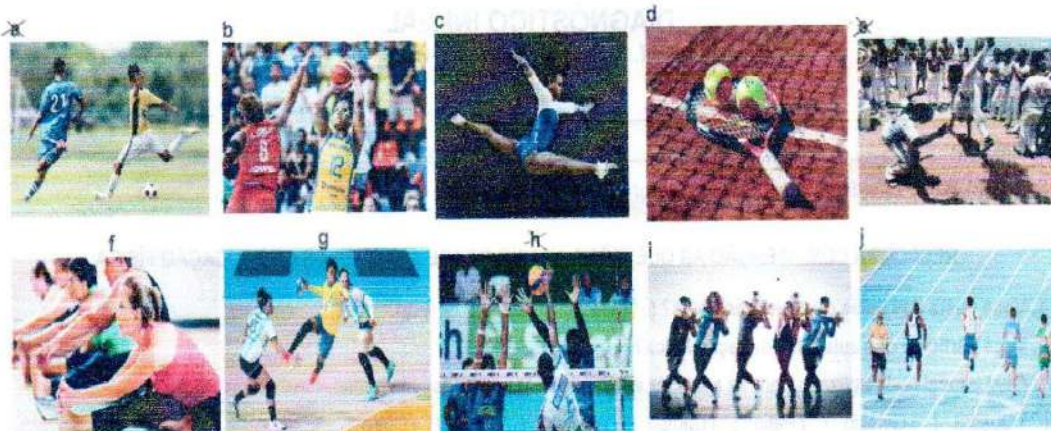
Sexo: (F) (M) Idade: 11 Série/turma: 5ª série B

• RESPONDA COM ATENÇÃO ÀS QUESTÕES ABAIXO SOBRE SUAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA:

1. Você gosta das aulas de educação física? (☒) SIM () NÃO
2. Você participa das aulas de educação física? (☒) SIM () NÃO
3. Qual o local mais utilizado para as aulas de educação física ano passado?
() Quadra () Ginásio (☒) Pátio () Campo () Galpão () Sala () Outro
4. Quais atividades você mais realizou nas aulas de educação física?
Jogos bola
5. O(a) professor(a) explica as atividades que você deve realizar na aula de educação física?
(☒) SIM () NÃO
6. Para você o que a disciplina de educação física deve ensinar aos estudantes?
ensinar a quem deve fazer e o que não deve.
7. Quais os materiais que são mais utilizados por você e seus colegas nas aulas de educação física?
as bolas.
8. Esses materiais são oferecidos pela escola ou trazidos pelos alunos? (☒) Escola () Alunos
9. Assinale com um X os materiais que você já utilizou durante uma aula de educação física?



10. Destes materiais, qual você considera mais importante?
(☒) a () b () c () d () e () f () g () h () i () j
11. Destes materiais, excluindo o que você acha o mais importante, qual deles você gostaria de utilizar nas aulas de educação física?
(☒) a () b () c () d () e () f () g () h () i () j
12. Assinale um X nas práticas você conhece:



13. Destas práticas, qual você considera mais importante?

(a) (b) (c) (d) (e) (f) (g) (h) (i) (j)

14. Seu(a) professor(a) já conversou com você sobre qual delas?

(a) (b) (c) (d) (e) (f) (g) (h) (i) (j)

15. Destas práticas, excluindo a que você acha mais importante, qual você gostaria de conhecer?

(a) (b) (c) (d) (e) (f) (g) (h) (i) (j)

16. Durante as suas aulas de educação física, já surgiu algum tipo de problema? Poderia comentar?

Eu não sou boa em nada em específico.

17. Seu(a) professor(a) ajuda na solução deste(s) problema(s)? (SIM) (NÃO)

Obrigado pela participação!

DIAGNÓSTICO INICIAL

Prof. Rodolfo Luiz Santos Rego

Escola: Municipal de Educação Básica Maria Augusta Silva M.
 Nome: De. Eliza Alves da Silva
 Sexo: (F) (M) Idade: 11 Série/turma: 6º ano C

- RESPONDA COM ATENÇÃO ÀS QUESTÕES ABAIXO SOBRE SUAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA:

1. Você gosta das aulas de educação física? (X) SIM () NÃO
2. Você participa das aulas de educação física? (X) SIM () NÃO
3. Qual o local mais utilizado para as aulas de educação física ano passado?
 () Quadra () Ginásio () Pátio () Campo () Galpão (X) Sala () Outro
4. Quais atividades você mais realizou nas aulas de educação física?
futebol
5. O(a) professor(a) explica as atividades que você deve realizar na aula de educação física?
 (X) SIM () NÃO
6. Para você o que a disciplina de educação física deve ensinar aos estudantes?

7. Quais os materiais que são mais utilizados por você e seus colegas nas aulas de educação física?

bola

8. Esses materiais são oferecidos pela escola ou trazidos pelos alunos? (X) Escola () Alunos
9. Assinale com um X os materiais que você já utilizou durante uma aula de educação física?

X



b



c



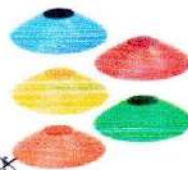
d



e



g



X



h



i



j



10. Destes materiais, qual você considera mais importante?

(X) (b) (c) (d) (e) (f) (g) (h) (i) (j)

11. Destes materiais, excluindo o que você acha o mais importante, qual deles você gostaria de utilizar nas aulas de educação física?

(a) (b) (c) (d) (X) (f) (g) (h) (i) (j)

12. Assinale um X nas práticas você conhece:



13. Destas práticas, qual você considera mais importante?

(a) (b) (c) (d) (e) (f) (g) (h) ☒ (i) (j)

14. Seu(a) professor(a) já conversou com você sobre qual delas?

☒ (a) (b) (c) (d) (e) (f) ☒ (g) (h) (i) (j)

15. Destas práticas, excluindo a que você acha mais importante, qual você gostaria de conhecer?

(a) (b) ☒ (c) (d) (e) (f) (g) (h) (i) (j)

16. Durante as suas aulas de educação física, já surgiu algum tipo de problema? Poderia comentar?

Os alunos brigaram por coisa besta.

17. Seu(a) professor(a) ajuda na solução deste(s) problema(s)? ☒ SIM ☐ NÃO

Obrigado pela participação!

DIAGNÓSTICO INICIAL

Prof. Rodolfo Luiz Santos Rego

Escola: M.P.B. Maria Augusta Silva Melo

Nome: Alyce do Santos Tênis

Sexo: ☒ (M) Idade: 11 Série/turma: 6º ano C

• RESPONDA COM ATENÇÃO ÀS QUESTÕES ABAIXO SOBRE SUAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA:

1. Você gosta das aulas de educação física? ☒ SIM () NÃO
2. Você participa das aulas de educação física? ☒ SIM () NÃO
3. Qual o local mais utilizado para as aulas de educação física ano passado?
() Quadra () Ginásio () Pátio () Campo () Galpão ☒ Sala () Outro
4. Quais atividades você mais realizou nas aulas de educação física?
quimada, futebol
5. O(a) professor(a) explica as atividades que você deve realizar na aula de educação física?
☒ SIM () NÃO
6. Para você o que a disciplina de educação física deve ensinar aos estudantes?
esporte

7. Quais os materiais que são mais utilizados por você e seus colegas nas aulas de educação física?
bola de futebol

8. Esses materiais são oferecidos pela escola ou trazidos pelos alunos? ☒ Escola () Alunos
9. Assinale com um X os materiais que você já utilizou durante uma aula de educação física?



10. Destes materiais, qual você considera mais importante?

☒ (a) (b) (c) (d) (e) (f) (g) (h) (i) (j)

11. Destes materiais, excluindo o que você acha o mais importante, qual deles você gostaria de utilizar nas aulas de educação física?

(a) (b) (c) (d) ☒ (e) (f) (g) (h) ☒ ☒ (j)

12. Assinale um X nas práticas você conhece:



13. Destas práticas, qual você considera mais importante?

(a) (b) ☒ (c) (d) (e) (f) (g) (h) (i) (j)

14. Seu(a) professor(a) já conversou com você sobre qual delas?

☒ (a) (b) (c) (d) (e) (f) (g) (h) (i) ☒ (j)

15. Destas práticas, excluindo a que você acha mais importante, qual você gostaria de conhecer?

(a) (b) (c) (d) (e) (f) (g) ☒ (h) (i) (j)

16. Durante as suas aulas de educação física, já surgiu algum tipo de problema? Poderia comentar?

Sim uma menina machucou o braço

17. Seu(a) professor(a) ajuda na solução deste(s) problema(s)? ☒ (SIM) (NÃO)



Obrigado pela participação!

DIAGNÓSTICO INICIAL

Prof. Rodolfo Luiz Santos Rego

Escola: M. E. B. Maria Augusta Silva MeloNome: Lucy Vitória

Sexo: (F) (M)

Idade: 11Série/turma: 6ª ano C

- RESPONDA COM ATENÇÃO ÀS QUESTÕES ABAIXO SOBRE SUAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA:

1. Você gosta das aulas de educação física? ☒ SIM () NÃO
2. Você participa das aulas de educação física? ☒ SIM () NÃO
3. Qual o local mais utilizado para as aulas de educação física ano passado?
- () Quadra () Ginásio () Pátio () Campo () Galpão ☒ Sala ☒ Outro
4. Quais atividades você mais realizou nas aulas de educação física?

Basquete

5. O(a) professor(a) explica as atividades que você deve realizar na aula de educação física?

☒ SIM () NÃO

6. Para você o que a disciplina de educação física deve ensinar aos estudantes?

Brincadeiras

7. Quais os materiais que são mais utilizados por você e seus colegas nas aulas de educação física?

Bola

8. Esses materiais são oferecidos pela escola ou trazidos pelos alunos? ☒ Escola () Alunos

9. Assinale com um X os materiais que você já utilizou durante uma aula de educação física?



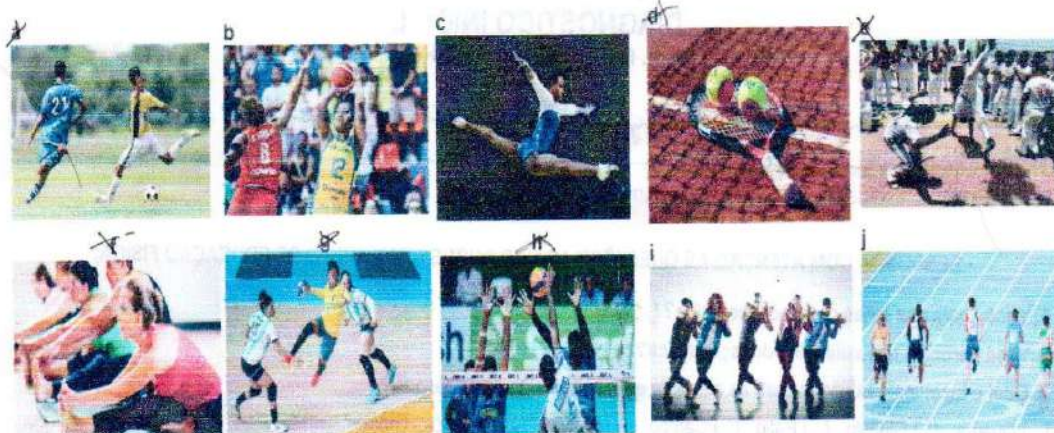
10. Destes materiais, qual você considera mais importante?

☒ (a) (b) (c) (d) (e) (f) (g) (h) (i) (j)

11. Destes materiais, excluindo o que você acha o mais importante, qual deles você gostaria de utilizar nas aulas de educação física?

☒ (a) ☒ (c) (d) (e) (f) (g) (h) (i) (j)

12. Assinale um X nas práticas você conhece:



13. Destas práticas, qual você considera mais importante?

☒ (a) (b) (c) (d) (e) (f) (g) (h) (i) (j)

14. Seu(a) professor(a) já conversou com você sobre qual delas?

☒ (a) (b) (c) (d) (e) (f) ☒ (h) (i) (j)

15. Destas práticas, excluindo a que você acha mais importante, qual você gostaria de conhecer?

(a) (b) (c) ☒ (e) (f) (g) (h) (i) (j)

16. Durante as suas aulas de educação física, já surgiu algum tipo de problema? Poderia comentar?

Sim, já surgiu

17. Seu(a) professor(a) ajuda na solução deste(s) problema(s)? ☒ (SIM) (NÃO)

Obrigado pela participação!

DIAGNÓSTICO INICIAL

Prof. Rodolfo Luiz Santos Rego

Escola: Municipal de Educação Básica Maria Augusta S. Melo.

Nome: Thayza Dos Santos Monteiro

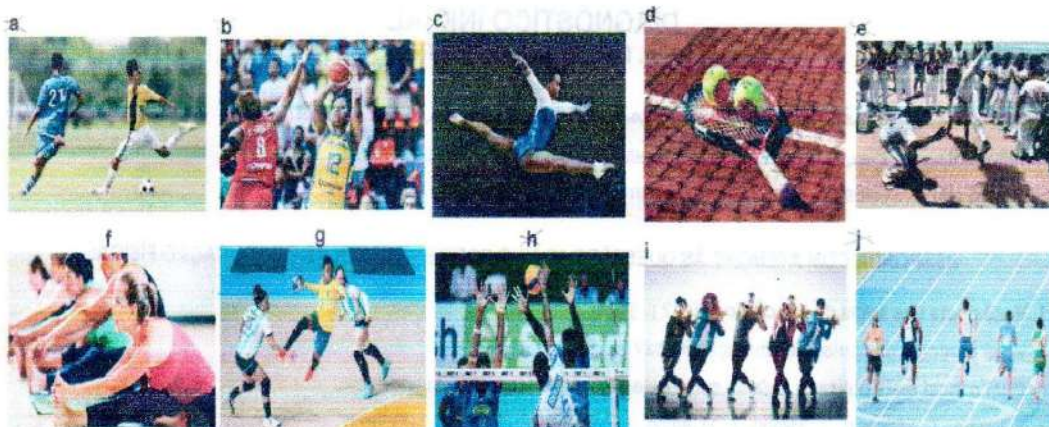
Sexo: ☒ (M) ☐ (F) Idade: 11 Série/turma: 6ª ano "C"

- RESPONDA COM ATENÇÃO ÀS QUESTÕES ABAIXO SOBRE SUAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA:

1. Você gosta das aulas de educação física? () SIM () NÃO
2. Você participa das aulas de educação física? () SIM () NÃO
3. Qual o local mais utilizado para as aulas de educação física ano passado?
() Quadra () Ginásio () Pátio () Campo () Galpão () Sala () Outro
4. Quais atividades você mais realizou nas aulas de educação física?
Atividades no quadra e no campo.
5. O(a) professor(a) explica as atividades que você deve realizar na aula de educação física?
() SIM () NÃO
6. Para você o que a disciplina de educação física deve ensinar aos estudantes?
Que o esporte é bom para a saúde e a educação.
7. Quais os materiais que são mais utilizados por você e seus colegas nas aulas de educação física?
Bola de futebol e de vôlei.
8. Esses materiais são oferecidos pela escola ou trazidos pelos alunos? () Escola () Alunos
9. Assinale com um X os materiais que você já utilizou durante uma aula de educação física?



10. Destes materiais, qual você considera mais importante?
(a) (b) (c) (d) (e) (f) (g) (h) (i) (j)
11. Destes materiais, excluindo o que você acha o mais importante, qual deles você gostaria de utilizar nas aulas de educação física?
(a) (b) (c) (d) (e) (f) (g) (h) (i) (j)
12. Assinale um X nas práticas você conhece:



13. Destas práticas, qual você considera mais importante?

(a) (b) (c) (d) (e) (f) (g) (h) (i) (j)

14. Seu(a) professor(a) já conversou com você sobre qual delas?

(a) (b) (c) (d) (e) (f) (g) (h) (i) (j)

15. Destas práticas, excluindo a que você acha mais importante, qual você gostaria de conhecer?

(a) (b) (c) (d) (e) (f) (g) (h) (i) (j)

16. Durante as suas aulas de educação física, já surgiu algum tipo de problema? Poderia comentar?

Sim, a parte da organização

17. Seu(a) professor(a) ajuda na solução deste(s) problema(s)? (SIM) (NÃO)



Obrigado pela participação!

DIAGNÓSTICO INICIAL

Prof. Rodolfo Luiz Santos Rego

Escola: m.e.b. maria augusta silva meloNome: Lauane isaias da silvaSexo: ☒ (M) Idade: 11 Série/turma: 6ª 2ª

- RESPONDA COM ATENÇÃO ÀS QUESTÕES ABAIXO SOBRE SUAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA:

1. Você gosta das aulas de educação física? ☒ SIM () NÃO
2. Você participa das aulas de educação física? ☒ SIM () NÃO
3. Qual o local mais utilizado para as aulas de educação física ano passado?
() Quadra () Ginásio () Pátio () Campo () Galpão ☒ Sala () Outro
4. Quais atividades você mais realizou nas aulas de educação física?
brincadeiras com bola de futebol
5. O(a) professor(a) explica as atividades que você deve realizar na aula de educação física?
☒ SIM () NÃO
6. Para você o que a disciplina de educação física deve ensinar aos estudantes?
a cuidar da saúde e diverção ao sedentarismo
7. Quais os materiais que são mais utilizados por você e seus colegas nas aulas de educação física?
bola de Futebol.
8. Esses materiais são oferecidos pela escola ou trazidos pelos alunos? ☒ Escola () Alunos
9. Assinale com um X os materiais que você já utilizou durante uma aula de educação física?



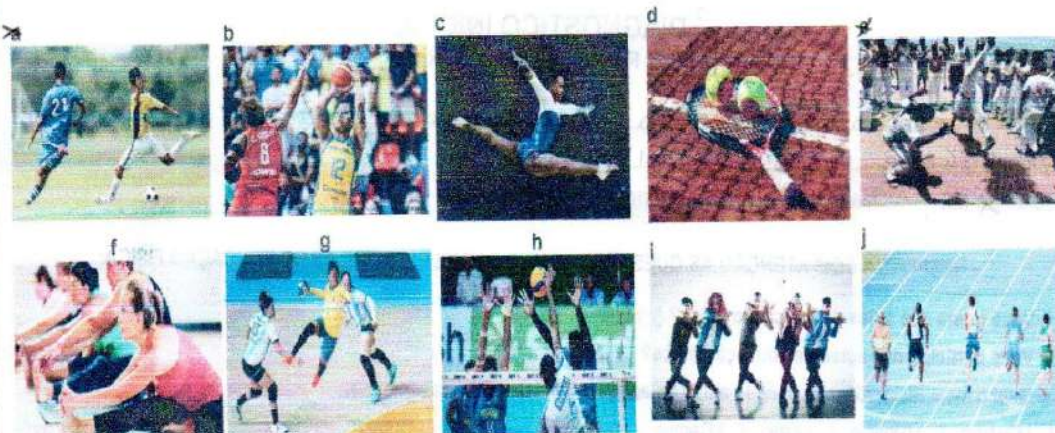
10. Destes materiais, qual você considera mais importante?

☒ (b) (c) (d) ☒ (f) (g) (h) (i) (j)

11. Destes materiais, excluindo o que você acha o mais importante, qual deles você gostaria de utilizar nas aulas de educação física?

☒ (a) (b) (c) (d) (e) (f) (g) (h) (i) ☒ (j)

12. Assinale um X nas práticas você conhece:



13. Destas práticas, qual você considera mais importante?

☒ (a) (b) (c) (d) (e) (f) (g) (h) (i) (j)

14. Seu(a) professor(a) já conversou com você sobre qual delas?

☒ (a) (b) (c) (d) ☒ (e) (f) (g) (h) (i) (j)

15. Destas práticas, excluindo a que você acha mais importante, qual você gostaria de conhecer?

(a) (b) (c) (d) (e) (f) (g) ☒ (h) (i) (j)

16. Durante as suas aulas de educação física, já surgiu algum tipo de problema? Poderia comentar?

não teve nenhum problema

17. Seu(a) professor(a) ajuda na solução deste(s) problema(s)? ☒ (SIM) ☐ (NÃO)

Obrigado pela participação!

DIAGNÓSTICO INICIAL

Prof. Rodolfo Luiz Santos Rego

Escola: Municipal de Educação Básica Maria Augusta Silva mel
 Nome: Laura Izakelly
 Sexo: (F) (M) Idade: 11 Série/turma: 6º ano "C"

- RESPONDA COM ATENÇÃO ÀS QUESTÕES ABAIXO SOBRE SUAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA:

1. Você gosta das aulas de educação física? (X) SIM () NÃO
2. Você participa das aulas de educação física? (X) SIM () NÃO
3. Qual o local mais utilizado para as aulas de educação física ano passado?
 () Quadra () Ginásio () Pátio () Campo () Galpão (X) Sala () Outro
4. Quais atividades você mais realizou nas aulas de educação física?
dança
5. O(a) professor(a) explica as atividades que você deve realizar na aula de educação física?
 (X) SIM () NÃO
6. Para você o que a disciplina de educação física deve ensinar aos estudantes?
a matéria que ele ou ela gosta
7. Quais os materiais que são mais utilizados por você e seus colegas nas aulas de educação física?
bola
8. Esses materiais são oferecidos pela escola ou trazidos pelos alunos? () Escola (X) Alunos
9. Assinale com um X os materiais que você já utilizou durante uma aula de educação física?



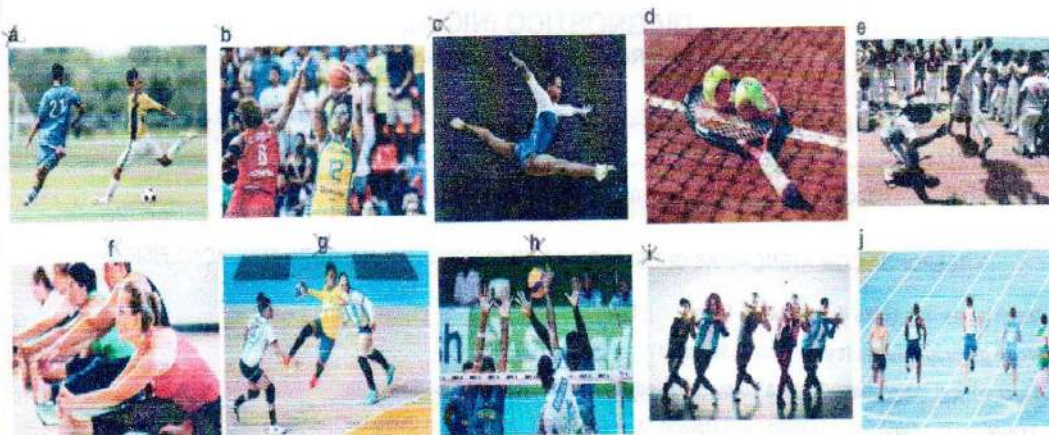
10. Destes materiais, qual você considera mais importante?

(a) (b) (c) (d) (e) (f) (g) (h) (X) (i)

11. Destes materiais, excluindo o que você acha o mais importante, qual deles você gostaria de utilizar nas aulas de educação física?

(a) (b) (c) (d) (e) (f) (g) (h) (X) (i)

12. Assinale um X nas práticas você conhece:



13. Destas práticas, qual você considera mais importante?

(a) (b) (c) (d) (e) (f) (g) (h) (i) (j)

14. Seu(a) professor(a) já conversou com você sobre qual delas?

(a) (b) (c) (d) (e) (f) (g) (h) (i) (j)

15. Destas práticas, excluindo a que você acha mais importante, qual você gostaria de conhecer?

(a) (b) (c) (d) (e) (f) (g) (h) (i) (j)

16. Durante as suas aulas de educação física, já surgiu algum tipo de problema? Poderia comentar?

não nunca aconteceu

17. Seu(a) professor(a) ajuda na solução deste(s) problema(s)? (SIM) (NÃO)

Obrigado pela participação!

DIAGNÓSTICO INICIAL

Prof. Rodolfo Luiz Santos Rego

Escola: Escola M. E. B. Maria Augusta Silva Melo

Nome: Tayne Kellen Silva Barros

Sexo: ☒ (M) ☐ (F) Idade: 11 Série/turma: 6º C

• RESPONDA COM ATENÇÃO ÀS QUESTÕES ABAIXO SOBRE SUAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA:

1. Você gosta das aulas de educação física? ☒ SIM ☐ NÃO
2. Você participa das aulas de educação física? ☒ SIM ☐ NÃO
3. Qual o local mais utilizado para as aulas de educação física ano passado?
() Quadra () Ginásio ☒ Pátio () Campo () Galpão ☒ Sala () Outro
4. Quais atividades você mais realizou nas aulas de educação física?
5. O(a) professor(a) explica as atividades que você deve realizar na aula de educação física?
☒ SIM ☐ NÃO

6. Para você o que a disciplina de educação física deve ensinar aos estudantes?

brincadeiras, jogos e ginástica

7. Quais os materiais que são mais utilizados por você e seus colegas nas aulas de educação física?

sardinha, cometa, lápis e borracha

8. Esses materiais são oferecidos pela escola ou trazidos pelos alunos? ☒ Escola ☐ Alunos

9. Assinale com um X os materiais que você já utilizou durante uma aula de educação física?



10. Destes materiais, qual você considera mais importante?

☒ (a) (b) (c) (d) (e) (f) (g) (h) (i) (j)

11. Destes materiais, excluindo o que você acha o mais importante, qual deles você gostaria de utilizar nas aulas de educação física?

(a) (b) (c) (d) ☒ (e) (f) (g) (h) (i) (j)

12. Assinale um X nas práticas você conhece:



13. Destas práticas, qual você considera mais importante?

(a) (b) (c) (d) (e) (f) (g) (h) (i) (j)

14. Seu(a) professor(a) já conversou com você sobre qual delas?

(a) (b) (c) (d) (e) (f) (g) (h) (i) (j)

15. Destas práticas, excluindo a que você acha mais importante, qual você gostaria de conhecer?

(a) (b) (c) (d) (e) (f) (g) (h) (i) (j)

16. Durante as suas aulas de educação física, já surgiu algum tipo de problema? Poderia comentar?

Dor nas Perna

17. Seu(a) professor(a) ajuda na solução deste(s) problema(s)? (SIM) (NÃO)

Obrigado pela participação!

DIAGNÓSTICO INICIAL

Prof. Rodolfo Luiz Santos Rego

Escola: _____

Nome: Marcia Inatuki de Silva Abapima

Sexo: ~~F~~ (M) Idade: 43 Série/turma: 6ª Ano D

- RESPONDA COM ATENÇÃO ÀS QUESTÕES ABAIXO SOBRE SUAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA:

1. Você gosta das aulas de educação física? ☒ SIM () NÃO

2. Você participa das aulas de educação física? ☒ SIM () NÃO

3. Qual o local mais utilizado para as aulas de educação física ano passado?

() Quadra () Ginásio () Pátio () Campo () Galpão ☒ Sala () Outro

4. Quais atividades você mais realizou nas aulas de educação física?

quadrado

5. O(a) professor(a) explica as atividades que você deve realizar na aula de educação física?

☒ SIM () NÃO

6. Para você o que a disciplina de educação física deve ensinar aos estudantes?

VOLEI

7. Quais os materiais que são mais utilizados por você e seus colegas nas aulas de educação física?

bola de futebol ou corda

8. Esses materiais são oferecidos pela escola ou trazidos pelos alunos? ☒ Escola () Alunos

9. Assinale com um X os materiais que você já utilizou durante uma aula de educação física?



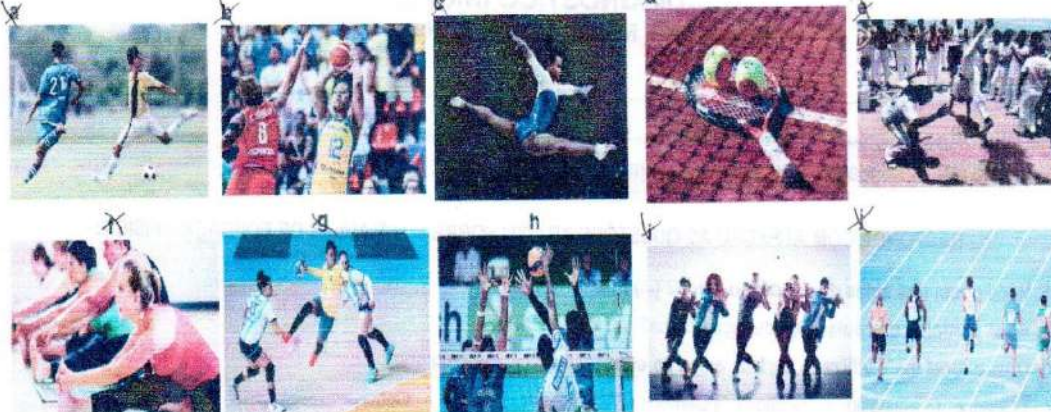
10. Destes materiais, qual você considera mais importante?

(a) (b) (c) (d) (e) (f) (g) ☒ (h) (i) (j)

11. Destes materiais, excluindo o que você acha o mais importante, qual deles você gostaria de utilizar nas aulas de educação física?

(a) (b) (c) (d) (e) (f) ~~(g)~~ (h) (i) (j)

12. Assinale um X nas práticas você conhece:



13. Destas práticas, qual você considera mais importante?

(a) (b) (c) (d) (e) ☒ (f) (g) (h) (i) (j)

14. Seu(a) professor(a) já conversou com você sobre qual delas?

☒ (a) (b) (c) (d) (e) (f) (g) (h) (i) (j)

15. Destas práticas, excluindo a que você acha mais importante, qual você gostaria de conhecer?

(a) (b) ☒ (c) (d) (e) (f) (g) (h) (i) (j)

16. Durante as suas aulas de educação física, já surgiu algum tipo de problema? Poderia comentar?

Sim

17. Seu(a) professor(a) ajuda na solução deste(s) problema(s)? ☒ SIM ☐ NÃO

Obrigado pela participação!

DIAGNÓSTICO INICIAL

Prof. Rodolfo Luiz Santos Rego

Escola: municipal de Educação Básica Maria Augusta Silva Melo

Nome: Livia Raquel da Silva Santos

Sexo: ☒ (F) ☐ (M)

Idade: 11

Série/turma: 6.º Ano B

- RESPONDA COM ATENÇÃO ÀS QUESTÕES ABAIXO SOBRE SUAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA:

1. Você gosta das aulas de educação física? ☒ SIM ☐ NÃO
2. Você participa das aulas de educação física? ☒ SIM ☐ NÃO
3. Qual o local mais utilizado para as aulas de educação física ano passado?
() Quadra () Ginásio () Pátio () Campo () Galpão ☒ Sala () Outro
4. Quais atividades você mais realizou nas aulas de educação física?
queimada
5. O(a) professor(a) explica as atividades que você deve realizar na aula de educação física?
☒ SIM ☐ NÃO
6. Para você o que a disciplina de educação física deve ensinar aos estudantes?
valor

7. Quais os materiais que são mais utilizados por você e seus colegas nas aulas de educação física?
queimada
8. Esses materiais são oferecidos pela escola ou trazidos pelos alunos? ☒ Escola ☐ Alunos
9. Assinale com um X os materiais que você já utilizou durante uma aula de educação física?



10. Destes materiais, qual você considera mais importante?
(a) (b) (c) (d) (e) (f) ☒ (g) (h) (i) (j)
11. Destes materiais, excluindo o que você acha o mais importante, qual deles você gostaria de utilizar nas aulas de educação física?
(a) ☒ (b) (c) (d) (e) (f) (g) (h) (i) (j)
12. Assinale um X nas práticas você conhece:



13. Destas práticas, qual você considera mais importante?

(a) (b) (c) (d) (e) ☒ (g) (h) (i) (j)

14. Seu(a) professor(a) já conversou com você sobre qual delas?

(a) (b) (c) (d) (e) (f) (g) ☒ (i) (j)

15. Destas práticas, excluindo a que você acha mais importante, qual você gostaria de conhecer?

(a) ☒ (b) (c) (d) (e) (f) (g) (h) (i) (j)

16. Durante as suas aulas de educação física, já surgiu algum tipo de problema? Poderia comentar?

Sim, já aconteceu problema

17. Seu(a) professor(a) ajuda na solução deste(s) problema(s)? ☒ (SIM) ☐ (NÃO)

Obrigado pela participação!

DIAGNÓSTICO INICIAL

Prof. Rodolfo Luiz Santos Rego

Escola: Munic. Pal. da Educação Básica Maria Aurélio

Nome: Yohan Carlos

Sexo: (F) (M)

Idade: 12

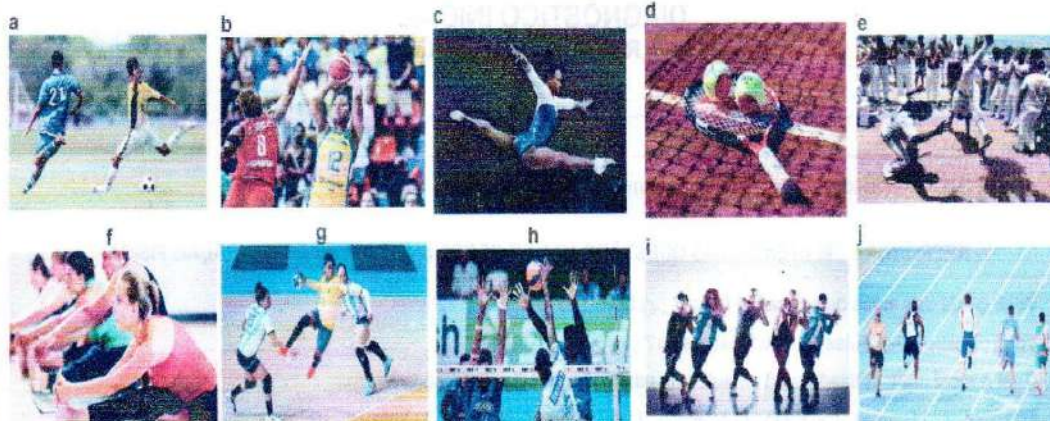
Série/turma: 6 - D

• RESPONDA COM ATENÇÃO ÀS QUESTÕES ABAIXO SOBRE SUAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA:

1. Você gosta das aulas de educação física? ☒ SIM () NÃO
2. Você participa das aulas de educação física? ☒ SIM () NÃO
3. Qual o local mais utilizado para as aulas de educação física ano passado?
(☒) Quadra () Ginásio (☒) Pátio () Campo () Galpão () Sala () Outro
4. Quais atividades você mais realizou nas aulas de educação física?
Futebol
5. O(a) professor(a) explica as atividades que você deve realizar na aula de educação física?
☒ SIM () NÃO
6. Para você o que a disciplina de educação física deve ensinar aos estudantes?
João Pontes
7. Quais os materiais que são mais utilizados por você e seus colegas nas aulas de educação física?
Bola de Futebol, bola de basquete e Bola de handebol
8. Esses materiais são oferecidos pela escola ou trazidos pelos alunos? () Escola () Alunos
9. Assinale com um X os materiais que você já utilizou durante uma aula de educação física?



10. Destes materiais, qual você considera mais importante?
☒ a ☒ b (c) (d) (e) ☒ g ☒ h ☒ i ☒ j
11. Destes materiais, excluindo o que você acha o mais importante, qual deles você gostaria de utilizar nas aulas de educação física?
☒ a (b) (c) (d) (e) (f) (g) (h) (i) (j)
12. Assinale um X nas práticas você conhece:



13. Destas práticas, qual você considera mais importante?

☒ (a) (b) (c) (d) ☒ (f) (g) (h) (i) (j)

14. Seu(a) professor(a) já conversou com você sobre qual delas?

☒ (a) (b) (c) (d) (e) (f) (g) (h) (i) (j)

15. Destas práticas, excluindo a que você acha mais importante, qual você gostaria de conhecer?

(a) (b) (c) ☒ (e) (f) (g) (h) (i) (j)

16. Durante as suas aulas de educação física, já surgiu algum tipo de problema? Poderia comentar?

não

17. Seu(a) professor(a) ajuda na solução deste(s) problema(s)? ☒ (SIM) (NÃO)

Obrigado pela participação!

DIAGNÓSTICO INICIAL

Prof. Rodolfo Luiz Santos Rego

Escola: _____

Nome: Adriana Francisca Pereira Bonfim

Sexo: (F) (M) Idade: 41 Série/turma: 6 Ano D

- RESPONDA COM ATENÇÃO ÀS QUESTÕES ABAIXO SOBRE SUAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA:

1. Você gosta das aulas de educação física? ☒ SIM () NÃO
2. Você participa das aulas de educação física? ☒ SIM () NÃO
3. Qual o local mais utilizado para as aulas de educação física ano passado?
() Quadra () Ginásio ☒ Pátio () Campo () Galpão () Sala () Outro
4. Quais atividades você mais realizou nas aulas de educação física?
Pule cordão
5. O(a) professor(a) explica as atividades que você deve realizar na aula de educação física?

☒ SIM () NÃO

6. Para você o que a disciplina de educação física deve ensinar aos estudantes?

Futebol

7. Quais os materiais que são mais utilizados por você e seus colegas nas aulas de educação física?

Cordão

8. Esses materiais são oferecidos pela escola ou trazidos pelos alunos? ☒ Escola () Alunos

9. Assinale com um X os materiais que você já utilizou durante uma aula de educação física?



10. Destes materiais, qual você considera mais importante?

☒ (b) (c) (d) (e) (f) ☒ (h) (i) (j)

11. Destes materiais, excluindo o que você acha o mais importante, qual deles você gostaria de utilizar nas aulas de educação física?

☒ (b) (c) (d) (e) (f) (g) (h) (i) (j)

12. Assinale um X nas práticas você conhece:



13. Destas práticas, qual você considera mais importante?

☒ (b) (c) (d) (e) (f) (g) (h) (i) (j)

14. Seu(a) professor(a) já conversou com você sobre qual delas?

(a) (b) (c) (d) (e) (f) (g) (h) (i) (j)

15. Destas práticas, excluindo a que você acha mais importante, qual você gostaria de conhecer?

☒ (b) (c) (d) (e) (f) (g) (h) (i) (j)

16. Durante as suas aulas de educação física, já surgiu algum tipo de problema? Poderia comentar?

Não

17. Seu(a) professor(a) ajuda na solução deste(s) problema(s)? ☒ SIM ☐ NÃO

Obrigado pela participação!

DIAGNÓSTICO INICIAL

Prof. Rodolfo Luiz Santos Rego

Escola: Municipal de Educação Básica Maria HelenaNome: Marcia AmalioSexo: ☒ (M) ☐ (F) Idade: 11 Série/turma: 6^a D

- RESPONDA COM ATENÇÃO ÀS QUESTÕES ABAIXO SOBRE SUAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA:

1. Você gosta das aulas de educação física? ☒ SIM () NÃO
2. Você participa das aulas de educação física? ☒ SIM () NÃO
3. Qual o local mais utilizado para as aulas de educação física ano passado?
() Quadra () Ginásio () Pátio () Campo () Galpão ☒ Sala () Outro
4. Quais atividades você mais realizou nas aulas de educação física?
ginkana
5. O(a) professor(a) explica as atividades que você deve realizar na aula de educação física?
☒ SIM () NÃO
6. Para você o que a disciplina de educação física deve ensinar aos estudantes?
VOLEI
7. Quais os materiais que são mais utilizados por você e seus colegas nas aulas de educação física?
gincana bola de futebol ou carudo
8. Esses materiais são oferecidos pela escola ou trazidos pelos alunos? ☒ Escola () Alunos
9. Assinale com um X os materiais que você já utilizou durante uma aula de educação física?



10. Destes materiais, qual você considera mais importante?

(a) (b) (c) (d) (e) (f) ☒ (g) ☒ (h) (i) (j)

11. Destes materiais, excluindo o que você acha o mais importante, qual deles você gostaria de utilizar nas aulas de educação física?

(a) (b) (c) (d) (e) (f) (g) ☒ (h) (i) (j)

12. Assinale um X nas práticas você conhece:



13. Destas práticas, qual você considera mais importante?

(a) (b) (c) (d) (e) (f) (g) ☒ (h) (i)

14. Seu(a) professor(a) já conversou com você sobre qual delas?

(a) ☒ (b) (c) (d) (e) (f) (g) (h) (i) (j)

15. Destas práticas, excluindo a que você acha mais importante, qual você gostaria de conhecer?

(a) (b) (c) (d) ☒ (e) (f) (g) (h) (i) (j)

16. Durante as suas aulas de educação física, já surgiu algum tipo de problema? Poderia comentar?

Sim, tive uma lesão de quadril duas vezes na aula de esportes manuais

17. Seu(a) professor(a) ajuda na solução deste(s) problema(s)? ☒ (NÃO)

Obrigado pela participação!

D. S. M. A. S.

DIAGNÓSTICO INICIAL

Prof. Rodolfo Luiz Santos Rego

Escola: municipal de educação básica maria augusta silva meloNome: Maria Clara Melo dos SantosSexo: ☒ (F) (M) Idade: 11 Série/turma: 6^a D

- RESPONDA COM ATENÇÃO ÀS QUESTÕES ABAIXO SOBRE SUAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA:

1. Você gosta das aulas de educação física? ☒ SIM () NÃO
2. Você participa das aulas de educação física? ☒ SIM () NÃO
3. Qual o local mais utilizado para as aulas de educação física ano passado?
() Quadra () Ginásio ☒ Pátio () Campo () Galpão ☒ Sala () Outro
4. Quais atividades você mais realizou nas aulas de educação física?
queimada e bambolê
5. O(a) professor(a) explica as atividades que você deve realizar na aula de educação física?
☒ SIM () NÃO
6. Para você o que a disciplina de educação física deve ensinar aos estudantes?
a educação física ensina aos alunos que os exercícios são bons para o corpo e na aprendizagem
7. Quais os materiais que são mais utilizados por você e seus colegas nas aulas de educação física?
bola, bambolê e cano
8. Esses materiais são oferecidos pela escola ou trazidos pelos alunos? ☒ Escola () Alunos
9. Assinale com um X os materiais que você já utilizou durante uma aula de educação física?



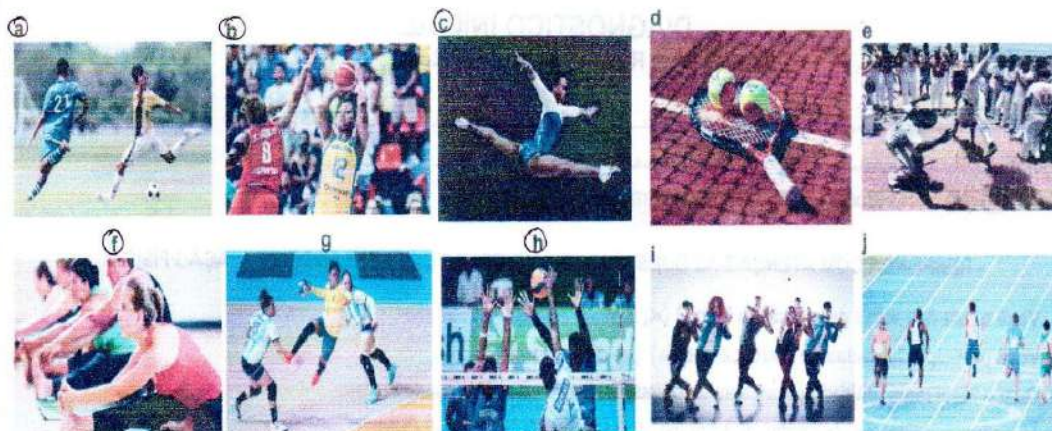
10. Destes materiais, qual você considera mais importante?

☒ (a) (b) (c) (d) (e) (f) (g) (h) (i) (j)

11. Destes materiais, excluindo o que você acha o mais importante, qual deles você gostaria de utilizar nas aulas de educação física?

☒ (a) (b) (c) (d) (e) (f) (g) (h) (i) (j)

12. Assinale um X nas práticas você conhece:



13. Destas práticas, qual você considera mais importante?

(a) (b) (c) (d) (e) ☒ (f) (g) (h) (i) (j)

14. Seu(a) professor(a) já conversou com você sobre qual delas?

(a) (b) (c) (d) (e) ☒ (f) (g) (h) (i) (j)

15. Destas práticas, excluindo a que você acha mais importante, qual você gostaria de conhecer?

(a) (b) (c) (d) (e) (f) (g) (h) ☒ (i) (j)

16. Durante as suas aulas de educação física, já surgiu algum tipo de problema? Poderia comentar?

Sim, Quando tinha uma brincadeira que era pra derrubar os colegas e levantar, nessa hora ela caiu de costas que quase quebrou a coluna, mas ela ficou bem depois.

17. Seu(a) professor(a) ajuda na solução deste(s) problema(s)? ☒ SIM ☐ NÃO

Obrigado pela participação!

DIAGNÓSTICO INICIAL

Prof. Rodolfo Luiz Santos Rego

Escola: Municipal de Educação Básica Maria Augusta Silva M.B.

Nome: Adriane da Silva Soares

Sexo: (F) (M)

Idade: 17

Série/turma: Setimado

• RESPONDA COM ATENÇÃO ÀS QUESTÕES ABAIXO SOBRE SUAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA:

1. Você gosta das aulas de educação física? ☒ SIM () NÃO

2. Você participa das aulas de educação física? ☒ SIM () NÃO

3. Qual o local mais utilizado para as aulas de educação física ano passado?

() Quadra () Ginásio ☒ Pátio () Campo () Galpão ☒ Sala () Outro

4. Quais atividades você mais realizou nas aulas de educação física?

Bola, corda e bola de cano

5. O(a) professor(a) explica as atividades que você deve realizar na aula de educação física?

☒ SIM () NÃO

6. Para você o que a disciplina de educação física deve ensinar aos estudantes?

Para relocalizar e memorizar

7. Quais os materiais que são mais utilizados por você e seus colegas nas aulas de educação física?

corda e bola

8. Esses materiais são oferecidos pela escola ou trazidos pelos alunos? () Escola ☒ Alunos

9. Assinale com um X os materiais que você já utilizou durante uma aula de educação física?



10. Destes materiais, qual você considera mais importante?

☒ (a) (b) (c) (d) (e) (f) (g) (h) (i) (j)

11. Destes materiais, excluindo o que você acha o mais importante, qual deles você gostaria de utilizar nas aulas de educação física?

(a) (b) (c) (d) (e) ☒ (g) (h) (i) (j)

12. Assinale um X nas práticas você conhece:



13. Destas práticas, qual você considera mais importante?

(a) (b) (c) (d) ☒ (e) (f) ☒ (g) (h) (i) (j)

14. Seu(a) professor(a) já conversou com você sobre qual delas?

(a) (b) (c) (d) ☒ (e) (f) (g) ☒ (h) (i) (j)

15. Destas práticas, excluindo a que você acha mais importante, qual você gostaria de conhecer?

(a) (b) (c) (d) (e) (f) (g) (h) (i) ☒ (j)

16. Durante as suas aulas de educação física, já surgiu algum tipo de problema? Poderia comentar?

não não surgiu nenhum problema

17. Seu(a) professor(a) ajuda na solução deste(s) problema(s)? ☒ SIM ☐ NÃO

Obrigado pela participação!

DIAGNÓSTICO INICIAL

Prof. Rodolfo Luiz Santos Rego

11/03/25

Escola: Maria Augusta Silva MdoNome: Gláucio Anderson Tavares da SilvaSexo: (F) ☒ M ☐ Idade: 17 Série/turma: 6º DII

- RESPONDA COM ATENÇÃO ÀS QUESTÕES ABAIXO SOBRE SUAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA:

1. Você gosta das aulas de educação física? ☒ SIM () NÃO
2. Você participa das aulas de educação física? ☒ SIM () NÃO
3. Qual o local mais utilizado para as aulas de educação física ano passado?
☒ Quadra ☒ Ginásio () Pátio ☒ Campo () Galpão () Sala ☒ Outro
4. Quais atividades você mais realizou nas aulas de educação física?
Pula corda, futebol
5. O(a) professor(a) explica as atividades que você deve realizar na aula de educação física?
☒ SIM () NÃO
6. Para você o que a disciplina de educação física deve ensinar aos estudantes?
a breia a quebra o corpo e alonga
7. Quais os materiais que são mais utilizados por você e seus colegas nas aulas de educação física?
8. Esses materiais são oferecidos pela escola ou trazidos pelos alunos? () Escola () Alunos
9. Assinale com um X os materiais que você já utilizou durante uma aula de educação física?



10. Destes materiais, qual você considera mais importante?
☒ (b) (c) (d) (e) (f) (g) (h) (i) (j)
11. Destes materiais, excluindo o que você acha o mais importante, qual deles você gostaria de utilizar nas aulas de educação física?
☒ (c) ☒ (f) ☒ (g) (h) (i) ☒ (j)
12. Assinale um X nas práticas você conhece:

13. Destas práticas, qual você considera mais importante?

☒ (a) (b) (c) (d) (e) (f) (g) (h) (i) (j)

14. Seu(a) professor(a) já conversou com você sobre qual delas?

(a) (b) (c) ☒ (d) (e) (f) (g) (h) (i) (j)

15. Destas práticas, excluindo a que você acha mais importante, qual você gostaria de conhecer?

(a) (b) (c) (d) (e) ☒ (f) (g) (h) (i) (j)

16. Durante as suas aulas de educação física, já surgiu algum tipo de problema? Poderia comentar?

nenhum do fofinho (etc) durante a aula

17. Seu(a) professor(a) ajuda na solução deste(s) problema(s)? ☒ SIM ☐ NÃO

Obrigado pela participação!

DIAGNÓSTICO INICIAL

Prof. Rodolfo Luiz Santos Rego

Escola: Escola de Educação Física Maria Augusta Silva MeloNome: João PrimoSexo: (F) ☒ (M)Idade: 12Série/turma: 6º D

- RESPONDA COM ATENÇÃO ÀS QUESTÕES ABAIXO SOBRE SUAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA:

1. Você gosta das aulas de educação física? ☒ SIM () NÃO2. Você participa das aulas de educação física? ☒ SIM () NÃO

3. Qual o local mais utilizado para as aulas de educação física ano passado?

☒ Quadra ☒ Ginásio () Pátio () Campo () Galpão () Sala () Outro

4. Quais atividades você mais realizou nas aulas de educação física?

futebol

5. O(a) professor(a) explica as atividades que você deve realizar na aula de educação física?

☒ SIM () NÃO

6. Para você o que a disciplina de educação física deve ensinar aos estudantes?

treino físico e exercícios

7. Quais os materiais que são mais utilizados por você e seus colegas nas aulas de educação física?

Bowling8. Esses materiais são oferecidos pela escola ou trazidos pelos alunos? ☒ Escola () Alunos

9. Assinale com um X os materiais que você já utilizou durante uma aula de educação física?

☒

b

c



g

d

e



f

h

j

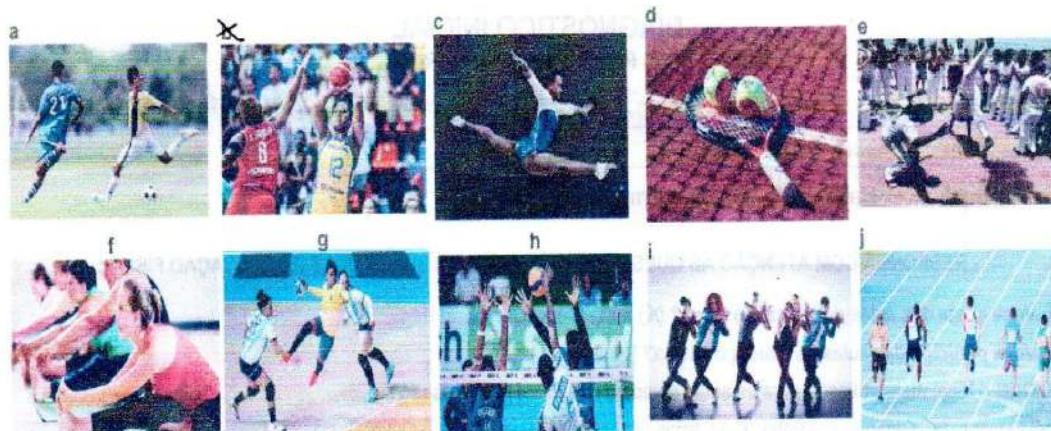
10. Destes materiais, qual você considera mais importante?

(a) (b) (c) (d) (e) ☒ (g) (h) (i) (j)

11. Destes materiais, excluindo o que você acha o mais importante, qual deles você gostaria de utilizar nas aulas de educação física?

(a) ☒ (c) (d) (e) (f) (g) (h) (i) (j)

12. Assinale um X nas práticas você conhece:



13. Destas práticas, qual você considera mais importante?

(a) ☒ (b) ☒ (c) ☐ (d) ☐ (e) ☐ (f) ☐ (g) ☐ (h) ☐ (i) ☐ (j) ☐

14. Seu(a) professor(a) já conversou com você sobre qual delas?

☒ (a) ☒ (b) ☒ (c) ☐ (d) ☐ (e) ☐ (f) ☐ (g) ☐ (h) ☐ (i) ☐ (j) ☐

15. Destas práticas, excluindo a que você acha mais importante, qual você gostaria de conhecer?

☒ (a) ☐ (b) ☐ (c) ☐ (d) ☐ (e) ☐ (f) ☐ (g) ☐ (h) ☐ (i) ☐ (j) ☐

16. Durante as suas aulas de educação física, já surgiu algum tipo de problema? Poderia comentar?

não, não tenho problema algum

17. Seu(a) professor(a) ajuda na solução deste(s) problema(s)? ☒ (SIM) ☐ (NÃO)

Obrigado pela participação!

DIAGNÓSTICO INICIAL

Prof. Rodolfo Luiz Santos Rego

Escola: Municipal de Educação B. Mário Augusto S.M.Nome: Arthur Francisco Jesus SilvaSexo: (F) ☒ (M) Idade: 11 Série/turma: 6º "A"

- RESPONDA COM ATENÇÃO ÀS QUESTÕES ABAIXO SOBRE SUAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA:

1. Você gosta das aulas de educação física? ☒ SIM () NÃO
2. Você participa das aulas de educação física? ☒ SIM () NÃO
3. Qual o local mais utilizado para as aulas de educação física ano passado?
() Quadra () Ginásio ☒ Pátio () Campo () Galpão () Sala () Outro
4. Quais atividades você mais realizou nas aulas de educação física?
Sala e Pátio / Pula corda / Peteca.
5. O(a) professor(a) explica as atividades que você deve realizar na aula de educação física?
☒ SIM () NÃO
6. Para você o que a disciplina de educação física deve ensinar aos estudantes?

Exercício

7. Quais os materiais que são mais utilizados por você e seus colegas nas aulas de educação física?

Corda, Papel, Sacola

8. Esses materiais são oferecidos pela escola ou trazidos pelos alunos? ☒ Escola () Alunos
9. Assinale com um X os materiais que você já utilizou durante uma aula de educação física?

a



b

☒

d

☒

g

☒

h

☒

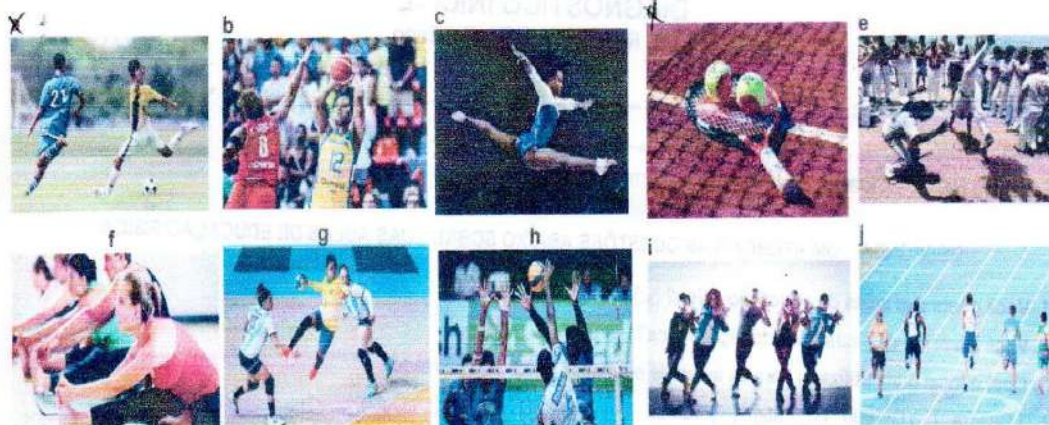
10. Destes materiais, qual você considera mais importante?

(a) (b) (c) (d) (e) (f) (g) (h) (i) ☒

11. Destes materiais, excluindo o que você acha o mais importante, qual deles você gostaria de utilizar nas aulas de educação física?

(a) (b) (c) (d) (e) (f) (g) (h) ☒ (i)

12. Assinale um X nas práticas você conhece:



13. Destas práticas, qual você considera mais importante?

(a) (b) (c) ☒ (d) (e) (f) (g) (h) (i) (j)

14. Seu(a) professor(a) já conversou com você sobre qual delas?

(a) (b) (c) (d) ☒ (e) (f) (g) (h) (i) (j)

15. Destas práticas, excluindo a que você acha mais importante, qual você gostaria de conhecer?

(a) ☒ (b) (c) (d) (e) (f) (g) (h) (i) (j)

16. Durante as suas aulas de educação física, já surgiu algum tipo de problema? Poderia comentar?

Bão infelizmente

17. Seu(a) professor(a) ajuda na solução deste(s) problema(s)? ☒ SIM ☐ NÃO

Só quando
Tenho

Obrigado pela participação!

APÊNDICE G – DIÁRIOS DE CAMPO

Diário de campo 01 – Quarta-feira, 20/08/2025

Aluno: **Adrian Miguel Santos Silva.**

Relato:

Como combinado no dia anterior, durante a aula de Educação Física da turma, passei em sua casa para, a princípio, conhecer um pouco mais sobre sua história, conversando com sua avó materna, e, em seguida, acompanhá-lo ao treino de futebol, do qual ele me relatou participar junto com outros colegas de sala. Cheguei à sua casa às 15h25min, e ele já me esperava na varanda. Era um prédio com dois pavimentos, onde, na parte de baixo, provavelmente funciona um comércio de seus avós e, em cima, fica sua casa. Sua avó materna, que se chama Cleonice, não estava. Adrian me contou que ela tinha saído para realizar algumas costuras e que, como já é de costume, apoia a participação do neto nos treinos de futebol duas vezes por semana. Cleonice já havia me relatado, em um encontro que tivemos na escola, ocasião em que assinou o RCLE, que passou a cuidar de Adrian desde o início de 2025, com autorização dos pais, que, há dois anos, passaram a residir e trabalhar na cidade de Batalha. Isso fez com que Adrian resistisse à cultura da nova cidade, passando a ter dificuldades para cultivar novas amizades e limitações para fazer aquilo de que mais gostava: brincar de futebol. Esse fato, juntamente com outros de caráter particular, fez com que Adrian insistisse em ficar com a avó em Olho D'Água das Flores.

Durante nossas conversas prévias na escola, já havia percebido que Adrian faz parte de um grupo de aproximadamente 20 crianças da Escola Maria Augusta, inclusive outros colegas de turma, que, às quartas e sextas-feiras, frequentam a Escolinha do Guerreiro, no período entre as 14h e as 20h. Adrian faz parte da turma que treina das 16h às 17h. Partimos de carro em direção ao campo onde treina e, durante o percurso, fui puxando conversa, no intuito de nos aproximarmos ainda mais e tentar captar as nuances que colaboram e nutrem essa paixão por bola. De propósito, fui vestido com minha camisa do Flamengo, no intuito de provocar uma atmosfera mais “boleira” entre a gente e menos formal que na escola. Assim que começamos o percurso, perguntei para que time torcia, e sua resposta foi o Palmeiras. Nesse momento, fiz uma brincadeira, freei o carro de propósito na rua e falei: “Desce! Não vamos mais!”. Ele, segurando sua bolsa com seus implementos no colo, soltou um sorriso. Percebi que Adrian se mostra tímido ao falar sobre sua história pessoal, mas, ao mesmo tempo, fica leve ao falar sobre futebol. Perguntei o que estava achando do time do Palmeiras, que iria jogar pela Copa Libertadores da América no dia seguinte, e ele despistou. Notei, então, que ele ainda não tem o conhecimento necessário para entrar em uma discussão mais aprofundada sobre futebol, daquelas que os adultos têm. Seguindo nosso papo, perguntei, já que ele até 2024 residia na cidade de Batalha, em que escola ele estudava antes de chegar ao sexto ano. Adrian falou que, do 1º ao 3º ano, estudou aqui mesmo, em Olho D'Água das Flores, na Escola Manoel Melo, e que, do 4º ao 5º ano, como seus pais se mudaram, passou a estudar em Batalha. Relatou-me ainda que, nas duas escolas em que passou, não havia professores de Educação Física e muito menos aulas da disciplina. Porém, no ano passado, seu pai o matriculou em uma escolinha de futsal lá na cidade de Batalha. Mesmo assim, não se adaptou e insistiu em voltar a Olho D'Água. Perguntei para que time seu pai torcia, e ele relatou que ele é corintiano e sua mãe, flamenguista. Brinquei novamente com ele sobre a situação em casa, e ele só ria.

Ao chegarmos ao campo, Adrian desceu e já foi ao encontro dos colegas. Eu fiquei para trás, pegando meu celular, caderno e caneta para realizar meus registros. Ao entrar no campo,

deparei-me com outros alunos, os quais ficaram espantados ao me ver, com uma expressão no rosto do tipo: “Nossa! Ele veio mesmo!”. Foi engraçado. Havia uma arquibancada onde os alunos ficavam sentados, preparando-se e aguardando o horário de início do treino. Quando chegamos, a turma das 15h estava finalizando a aula. Sentei-me ao lado dele e fiquei observando sua preparação: abriu a bolsa, retirou dois pares de meias, uma branca, de modelo antiderrapante, muito utilizada hoje em dia, e outra azul, maior, que colocou por baixo da branca. Perguntei pela caneleira, e ele me disse que, como o treino de hoje não seria “coletivo”, não a trouxe. Suas chuteiras, de modelo society, eram pretas e já estavam um pouco desgastadas. Sobre as chuteiras, perguntei de quem havia ganhado o presente, e ele me falou que havia sido do pai. Notei que, antes de calçar as chuteiras, ele trava uma “batalha” para desatar os nós dos cadarços que ele próprio havia dado na última vez em que as usou. Certo desleixo, não sei se por causa do cansaço ou de outro motivo. A impressão é que, assim que o treino termina, ele as arranca dos pés.

Um fato que me chamou a atenção foi a estrutura da Escolinha do Guerreiro. A escolinha funciona em um espaço particular, no modelo de uma “arena”. A entrada é feita por um corredor onde, mais à frente, há uma sacada com vista para o gramado artificial, que fica na parte de baixo; no lado esquerdo, há uma grande arquibancada e o acesso ao campo. Possui um alambrado de tela de arame separando o público do campo, dois banheiros e uma despensa. Me chamou a atenção a quantidade de crianças, de bolas e de demais materiais, como coletes, cones, barras, bebedouros etc., além de três monitores e do professor. Muito diferente dos tempos em que era criança, quando não tínhamos muito, nem mesmo o básico para jogar. Tomei um choque. A Escolinha do Guerreiro recebe esse nome devido ao professor e dono, que se chama Noé Guerreiro, um ex-jogador profissional, aqui mesmo da cidade, que se dedica há seis anos a esse projeto, como ele próprio me relatou.

Assim que a turma das 15h terminou suas atividades, fui ao encontro do Noé, pedi licença, parabeneizei-o pelo trabalho e expliquei minhas intenções naquela visita. Ele me recebeu muito bem, agradeceu minha visita e me pediu que ficasse à vontade. Antes de tudo, Noé já veio me contando um pouco de sua história e do início da escolinha, que já existia antes mesmo de ele se tornar o dono. Há 10 anos, já existia outra escolinha que funcionava no mesmo lugar e que era gerida por um técnico de futebol profissional, também da cidade. Devido às constantes viagens que esse profissional realizava a trabalho, os encontros com a garotada vinham ficando cada vez mais vagos, até chegar ao ponto de muitos pais procurarem o Noé para que ele assumisse os trabalhos do projeto. Foi assim que nasceu a Escolinha do Guerreiro. Noé me relatou que, no início, eram, em média, 30 crianças e que foi difícil no começo; faltava de tudo: parceiros, patrocinadores, materiais, incentivo... Hoje, são 30 crianças, entre seis e 17 anos de idade, por turma. Ele relatou que chega ao campo às 14 horas e só termina às 20 horas. Nessa empreitada, ele conta com a ajuda da esposa e de dois cunhados, que o auxiliam na organização e no desenvolvimento das atividades.

O treino iniciou-se às 16h10min. Adrian treina com mais três colegas de sala: Felipe, Arthur e João, que também serão observados na próxima oportunidade. Ele faz parte do grupo de atacantes da turma. Às quartas-feiras, o professor divide o grupo em duas partes: em uma metade do campo, treinam os defensores; na outra metade, treinam os atacantes, com movimentações e exercícios técnicos especializados para cada posição. A atividade inicia, e Adrian não sorri durante o exercício; o tempo todo, ele mantém o semblante sério e concentrado. O exercício realizado é uma espécie de defesa X ataque em uma metade do campo, com o grupo de atacantes se revezando entre os que defendem e os que atacam. Percebi que seus companheiros de equipe não trabalham coletivamente, como pede a dinâmica do exercício, e sim, como primeira opção, sempre buscam driblar ou chutar ao gol cada vez que recebem a bola, inclusive Adrian. Posicionei-me dentro do campo, na parte lateral, para o registro

fotográfico da atividade. Em certo momento, Adrian soltou um riso quando perdeu uma chance clara de gol, depois de o defensor bloquear seu chute três vezes.

O treino encerrou-se às 17h05min, com a próxima turma já entrando em campo. Recebi Adrian do lado de fora, já na arquibancada, e ele veio todo sorridente, dizendo-me que fez três gols. Relatou-me ainda que não precisaria levá-lo de volta até sua casa, já que iria a pé até a casa de sua avó paterna, que ficava próxima ao campo. Despedimo-nos, e disse a ele que iria mandar as fotos que fiz dele pelo aplicativo Instagram.

REGISTROS







Diário de campo 02 – Sexta-feira, 22/08/2025

Aluno: **Felipe Miguel Azevedo dos Santos**

Relato:

Na última sexta-feira, dia 22 de agosto, tive a oportunidade de dar continuidade ao meu cronograma de acompanhamento dos alunos, focando no Felipe. Inicialmente, havíamos combinado que eu o buscaria em casa para levá-lo ao treino, uma oportunidade para conversar com sua mãe e conhecer mais sobre sua história. No entanto, o plano mudou. Felipe me avisou que sua mãe, que trabalha em uma lotérica e estava de folga, o levaria. Apesar de uma ponta de frustração inicial, compreendi a decisão — talvez por um pouco de timidez de sua parte em receber um professor da escola em sua casa. A falta dessa oportunidade de conversa e observação no trajeto e em sua casa limitou a captação de outras nuances importantes para o estudo, o que me deixou na expectativa para um próximo encontro. Assim, segui diretamente para o local do treino, a arena, esperando encontrá-lo e, quem sabe, sua mãe, mas ela já havia ido embora.

Ao chegar, cumprimentei o Felipe, que já estava equipado e pronto para o treino. Desde as minhas observações em sala de aula, percebi que ele é um garoto simpático e responsável, que se senta na primeira fileira e se dedica bastante, mas sem deixar de lado as brincadeiras. Como também já o tinha observado na sala de aula, ele é goleiro. Hoje, ele estava de chuteiras e meião preto, luvas de goleiro nas mãos e uma camisa, dessas com proteção UV, na cor preta, por baixo do uniforme, que é predominantemente azul. Não há distinção entre uniformes de goleiro e de jogadores de linha; porém, ao iniciar a atividade, ele recebe um colete na cor vermelha para diferenciá-lo dos demais. Notavelmente, não usava caneleiras, algo que me chamou a atenção.

Logo, o treino se iniciou, e a atividade de hoje foi um treino coletivo, daqueles em que toda a garotada se enfrenta em vários jogos, como se fosse um jogo de campeonato. A comissão técnica, formada pela esposa e pelos cunhados do professor Noé, forma as equipes e, dentro de dez minutos, duas delas se enfrentam, enquanto as demais aguardam a vez. Entre mais de trinta crianças, apenas Felipe e outro colega atuavam como goleiros. O baixo número de interessados na posição me fez refletir sobre a concepção cultural do goleiro no futebol. Historicamente, a posição é frequentemente subvalorizada, com uma visão que a coloca em segundo plano em relação aos jogadores de linha, os "heróis" que marcam gols. Essa mentalidade cultural, que permeia a mídia e as torcidas, tem um impacto direto na formação dos jovens. Mesmo sendo uma figura central para a defesa e a organização da equipe, o goleiro muitas vezes carrega a responsabilidade pelos fracassos e recebe menos destaque pelas vitórias. Isso torna a posição ainda mais desafiadora e, talvez, menos atraente para as novas gerações.

Durante o treino, Felipe demonstrou uma característica de liderança notável para sua idade. Ele passava o jogo todo orientando os companheiros de time, uma atitude que mostra sua preocupação com a defesa. No entanto, algumas manias chamaram a atenção, como o hábito constante de puxar o meião acima dos joelhos. Fisicamente, Felipe tem uma estatura menor em relação ao seu colega de posição. Porém, com pouca mobilidade e flexibilidade, suas defesas foram dificultadas. Apesar de se esforçar para corrigir os erros da equipe, ele sofreu bastante no gol, sendo "vazado" diversas vezes. Em um momento de desabafo, me olhou na arquibancada e soltou a frase: "O cara avisa, mas...", expressando sua frustração com a falta de atenção da defesa de sua equipe. Ao final do treino, em uma conversa com Adrian, colega de Felipe, descobri o motivo de suas dificuldades: ele só se aventurou na posição de goleiro recentemente, após ter jogado em todas as outras. Isso explica a pouca técnica e a necessidade de aprimoramento diante do grupo.

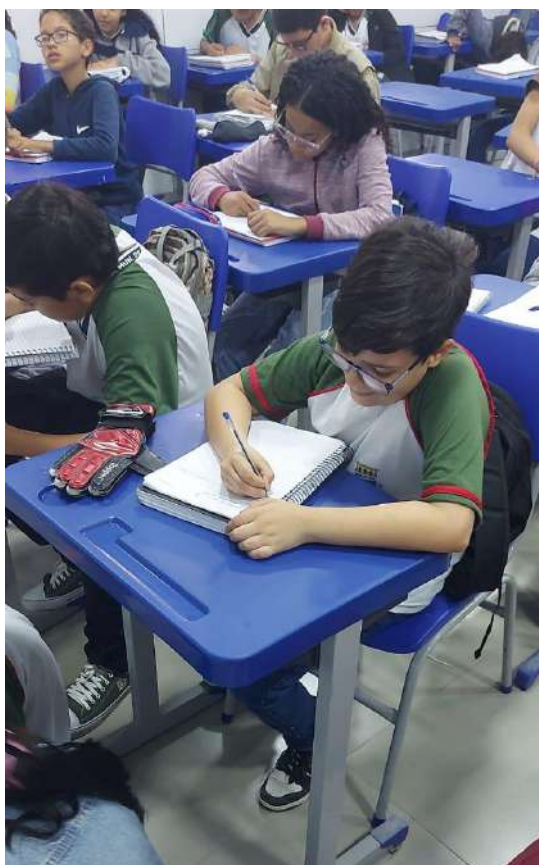
Assim como os goleiros profissionais, Felipe foi um dos últimos a deixar o campo. Ao final do treino, cumprimentei-o e parabenizei-o pelo esforço. Ele estava visivelmente cansado e, enquanto tirava suas chuteiras, seu tio chegou para buscá-lo de moto. Antes de ir, avisei que nos veríamos em breve, em sua casa. Sinalizei também que enviaria, via Instagram, algumas fotos que tirei. Ele me respondeu com um "joinha" e partiu.

Porém, com pouca mobilidade e flexibilidade, suas defesas foram dificultadas. Apesar de se esforçar para corrigir os erros da equipe, ele sofreu bastante no gol, sendo "vazado" diversas vezes.

Em um momento de desabafo, me olhou na arquibancada e soltou a frase: "O cara avisa, mas...", expressando sua frustração com a falta de atenção da defesa de sua equipe. Ao final do treino, em uma conversa com Adrian, colega de Felipe, descobri o motivo de suas dificuldades: ele só se aventurou na posição de goleiro recentemente, após ter jogado em todas as outras. Isso explica a pouca técnica e a necessidade de aprimoramento diante do grupo.

Assim como os goleiros profissionais, Felipe foi um dos últimos a deixar o campo. Ao final do treino, o cumprimentei e o parabenizei pelo esforço. Ele estava visivelmente cansado e, enquanto tirava suas chuteiras, seu tio chegou para buscá-lo de moto. Antes de ir, avisei que nos veríamos em breve, em sua casa. Sinalizei também que o enviaria via Instagram algumas fotos que tirei. Ele me respondeu com um "joinha" e partiu.

REGISTROS







Diário de campo 03 – Quarta-feira, 27/08/2025

Aluno: **João Miguel Alcântara Rocha**

Relato:

Mais uma vez, estive presente nos treinos da Escolinha do Guerreiro, dessa vez com o foco no aluno João Miguel. Em um encontro anterior, na escola, sua mãe, Iara, demonstrou grande entusiasmo com a participação dele na pesquisa, avisando que o filho tem uma forte relação com o futebol. Ela assinou o RCLE e me informou que ele já havia feito parte da escolinha por um bom tempo, mas que havia saído por insatisfação, sentindo-se preterido por outros colegas da mesma posição (defensor) em algumas atividades do grupo principal de sua faixa etária. Agora, na metade do ano, por influência de outros colegas de sala, ele pediu para voltar a participar dos treinos.

Como de costume, combinamos em sala de aula que eu passaria um pouco mais cedo que o horário do treino em sua residência, para conhecer sua casa e sua família. Ele me avisou que, em algumas tardes, como a de hoje, vai para uma oficina mecânica próxima à sua casa, onde o pai trabalha, para ajudá-lo e que, por conta disso, eu não o encontraria em casa. Via aplicativo de mensagens, eu disse que iria, sem problemas, até a oficina para conhecer seu pai e o que ele fazia lá. Pouco tempo depois, ele me retornou uma mensagem dizendo que não precisaria ir, pois iria se encontrar com um amigo e, de lá, iriam juntos para o treino. Percebi que ele procurou se esquivar de me receber próximo à sua família. Não sei se por timidez, vergonha ou algo do tipo. Essa interação ficou, então, para uma próxima oportunidade.

Segui às 15h45min para a arena onde acontecem os treinos e lá encontrei João e seu amigo juntos. Entre mais de trinta crianças, João não demonstra fazer parte de nenhum subgrupo entre os que aqui estão. Como ele passou certo tempo fora das atividades da escolinha, a pedido próprio, não usa o uniforme completo da escolinha, como os demais. Ele usa uma camisa azul de proteção UV e uma bermuda de cor cinza-escuro, que se estende até a altura do joelho e apresenta um caimento ajustado, confeccionada em um tecido que aparenta ter pouca elasticidade, diferente das que a maioria das crianças veste. É uma peça comum no vestuário para o dia a dia, contudo, não na prática esportiva, o que, com certeza, limita a amplitude de seus movimentos na atividade. Usa chuteiras coloridas, com predominância verde-limão, e meias azuis. Chove um pouco na tarde de hoje.

Hoje, o treino é composto por circuitos de exercícios físicos, com ênfase na agilidade, coordenação motora, velocidade e lateralidade, e atividades técnicas com bola, como domínio e passe. Mais uma vez, chama-me a atenção a variedade de materiais disponíveis para uso dos garotos, digna de um clube de futebol profissional: são inúmeras bolas, cones de marcação, estacas etc. Durante as orientações dos professores, João se comporta demonstrando timidez, com os dois braços voltados para trás. Durante o desenvolvimento das atividades, ele demonstra um pouco de dificuldade de coordenação motora. O professor/treinador Noé, especificamente hoje, está exigindo bastante de seus alunos/atletas, gritando e chamando a atenção das crianças que demonstram “acomodação”. Dentre as expressões que mais ecoaram no momento, destacaram-se: “Concentra!”, “Bora, pessoal!”, “Presta atenção!”, “Tem que estar falando toda hora?”, “Bora, vamos!”. Diferentemente da sala de aula, onde João Miguel integra um grupo que se senta no final da sala e que chama bastante a atenção dos professores por conversar, levantar, circular entre as carteiras etc., durante o treino, ele não sorri. Porém, ao aguardar sua vez no rodízio de exercícios, João Miguel demonstrou baixa concentração e foco disperso.

Essa desatenção era evidente pelo olhar constante para os lados, muitas vezes direcionado a pontos sem conexão nenhuma com o treino. Além disso, algumas vezes o vi cochichando com o colega que estava atrás, desviando ainda mais sua atenção da instrução e da

atmosfera da prática. A postura de colocar as mãos na cabeça também sugeria impaciência ou desinteresse. Na maioria das vezes, João demonstrou dificuldade em antecipar a próxima estação do circuito, necessitando de lembretes ou de tempo extra para se situar e iniciar o próximo exercício, fato que também se reflete na sala de aula. Em um determinado momento, enquanto fazia registros fotográficos do treino, o professor Noé se aproximou. Ele me cumprimentou e me falou que minha presença nas tardes de treino era muito oportuna, pois um dos pilares do seu trabalho vai além do campo de jogo. Ele se preocupa com a vida social e escolar de seus alunos, e minha presença, para ele, aproxima a Escolinha do Guerreiro da escola.

Ele me pediu que, sempre que achasse necessário conversar sobre algum aluno, estaria de portas abertas ao diálogo. Noé me contou sobre casos em que chegou a suspender atletas por mau comportamento na rua ou na escola. Como exemplo, citou a velha brincadeira de “toca a campainha e corre”, em que as crianças, ao saírem dos treinos, apertam a campainha das casas e saem correndo (toda criança um dia fez isso). Aproveitei a oportunidade para conversar sobre a participação da família. Ele relatou que muitas mães observam os filhos, mas outras simplesmente os “depositam” e retornam mais tarde ou delegam a terceiros a função de buscá-los. Ele reforça a importância da cooperação com os responsáveis na formação das crianças e menciona que, apesar da mensalidade de R\$ 40,00, os benefícios adquiridos são muito maiores. Ele me contou um episódio em que precisou intervir com um pai que estava gritando com seu filho durante um jogo. O pai dava orientações equivocadas para a criança, e Noé precisou paralisar a atividade para chamar a sua atenção, explicando que essa atitude estava confundindo o menino. Outro fato que o deixa triste é a inadimplência de muitos pais com a mensalidade, havendo dívidas de três ou quatro meses por parte de alguns, mas ele nunca deixa chegar ao ouvido das crianças tais situações; para isso, existe um grupo de WhatsApp para os devidos informes. Nossa conversa foi interrompida quando uma das crianças torceu o pé na última atividade, e Noé foi atendê-la. Finalizei meus registros e agradei novamente pela oportunidade.

Devido à chuva e à falta de iluminação, o treino acabou pontualmente às 16h50min. Perguntei se João queria carona para voltar para sua casa, e ele me falou que iria a pé com o seu amigo, já que sua casa ficava próxima. Despedi-me, e combinamos de nos encontrar em outra oportunidade para falarmos sobre futebol.

REGISTROS









Diário de campo 04 – Sexta-feira, 29/08/2025

Aluno: **Davi Francisco Ramalho Alves**

Relato:

Hoje, saí mais cedo de uma das escolas em que trabalho para chegar a tempo de me dirigir até um dos bairros mais afastados do centro da cidade de Olho D'Água das Flores, para conhecer onde vive o pequeno Davi Francisco, mais conhecido somente por Francisco. Sua casa, que não consegui encontrar a partir do endereço que ele havia me passado, fica no bairro Manoel Floriano, parte periférica da cidade, densamente povoada. Cheguei à sua rua por volta das 15h35min e, como sua casa não possui número, saí perguntando a populares, principalmente a outras crianças, se alguém sabia onde ficava a casa de Francisco. Primeiro, encontrei dois alunos do 7º ano em frente a uma casa e perguntei se eles sabiam onde ficava a casa de Francisco. Como de costume, no interior, as pessoas respondem com outra pergunta: “Que Francisco?”. Após descrever algumas características físicas de Francisco, um dos meninos me falou: “Espere aí!” e entrou em casa, provavelmente para perguntar a outra pessoa. Rapidamente, retornou e me disse que desse a volta, que sua casa ficava no final da rua e que provavelmente o encontraria em uma borracharia próxima à sua casa. Segui as instruções e nada de encontrar Francisco, nem sua casa. Voltei rua abaixo e, em outra residência, encontrei outro aluno. Novamente, perguntei se conhecia Francisco e sabia onde ele morava. Meu informante, dessa vez, me orientou a voltar e me dirigir até um sobrado, com portão branco; seria lá a sua casa. Fui até lá, bati palmas e, de lá, saiu uma moça. Perguntei se Francisco morava lá, e ela negou. Também disse que não conhecia nenhum Davi Francisco. Fiquei desorientado e, como já estava chegando a hora do treino, resolvi me deslocar até a arena, tentando reconstruir o caminho que provavelmente ele faria para chegar até lá e, quem sabe, encontrá-lo pelo caminho, mas nada de encontrar Francisco.

Cheguei à arena por volta das 15h55min, em cima da hora do treino, e lá estava Francisco, já em fila para entrar no gramado artificial, só esperando a turma das 15h sair para entrar. Todos estavam eufóricos, pois sexta-feira é dia de treino coletivo.

A tarde de sol prometia e, pontualmente, às 16h, o apito de Noé deu início às atividades. Aos poucos, a vibração do campo foi tomando conta de tudo; os times foram sendo formados, e meus olhos procuravam por Francisco. Ele é um daqueles miúdos-maravilha, um dos menores do grupo, mas uma verdadeira pérola. O que lhe falta em tamanho, ele compensa com um talento natural e uma técnica impressionante. Chamou-me a atenção, nas atividades práticas durante as aulas de Educação Física na escola, a naturalidade com que o pequeno interagia com a bola, uma calma absoluta, sugerindo, além de talento, muito controle emocional. Em vez de simplesmente chutar a bola, como a maioria das outras crianças, Francisco parece “acariciá-la”, demonstrando domínio ao mantê-la sempre “colada” ao pé. Outro ponto era que, ao ser acionado pelos colegas, ele, antecipadamente, já demonstrava uma solução intuitiva para a jogada, distribuindo dribles eficazes como recursos técnicos para a sequência dos lances e não simplesmente por “plasticidade”. Sempre de cabeça levantada, com a bola ou sem a bola no pé, era como se, o tempo todo, “escaneasse” a quadra de jogo antes de executar cada jogada. Sua expressão serena me reforçava a ideia de que jogar entre os colegas de turma lhe exigia mínimas dificuldades. Sua agilidade e habilidade com a bola eram notáveis; era o tipo de jogador que rouba a cena, um autêntico camisa dez, como falamos entre os boleiros.

O grupo de Francisco foi um dos primeiros a entrar em campo. Enquanto ele driblava com precisão seus adversários, notei que, por vezes, pecava pelo excesso. Tentava um drible a mais, prolongava uma jogada individual. No entanto, algo me chamou a atenção: apesar de exagerar, ninguém do time reclamava. Era como se a admiração e o reconhecimento dos colegas

superassem qualquer frustração com o jogo individual. Francisco, como já observado nas aulas, demonstrava ótima visão de jogo, como se fala no futebol, ou seja, uma visão periférica bastante desenvolvida. Além disso, movimentava-se pelo campo inteiro com inteligência.

Também na escola, havia percebido seu jeito peculiar de caminhar. À primeira vista, avalei que era apenas mais uma "passada" de jogador, uma imitação daquelas posturas que vemos em memes nas redes sociais de influenciadores ligados ao futebol — um caminhar lento e arrastado, como se não houvesse pressa no mundo, tronco levemente inclinado para trás e peito estufado, demonstrando desdém e autoconfiança exagerada, além de um olhar de “marra”. Mas, observando-o com mais atenção no campo, percebi que a realidade é outra. Francisco aparenta ter uma leve deficiência em um dos pés, que é ligeiramente virado para dentro. Em uma rápida pesquisa na internet, tentando buscar imagens ou uma descrição científica para o que ali observei, encontrei uma condição conhecida como marcha em "in-toeing". Prometi a mim mesmo que, em um momento oportuno, me aprofundaria no assunto com ele e sua família, com o cuidado necessário que a situação exige.

Após cerca de 40 minutos de treino, o professor Noé parou a atividade para uma bronca geral. Ele estava insatisfeito com o jogo individual, que estava se sobressaindo ao coletivo. A reprimenda foi sonora, e todos, inclusive Francisco, baixaram a cabeça. Ele permaneceu sério e concentrado, sem sorrir, um contraste com a energia que demonstrava com a bola nos pés. Foi nesse momento de pausa que notei um detalhe simples, mas que dizia muito: seu meião preto, já muito desgastado, ficava folgado em suas pernas habilidosas.

Noé, percebendo que o grupo de Francisco era composto por muitos atacantes, fez uma reorganização tática e o recuou para a defesa. A conversa no campo era constante, com o professor chamando os jogadores para diálogos "de pé de ouvido", cobrando melhor organização e desempenho em equipe. Francisco manteve-se atento, com as mãos na cintura, sem questionar a decisão do técnico, demonstrando uma maturidade incomum para sua idade.

Ao final do treino, decidi ir conversar com Francisco. Foi nesse momento que um novo Francisco se revelou. Na escola, a timidez dele passava despercebida por conta das interações em grupo, mas ali, sozinho, o traço mais reservado do garoto se manifestou. Ele é, de longe, o mais tímido do grupo de alunos do 6º Ano C que acompanho. Sendo um aluno dedicado, responsável e inteligente, ele quebra o paradigma de que a "turma do fundão" é formada por quem não se importa com os estudos.

Ao me aproximar, percebi a mudança em seu semblante. Perguntei sobre a atividade, e ele respondeu baixinho, de cabeça baixa, sem me olhar nos olhos, com uma tristeza discreta. “Foi bom!”. Apesar de não ter gostado de seu próprio desempenho, fato percebido através de sua expressão facial em virtude da mudança de seu posicionamento pelo treinador. Questionei onde se sentia melhor em campo, se no ataque ou na defesa, e ele confessou, quase num sussurro, que se sentia melhor do meio para frente. Sorri para ele, mas não fui correspondido. Era como se a frustração pelo desempenho da equipe ou por seu próprio rendimento ainda estivesse pesando. A adrenalina do jogo parecia ter deixado uma marca, deixando transparecer que ele não atingiu o nível de performance que esperava de si mesmo.

Antes de me despedir, contei a ele a história de como não encontrei sua casa. Ele ouviu sem esboçar reação, mas me avisou, de forma prática, que sua casa é amarela, com um portão grande, vizinha ao prédio que eu visitei. Perguntei se ele tinha Instagram para enviar as fotos que tirei, mas ele respondeu que não, apesar de ter me dito na escola que tinha. Essa honestidade e o aparente desapego às redes sociais me pareceram traços de um menino humilde e de bom coração. Prometi a mim mesmo que, no nosso próximo encontro, levaria uma foto dele em um porta-retratos como lembrança.

Avisei que, em outra oportunidade, iria até sua casa para conhecer a família. Ele me contou que o pai dele o buscaria para voltarem juntos. Despedi-me e disse que nos veríamos na escola.

REGISTROS







Diário de campo 05 – Quarta-feira, 24/09/2025

Aluno: **Arthur Francisco Pereira Bonfim**

Relato:

Depois de duas tentativas frustradas por motivo de saúde, hoje, enfim, fui conhecer um pouco da história do aluno Arthur Francisco, de 11 anos.

Por volta das 17h20, dirigi-me até sua casa, que fica no bairro Alto do Sossêgo, um lugar distante do centro da cidade e que fica às margens da AL-130. Trata-se de um bairro isolado, com apenas um acesso, que é pela rodovia, o que dificulta sua conexão com o restante da zona urbana e lhe dá um ar de povoado, e não de bairro propriamente. Pelo caminho, passei em uma padaria e comprei um bolo para servir de aperitivo para nossa conversa.

Cheguei às 17h40 e fui recebido por sua mãe, Renata. Logo se aproximaram seu padrasto, Josenilton, e o próprio Arthur, que estava no quintal. Renata me convidou a entrar, pediu-me que ficasse à vontade e disse que a casa era simples, porém fazia questão de que eu a conhecesse.

Nesse momento, sentei-me no sofá, que era coberto por um lençol, e Renata se acomodou sentada ao meu lado esquerdo, em uma cadeira. Do meu lado direito, no outro sofá, sentou-se Josenilton. Arthur ficou em pé, escorado na parede que dá acesso à cozinha.

Como forma de quebrar o gelo, comecei perguntando se Renata havia ido à Escola para a reunião de pais e mestres que tinha acontecido naquele dia. Renata respondeu que, devido à distância até a escola e à falta de um meio de transporte, não conseguiu chegar.

Então, comecei nossa conversa partindo de como é Arthur na escola: inteligente, comunicativo, organizado e que ama as aulas de Educação Física e o futebol. Renata me interrompeu e falou que Arthur é o filho do meio; ele tem uma irmã mais velha, chamada Alice, de 15 anos, e um irmão mais novo, chamado Antônio Caio, de seis anos, que é uma graça e também louco por futebol, um palmeirense fanático. E que Arthur e Antônio são frutos de seu segundo relacionamento.

Percebi que, na casa, apesar de ter eletricidade, apenas uma lâmpada funcionava e ficava na cozinha. É uma casa bem humilde. Não consegui registrar em fotografias seus cômodos devido à pouca luminosidade do local.

Nossa conversa durou aproximadamente 50 minutos, e dela participaram Renata, sua mãe, e seu padrasto, Josenilton. Arthur ficava à espreita, esperando uma brecha para entrar na conversa.

Perguntei qual a relação deles, enquanto família, com o futebol. Renata me contou que é flamenguista, e seu companheiro relatou ser um “sofredor” torcedor do Vasco da Gama. Brinquei, nesse momento, devido à proximidade do clássico entre Flamengo e Vasco no domingo passado, em que ambos se enfrentaram pelo Campeonato Brasileiro.

Renata, nesse sentido, é quem mais interage. Ela me falou que sempre acompanha o Flamengo pela TV, em contraste com o padrasto de Arthur, que demonstra ser um torcedor mais à distância de seu time.

Perguntei de onde Arthur herdou tanta influência pelo futebol. Ela me respondeu que ele é apaixonado desde pequeno e que acha que o pai dele pode ter “culpa” nisso. Pelo jeito de sua fala, percebi que o pai de Arthur também é um boleiro, que é como chamamos aqueles que têm o futebol nas veias, ou seja, que, além de gostarem, torcerem e até se vestirem como atletas de futebol, também utilizam o esporte como ferramenta de lazer nas horas livres. Nesse momento, Arthur entrou na conversa e contou que seu pai também treina às quartas-feiras, mas em um local diferente, com uns colegas de empresa. Que toda quarta-feira é ele quem leva

Arthur para o treino na escolinha às 19h e retorna para buscá-lo às 21h, que é o momento em que ele retorna de seu treino. Nesse horário, Arthur já tem terminado suas atividades há uma hora, já que sua turma treina das 19h às 20h. Diante da circunstância, Arthur, ao final de suas atividades, desloca-se até a casa de um amigo e lá fica esperando por seu pai para, assim, ser levado de volta para casa.

Já que Arthur entrou na conversa, perguntei se ele se espelhou no pai para gostar tanto de futebol, mas ele me falou que não, que aprendeu a gostar na rua, brincando com os amigos, dando a entender que o pai é que se inspira nele para praticar esportes e levar uma vida saudável.

Arthur é, de longe, o mais comunicativo entre todas as crianças que tenho acompanhado. Conversa “mais que papagaio”, expressa-se muito bem e é muito inteligente. Arthur se senta na última cadeira da fila, onde geralmente estão os alunos que carregam o estigma da indisciplina, porém é organizado e mantém conversas apenas com os colegas de treino e, assim como ele, boleiros: Francisco, Adrian e João Miguel.

Renata me relatou que ele lhe explicou todos os detalhes, o passo a passo dos procedimentos da pesquisa que estou desenvolvendo e, portanto, ela já estava ciente e aguardando minha visita. Nesse momento, ri com a perspicácia de Arthur.

Então, perguntei se Arthur guardava algo íntimo e representativo para ele em relação a esse esporte que tanto admira. Renata, puxando pela memória, não lembrou. Insisti mais uma vez, e ela se lembrou das camisas de times de futebol que ele guarda com muito cuidado.

Devido à pouca luminosidade do quarto de Arthur, local onde ele guarda com carinho essas camisas, e por perceber o desconforto dele e do padrasto em relação à falta de luz, não me levantei e fui junto com ele até lá para ver essa coleção; pedi, porém, que pegasse todas elas e trouxesse até o sofá para eu vê-las.

Arthur rapidamente foi até lá e trouxe cinco camisas. Nesse momento, descobri que ele possui três camisas do Manchester City, da Inglaterra. Completam sua coleção uma camisa da Seleção Brasileira e uma camisa do Flamengo. Perguntei se ele não tinha nenhuma do CEO, o Centro Esportivo Olhodaguense, principal time da cidade. Ele me respondeu que não, sem indiferença.

Essa pequena coleção de camisas de Arthur, que é dominada pelo Manchester City (três exemplares), contrastando com apenas uma do seu “time do coração”, o Flamengo, e nenhuma do clube da cidade onde ele vive, faz-me refletir sobre o impacto da globalização no torcedor mirim contemporâneo. A escolha por uma marca europeia, com alto poder de marketing e visibilidade mundial, revela que a lealdade clubística está se desvinculando da proximidade geográfica, e isso já vem acontecendo há bastante tempo. Digo isso justamente por ser torcedor fanático do Flamengo desde pequeno, sem nunca ter ido ao Rio de Janeiro e também sem nenhum apreço pelos times alagoanos, a não ser uma pequena simpatia pelo CSA. Em relação ao CEO, até acompanho, mas não participo ativamente de nenhum movimento junto ao clube ou à torcida. E, então, percebo que, para esta nova geração de torcedores, a ausência de um vínculo com o time da cidade não é sentida como uma falta, indicando que a identificação migrou da comunidade para o espetáculo de sucesso e glamour, desafiando a relevância dos clubes locais na formação da identidade futebolística das crianças. Porém, vale destacar a relevância de fazer essas crianças conhecerem a história e também, quem sabe, compreenderem o impacto social do futebol comunitário na vida dos habitantes da cidade.

Arthur não soube informar o porquê de gostar da equipe inglesa, porém Renata me falou que a primeira camisa do City que ele ganhou foi um presente de um vendedor de “prestação” (pessoas que passam nas ruas empurrando um carrinho com diversos objetos para vender, como baldes, espelhos, bancos, cadeiras de balanço, painéis e até roupas), que passou em frente à sua residência e o viu brincando de bola; então, presenteou-o com a blusa. As demais foram mimos do pai para ele.

Renata me contou que, quando não está na escola, Arthur passa as tardes ou brincando de bola em frente à sua casa ou no ginásio de esportes que fica muito próximo. Percebi que existem muitas crianças na rua que, assim como ele, ficam “livres” durante as tardes e acabam brincando nas redondezas do local. Nesse sentido, também percebo que Arthur, nos dias atuais, é uma criança privilegiada em relação à grande maioria. Mesmo diante do crescimento desordenado das cidades, da escassez de espaços e de tantas outras questões sociais, Arthur desfruta do raro privilégio de um ambiente calmo e descontaminado, onde a liberdade de brincar é um fato, e não uma exceção.

Arthur também tem um PlayStation 2, que é um de seus passatempos favoritos, principalmente quando joga com o irmão Antônio e seu padrasto. Seus jogos preferidos são FIFA e Fórmula 1. No momento, o console está desativado devido a um cabo que conecta o aparelho à pequena TV ter se rompido.

Enquanto conversávamos, seu irmão Antônio chegou da escola, cumprimentou-me a pedido de sua mãe, que explicou quem eu era para ele. Antônio rapidamente me falou que também gosta de futebol e que, inclusive, hoje tinha ganhado um jogo na escola. Falou-me que é goleiro e dos bons, indo, neste instante, a um dos cômodos da casa buscar suas luvas de goleiro. Também muito inteligente e comunicativo, contou-me que não tem professor de Educação Física em sua escola e que treina apenas quando frequenta o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos – SCFV, do Centro de Referência em Assistência Social – CRAS, como explicou sua mãe. Há também um pequeno projeto, que está em fase inicial, de iniciativa de um morador da comunidade, que, aos sábados, recebe esses pequenos atletas no ginásio e organiza jogos de futsal com eles, e Antônio é um dos que fazem questão de ir.

Perguntei se os dois se desentendiam muito em casa, e Renata rechaçou. Ela me disse que, como exemplo dessa forte união, Arthur e Antônio dormem juntos e, às vezes, abraçados, em uma pequena cama de solteiro, em um dos dois quartos da casa. Nesse momento, percebi uma forte relação de amor e companheirismo entre os dois.

Enquanto nossa conversa continuava, Arthur ia se arrumando para irmos juntos ao treino na escolinha. Colocou o uniforme de treino e calçou um par de meias brancas. Nesse momento, Arthur lembrou que suas chuteiras não estavam em sua casa. Elas ficaram com seu pai, que, no momento, se encontrava na casa de um amigo da família, próximo à sua casa. Elas ficaram com seu pai desde o final do último treino, mas, a pedido dele, seu pai as trouxe. Arthur foi até lá buscá-las, mas, para sua surpresa, seu pai já tinha saído e esqueceu de deixá-las. Arthur voltou e foi até a casa de um amigo pedir emprestado outro par de chuteiras, que, inclusive, já foi dele. Segundo sua mãe, Arthur tem esse lado de sempre doar algo que já não lhe serve mais aos amigos. Arthur voltou da casa do amigo com suas antigas chuteiras e concluiu sua preparação para o treino.

Percebi que Arthur se olha várias vezes no espelho e arruma o cabelo. Sua mãe me fala que é sempre assim, uma vaidade só. Cabelo sempre na régua, como se fala entre a comunidade dos boleiros, com cortes imitando jogadores de futebol famosos ou simplesmente por seguir a tendência dessa garotada de hoje.

Arthur não tem celular e seu acesso à Internet é muito limitado. Esse acesso somente acontece quando seu pai está por perto e lhe cede o aparelho. Ele me relatou que só usa o celular para duas coisas: jogar Free Fire e atualizar seu Instagram.

Nesse momento, sua mãe me contou sobre sua situação com o ex-marido, pai de Arthur e Antônio. Renata confidenciou que, apesar de o relacionamento de casal não mais existir, ainda existe respeito e amizade entre os dois e que, sempre que precisa, ele se aproxima para ajudar. Em outro momento, Arthur me confidenciou que gosta de ambos, tanto do padrasto como de seu pai biológico, e, dessa forma, percebo que a recíproca é verdadeira por parte de seu padrasto, Josenilton, que os tem como filhos.

Josenilton possui uma relação com Renata há quatro anos. Ele não possui emprego ou ocupação fixa e, com pouco estudo, vive de “bicos” nas lavouras e propriedades rurais de terceiros. O pai de Arthur trabalha na construção civil, em uma empresa aqui na cidade, e Renata, por sua vez, sobrevive com o auxílio do Governo Federal. Ela me contou que parou os estudos assim que Antônio nasceu, no 9º ano do ensino fundamental.

Renata confidenciou que, sempre que pode, nunca deixa de comprar as “coisinhas” dos meninos e sempre faz um esforço para que o que for comprado para um também seja comprado para o outro, para que, dessa forma, não haja ciúmes.

Renata contou com orgulho um fato que lhe chamou bastante a atenção em relação à personalidade de Arthur nos últimos dias. Ela me falou que, nos dias 15 e 16 desse mês de setembro, como não houve aula na Rede Municipal de Ensino em virtude de ponto facultativo e do dia da Emancipação Política de Alagoas, uma segunda e terça-feira, respectivamente, Arthur lhe pediu que o deixasse passar esses dois dias ajudando o padraсто em um trabalho no campo. Mais especificamente, no processo de moagem da palha do milho, que, aqui na região, os donos de fazendas plantam para depois moer e fazer o silo, uma espécie de armazém subterrâneo e coberto por uma lona plástica, projetado para guardar o bagaço do milho moído. Aqui na região do sertão, esse bagaço é bastante utilizado no período de estiagem para alimentar o gado. Então, nessa época, no final do inverno, os produtores organizam mutirões para a realização do trabalho, que parte é manual (o roçado e o carregamento) e parte é automatizado, feito por uma máquina movida a combustível que faz a moagem. Assim como Arthur, muitas outras crianças, nesse período, faltam à escola justamente para participar desses mutirões e, assim, conseguirem ter acesso a alguma quantia em dinheiro.

Renata continuou dizendo que, ao final dos dois dias, Arthur estava todo satisfeito, pois conseguiu ganhar a quantia de 70,00 reais na empreitada. Logo, pensou e avisou a ela que iria comprar um novo par de chuteiras. Renata contou que, no outro dia, ele partiu em direção ao comércio da cidade, mas, ao voltar, disse que, apesar de pesquisar bastante, não encontrou nenhum par de chuteiras por esse valor e, então, resolveu comprar um par de meias antiderrapantes brancas para usar nos treinos, justamente as que ele estava usando no momento. Arthur demonstrou ser determinado e, mais uma vez, inteligente.

Como já estava ficando tarde e próximo ao horário do treino de Arthur, terminamos nossa conversa já na calçada, falando um pouco sobre o bairro Alto do Sossêgo, que, historicamente, não é sossegado de forma alguma. Ela me contou que, hoje, a comunidade local vive a calma, mas nem sempre é assim.

O bairro Alto do Sossêgo é marcado pela forte presença de pequenos traficantes de drogas, e as forças policiais constantemente marcam presença nas estreitas ruas do bairro. A Companhia Independente de Operações Policiais Especiais do Sertão, a COPES/Caatinga, é a tropa de elite da PM/AL que realiza todo esse trabalho ostensivo aqui na região e é uma polícia muito respeitada e temida, principalmente nos bairros com maiores índices de criminalidade e violência. Assim como também é uma polícia que comete excessos de violência e repressão contra os moradores.

Renata relata que, há 15 dias, houve uma operação (nesse momento, ela aponta o dedo, mostrando o local que fica a aproximadamente 200 metros de onde estávamos conversando), onde ocorreu um homicídio. De lá para cá, as coisas estão mais calmas no bairro.

Vale ressaltar que, há dois meses, o Alto do Sossêgo foi palco de um crime cruel que chocou toda a região. Uma adolescente de 16 anos, supostamente envolvida com o crime organizado, foi encontrada morta, desfigurada, com o corpo mutilado e enterrado em uma cova rasa, em um terreno que fica no final do bairro.

Arthur lembra com detalhes o que aconteceu, mas, ao ser perguntado por mim se chegou a ver ou se aproximar do local, ele disse que, de jeito nenhum, revelando um medo muito grande da situação, que, com certeza, ficará marcada para sempre em sua memória.

Renata confidenciou que, um dia, se suas condições de vida lhe permitissem, ela com certeza abandonaria o local, não só pela violência, mas também pela falta de água, que é um problema bastante recorrente e que dificulta a vida dos moradores. Outro ponto também que ela reclama é a distância dos parentes, já que o bairro é um pouco distante do centro de Olho D'Água, o que dificulta o convívio.

Agradei a Renata pela hospitalidade, registrei esse momento em frente à sua casa e parti com Arthur para o treino, dizendo que voltaria em outra oportunidade para realizar mais registros deles brincando pelas ruas da comunidade.

Já durante o percurso, no carro, fomos conversando sobre a expectativa dele para o jogo entre Estudantes e Flamengo pela Copa Libertadores da América, que será realizado amanhã. Foi aí que descobri que Arthur conhece exatamente todos os jogadores do elenco do Flamengo. Perguntei, então, qual a escalação que ele, caso fosse o técnico, escalaria para o confronto e, sem titubear, ele citou, um a um, seus jogadores favoritos, do goleiro ao ponta-esquerdo. Seus jogadores favoritos são Ewerton Cebolinha e Wallace Yan, curiosamente dois atacantes que têm na habilidade com a bola nos pés suas características mais importantes. Curioso, porque Arthur me relatou ser zagueiro, uma posição que faz parte do grupo de defensores de uma equipe que justamente atua para limitar as ações dos atacantes adversários.

Como o jogo não será transmitido em TV aberta, perguntei onde ele iria assistir. Ele pensou e disse, com um olhar de não saber o que fazer, que ainda não sabia, mas aí lembrou do celular do pai, dizendo que iria pedir o aparelho para assistir, via aplicativos, aos lances da partida.

Chegamos por volta das 18h40, presenciando ainda as atividades da turma anterior. Como se trata de minha primeira vez nos treinos das turmas da noite, percebi que estas são ainda mais numerosas do que as da tarde, passando facilmente de 40 crianças das 18h às 19h e das 19h às 20h.

Ao chegar, Arthur logo se desgarrou de mim e foi ao encontro de seus colegas para bater aquele “papo” pré-treino. Procurei me acomodar na arquibancada e começar a realizar os registros do treino, que, como é de praxe nas quartas-feiras, será voltado a atividades físicas ou técnicas.

O treino começou pontualmente às 19h, com uma longa roda de conversa entre a comissão técnica e os alunos. O teor da conversa foi informar que eles participarão de um intercâmbio (alguns jogos) com outra escolinha de outra cidade e que, por conta disso, foi reforçado que a assiduidade, a dedicação e o compromisso com as atividades é que farão toda a diferença para que o atleta seja convocado ou não para esses jogos.

Após a conversa, iniciaram-se as atividades que, por sua vez, consistiam em um treino técnico de finalização, tanto utilizando a perna direita como a esquerda e, posteriormente, a cabeça.

Arthur se mantém o tempo todo focado na atividade, mas também na resenha com seus colegas de fila, aguardando sua vez de executar os movimentos. Por ser extrovertido e comunicativo, todos gostam de Arthur e o apelidam de Arthuzinho.

Foram exaustivas repetições de chutes e cabeceios na direção do gol, com um aproveitamento moderado da turma. Percebo que as bolas utilizadas são de tamanho e peso de adulto, o que dificulta a eficiência dos chutes das crianças, machuca e faz doer a cabeça delas ao realizarem os cabeceios. Porém, o treinador Noé, o tempo todo, gritava e pedia precisão nos arremates. Quem não prestava atenção e realizava o movimento que ele julgava errado era punido com dez flexões de braço no solo ou, então, voltas ao redor do campo. Fato que não aconteceu com Arthur, mas, sim, com vários outros garotos.

Arthur terminou o treino exausto e com muita sede, partindo, assim que o treinador finalizou a atividade, em direção ao bebedouro para se hidratar. Nesse momento, aproximei-me

e perguntei se haveria mais alguma atividade. Ele me respondeu que não, que o treino havia se encerrado.

Arthur me falou que, como já tinha me avisado, iria esperar seu pai voltar de seu treino, na casa de um amigo, para buscá-lo às 21h. Então, às 20h, nos despedimos e falei que, assim que selecionasse as imagens de minha visita à sua casa e do treino, as enviaria para ele via WhatsApp da sua mãe.

REGISTROS:







Diário de campo 06 – Terça e Quarta-feira (07 e 08/10/2025)

Dia 07/10 – Arthur, João Miguel e Adrian.

Relato:

Durante esta e a próxima semana, nos dias em que estarei ministrando as aulas regulares de Educação Física (terças e quartas-feiras) na Escola Maria Augusta Silva Melo, minha missão consistirá em observar como essas crianças têm utilizado os espaços da Escola para vivenciar o futebol para além do jogo. Meu objetivo será tentar captar as conversas, brincadeiras e demais formas de interação que remetam ao esporte, seja explicitamente pelo fato ou, sutilmente, por meio de suas expressões.

Através de algumas visitas anteriores ao pátio da Escola, na hora do intervalo, e de sondagens realizadas dentro da própria sala de aula, descobri que muitos estudantes, principalmente das turmas de sextos anos, não sei se por se sentirem fragilizados na questão territorial (visto que as salas de aula onde funcionam essas turmas ficam localizadas em frente ao refeitório e seu espaço é invadido por outros estudantes das outras turmas no momento da merenda) ou por falta de espaços com características semelhantes aos que existiam em suas Escolas de origem, optam, primeiro, por não consumir a merenda que é servida no refeitório e, segundo, reservam-se a alguns espaços específicos da Escola.

Particularmente, no turno matutino, são três sextos (A, B e C), três sétimos (A, B e C), quatro oitavos (A, B, C e D) e quatro nonos anos (A, B, C e D). São 14 turmas, todas elas com uma faixa de 45 alunos, que juntos somam, em média, 630 estudantes, que convivem durante os dez minutos de intervalo, que, particularmente às terças e quartas-feiras, acontece entre as 10h e as 10h10min, em um espaço não tão pequeno, porém insuficiente para acomodar tantos estudantes. Durante duas tentativas anteriores à de hoje, de encontrar meus alunos do 6º ano C, não tinha conseguido êxito. É uma grande quantidade de pessoas conversando e circulando ao mesmo tempo, e as turmas de sextos anos, especificamente, são formadas pelos alunos menores, o que acabou dificultando minha visualização.

Outro ponto interessante é que, durante o intervalo para o lanche, por orientação dos inspetores (funcionários que circulam pelos corredores e têm a função de orientar os estudantes e acompanhá-los em algumas situações, gerenciar os horários de aula, detectando turmas sem professores etc.) e da gestão, as portas das salas são fechadas e os estudantes devem sair. Diante disso, alguns alunos permanecem em frente às salas, encostados à parede, em pequenos grupos, e muitos outros buscam espaços de preferência menos congestionados que o pátio/refeitório.

Então, ao dar a volta pelos demais espaços, percebi que o reduto dos estudantes das turmas de sextos anos, daqueles que optam por não se reservarem à porta de suas salas, é a parte do hall de entrada da Escola, uma área em formato de “T”, onde a base da letra é o corredor de entrada e, na parte superior, duas áreas de circulação onde se concentram dois carrinhos de vendedores ambulantes: um de doces, salgadinhos e outras guloseimas, e o outro, que comercializa salgados e refrigerantes. (Há muitos anos, mesmo a Escola servindo merenda boa e de qualidade, com um cardápio variado e produzido por profissionais da SEMED, que contempla as necessidades nutricionais dos estudantes, é permitido que essas pessoas comercializem seus lanches na escola. Até pouco tempo atrás, antes da modernização do prédio, eles ficavam do lado de fora e negociavam pelo portão, que, por sua vez, permitia o contato entre quem está dentro e quem está fora. Porém, atualmente, esses vendedores têm a permissão para estar dentro da Escola.) É uma área cercada por uma grade e que separa a parte interna da parte externa do prédio. Aqui, percebe-se que é o espaço onde eles interagem, realizam suas brincadeiras e que preferem para se alimentar.

Foi neste espaço que, na data de hoje, no intervalo, encontrei Arthur, João Miguel e Adrian, além de outras crianças, próximo à grade, na parte à esquerda, que fica em frente ao auditório.

Minha chegada àquele lugar foi marcada por uma recepção bastante calorosa.

O grupo que acabou se formando não se resumiu aos três que tenho acompanhado fora do ambiente escolar; também me cercaram outros estudantes, tanto da turma como de outros sextos anos em que também dou aula, ampliando o círculo de interação. Eles me informaram que aquele local, próximo às plantas, era onde costumavam passar quase que na totalidade o intervalo, estabelecendo-se ali o ponto de encontro habitual dos “boleiros” da turma. Tão logo cheguei, já observei o padrão de consumo: optavam por lanches industrializados, como salgadinhos e refrigerantes, em vez de consumir a merenda oferecida pela escola. Essa escolha reflete uma realidade que vai muito além de uma questão de gosto e que não será o foco do estudo; porém, a perda da atratividade da merenda escolar em detrimento dos salgadinhos e refrigerantes tem me chamado bastante a atenção e é um ponto de preocupação em relação ao desenvolvimento desses meninos e à saúde de maneira geral.

Logo, pedi informações sobre Davi Francisco, que é um integrante do grupo e que estava ausente da escola há duas semanas. Adrian tomou a palavra e explicou o motivo da falta, esclarecendo que Francisco, como é chamado, estava enfrentando um problema de saúde que o estava impedindo tanto de vir à escola como de participar dos treinos da escolinha.

Adrian, que, assim como Arthur, também é comunicativo, perguntou-me quando iria novamente assistir aos seus treinos. Respondi que, em breve, iria visitar a escolinha e assistir aos treinos; porém, disse-lhe que, no momento, gostaria de visitar a casa de sua avó para conhecer sua coleção de chuteiras, que sua mãe, em um encontro casual em um dos treinos, relatou existir na casa da avó. Adrian balançou a cabeça positivamente e disse que era só marcar o dia.

Já que me cercaram, perguntei ao grupo sobre o que mais conversavam durante esse tempo de intervalo em que se encontravam ali. Eles responderam que falavam de assuntos aleatórios em geral, mas destacaram o futebol como um tema constante. A partir daí, o foco da conversa se voltou para a rotina da escola, com eles me perguntando como seria a aula de Educação Física naquele dia e questionando se iriam ou não utilizar a quadra.

Na sexta-feira anterior, tinha me deslocado até a casa da avó de Adrian para registrar alguns objetos dele, mas ele não se encontrava no momento. Naquele dia, fui recebido por sua mãe, e ela informou que, no sábado, ele iria participar de um intercâmbio esportivo na cidade vizinha de Santana do Ipanema, junto com a Escolinha do Guerreiro. Foi aí que perguntei ao grupo sobre o tal intercâmbio. Arthur e Adrian confirmaram sua participação no evento, enquanto João Miguel não havia participado. Com entusiasmo, relataram que haviam vencido seus jogos, ambos na categoria Sub-11 (alunos com até 11 anos de idade). Arthur, em particular, estava animado, comentando com os colegas sobre seu desempenho como zagueiro.

Nesse momento, intervim e esclareci a Arthur que, no Fut7, modalidade que praticam, não é comum denominar os defensores de zagueiro. A reação foi de surpresa tanto de Arthur como do restante do grupo, e o desconhecimento foi geral entre todos. Expliquei, então, que as posições no Fut7 são diferentes das do futebol de campo e mais parecidas com as do futsal, e detalhei para Arthur a diferença entre ambas.

Enquanto a conversa fluía e se aprofundava, outros estudantes, percebendo a minha presença, aproximaram-se do círculo. Eles tentavam, de alguma forma, participar ativamente da conversa, demonstrando a curiosidade e o interesse que o diálogo estava despertando naquele momento. Enquanto falava para Adrian sobre algumas posições táticas que os jogadores desempenham em campo, um fato chamou bastante a atenção: João Miguel, Arthur e mais algumas crianças passaram a chutar uma garrafa de refrigerante vazia, transformando-a em uma “bola” improvisada. Simplesmente a chutavam; não havia algo em disputa, como em um jogo

ou brincadeira adaptada, apenas a espontaneidade do gesto se manifestando, impulsionada pela atmosfera do esporte que ali se instalou naquele momento.

O momento final da interação ocorreu assim que o sinal tocou. Rapidamente todos eles se dirigiram imediatamente para a sala.

REGISTROS



Dia 08/10 – Arthur, João Miguel e Adrian.

Relato:

Hoje, o grupo lá estava novamente, no mesmo local onde relataram ser o ponto de encontro da turma. Ao me aproximar, observei uma cena curiosa: estavam todos bastante focados, simplesmente jogando baralho. Achei a cena engraçada, primeiro porque, do que já experienciei como professor, não é um jogo dos mais comuns de se ver na escola; segundo, pelo nível de concentração em que o grupo se encontrava, nem mesmo percebendo minha aproximação. Estava um sol escaldante e, mesmo assim, não arredavam o “pé” da mesa.

Perguntei que jogo era aquele, e eles me responderam “baralho”. Reformulei a pergunta e a fiz novamente: qual o jogo de baralho? Novamente, me responderam “baralho”. Reformulei pela segunda vez e perguntei: qual o tipo de jogo de baralho? Foi necessária outra criança, que os assistia, intervir e dizer: “Professor, acho que é de formar jogo”. Sorri, devido ao grau de demanda intelectual que o jogo estava exigindo deles naquele momento, a ponto de terem dificuldade de me responder a uma simples pergunta. Estavam lá, concentrados, debaixo do sol, aproveitando o intervalo.

Não foi possível identificar a presença do futebol em suas interações naquele momento; porém, foi possível observar que nem tudo é bola na vida deles, principalmente nos acelerados 10 minutos que lhes são destinados a brincar todos os dias, entre suas obrigações formais de suas estadias na Escola.

Entre uma partida e outra, perguntei que outros jogos eles gostavam. Adrian respondeu dominó e perguntou se alguém da turma tinha um para trazer. A resposta foi positiva de um dos que estavam na mesa, e combinaram de trazer em outra oportunidade.

Não observei a presença nem de utensílios da cozinha, como pratos ou copos, como sinal de que merendaram, nem de alguma embalagem vazia pelo chão de algum alimento adquirido e consumido.

Logo, o sinal tocou e, assim, retornaram às salas.

REGISTROS:





Diário de campo 07 – Quarta-feira (08/10/2025)

Aluno: **João Miguel Alcântara Rocha**

Relato:

Na tarde de hoje, desloquei-me até a Rua São Francisco, nº 1.547, para conhecer mais de perto a realidade e a história de João, contada por sua mãe, Iara.

Era por volta de 15h30 quando acessei a maior rua do município de Olho D'Água das Flores em extensão, cortando a zona urbana de sul a norte. Ela tem aproximadamente 2.000 m de comprimento e é uma das principais vias da cidade, abrigando várias residências e comércios variados. A casa em que João reside fica bem no final da rua, numa área que já não é tão movimentada, na parte alta. Sua casa não foi difícil de encontrar e, ao chegar, bati palmas e fui atendido por Iara.

Ao cumprimentá-la, pedi que arranjasse um copo com água, prontamente sendo atendido. Havia um pequeno sofá logo na entrada, coberto com um lençol. Iara pediu gentilmente que me sentasse e ficasse à vontade. Ao conversarmos, a irmã de João, que se encontrava dormindo no quarto atrás da sala onde estávamos, chamou por Iara, que foi ao seu encontro. Ao voltar com a criança no colo, perguntei se meu barulho a tinha acordado, e Iara respondeu que não.

Passado esse nosso contato inicial, Iara se reservou a ficar em pé, de braços cruzados e encostada ao sofá, enquanto conversávamos. Permaneci sentado no sofá, segurando meu caderno e meu aparelho celular. Perguntei se João havia ido ao treino naquele dia, e ela respondeu que sim, que dificilmente ele troca o treino na escolinha por outra atividade. Iara lembrou uma conversa que tivemos na Escola, quando assinou o RCLE, ocasião em que me contou que ele foi um dos primeiros alunos da escolinha, mas, por alguns motivos, passou um tempo afastado e, agora, em 2025, pediu para voltar.

Expliquei a ela o intuito de minha visita naquele momento e ressalttei a importância de conhecer de perto um pouco da intimidade de João em relação à família, ao brincar, às obrigações, enfim, descobrir nuances que o levaram a estabelecer relações tão especiais com o futebol.

João torce pelo Flamengo e, ao questionar Iara se ele acompanha o time pela TV, ela respondeu que nem tanto, que o que o prende mesmo na frente da TV é um programa, cujo nome e canal ela não soube explicar, sobre performances de caminhões, desses que participam de corridas; é uma das atrações favoritas dele. Então, perguntei por onde o futebol entrou na vida dele, já que não acompanha tanto futebol pela TV. Iara me contou que o avô dele, que é seu pai, e o tio, seu irmão, são os responsáveis por incentivarem João a gostar e jogar futebol. Já o pai não é tanto do futebol e prefere ficar à margem das atividades futebolísticas do filho.

João Miguel é neto de “Poerinha”, um veterano do futebol amador e grande incentivador do esporte comunitário. Ele é o “dono”/técnico do Atlético Olhodaguense, equipe amadora do Bairro Pedro Sales. A equipe participa todos os anos da Copa Olhodaguense de Futebol Amador, principal evento do município relacionado ao futebol amador, que impacta direta e indiretamente a vida dos munícipes que gostam de futebol durante o segundo semestre, já há mais de uma década. O Atlético também faz alguns jogos amistosos durante o ano e participa de torneios pela zona rural. Seu tio, conhecido por “Galego”, filho de Poerinha, é atleta ativo da equipe, continuando a forte tradição familiar no esporte.

Iara, então, me contou que, sempre aos sábados ou domingos em que há atividades do Atlético, João Miguel sobe na garupa da moto do avô e segue em direção aos campos de futebol da cidade. Iara continuou dizendo que, dentre os sobrinhos, que são muitos, apenas João

demonstra apreço pelo jogo. Perguntei, então, se ele guarda em casa algum símbolo dessa paixão pelo futebol, como um troféu, medalha, camisa, bola ou outro objeto qualquer. Iara balançou a cabeça negativamente em relação aos primeiros objetos citados, mas lembrou-se de suas chuteiras. João possui dois pares delas e, segundo sua mãe, é muito cuidadoso com seu material, sempre as mantendo organizadas e limpas. Não só com os calçados, mas também com suas meias, nunca as deixando dentro da chuteira, para que não fiquem com odor desagradável.

Na minha frente, ali mesmo na sala, havia dois objetos que me chamaram a atenção: primeiro, uma bola; segundo, uma grande gaiola de ferro com alguns passarinhos presos. Perguntei primeiro pela bola, se era de João. Iara disse que sim, que é um de seus brinquedos favoritos (o outro é o celular, que relatarei mais à frente) e que ele costuma ficar brincando com ela no quintal de casa. Sua brincadeira favorita, quando está sozinho, é ficar chutando a pelota no muro da casa vizinha.

Em relação à gaiola com os passarinhos presos, sua mãe ressaltou que também pertencem a João. Há pouco tempo, foi um pedido dele aos pais que comprassem esses passarinhos e os presentearassem, para que pudesse “cuidar” deles. Iara comentou que, pouco tempo depois da aquisição, João já não mais demonstrava proatividade para alimentar e cuidar dos bichinhos, fazendo dela a responsável por alimentar os animais desde então.

Perguntei também como é a relação dele com a Internet e os jogos eletrônicos. Nesse momento, Iara respirou fundo e me disse que hoje está um pouco melhor, porém já teve problemas com João em relação ao excesso de horas na frente da tela de seu aparelho celular. Hoje, ela resalta que João ainda acessa jogos e vídeos pelo celular, mas que tenta controlar ao máximo essa exposição. Iara comentou que, durante o período em que ele ficava até altas horas da noite com o celular, seu comportamento mudou bastante e suas notas despencaram muito na escola, além de perceber mudanças no comportamento e na atenção com outras atividades no dia a dia.

Hoje, Iara me contou que João faz aulas de reforço de Língua Portuguesa e Matemática com uma professora particular próxima à sua casa, três vezes por semana. Ela tomou essa decisão devido a conselhos de outros professores da escola. A principal queixa recebida por Iara em relação a João na escola é a falta de concentração, o excesso de conversa com os colegas durante as aulas e as dificuldades em acompanhar o rendimento da maioria da turma.

Essa decisão da mãe de João, aliada às queixas de alguns professores, fez-me refletir sobre um ponto crucial: o diagnóstico pedagógico-comportamental em oposição à necessidade de uma avaliação mais aprofundada, fato que é muito ignorado pela maioria dos pais e de muitos professores. As dificuldades de João, como a falta de concentração e a conversa excessiva, sugerem que o problema pode ser mais do que apenas não entender a matéria. Em vez de focar só nas aulas de reforço de Português e Matemática, seria essencial que Iara buscasse uma avaliação com um especialista. Com toda certeza, na próxima oportunidade de encontrá-la, irei sugerir essa busca, isso porque os sintomas descritos são muito parecidos com os de um TDAH, reforçados pelo fato de João ter dificuldade de concentração em tarefas que acha “chatas”, repetitivas ou que exigem esforço mental prolongado e, já na aula que envolve movimento e interesse, como na Educação Física, a atenção e o desempenho melhoram bastante.

Conversamos por aproximadamente 40 minutos, e Iara permaneceu firme na mesma posição em que iniciamos: em pé, encostada próxima à porta de um dos quartos.

A casa de João Miguel é simples. Não entrei em nenhum outro cômodo; porém, ao ficar em pé, percebi que o quintal da casa é aberto, ou seja, não há muro ou cerca que separe o terreno da residência da Avenida Dois de Dezembro, que fica do outro lado. Percebi uma vegetação e uma árvore no local.

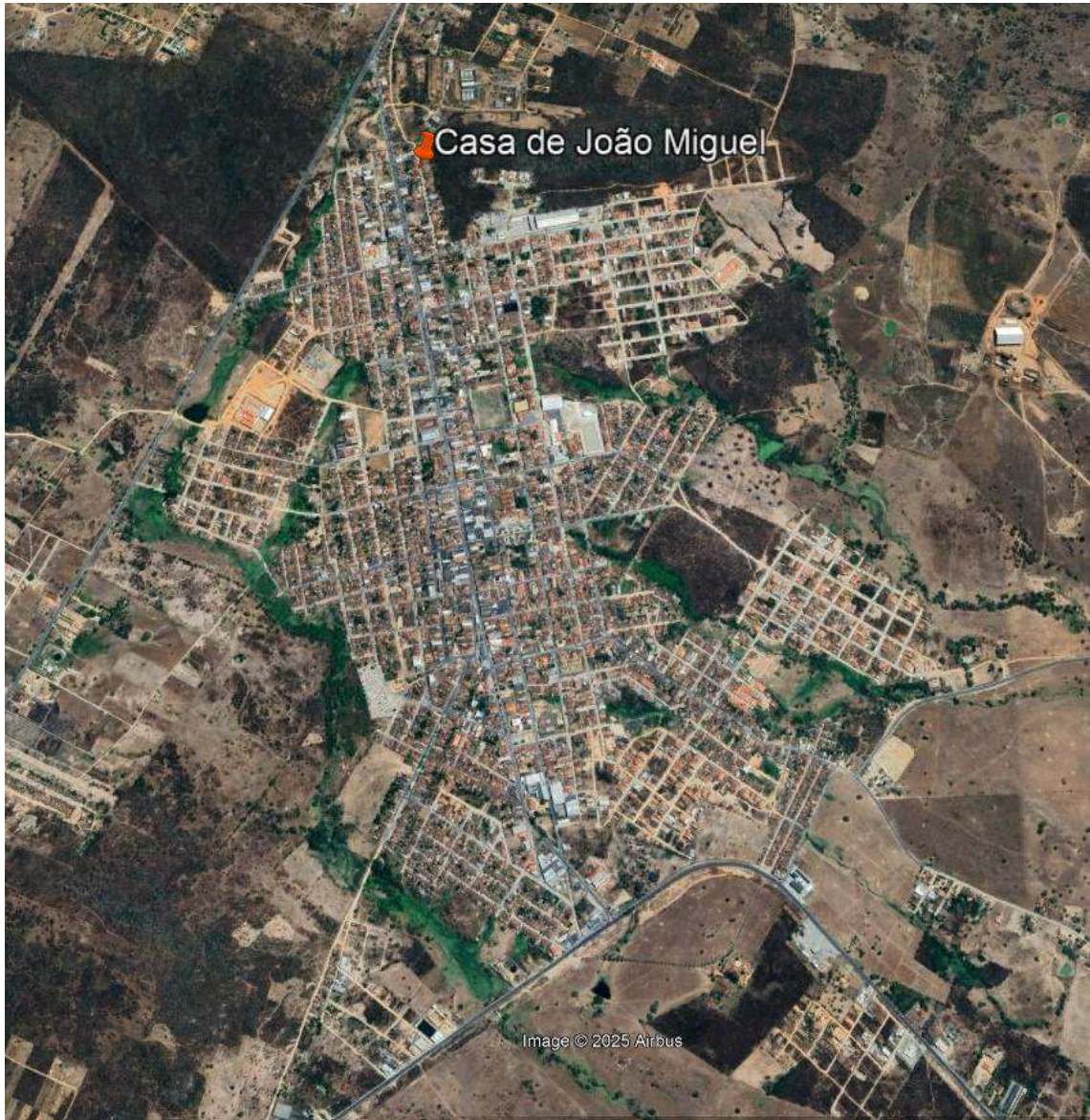
Por volta das 16h, despedi-me e agradei bastante pela oportunidade de conhecer um pouco da história de João Miguel e de sua família, e me coloquei à disposição para sempre que precisar. Já que a casa de João Miguel fica próxima ao local onde acontecem os treinos da

Escolinha do Guerreiro, fui até lá para encontrar João e contar da visita que acabara de fazer à sua casa.

Ao chegar, encontrei João sentadinho na arquibancada, esperando sua turma ser chamada para entrar no gramado. Hoje estava vestido com a camisa do Talismã, um clube de futebol novato na cidade, mas que participa ativamente das competições de base em nível estadual. Me aproximei e falei: “Adivinha de onde venho?”. João não soube responder. Nesse momento, disse que vinha de sua casa e de conversar com sua mãe. Ele sorriu e disse somente: “Tá certo!”. Perguntei a ele sobre o avô, que é comandante de time, e por que ele não comentou comigo antes. João riu novamente e disse o seguinte: “É professor, meu avô tem um time, aquele que a camisa se parece com a do PSG!”. Nesse momento, quem riu fui eu, que intervim e lhe falei: “O Atlético, não é?”. Com João afirmando positivamente. Perguntei, então, se ele conhecia o time da camisa que estava vestindo. João me disse que tinha uma camisa parecida com essa em casa, porém não se lembrava do nome. Respondi que era do Talismã e brinquei que ele não sabia desse time.

Após esse breve contato, avisei que, por motivos particulares, não iria acompanhar o treino daquele dia e me despedi, mas, pensando em como, mais uma vez (a anterior foi com Arthur), impulsionados pela mídia, pelas transmissões ou até mesmo pelos jogos de videogame, a paixão pelo futebol das crianças tem se afastado dos times até mesmo nacionais, que dirá dos bairros. Cresci numa época em que essa paixão era passada de pai para filho. (E não é que João recebe essa influência diretamente do avô e, mesmo assim, não soube falar o nome da equipe que acompanha quase todos os finais de semana? Mas, sim, soube explicar que a camisa utilizada é predominantemente azul, com uma listra vertical vermelha e detalhes brancos também na vertical, idêntica à que é utilizada, há 7.500 km de distância, por um time mundialmente conhecido.) E os jogos na rua ensinavam mais sobre comunidade e identidade (nostalgicamente, lembrando minha infância na cidade vizinha de Monteirópolis, perdi as contas de quantas vezes, jogando pelo Flamengo de “Bruno”, enfrentei o Corinthians da Rua da Delegacia, que era dirigido por “Beto do saudoso Tonho de Vera Lúcia”, o Vasco da Rua da Pista, que era de “Churrasco”, e o Time da Rua do Subaco, que era de Néó e seus irmãos). Mas os tempos são outros.

REGISTROS





Diário de campo 08 – Sexta-feira (10/10/2025)

Aluno: **Davi Francisco Ramalho Alves**

Relato:

Minha visita acontece após mais de um mês do meu último contato com o aluno Davi Francisco. Francisco, como é mais conhecido, esteve ausente nas últimas aulas, e sua falta foi notada por todos. O motivo — uma dermatite grave no couro cabeludo — só fiquei sabendo por meio dos comentários dos colegas, evidenciando a necessidade de um contato mais direto com a família.

Cheguei por volta das 16h à sua residência, localizada no Bairro Manoel Floriano. Na tentativa anterior, a localização havia sido um grande desafio. Desta vez, munido de um ponto de referência dado pelo próprio Francisco, novamente desembarquei na casa errada.

O acesso à residência correta só foi possível após uma intervenção inesperada. Ao bater na porta de uma casa com características semelhantes às descritas por Francisco, uma mulher em uma calçada próxima, que estava conversando com outras pessoas, gritou: “Ele não está aí!”. Ao me aproximar e perguntar quem não estava ali, a mulher respondeu com outra pergunta: “O senhor está procurando por quem?”. Ao mencionar Davi Francisco, sua mãe, Elaine, que estava por perto, apresentou-se e prontamente disse ser sua mãe, convidando-me a ir até sua casa. Ao chegar lá, percebi que o acesso é feito pela garagem, onde estava estacionado um carro. Brinquei sobre a dificuldade de encontrar a casa, mencionando a descrição de Francisco (“casa amarela e de portão”); porém, havia várias na rua com essa característica.

Elaine prontamente buscou uma cadeira para mim, enquanto Francisco apareceu, abrindo um sorriso genuíno ao me encontrar. Expressei minha preocupação com suas ausências e perguntei sobre seu estado, como ele estava, pois estava preocupado por nunca mais vê-lo na escola. Disse-lhe que trouxe uma lembrancinha para que ele pudesse guardar de recordação. Tratava-se de uma foto dele no treino na escolinha, em um porta-retratos. (Visto que Francisco não possui rede social, achei interessante a iniciativa.) Ao lhe entregar, pedi que abrisse para ver se gostou; Elaine também reforçou meu pedido. Francisco abriu o presente, sorriu mais uma vez, mostrou à mãe e, após confirmar que havia gostado, entrou em casa para guardar a recordação. Após seu retorno, pedi para ver seu ferimento, e sua mãe relatou que a dermatite está em processo de melhora com o uso das medicações, aliviando o “drama” que vinham enfrentando. O semblante de Elaine demonstrava claramente o amor, o carinho e o cuidado que dedicava ao filho.

Perguntei, então, se Elaine tinha um tempinho para conversarmos sobre Francisco, e ela disse que sim. Ressaltei que, ao final, iria registrar com uma foto esse momento. Nesse momento, Elaine pediu que Francisco fosse colocar uma roupa “mais arrumada”. Francisco retornou de seu quarto vestindo uma camisa do clube italiano Juventus de Turim. Achei engraçado, pois sua escolha revelou uma percepção de “roupa arrumada” ligada à sua paixão pelo futebol. A mãe, porém, reprovou a vestimenta e pediu que ele colocasse uma roupa “mais nova”. Francisco logo voltou ao seu quarto e retornou com outra roupa. Nossa conversa aconteceu ali mesmo, na entrada da garagem, quase que na calçada de sua casa, comigo sentado. Elaine permaneceu o tempo todo à minha frente, de pé, com Francisco ao seu lado, também de pé.

Elaine informou que Francisco é o filho do meio de três irmãos e que, desde muito pequeno, sua paixão é a bola. Contou que, antes de morar na Rua Vereador Abílio Cabral, morou na Rua Santa Cruz e lá existiam mais espaços para Francisco brincar de bola. Depois que se mudaram para o atual endereço, o futebol é praticado na frente de casa mesmo, principalmente entre as 18h e as 19h, sendo o portão do vizinho, inclusive, amassado pelas jogadas. Perguntei se Francisco brincava sozinho ou com outros colegas, e ele relatou que

brincava quase sempre sozinho, já que alguns colegas apareciam ocasionalmente. Perguntei a Elaine se não havia nenhum campinho de terra ali próximo onde as crianças pudessem brincar, já que a rua é bastante irregular e com muitas residências. Francisco, em concordância com a mãe, confirmou a inexistência de campinhos de terra nas proximidades. Elaine ressaltou que, duas ruas mais à frente, onde hoje existe uma Unidade Básica de Saúde, antes, logo que chegaram ao bairro, havia um terreno que era bastante frequentado pelas crianças para brincarem de futebol, mas que hoje o espaço se resume basicamente à frente de casa mesmo.

Questionei Francisco sobre onde havia aprendido a jogar tão bem. Francisco respondeu sorrindo, dizendo que “só”. Contudo, Elaine revelou que a família tem forte tradição no esporte, citando quatro grandes influenciadores: o irmão mais velho, Cesar, e três tios, “Verdão”, “Neném” e João Paulo. Perguntei a Francisco se eles estavam na ativa, se ainda jogavam futebol, e ele respondeu que sim e que, inclusive, jogam por times amadores da cidade. César, seu irmão, e seu tio “Verdão” jogam pelo Boa Vista do Bairro Brasília; já “Neném” e João Paulo defendem a equipe do Duque de Caxias, da rua de mesmo nome. A menção ao futebol funcionou como um estimulante: por Francisco ser muito tímido e falar pouco, senti, em nosso primeiro contato lá na Escolinha do Guerreiro, que teria dificuldades em conseguir abertura e fazer Francisco contar sua história. Porém, com sua mãe por perto e por falar sobre um tema de que ele tanto gosta, que é o futebol, ele se abriu e se mostrou feliz, superando a dificuldade de acesso que eu esperava ter.

Elaine demonstrou preocupação com o fim do atestado médico que ela entregou à escola e com a não recuperação de 100% de Francisco, mas a tranquilizei sobre a possibilidade de Francisco realizar as avaliações do 3º bimestre sem prejuízo assim que estivesse plenamente recuperado.

Ainda no tema futebolístico, perguntei a ele se, além da camisa da Juventus com que ele apareceu vestido há pouco tempo, teria outras, inclusive de seu time, o Flamengo. Francisco, pensativo, demorou a responder, mas disse que sim. Entre algumas mais novas e outras já nem tanto, citou o Real Madrid. Perguntei se ele tinha uma da Seleção Brasileira, e sua mãe lembrou que a camisa da Seleção Brasileira estava estragada por conta de uma brincadeira com graxa, mas que ele também tinha.

Disse a ambos que, ao ver Francisco correndo e jogando futebol na Escolinha, percebia um jeito diferente de correr e caminhar: um dos pés dele sempre virava para dentro e, inclusive, tinha suspeitado de alguma condição ortopédica particular do membro. Elaine sorriu, dizendo que nunca havia notado. Francisco também abriu um sorriso, e eu comentei que poderia ser apenas uma “mania” ou “passada de jogador”, que é febre entre a garotada. Essa expressão, “passada de jogador caro”, popularizou-se muito com influenciadores e memes na Internet e se refere a uma forma específica, muitas vezes exagerada e estilizada, de andar que se associa a atletas de futebol de alto nível. Embora não seja algo comprovado cientificamente, a imitação e a brincadeira se baseiam em uma série de características físicas que, juntas, criam essa imagem, como, por exemplo: postura ereta e peitoral estufado, braços abertos que pouco se movimentam, passos lentos propositais, um balanço sutil do quadril e uma expressão facial de superioridade.

Nesse momento, Elaine então interveio e me contou que aquilo que eu talvez tenha percebido pode ter sido herança de uma história marcante na vida de toda a família. Ela pediu que Francisco mostrasse o pé esquerdo, revelando uma grande cicatriz na parte interna do membro. Elaine contou que, há alguns anos, quando a família residia na Rua Duque de Caxias (rua não muito distante de onde mora atualmente e que é bastante movimentada), estava sozinho com Francisco e sua irmã, que, na época, tinha poucos dias de vida. Era o meio da tarde, e Francisco brincava em frente à residência. Em um descuido, enquanto sua mãe precisou dar assistência à bebê dentro da residência, como em um piscar de olhos, Francisco atravessou a rua para pegar um objeto com que brincava (no momento, Elaine não lembrou o que era),

quando, de repente, foi atropelado por um caminhão que passou uma de suas rodas por cima do pé de Francisco. Sua mãe relatou que as pessoas gritavam pela rua e ela, como um flash, ainda de resguardo (puerpério), correu para ver o que aconteceu e, ao ver a cena, desesperou-se. Como em um milagre, as rodas do caminhão atingiram apenas o pé esquerdo da criança, que, infelizmente, ficou bastante dilacerado. Ela contou que Francisco precisou ser levado às pressas ao hospital, onde passou por uma cirurgia. Ela conta que, devido à gravidade, os médicos precisaram realizar um enxerto para reconstruir o pé dele. Francisco ouviu a história atentamente, sem reação, meio que se lembrando do cenário. Com certeza, em todas as jogadas e gols que ele marcar, por todos os campos e quadras, a “lembrança” desse dia estará marcada literalmente em um de seus pés.

Depois de ouvir essa história de drama e superação, percebi, em cada palavra e expressão facial de sua mãe, o quanto Francisco é importante na vida dela.

Perguntei a Elaine como era o Francisco dentro de casa, sem o futebol por perto, o que ela notava sobre o que ele mais gosta de fazer. Ela relatou que é difícil imaginá-lo sem a bola, pois ele não demonstra atração por jogos eletrônicos ou pela Internet, como a maioria dos meninos de sua idade. O que o prende mesmo — com Francisco ao lado, sorrindo e concordando com tudo — é assistir aos jogos do Flamengo pela TV, muitas vezes sozinho, já que nem o pai nem ela têm “paciência” para acompanhar uma partida inteira. Francisco não: torce, briga, xinga e, às vezes, é repreendido pelo barulho que faz, principalmente quando os jogos acontecem até tarde da noite.

Chamei Francisco e, então, questionei-o sobre o que estava achando do time do Flamengo no momento. Francisco respondeu baixinho que estava gostando, mas sem entrar em detalhes. Questionei qual era o seu jogador favorito, e elegeram o uruguaio Giorgian De Arrascaeta. Perguntei por que, então, o Arrascaeta, o que lhe chamava mais a atenção nele. Francisco justificou a escolha citando a habilidade e o chute do meio-campista.

Essa resposta me levou a refletir que Francisco, como “mini-craque” de bola, inteligente dentro de campo, com apenas 11 anos, consegue associar-se e espelhar-se em um jogador que desempenha uma função parecida com a que ele executa nos treinos da escolinha, observando as características e aprendendo técnicas que possam ajudá-lo em seus jogos.

Outra questão interessante sobre essa escolha está no fato de a maioria dos garotos de sua idade geralmente citar jogadores de classe mundial. Vimos uma dinastia recente em que Messi, Cristiano Ronaldo e Neymar dominaram a preferência da criançada. Não que o uruguaio Arrascaeta seja um ídolo de poucos, pelo contrário: representando uma nação de torcedores como a do Flamengo e com a história vencedora dele dentro da equipe, o craque é muito ídolo de milhares de crianças. Porém, a criançada cita esses jogadores quase sempre sem discernir ou levar em consideração correspondências com a característica particular de jogo de cada um, como foi o caso do aluno Arthur ao me contar seus jogadores favoritos do Flamengo, elegendo Everton Cebolinha e Wallace Yan, dois atacantes rápidos e habilidosos, sendo ele, Arthur, um defensor que atua justamente para inibir coleguinhas com essas características dentro de campo. Muito interessante esse apontamento de Francisco.

Após aproximadamente trinta minutos, agradei a Elaine por abrir sua casa para este professor e para o estudo, ressaltando que conhecer a história de Francisco foi muito legal e que ele é uma criança muito especial. Perguntei se poderia registrar esse momento com uma fotografia, e ela disse que sim.

Finalizamos o encontro com o registro fotográfico e nos despedimos, com a promessa de um novo encontro em outra oportunidade.

REGISTROS





Diário de campo 09 – Quarta-feira (15/10/2025)

Aluno: **Adrian Miguel Santos Silva.**

Relato:

No dia em que é comemorado o Dia do Professor, tive a oportunidade de, mais uma vez, visitar a casa de sua avó e conhecer um pouco mais da história do aluno Adrian Miguel, Miguel para a maioria de seus familiares e colegas de sala. Depois de algumas tentativas frustradas, enfim, consegui encontrar tanto Miguel quanto sua avó, Cleonice, em casa e em um momento em que pudéssemos conversar de maneira tranquila, sem atropelos.

As 14h40min, peguei o celular e liguei para D. Cleonice para saber de sua disponibilidade em me receber. Depois de muito chamar, quem me atendeu foi justamente Miguel, que me respondeu que sim, que estavam em casa e que eu poderia ir até lá. Assim, às 15h15min, saí em direção ao Bairro Santo Antônio, um dos mais tradicionais e populosos da cidade, para encontrá-los.

Ao chegar, como era dia de treino, Miguel me recebeu vestido com o uniforme da escolinha. Subimos pela escada até o primeiro andar, onde primeiro encontramos um de seus primos assistindo à TV. Entrando um pouco mais na residência, encontrei D. Cleonice, que veio em minha direção, me cumprimentou pelo Dia do Professor e disse que eu ficasse à vontade. Ficamos entre a varanda, a cozinha e o quarto de Miguel. Era uma pequena sala onde havia duas cadeiras confortáveis, e D. Cleonice pediu que eu me sentasse, assim fazendo. Miguel também se sentou, porém, em um pequeno banco de madeira ao lado de sua avó.

Disse a D. Cleonice que o motivo de minha visita naquele dia era saber um pouco mais sobre como é a vida e o dia a dia de Miguel sob os seus cuidados. Nesse momento, ela o olhou e sorriu, disse que não era porque é seu neto, mas que ali estava um excelente menino e que em nada lhe dava trabalho. Miguel possui um irmão menor chamado Henri, de quatro anos, e uma irmã chamada Ana Lara, de dez anos; ambos ficam com seus pais na cidade de Batalha – como citado anteriormente, Miguel reside com sua avó desde o início do ano. Disse que, durante o final de semana que se passou, sua mãe veio buscá-lo para que ficassem todos juntos na cidade de Batalha. Nesse momento, Miguel relatou que foi muito bom porque, além de rever seu pai e irmãos, estava com muita saudade de seu cavalo, outra paixão que possui além do futebol e que fica sob os cuidados de seu avô paterno. Miguel adora animais.

Perguntei a Miguel sobre o sítio de seu outro avô, que fica aqui em Olho D'Água das Flores e que ele mesmo relatou, em outra oportunidade, adorar frequentar. Sua avó intervém e diz que, se pudesse, o neto moraria dentro de uma fazenda, que, sempre que tem uma oportunidade, ele não perde tempo de frequentá-lo. Perguntei a Miguel o que ele tanto gosta de fazer por lá, e ele me respondeu que o que mais gosta de fazer é alimentar suas galinhas e galos. Disse-me que tem vários desses animais lá. O sítio, que se chama Rancho Bom Sossego, fica a aproximadamente cinco quilômetros da casa de sua avó e, segundo ele, já fez algumas vezes esse percurso a pé. Como, às quartas e sextas-feiras, ele se desloca da casa da avó para o treino, que, por sua vez, é realizado próximo à casa de seu avô, ele costuma aproveitar esse momento pós-treino e se dirigir até lá, para, em seguida, ir até o sítio. Miguel afirma ir de moto junto ao seu avô, porém, diz saber pilotar.

Miguel, quando não está cuidando de seus animais ou jogando futebol, não é muito de sair de casa. D. Cleonice me disse que um ponto com que toma bastante cuidado é não deixar o neto livre pelas ruas. Diante disso, uma das atividades que ele faz e que preenche um pouco sua rotina de brincadeiras são os jogos eletrônicos. Perguntei, então, a Miguel que tipo de conteúdo ele acessa quando está em posse do celular de sua avó. Ele responde que é jogando

que aproveita mais tempo. Seus jogos favoritos são os de carros de corrida e de futebol, e o período do final da tarde é o horário em que mais joga. Em uma oportunidade em que encontrei sua mãe durante um treino na escolinha, a mesma ressaltou que Miguel não acessa aparelho celular e que, inclusive, já teve desentendimentos com ele em virtude do uso excessivo de telas. D. Cleonice, nesse sentido, gerencia o tempo de tela dele, com Miguel concordando com os períodos em que lhe é destinado o aparelho. Perguntei, então, se ele frequenta praças ou a casa de algum coleguinha. D. Cleonice diz que casa de coleguinha, não, mas que, quando residia no Bairro Brasília, sua casa ficava em frente a uma enorme praça e que Miguel a frequentava bastante; hoje, devido à distância, nem tanto.

Pelo que venho acompanhando e observando, vejo que Miguel, ao contrário de muitos colegas de turma, apesar de adorar o contato com o campo e a natureza, não desenvolveu intimidade com o chão das ruas, no sentido de brincar e tê-lo como palco de suas aventuras desde pequeno. Pelos relatos de sua avó, exceto quando ela residia em outro bairro, quando ainda muito pequeno, era raro vê-lo livre e brincando “solto”. Hoje, seu tempo livre é, em grande parte, reduzido aos limites de casa, uma realidade imposta pela família ou, de forma mais preocupante, pela ausência de espaços públicos seguros e acolhedores em seu entorno. Nesse contexto, o ato de jogar bola ganha um significado quase restrito: não é o jogo da rua ou do quintal, mas sim em uma escolinha, longe da ludicidade que a atividade deveria representar.

Às 15h30, perguntei a Miguel se já não estávamos atrasados para o treino e se não seria o caso de ele ir separando os materiais que iria levar ou calçando as chuteiras. Fiz essa provocação, pois sua mãe tinha me falado, na oportunidade em que nos encontramos, que Miguel mantém vários pares de chuteiras organizados em um cantinho de seu quarto, cada um de um período diferente. Ele me respondeu que normalmente leva o material em sua bolsa e que lá as calça; porém, como estávamos em cima da hora, iria pegá-las. Perguntei se poderia entrar em seu quarto para vê-las, onde as guarda. Foi aí que me deparei com vários pares organizados, um ao lado do outro. Miguel me explicou a função de cada uma e quando gosta de usá-las: tem chuteira para treino, chuteira para jogo, chuteira para campo de grama natural, chuteira de futsal e até um par de tênis que usa para fazer caminhadas junto à sua avó. Vendo suas chuteiras tão bem zeladas e organizadas, a impressão é que o cuidado que Miguel tem com esses calçados os transforma em verdadeiros troféus e em parte de sua história, e isso revela não só respeito pelas suas “ferramentas”, mas também paixão e até mesmo a valorização do afeto familiar ao relembrar cada presente e até os momentos em que se exercita junto à vó.

Perguntei a D. Cleonice sobre essa história de caminhada de Miguel. Ela riu por eu não acreditar, mas disse que era verdade, que algumas vezes ela e Miguel acordam cedinho, antes do horário de ele se arrumar para ir à escola, para, juntos, caminharem pelas avenidas da cidade. Inclusive, hoje ela foi, porém, ao acordar Miguel, o mesmo estava com “preguiça” e resolveu continuar dormindo. Miguel também riu, mas ressaltou que nem sempre é assim. Ele me contou que, quando não consegue ir com a avó caminhar, recorre a uma de suas tias e que, juntos, já chegaram a caminhar até o sítio de seu avô.

Porém, ao entrar em seu quarto, com a sua permissão e a de D. Cleonice, percebo outras questões muito interessantes. O cômodo comporta apenas uma cama de solteiro e uma cômoda pequena com algumas gavetas. A cômoda estava com sua bolsa da escola e alguns pequenos objetos em cima; porém, notei algo que não é muito comum de se ver em quarto de adolescentes: uma imagem de Nossa Senhora Aparecida, um claro sinal da presença de sua fé e religiosidade. Perguntei a D. Cleonice se eram católicos, e ela respondeu que sim. Perguntei se Miguel frequentava as missas e costumava rezar, e ela respondeu também que sim, porém, fazia um tempo que não ia. Foi vendo-o mexer em suas coisas que também percebi que Miguel reserva uma das gavetas para guardar todo o seu material de treino, como alguns shorts, coletes e vários pares de meias. Pergunto se ele é quem arruma suas coisas, e ele balança a cabeça em sinal de positivo. Ele, então, separa as meias que vai utilizar, coloca-as juntamente com a

chuteira em sua bolsa e a coloca nas costas. Quando estávamos de saída de seu quarto, ele lembra que também guarda algumas camisas de times de futebol, voltando para me mostrar. Abre outra gaveta e retira uma camisa de seu time de coração, Palmeiras, e outra, de cor preta, do PSG. Miguel conta que há várias outras em sua casa, na cidade de Batalha, e que iria pedir para sua mãe trazê-las.

Partindo em direção ao treino, agradei a D. Cleonice pela oportunidade de conhecer sua casa e conhecer um pouco de sua intimidade. Ela agradeceu a minha visita e disse que, sempre que precisasse, estaria à disposição para conversar sobre Miguel. Disse-lhe também para que não ficasse preocupada sobre meu retorno com ele, pois não ficaria até o final do treino e que, por isso, minha carona se restringiria apenas à ida com ele, voltando sem a minha presença.

Às 15h40min, saímos de carro em direção ao treino, conversando sobre os jogos do meio de semana do Campeonato Brasileiro de Futebol. Disse-lhe que o “meu” Flamengo estava firme na “perseguição” ao “seu” Palmeiras. Perguntei, então, quem o Palmeiras enfrentaria. Miguel fica pensativo, tentando lembrar o adversário, mas não se recorda. Questionei onde ele costuma assistir aos jogos do Palmeiras, se assiste junto com sua avó ou não. Ele responde que, na maioria das vezes, não consegue assistir pela TV, e sim rever lances das partidas pelo YouTube. Historicamente, a TV aberta prioriza, em suas transmissões para o Nordeste, jogos das equipes do Rio de Janeiro, raramente transmitindo, exceto finais de competições, jogos entre equipes de fora do estado. Outro ponto é que, para que se acompanhe toda a oferta de jogos de uma determinada equipe, dificilmente o torcedor conseguirá fazê-lo sem a compra de pacotes de pay-per-view, o que restringe o acesso de milhares de torcedores como Miguel.

Conversamos também sobre o jogo da escolinha no final de semana retrasado, se ele teve participação efetiva na partida. Disse-me que não iniciou jogando, mas que entrou diversas vezes durante o evento e que, em sua visão, pode ajudar sua equipe a sair com a vitória. Em sua opinião, a experiência foi muito legal, pois pôde comparar o nível de seu jogo com o de outros meninos de outro lugar.

Chegamos ao treino às 15hmin, desembarcamos e Miguel partiu em direção a alguns colegas que já se encontravam. Ao observar o campo, virou-se em minha direção e disse: “Treino de finalização hoje, vai ser bom!”. Uma clara demonstração de como, na maioria das vezes, o treino não é “bom”, voltado quase sempre à busca pela automatização e especialização dos movimentos e, em outras, voltado à melhoria de valências físicas das crianças.

Avisei a Miguel que não iria ficar para vê-lo em ação devido a um compromisso e concordamos em nos ver na Escola. Sem mais, nos despedimos.

REGISTROS





Diário de campo 10 – Quinta-feira (23/10/2025)

Aluno: **Felipe Miguel Azevedo dos Santos**

Relato:

O registro de hoje é sobre a trajetória de vida e as relações com o futebol de mais um estudante, nesse caso, o contexto familiar do aluno Felipe Miguel. Após alguns contatos prévios via WhatsApp com sua mãe, Flávia, enfim, conseguimos combinar a visita para o início da noite, horário em que ela estaria em casa. Assim, às 18h, desloco-me ao Bairro Santo Antônio, onde a família reside, com o objetivo de observar o ambiente e conhecer mais de Felipe e suas dinâmicas familiares nesse espaço íntimo, complementando as informações já coletadas em outros campos.

A caminho da casa de Felipe, já no Bairro Santo Antônio, tive um encontro não planejado. Numa rua próxima ao destino, avistei-o caminhando no mesmo sentido, também a caminho de casa e segurando uma sacola plástica na mão. Reduzi a velocidade do carro, encostei ao lado dele, baixei o vidro e o saudei: “E aí, jogador! Estou indo até sua casa!”. Ele apenas sorriu de forma rápida e contida, sem dizer nada, e continuou a andar. A partir dali, segui lentamente, acompanhando-o com o veículo, mantendo uma distância discreta, até que ele chegasse à residência.

Havia acompanhado Felipe em um trecho da Rua Santo Antônio, a avenida principal do bairro. Essa rua é bastante longa e larga, mas a iluminação é precária. Havia muitas crianças correndo livremente de um lado para o outro. Ao virar na Rua 21 de Fevereiro, rua em que fica a casa de Felipe, percebi uma diferença brusca: a via é bem estreita, com muitos restos de construção e ainda mais escura que a principal. No entanto, mesmo na pouca luz, havia sinais de vida social: um pequeno grupo de crianças estava sentado em uma calçada, todas concentradas em seus celulares, no que parecia ser um encontro em um ponto de Internet livre.

Assim que estacionei o carro em frente à residência de Felipe, ele entrou rapidamente e fechou a porta. Por um breve momento, fiquei parado, sem saber se a visita seria cancelada, e desliguei o carro para aguardar. Logo em seguida, a porta foi aberta por sua avó, que se chama Rita de Cássia, que me cumprimentou com simpatia e pediu para que eu entrasse. Ela me indicou o sofá, que ficava em uma sala pequena e simples; o único móvel de destaque ali era um rack com uma televisão em cima.

Enquanto eu me ajeitava no sofá, D. Rita percebeu que Felipe, após entrar, havia ido direto para o quintal e ainda não tinha voltado. Ela sorriu e me explicou o motivo da pressa dele: “Ele adotou um gatinho que andava solto pela rua esses dias, e a sacola era a ração”. Ela chamou o neto, e Felipe respondeu de um quarto que estava por perto, avisando que estaria na sala em um instante. Chamou-me a atenção o fato de Felipe ir cuidar do gato com a ração logo que chegou, em vez de vir para a sala. A pressa com o animal sugeriu carinho e responsabilidade, além de revelar seu lado afetivo. É um detalhe simples, mas que ajuda a entender quem ele é fora da sala de aula, das quadras e dos campos.

Aproveitei o momento para explicar à D. Rita o objetivo da pesquisa. Ela se mostrou muito simpática e atenciosa durante toda a conversa, confirmou que a visita era bem-vinda e logo começou a falar sobre o neto. Ela disse, com visível carinho, que Felipe é “um excelente neto em todos os aspectos” e que é ela quem cuida dele “desde que ele era bem pequeno”. Ela mencionou que Felipe nasceu em Santa Catarina e trouxe o fato mais sensível da história familiar: o pai dele é falecido. Ela ressaltou que, por conta disso, Felipe não chegou a conhecer o pai. Não procurei mais detalhes sobre esse ponto, mas o fato de ela assumir a criação dele

desde cedo, em um contexto de perda, reforça a base de cuidado e estabilidade que ela oferece tanto a ele quanto à sua mãe, que se chama Flávia.

A avó logo trouxe que, desde muito pequeno, as brincadeiras de Felipe sempre foram com bola. Ela lembrou que ele vivenciou muito o “chão da rua” em suas brincadeiras. Contudo, apontou uma mudança. Felipe já não brinca mais na rua como antes, não só pelo crescimento e aumento da violência no bairro, mas também, naturalmente, pelas mudanças decorrentes da idade. Ela explicou que agora ele evita chutar a bola na direção das casas dos vizinhos ou dos veículos estacionados, tornando-se mais responsável e cuidadoso com o espaço. Vale ressaltar que, antes, sua avó sempre pedia para que o neto evitasse ficar na rua — no sentido de ficar até tarde — e os chutes nas portas “alheias”, mas era sempre ignorada. D. Rita destaca também que, por conta disso, ele não gosta de faltar aos treinos na escolinha de jeito nenhum. No entanto, essa dedicação traz uma preocupação constante para ela, que fica, segundo a mesma, com o “coração na mão” toda vez que ele sai, pois o local de treino é bastante distante de sua casa e Felipe faz todo o percurso sozinho.

D. Rita continuou detalhando a paixão do neto, apontando que, embora Felipe tenha vários outros brinquedos, todos ficam em segundo ou terceiro plano. Ela destacou que ele é frequentemente presenteado pela mãe, pelos tios e por ela mesma — inclusive com uma coleção de carrinhos da Hot Wheels da última vez —, mas nenhum desses presentes recebe a mesma atenção que a bola. Como prova dessa obsessão, ela apontou para a parede da sala: nesse momento, ela mostrou o rodapé, que estava recém-pintado, em uma tentativa de consertar os estragos feitos. Ela explicou que Felipe ficava chutando a bola repetidamente na parede, o que acabou danificando o acabamento da mesma. As principais influências de Felipe são os tios e primos que moram em Santana do Ipanema e Arapiraca e jogam futebol desde pequenos. Ela descreveu a alegria quando a família se reúne em sua casa: “é uma verdadeira festa!”. Segundo ela, nesses encontros, assistir a jogos pela TV se torna um evento, e a brincadeira de bola se estende pelos corredores da casa, mostrando que o futebol é um laço forte que une a todos ali.

Neste ponto da conversa, Flávia, a mãe de Felipe, chega do trabalho. Ela me cumprimentou e eu me desculpei por não tê-la esperado, explicando que estava, naquele instante, conversando com sua mãe sobre a história de Felipe. Flávia perdeu o companheiro e pai de Felipe ainda muito jovem; hoje, ela tem 29 anos, trabalha em uma lotérica e tem uma rotina intensa: três noites por semana, ela frequenta um curso Técnico de Enfermagem. Ela se sentou ao lado da mãe no sofá e logo perguntou pelo filho, que ainda estava no quarto. Flávia o intimou a se juntar a nós. Ela sorriu e comentou que a demora de Felipe era normal, pois ele é “bastante vaidoso” e devia estar se arrumando. Integrando-se à conversa, Flávia reforçou o que sua mãe já havia dito anteriormente, concordando que, embora Felipe tenha tido a liberdade de brincar na rua, hoje, devido às mudanças sociais, a dinâmica das brincadeiras também mudou. Sobre essas mudanças na sociedade, perguntei a Flávia se Felipe tinha acesso liberado à Internet e ao celular em casa. A resposta foi negativa. Flávia se mostrou bastante rígida com isso, liberando o acesso ao aparelho por apenas alguns minutos por dia. Aproveitei para perguntar a Felipe, que ali já se fazia presente, o que ele mais acessava quando tinha essa liberação. Ele respondeu prontamente que usa o tempo para jogar, citando games populares como Roblox, Free Fire e outros. Flávia confirmou que Felipe tem uma conta no Instagram, mas que é totalmente monitorada por ela. No entanto, a mãe ressaltou que ele não é um usuário ativo, ou seja, não costuma ficar sempre postando ou atualizando conteúdos como muitos adolescentes de sua idade.

A conversa avançou para o futebol, e um detalhe divertido veio à tona: há uma divisão clubística na casa. Enquanto Felipe e Flávia torcem pelo Flamengo, D. Rita é torcedora do Palmeiras. Contudo, essa rivalidade só se manifesta de verdade quando a casa está cheia. Flávia comentou que é raro Felipe assistir a jogos na TV sozinho; a sala só vira uma festa durante as partidas quando os tios e primos estão de visita nos finais de semana. Nesses dias, a avó

confirmou que a sala fica agitada, com “um tirando sarro do outro”. Perguntei se Felipe não tinha uma camisa do seu time do coração, e a resposta foi negativa: a única que ele possui e usa às vezes é uma camisa da Seleção Brasileira.

Em relação ao seu quarto, foi constatado que Felipe não possui um quarto próprio, dividindo a mesma cama com a mãe. Este detalhe aponta para a intimidade e a proximidade da rotina familiar. Além disso, ao indagar Flávia sobre objetos materiais marcantes, ela relatou que ele não possui nenhum objeto que se associe diretamente ao futebol entre as suas coisas — como um troféu, pôster ou uma chuteira especial — e que seja guardado com elevada estima e apreço acima de todos os outros brinquedos. Percebe-se que o gostar de futebol parece residir mais na prática do que em símbolos físicos.

Por outro lado, o entretenimento eletrônico é um ponto de união na casa: Felipe possui um Xbox, que se tornou a principal diversão da família. A avó afirmou que o videogame não é apenas para o neto, pois os tios, já adultos, adoram participar. Principalmente nos finais de semana em que a casa está cheia, as disputas se estendem até altas horas. D. Rita comentou, em tom de brincadeira, que, por causa do uso constante da TV pelo Xbox, ela já está analisando seriamente a compra de uma nova televisão, só para poder assistir aos seus programas favoritos. Ficou evidente que, se Felipe não demonstra um apego especial a objetos ligados ao futebol em si, o Xbox é um item que recebe seu grande cuidado e zelo — literalmente, pois o objeto se encontrava coberto por um tecido para protegê-lo da poeira. Esse videogame é, na prática, o principal objeto material da casa que o liga diretamente à sua paixão. Segundo D. Rita, os jogos mais disputados com os tios adultos são justamente os jogos de futebol, transformando o console no centro de todas as relações de diversão familiar nos finais de semana.

Durante toda a nossa conversa, Felipe permaneceu sentado à minha frente, demonstrando timidez, e só se manifestava através de respostas curtas e monossilábicas, acompanhadas por alguns pequenos sorrisos. Como nossa conversa já havia se estendido além do que estava combinado, e era um ponto sobre o qual eu tinha curiosidade, devido a acompanhá-lo na escola e notar que, assim como outros meninos, ele não consome a merenda escolar, perguntei a Flávia sobre o desenvolvimento e, principalmente, a alimentação dele no dia a dia — um ponto crucial para quem pratica esportes —, e ela demonstrou preocupação. Flávia ressaltou que Felipe tem resistência em manter uma dieta rica em nutrientes, dando como exemplo o fato de não gostar de feijão, o que exige um esforço muito grande por parte da família para garantir sua nutrição adequada.

O tempo passou rapidamente, e a conversa com Flávia e D. Rita foi extremamente agradável e reveladora. Expressei meu agradecimento pela abertura e pela oportunidade de conhecer a intimidade da família e alguns aspectos da história de Felipe que vão além da bola. Às 18h50min, encerrei, então, a visita.

REGISTROS





Diário de campo 11 – Terça-feira (28/10/2025)

Alunas: Emanuele Ferreira Soares Brasil, Emilly Beatriz Rodrigues Silva e Laura Izabelly Lopes dos Santos.

Relato:

Com o início da coleta de dados, em que passei a sondar o cotidiano de cinco estudantes que atribuem significados especiais ao futebol dentro e fora da escola, também se fez necessário buscar entender a significância do esporte para aqueles adolescentes que ficam à margem de todo esse contexto, ou seja, os meninos ou meninas que fazem contraponto ao futebol, que não demonstram vínculos ou destinam estima ao jogo. Nesse sentido, escolhi três estudantes que, corriqueiramente, durante as atividades práticas realizadas no ginásio da escola, permanecem alheias ao que acontece quando os meninos, na maioria das vezes, se apropriam da maior parte da quadra para praticarem o futebol, reagindo geralmente com indiferença. Enquanto os demais alunos (aqueles que não se sentem pertencentes ao futebol ou que acatam a busca pela excelência dos movimentos que são cobrados pelo grupo dos “boleiros”) espremem-se no pequeno espaço que sobra depois que o primeiro grupo afasta uma das balizas, para estas estudantes que hoje conversei, nada importa o que acontece naquele momento, a não ser quando são convidadas a se levantarem da arquibancada e passem a integrar algum dos grupos.

Manu, Emilly e Laura são amigas, possuem carteiras próximas umas das outras na sala de aula e formaram uma grande parceria ao longo deste ano letivo. Ambas, pelo menos foi o que pude perceber através de suas atitudes e ações (logo que chegam ao ginásio, desprendem-se do grande grupo e procuram se sentar na arquibancada ou, quando são intimadas a fazer parte da roda de conversa, brincam o tempo todo e chamam a atenção por tentar desviar o foco dos demais), compartilham a ideia de que: 1) movimentar o corpo na aula prática é chato e 2) jogar futebol é pior ainda.

Na manhã de hoje, não foi possível realizar atividades práticas no ginásio, visto que, ao final de cada mês, a Secretaria Municipal de Assistência Social solicita à escola as dependências do mesmo para realizar a entrega de cestas básicas à comunidade vulnerável do município. Para que a expectativa desses estudantes com a disciplina de Educação Física e as práticas corporais não seja quebrada, durante esse período, toda a turma foi levada para as dependências do clube social municipal, que fica ao lado da escola e que, inclusive, possui um acesso pelo próprio prédio escolar. É um espaço amplo e confortável, possui um enorme vão coberto para as atividades, banheiros, bebedouro e, mais afastadas, algumas mesas de cimento no estilo barraca de praia. Foi em uma dessas mesas que Manu, Emilly e Laura mais uma vez ficaram enquanto a turma participava de algumas atividades no espaço coberto. Hoje, resolvi me aproximar, não para, mais uma vez, questionar e cobrar o envolvimento de ambas nas atividades, mas para fazer um exercício de escuta com essas adolescentes sobre experiências anteriores e expectativas com as atividades práticas das quais rotineiramente deixam de participar.

Essa conversa se realizou nos últimos dez minutos da aula, quando geralmente me aproximo do portão para abri-lo, para que os estudantes retornem à sala de aula. Brinquei com as três, dizendo que queria gravar uma entrevista sobre o que elas pensam sobre a aula de Educação Física e o futebol que é jogado durante as aulas, mas, ao mesmo tempo, deixei claro que me incomodava vê-las ali sentadas, sem engajamento com as atividades. Com o celular, fiz uma gravação de áudio desse diálogo.

Meu primeiro questionamento foi sobre como eram as aulas de Educação Física dessas meninas nas escolas em que estudaram antes de chegarem até ali. As respostas foram as seguintes:

Laura - “Eu não tinha, a gente só escrevia, não brincava, a professora dizia que o tempo era pouco”.

Emilly - “Eu fazia texto e brincava mais ou menos”.

Emanuele - “Bom, não tinha aula de Educação Física, mas a gente escrevia mais textos e só brincava às vezes”.

Questionei o seguinte: “E quando vocês entraram por aquele portão” (apontando para a entrada da escola), “para estudarem no sexto ano, com todas as novidades, uma escola enorme, muitos professores e novas disciplinas, como vocês imaginavam ser a aula de Educação Física?”

Laura - “Que iria ser só atividades e que iriam ser poucas brincadeiras na quadra”.

Emilly - “Que só iria escrever”.

Emanuele - “Que só iria escrever e a gente às vezes iria para a quadra, né, que eu sabia muito bem que iria ter quadra e a gente brincar de queimada, vôlei e outras coisas”.

Pegando o gancho de Emanuele, que citou algumas atividades, questionei então sobre as atividades práticas que elas mais gostam com bola, os esportes que mais conhecem ou, se não gostam de práticas esportivas.

Laura - “Eu gosto de praticar futebol (nesse caso, uma contradição? Ou aversão ao tipo de futebol que é jogado?), vôlei e queimada”.

Emilly - “A minha brincadeira é vôlei e queimada”.

Emanuele - “A minha é vôlei... eu não sei muito bem, mas eu ainda tô aprendendo a jogar vôlei”.

Ao ouvir suas respostas, elencando práticas que gostam de realizar, questionei, então, por que, na maioria das vezes, elas ficam pelos cantos, não compõem nenhum grupo na quadra, se afastam e não participam ativamente das atividades.

Laura - “Porque... (pausa, pensando) às vezes eu não quero brincar e também porque eu fico brincando mais com as meninas de outras brincadeiras”.

Emilly - “Eu fico cansada e também não gosto muito”.

Emanuele - “É... eu gosto, né... de brincar (risos), mas eu não jogo porque não gosto muito de jogar, mas (mais risos)...”.

Suas respostas não me foram convincentes; suas expressões faciais entregaram desconforto em terem que responder sobre o porquê da não participação nas atividades. Três adolescentes, que não possuem problemas de relacionamento com os demais colegas (pelo menos é o que sinto no dia a dia das aulas) e que não se sentem pertencentes ao brincar e em ter que manipular um objeto simples como uma bola, seja da forma que for, causam-me espanto. Questionei, então, se poderiam explicar melhor, se possuem algum trauma, se algum dia aconteceu de alguém se machucar, ou alguém falar algo do tipo: que elas não sabem jogar, que aquilo não é coisa de menina e só os meninos devem jogar, ou que nunca terão a capacidade de aprender etc.

Laura - “Eu não jogo também, por causa dos meninos que são muito chatos, são enxeridos (aqui no interior de Alagoas, trata-se de um menino intrometido ou metido, que se mete em assuntos que não lhe dizem respeito e que não foi chamado, um verdadeiro curioso e bisbilhoteiro) e também porque não gosto muito de jogar com meninos”.

Emilly - “Eu não gosto muito, também não gosto muito de brincar das brincadeiras”.

Emanuele - “Bom, é... eu não jogo porque os meninos ficam falando que não, tipo assim, menina não é para jogar, não é boa para jogar futebol, por isso que eu fico sentada às vezes e brincando com as meninas de pega-pega”.

Depois do relato, principalmente de Manu, aprofundi-me mais sobre o tema futebol: se, apesar dos pesares, elas gostam de futebol, visto que, sempre que há algo relacionado ao jogo durante nossas práticas, apenas os meninos aproveitam o espaço, mesmo sabendo que a aula de Educação Física é um espaço para todos. Não somente elas, mas também outras meninas

se escondem nas arquibancadas ou ficam demorando dentro dos banheiros do ginásio, o que muitas vezes faz com que eu tenha que ir atrás de uma por uma, sacrificando o tempo da aula. Então, sobre o futebol, questionei se elas gostam do esporte.

Laura – “Eu gosto e acompanho às vezes e às vezes brinco”.

Emilly – “Eu não gosto”.

Emanuele – “Eu só gosto de ver os meninos mesmo jogando, porque o resto mesmo eu não gosto não”.

Questionei, então, se torcem por algum time de futebol e acompanham esse time pela TV, assistindo aos jogos.

Laura – “Eu torço para o Flamengo e já assisti várias vezes”.

Emilly – “Eu torço para o Flamengo e também já assisti várias vezes”.

Emanuele – “Eu torço para o Flamengo e toda vez que tem jogo eu assisto”.

Mesmo afirmando serem torcedoras e dizerem que acompanham a equipe, indaguei se ambas se aprofundam nas partidas, se entendem de regras e competições, discutem sobre elas ou conhecem algum jogador. Nesse momento, Emilly se antecipa às demais e, do nada, afirma: “Ah, cartão vermelho”.

Laura – “Eu conheço o Gabigol, o Pedro, o Neymar, o Cristiano Ronaldo, o Messi e só”.

Emilly – “Eu conheço Gabigol, Pedro, Arrascaeta e só”.

Emanuele – “Eu conheço Pedro e Arrascaeta”.

Indaguei se elas possuíam camisas do Flamengo em casa, já que todas eram flamenguistas, ou também de algum outro time de futebol.

Laura – “Eu tenho do Flamengo”.

Emilly – “Eu não tenho”.

Emanuele – “Eu tinha, mas rasgaram a minha aí... mas eu vou comprar outra.” (A palavra “rasgada” me gerou um sentimento de pena e, ao mesmo tempo, tristeza e aflição diante do olhar de Manu, visto que ela deixou cair algumas lágrimas dos olhos.) Rapidamente, suas colegas perceberam o desconforto enquanto Manu secava suas lágrimas.

A partir da resposta de Emanuele, fiquei bastante pensativo e pausei por alguns segundos nosso diálogo, procurando um gatilho ou abertura para tentar entender o que se passou na intimidade daquela adolescente. Então, veio-me à mente indagar se, em casa, na rua ou até mesmo ali na escola, elas já sofreram alguma forma de preconceito e opressão por, às vezes, jogar ou simplesmente gostar de futebol e se, por conta disso, deixaram de querer jogar devido aos julgamentos que as pessoas iriam fazer.

Laura – “Sim!”.

Emilly – “Eu nunca!”.

Emanuele – “Sim, as pessoas falaram, ficavam falando que futebol não era de menina e ficavam me chamando de sapatona”. (É o termo pejorativo que se utiliza para se referir à mulher lésbica.)

Encerrei nosso bate-papo dizendo que iríamos estudar bastante sobre futebol nas próximas aulas e que existem vários aspectos do jogo que irão valer muito a pena elas conhecerem, pois o futebol que elas até aquele momento conheciam não acontece e não se encerra somente dentro da quadra, mas, com a ajuda dele, podemos ir juntos muito longe.

Diário de campo 12 – Quarta-feira (29/10/2025)

Alunas: **Jhenifé Lorrane Soares**

Relato:

O acompanhamento de Jhenifé foi marcado pelas limitações impostas ao trabalho de campo. Embora a aluna tenha aceitado participar da pesquisa, o acesso à sua história de vida fora do ambiente escolar foi restringido pela postura de sua família. Após diversas tentativas de contato via WhatsApp e ligações, uma visita foi combinada com a mãe da estudante. No entanto, ao confirmar o encontro, o pai de Jhenifé negou, também via telefonema, prontamente a minha entrada na residência, informando que a filha e a esposa não estariam mais à disposição e que eu não insistisse. O tom ríspido de suas palavras sugeriu questões de gênero e controle familiar, visto que um professor estaria adentrando sua residência para conversar com sua esposa e filha. Diante disso, não tive a oportunidade de conhecer em detalhes sua história e a construção de sua identidade com o futebol.

No cotidiano das aulas, o que se observa de Jhenifé é um entusiasmo singular com a prática esportiva. Moradora do Conjunto Manoel Floriano, ela demonstra prontidão física e urgência em iniciar as atividades, sendo quase sempre a primeira da fila de um grupo de estudantes que se coloca à porta da sala de materiais esportivos e fica a me aguardar, para garantir a posse de "sua bola". No ginásio, sua dinâmica de jogo é específica: Jhenifé não se integra aos jogos com os meninos e evita jogar com as outras meninas por considerar sua própria técnica muito superior à delas. Frequentemente, é vista realizando atividades sozinha, como treinando embaixadinhas ou trocando passes curtos com alguma colega. Quando participa de alguma atividade que não seja com a bola nos pés, juntamente com o restante da turma, rapidamente perde o foco.

A relação de Jhenifé com o futebol foi construída de forma instintiva e dentro das limitações de seu ambiente doméstico. Ela me relatou ter aprendido a jogar ao observar o irmão mais velho, que possuía liberdade para brincar de bola na rua. Sem as mesmas oportunidades de ocupar o espaço público, Jhenifé aproveitava as horas livres em que encontrava a bola pelo canto da casa para chutá-la contra a parede. Atualmente, adolescentes que vivem em contextos de vulnerabilidade social, como é o caso dela, no contraturno escolar, passam a integrar o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos, que é vinculado ao Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) do município, e lá ela relatou treinar futebol em um campo society durante alguns dias da semana.

No aspecto escolar, Jhenifé apresenta um perfil intelectual e comportamental satisfatório, sendo uma boa aluna e bastante comunicativa. Contudo, demonstra uma agitação constante, sendo raros os momentos em que permanece sentada ou parada em sala de aula. Assim como muitos outros alunos, possui limitações em relação às suas responsabilidades, ao zelo com os materiais pedagógicos e à assiduidade. Às terças-feiras, a prática esportiva é a sua prioridade absoluta, fato comprovado por outros professores que me antecederam, destacando que, durante esse dia, seu foco nas atividades propostas em sala é mínimo.

APÊNDICE H – PROPOSTAS DE INTERVENÇÃO



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
Instituto de Educação Física e Esporte
Campus A. C. Simões

RODOLFO LUIZ SANTOS REGO

PROPOSTA DE INTERVENÇÃO 1

Tema: **O CORPO FEMININO E O FUTEBOL: desconstruindo estereótipos e promovendo a inclusão.**

Escola: EMEB Maria Augusta Silva Melo

Disciplina: Educação Física

Série: 6º Ano “C”

C.H.: 100 min

Data: 04/11/2025

Objetivos

- Analisar a construção sociocultural do corpo feminino no Brasil e seus impactos no futebol e na sociedade.
- Discutir o estereótipo de gênero no esporte e o papel da mulher no futebol.
- Promover a igualdade de gênero e o respeito às diferenças.
- Vivenciar a prática do futebol de forma inclusiva, divertida e igualitária, desconstruindo a ideia de que futebol “é coisa de menino”.

Recursos didáticos

- Notebook;
- Som;
- Impressões;
- Folhas A4;
- Lápis de cor e canetinhas coloridas;
- Bola de futebol.

Desenvolvimento

***Encaminhamento didático**

***Intervenção oral**

1º Momento (30 min.) – Análise e compreensão.

a) **Dinâmica de abertura:** Roda de conversa.

- Quando vocês pensam em “futebol”, o que vem à cabeça?

- Que imagens, que palavras, que pessoas?

1- Pedir para que os alunos anotem as respostas em uma folha (Espera-se que muitas respostas sejam sobre times masculinos, jogadores famosos, a bola etc.).

2- Mostrar as imagens de jogadoras e da árbitra de futebol e perguntar:

- E quando vocês pensam em futebol feminino? O que muda?

- O que vocês sentem ou ouvem sobre isso?

3 – Pedir para que anotem as novas respostas no verso da folha.

b) **Exposição oral:** Tema - Conversando sobre o que a gente ouve.

1- Explicar o conceito de "patriarcado" e "sexismo" em uma linguagem simples, objetiva e direcionada aos adolescentes.

Existe uma ideia antiga em nossa sociedade de que algumas coisas são "de homem" e outras são "de mulher". Essa ideia ainda é muito forte em nossa cultura e acaba influenciando como a gente pensa e age. No esporte, por exemplo, o futebol sempre foi visto como "coisa de homem". Isso se chama patriarcado ou cultura do patriarcado, que é quando a nossa cultura dá mais importância para as ideias e coisas feitas por homens ou que são consideradas "masculinas". É um jeito antigo e ainda muito presente de organizar a sociedade, onde os homens têm mais poder, privilégios e valor do que as mulheres.

- Nesse ponto, mostrar exemplos de como isso é visto no dia a dia: divisão de tarefas, ideia de que homem não chora, julgar a menina pela roupa que veste ou pelo que ela faz, de um jeito que o menino não seria e, por fim, a violência e o assédio com forma de "ter o controle".

Já as atitudes, crenças e preconceitos que fazem essa cultura funcionar e durar é chamado de sexismo. Ou seja, é quando realmente os meninos se acham superiores e mais valiosos que as meninas (o inverso também pode ser observado).

- Nesse ponto, citar fatos que vemos e ouvimos no dia a dia como, por exemplo: que meninas são sensíveis, que não aprendem matemática, situações de paquera (se tem muitas paqueras são rotuladas por apelidos...), roupas que "distraem" os meninos e até mesmo, que o futebol das meninas é fraco ou que não sabem jogar.

c) **Discussão:** Reflexão.

- Vocês já ouviram alguém dizer que futebol não é "coisa" de menina? Ou que mulher joga mal? Ou que futebol feminino não é legal?

- Quando as meninas jogam esportes que a sociedade pensa que são "de homem", elas sofrem preconceito e escutam coisas ruins. Por que vocês acham que isso acontece?

1- Deixar os alunos falarem sobre o que já escutaram em casa, na escola, na rua e em outros lugares.

d) Apresentação: *Mostrar momentos incríveis do futebol feminino (gols bonitos, defesas espetaculares, jogadas em equipe). Após os vídeos, perguntar:*

Vídeo 01: <https://www.youtube.com/watch?v=26a9e8KjoJM>

- Isso que vocês viram é “ruim”? É chato? O que vocês acharam da habilidade delas?

2º Momento (20 min.) – Construção de valores.

Convidada especial: *Convidar uma professora da própria escola que possua vivências com o futebol feminino para participar desse momento junto a eles. O objetivo é, a partir da história e experiências da professora, tornar o tema muito mais próximo e inspirador para eles, que estão em uma fase de formação de identidade e de questionamentos sobre o papel do corpo e de gênero nos esportes.*

Atividade no caderno: *Pedir que os alunos formem pequenos grupos e elaborem uma pergunta que gostariam de fazer à professora.*

Momento de perguntas e diálogo: *Fazer uma rodada das perguntas elaboradas pelos grupos à professora. Garantir que meninos e meninas tenham a oportunidade de perguntar.*

3º Momento (40 min.) – Experimentação e fruição.

1) “Futebol para Todos”

a) **Divisão dos times:** Montar equipes mistas (meninos e meninas) para estimular a integração.

b) **Regras adaptadas:** Elaborar regras que promovam a igualdade, como rodízio de papéis (ex.: todos devem passar a bola antes de tentar o gol; gol de menina ter um valor maior etc.).

4º Momento (10 min.) – Reflexão sobre a ação.

- *Após a prática, reservar esse momento para que os alunos compartilhem como se sentiram jogando em times mistos, quais suas percepções e a que conclusões chegaram em relação à inclusão das meninas no futebol.*



Léa Campos, primeira árbitra do Brasil.



Marta, seis vezes eleita a melhor jogadora do mundo.



Formiga, recordista de jogos pela seleção brasileira, 233 jogos.



Tamires, craque do Corinthians.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
Instituto de Educação Física e Esporte
Campus A. C. Simões

RODOLFO LUIZ SANTOS REGO

PROPOSTA DE INTERVENÇÃO 2

Tema: **FUTEBOL E ARTE: as cores da paixão.**

Escola: EMEB Maria Augusta Silva Melo

Disciplina: Educação Física

Série: 6º Ano "C"

C.H.: 100 min

Data: 11/11/2025

Objetivos

- Analisar criticamente as camisas de times (cores e símbolos) como elementos de comunicação, identidade e manifestação da cultura corporal;
- Compreender a relação intrínseca entre o futebol e diversas expressões artísticas (moda, design, artes visuais), situando a camisa como um objeto cultural com história e significado social;
- Reconhecer o papel das cores e dos símbolos na representação de valores, história e pertencimento de um grupo social (equipe ou torcida);
- Utilizar materiais e técnicas artísticas para a criação e confecção de um molde de camisa, aplicando princípios básicos de design (cores, formas e composição);
- Refletir sobre as escolhas de cores e símbolos feitas na criação da camisa, justificando o porquê de cada elemento em relação aos valores desejados para o time.

Recursos didáticos

- Cartolinas;
- Pincéis;
- Tinta guache;
- Lápis de cor e canetinhas coloridas;
- Gliter colorido;
- Cola;
- Camisas de times de futebol trazidas pelos alunos;
- Cordas de varal;
- Pegadores;
- Bola de futebol.

Desenvolvimento

***Encaminhamento didático**

***Intervenção oral**

1º Momento (30 min.) – Análise e compreensão.

a) **Dinâmica de abertura:** Varal de camisas.

1 – Confeccionar um varal com as camisas trazidas pelos alunos (pode-se pedir emprestado algumas aos demais professores).

2 – Pedir para que analisem cada camisa e em seguida encaminhar a seguinte reflexão:

- Quais são as cores que mais se repetem no nosso varal? E quais são as mais diferentes?
- Além do escudo, que outros elementos se destacam? (Patrocínio, número, gola, detalhes na manga)
- Qual delas parece ser a mais antiga?

b) **Roda de conversa:** Conexão futebol - arte - história - moda.

1- Disparar as seguintes questões:

- Na opinião de vocês, qual a importância de uma camisa de futebol?
- Que sentimentos ela desperta?

2- Mostrar o poder da identidade que as camisas representam:

Pessoal, as camisas de futebol são muito mais do que apenas um uniforme; elas são a identidade visual que contam a história e os valores de um clube. Para a maioria dos torcedores, inclusive vocês, vestir a camisa de seu time desperta um sentimento de pertencimento e orgulho enorme, fazendo com que a gente se sinta parte de uma grande família. Todas elas são verdadeiras obras de arte, pensadas por designers para serem bonitas e carregarem toda a emoção e a memória do time.

As Cores e Símbolos (Escudo) são a assinatura do time. Elas foram escolhidas há muito tempo por causa de alguma história, uma homenagem a uma cidade ou por causa de uma cor que traz sorte. O escudo, com seus desenhos, é como o brasão da família, representando sua história e tradição.

3 - Nesse ponto, escolher uma história que seja curiosa e simples, que mostre como as cores surgiram muitas vezes por acaso, e não por uma escolha planejada de marketing. Se possível incluir algum time da comunidade.

Origem da camisa branca do Corinthians:

<https://www.lance.com.br/corinthians/camisa-do-corinthians-veja-origem-das-cores-e-evolucao.html>

O Flamengo e o vermelho e preto:

<https://www.torcedores.com/noticias/2020/05/voce-sabe-por-que-as-cores-do-flamengo-sao-vermelho-e-preto>

A história da camisa canarinho:

<https://artsandculture.google.com/story/DQWBCilxN2jqKQ?hl=pt-br>

2º Momento (50 min.) – Uso e apropriação, fruição e construção de valores.

a) **Atividade prática de criação:** Distribuir as cartolinas aos alunos para que criem um molde de uma camisa.

b) Desafio: Cada aluno deverá criar a sua própria camisa de um time imaginário da escola, definindo as cores e símbolos. Os alunos precisarão pensar:

- Quais os valores e ideias eu quero que meu time transmita?
- Quais cores representam esses valores?
- Qual símbolo ou arte conta a história do meu time?

3º Momento (20 min.) – Protagonismo comunitário e fruição.

a) **Exposição:** Com a ajuda de todos, montar um novo varal com as criações dos alunos em um local de destaque na escola.

b) **Grito ou canto da torcida:** Como uma última etapa, pedir para os alunos pensarem em um grito/canto para a torcida da escola focando nos elementos das camisas que criaram.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
Instituto de Educação Física e Esporte
Campus A. C. Simões

RODOLFO LUIZ SANTOS REGO

PROPOSTA DE INTERVENÇÃO 3

Tema: **A VOZ DO JOGO: Mídia e Protagonismo no Interclasses 2025.**

Escola: EMEB Maria Augusta Silva Melo

Disciplina: Educação Física

Série: 6º Ano "C"

C.H.: Uma semana.

Data: De 24 a 27/11/2025

Justificativa

A presente intervenção, desenvolvida no contexto da disciplina de Educação Física, insere-se de forma oportuna durante a realização dos Jogos Interclasses 2025, utilizando o futebol como tema e explorando de forma inovadora a sua relação com a mídia. Os Jogos Interclasses representam um momento crucial de integração, celebração do movimento e desenvolvimento de valores como o respeito, a cooperação e o espírito esportivo em toda a comunidade escolar, trata-se do evento mais aguardado do ano por grande parte dos estudantes, principalmente, pós-busca excessiva de índices e resultados padronizados, que desumanizam o processo e sufocam a formação integral do aluno.

Contudo, percebe-se que um grupo significativo de alunos, em especial das turmas de 6º ano, demonstram resistência ou não se sentem à vontade em participar da programação esportiva e cultural do evento, resultando em uma experiência escolar incompleta e, por vezes, na sensação de não pertencimento.

Este mini-projeto surge da necessidade de ressignificar a participação desses adolescentes no contexto esportivo e cultural, promovendo a inclusão através de papéis diversificados e igualmente essenciais ao evento. Ao constituir um **Grupo de Cobertura Midiática (GCM)**, os estudantes selecionados serão deslocados do papel de "espectador" ou "não-participante" para o papel de protagonistas ativos na comunicação e registro dos jogos. A atribuição dessas funções valorizadas garante a participação ativa e significativa de todos, transformando a resistência em um senso de pertencimento e utilidade para a comunidade escolar.

Esta abordagem não apenas valida suas habilidades não-atléticas (como comunicação, escrita, fotografia, organização e responsabilidade), mas também os expõe a diferentes campos profissionais ligados ao universo do futebol (jornalismo esportivo, fotografia, produção audiovisual, mídias sociais etc.), fomentando o desenvolvimento de competências socioemocionais e cognitivas.

Objetivos

- Assegurar a participação ativa e significativa de alunos com resistência à prática esportiva tradicional, atribuindo-lhes responsabilidades cruciais na cobertura midiática do evento;

- Apresentar e permitir a experimentação de diferentes profissões relacionadas ao universo do futebol (repórter, fotógrafo, narrador, comentarista, social media), expandindo a percepção dos estudantes sobre as possibilidades de atuação nesse campo;
- Oferecer possibilidades de capacitação os alunos na utilização de ferramentas de comunicação e mídias sociais (câmeras, celulares, internet) para a produção de conteúdo informativo e de entretenimento;
- Estimular a análise e a reflexão crítica sobre a forma como o esporte é noticiado e consumido na mídia, abordando temas como ética na informação e representatividade;
- Desenvolver a responsabilidade, a organização, o trabalho em equipe e o senso de pertencimento à comunidade escolar através da execução de um produto final de valor para o Interclasses 2025.

Recursos didáticos

- Um caderno capa-dura novo;
- Canetas;
- Coletes esportivos de cor chamativa;
- Alguns aparelhos smartphones;
- Uma câmera fotográfica;
- Dois microfones lapela sem fio;
- Um tripé profissional para câmera com suporte para celular.
- Acesso à internet.

Desenvolvimento

1º Momento: Pré-produção e planejamento.

Observação: O projeto A Voz do Jogo já deverá ter a sua operacionalização iniciada nas semanas que antecedem ao interclasses, há pelo menos duas semanas anteriores ao evento e paralelamente às atividades normais da disciplina, deverão acontecer algumas reuniões e alinhamentos de ações no sentido de contemplar os objetivos propostos.

a) Semana -2: Reunião geral.

1. Apresentar o projeto a turma com foco em sua justificativa e objetivos;
2. Levantamento dos alunos que irão representar a turma nas competições e dos alunos que irão compor o GCM;

b) Semana -1: Reunião de pauta.

1. Preenchimento da ficha de inscrição do Interclasses 2025;
2. Divisão das tarefas do GCM: social media, fotógrafos, repórteres, operador de vídeo, narrador e apoio;
3. Compreensão da função e responsabilidade de cada papel;
4. Manual de ética: entrevistas, fotografias e o que postar;
5. Criação de um perfil em uma rede social.

2º Momento: Cobertura.**c) Semana 0:** Evento.

1. Distribuição do material de trabalho à equipe.
2. Repórteres de campo: Realizar entrevistas curtas (pré-jogo, intervalo e pós-jogo) com jogadores, técnicos (professores) e público;
3. Operador de vídeo e narrador: Realizar lives rápidas (via celular) na rede social escolhida de trechos ou jogos inteiros;
4. Fotógrafos: Realizar a cobertura fotográfica de todo o evento como, por exemplo, das ações (gols, defesas, comemorações) e dos bastidores (torcida, preparativos);
5. Social media: Receber o material do restante da equipe do GCM e criar legendas para posts e *stories* na rede social oficial do grupo.

Observação: O professor deve atuar como editor-chefe, dando o aval final para o conteúdo postado, garantindo a segurança e o alinhamento com a política escolar.

3º Momento: Pós-jogo.**c) Semana +1:** Avaliação.

1. Reflexão sobre a ação: Realizar uma autoavaliação da participação da turma no Interclasses;
2. Discutir sobre o que funcionou bem e o que pode melhorar;
3. Criação do “Álbum Oficial do Interclasses”: Selecionar as melhores fotos e vídeos para criar uma memória digital do Interclasses.

APÊNDICE I – RECURSO EDUCACIONAL



Oráculo do FUTEBOL



ESCOLAR

15 cards pedagógicos para enfrentar
dilemas reais do ensino do futebol na escola



Um guia rápido, visual e prático para
planejamento e mediação das aulas de Educação Física



INCLUSÃO,
MÍDIA E
PARTICIPAÇÃO



GÊNERO,
CORPO E
DIVERSIDADE



CULTURA DO
TORCER,
ÉTICA E AFETO



PRÁTICA
PEDAGÓGICA
E GESTÃO
DE AULA

★
Rodolfo Luiz Santos Rego

Universidade Federal de Alagoas

Programa de Mestrado Profissional em
Educação Física em Rede Nacional – PROEF

REALIZAÇÃO

Universidade Federal de Alagoas – UFAL

Instituto de Educação Física e Esporte – IEFE

Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – PROEF

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES



SUPERVISÃO GERAL

Profa. Dra. Miraíra Noal Manfroi

ELABORAÇÃO

Rodolfo Luiz Santos Rego

ANTES DA BOLA ROLAR...

Estimado(a) professor(a),

Este trabalho intitulado “Oráculo do Futebol Escolar” é fruto da pesquisa “A Cultura do “Jogar Bola” na Perspectiva das Crianças do 6º Ano: subsídios para o planejamento do professor de Educação Física” do Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF) que apresenta como um dos requisitos para a conclusão do curso a elaboração de um recurso educacional que dialogue com os saberes produzidos pela pesquisa científica e com os saberes da prática pedagógica dos(as) professores(as) de Educação Física atuantes no ambiente escolar.

O Oráculo do Futebol Escolar é formado por um conjunto de cards digitais (ou prontos para imprimir caso assim deseje). Cada card traz uma dor real, uma pergunta sincera que todo professor ou professora de Educação Física se faz, e, no verso, uma dica pedagógica, com base no que deu certo durante pesquisa. Uma espécie de manual de sobrevivência pedagógica para o ensino do futebol.

Vai servir para quê?

O professor pode usar o baralho como um guia rápido de consulta no meio da aula ou durante o planejamento. Ele é direto, visual e resolve problemas emergenciais.

Mais do que propor atividades, este recurso educacional convida o(a) professor(a) a olhar para o futebol escolar como um espaço de pertencimento, diálogo e construção coletiva. Afinal, todos cabem no futebol. O direito de participar não pode estar condicionado à habilidade física, ao desempenho técnico ou à paixão prévia pelo jogo. Na escola, o futebol precisa ser compreendido como uma prática cultural ampla, capaz de acolher diferentes formas de viver, sentir e se relacionar com o esporte.

Ao validar e valorizar distintas formas de participação — seja jogando ativamente, criando conteúdos sobre o esporte, narrando partidas, propondo regras, refletindo criticamente ou questionando as estruturas que atravessam o futebol — a ação pedagógica transforma a aula em uma experiência concreta de inclusão. Dessa maneira, o futebol deixa de ser propriedade de poucos e passa a ser reconhecido como um patrimônio coletivo, no qual cada estudante tem garantido o direito de fazer parte, independentemente de sua afinidade com a bola.

O Oráculo do Futebol Escolar também nasce do desejo de desnaturalizar o óbvio. Durante muito tempo, o futebol na escola foi associado à exclusão, à centralização dos mais habilidosos ou à ideia de “aula livre”, marcada pela ausência de intencionalidade pedagógica. Esta proposta caminha na direção contrária. Ela compreende o futebol como um objeto de análise potente, complexo e

profundamente conectado às dinâmicas sociais, culturais, políticas e econômicas da sociedade contemporânea.

Falar de futebol na escola é também falar sobre gênero, mídia, racismo, consumo, inclusão, desigualdade, identidade, pertencimento, afetos e relações de poder. É reconhecer que o esporte carrega múltiplas camadas que podem — e devem — ser problematizadas pedagogicamente. Nesse sentido, o futebol deixa de ocupar apenas o lugar do entretenimento e passa a assumir sua potência como conteúdo crítico, reflexivo e formativo.

Por fim, este recurso foi pensado para você, professor(a) de Educação Física, que diariamente faz as coisas acontecerem na escola, mesmo diante dos desafios, das limitações e das urgências do cotidiano. Que este material possa fortalecer sua prática pedagógica, inspirar novas possibilidades de intervenção e reafirmar que a Educação Física escolar continua sendo um espaço fundamental de escuta, humanização e transformação social.

Com carinho, para sua prática!



Orientações para impressão:

Para utilizar os cards em formato físico, imprima os arquivos em papel A4, na orientação paisagem, em escala 100% ou tamanho real. Recomenda-se imprimir primeiro as frentes e, em seguida, os versos, realizando antes um teste com uma folha para verificar o alinhamento.

Para melhor acabamento e durabilidade, utilize papel de maior gramatura, preferencialmente papel couché, fotográfico fosco ou papel cartão.

Eixo 1:
Inclusão, Mídia e Participação

★

Tenho alunos que detestam futebol e se isolam na arquibancada. Como incluí-los na aula sem obrigá-los a jogar?



Card 01

Eixo 1:
Inclusão, Mídia e Participação

★

Alunos com pouca intimidade com a bola recusam-se a entrar na quadra por medo de errar e sofrerem julgamentos dos colegas.



Card 02

Eixo 1:
Inclusão, Mídia e Participação

★

Os estudantes com maior habilidade técnica centralizam todas as jogadas e simplesmente não passam a bola para os colegas menos experientes. O que fazer?



Card 03

Eixo 1:
Inclusão, Mídia e Participação

★

Alunos que chegam para a aula totalmente paramentados e tratam a Educação Física como treino de alto rendimento ou peneira de clube. Como lidar com isso?

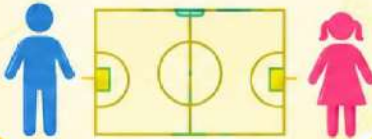


Card 04

Eixo 2:
Gênero, Corpo e Diversidade

★

Os meninos monopolizam o centro da quadra e as ações do jogo, enquanto as meninas ficam escanteadas nas laterais. O que fazer?



Card 05

Eixo 2:
Gênero, Corpo e Diversidade

★

Os meninos se apropriam do jogo e excluem as meninas, reproduzindo o discurso de que elas não sabem jogar. O que fazer?



Card 06

AÇÃO PEDAGÓGICA SUGERIDA

★
Afaste-se da obrigação do gesto técnico. Ative a Equipe de Mídia. Entregue pranchetas, celulares ou gravadores e atribua papéis de cronistas, fotógrafos e entrevistadores. Eles se aproximarão do mundo do futebol pelo viés da cultura e da comunicação, validando diferentes formas de participação e garantindo que todos caibam na aula.



Construindo novos sentidos no futebol

AÇÃO PEDAGÓGICA SUGERIDA

★
Crie a regra do Espaço Seguro. Antes do jogo, determine que o erro faz parte do processo de aprendizagem e proíba vaias ou reclamações. Insira uma pontuação bônus para o time que incentivar e passar a bola para o colega que está tentando aprender. O foco muda do erro para o acolhimento.



Construindo novos sentidos no futebol

AÇÃO PEDAGÓGICA SUGERIDA

★
Insira condicionantes táticas provisórias. Regras simples como: o gol só vale se todos os integrantes do time tocarem na bola pelo menos uma vez; ou limite de três toques por pessoa. Isso força os jogadores mais habilidosos a olharem para o lado, desconstrói o individualismo e ensina a importância da cooperação.



Construindo novos sentidos no futebol

AÇÃO PEDAGÓGICA SUGERIDA

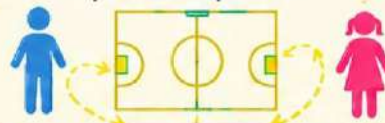
★
Faça o acolhimento dessa paixão, mas redefina o objetivo do espaço. Dialogue com o estudante, valide seu envolvimento e explique a diferença entre o futebol-clubes, focado no rendimento, e o futebol-escola, focado na cultura e no aprendizado de todos. Use a experiência dele a favor da turma: peça que explique um conceito tático ou organize o aquecimento.



Construindo novos sentidos no futebol

AÇÃO PEDAGÓGICA SUGERIDA

★
Implemente a Quadra Compartilhada. Altere as dinâmicas de posse de bola estabelecendo que as jogadas devem, obrigatoriamente, transitar entre meninos e meninas antes de qualquer finalização. Use essa barreira física para provocar reflexões sobre o direito ao espaço público e esportivo.



Construindo novos sentidos no futebol

AÇÃO PEDAGÓGICA SUGERIDA

★
Faça uma pausa pedagógica. Antes de rolar a bola, traga para o debate a história do corpo feminino no esporte e o período em que as mulheres foram proibidas por lei de jogar futebol no Brasil. Transforme o preconceito em objeto de estudo para que a turma compreenda que o futebol é um espaço de direitos e igualdade.



Construindo novos sentidos no futebol

Eixo 2:
Gênero, Corpo e Diversidade

★

Como incluir um estudante com deficiência, física ou intelectual, em uma turma que ama o futebol e joga em ritmo intenso?



Card 07

Eixo 2:
Gênero, Corpo e Diversidade

★

Estudantes que querem jogar, mas travam na beira da quadra pelo medo do julgamento social se cometerem um erro técnico. O que fazer?



Card 08

Eixo 3:
Cultura do Torcer, Ética e Afeto

★

Trabalhar com futebol na escola não é apenas incentivar o desinvestimento pedagógico e dar aula livre?



Card 09

Eixo 3:
Cultura do Torcer, Ética e Afeto

★

Tenho alunos que levam o jogo tão a sério que xingam, brigam e estragam a dinâmica da aula quando perdem. Como controlar essa agressividade?



Card 10

Eixo 3:
Cultura do Torcer, Ética e Afeto

★

Quem está assistindo ao jogo ao lado ou na arquibancada passa a aula proferindo xingamentos homofóbicos, racistas ou machistas contra quem joga. O que fazer?



Card 11

Eixo 4:
Prática Pedagógica e Gestão de Aula

★

Tenho estudantes que se recusam a jogar e não se interessam em fazer parte de equipes de apoio ou debates. O que faço?



Card 12

AÇÃO PEDAGÓGICA SUGERIDA

Use o Desenho Universal para a Aprendizagem. Aposte na construção coletiva de regras adaptadas. Reúna a turma e lance o desafio técnico: como vamos alterar o jogo hoje para que nosso colega participe ativamente e seu time vença com ele? Deixe que eles criem as soluções. A inclusão vira uma missão do grupo.



Construindo novos sentidos no futebol

07

AÇÃO PEDAGÓGICA SUGERIDA

Modifique a geografia e a dinâmica da arquibancada. Elimine a figura do espectador passivo: quem está fora da quadra precisa estar ocupado, seja controlando o placar, cuidando do tempo ou jogando algo alternativo nas laterais. Além disso, mude as regras a cada dois minutos. Como todo mundo erra nas regras novas, o julgamento perde força.



Construindo novos sentidos no futebol

08

AÇÃO PEDAGÓGICA SUGERIDA

Só se você focar apenas na técnica. Para evitar o desinvestimento, explore os sentidos e identidades que envolvem o torcer. Provoque os alunos a analisar o futebol como fenômeno social, estético e ético: as cores, os cantos e o respeito ao rival. O futebol se torna um objeto de estudo rico quando a paixão ganha intencionalidade educativa.



Construindo novos sentidos no futebol

09

AÇÃO PEDAGÓGICA SUGERIDA

Altere a lógica da pontuação. Em vez de premiar apenas o gol tradicional, crie um sistema de pontos onde atitudes de Fair Play, como ajudar um colega a levantar ou reconhecer o erro, e a participação de todos do time validem pontos extras. Mostre que a vitória, na escola, é coletiva e ética, e não apenas técnica.



Construindo novos sentidos no futebol

10

AÇÃO PEDAGÓGICA SUGERIDA

Atribua responsabilidade ética a quem está fora ou na torcida. Estabeleça que o jogo acontece dentro e fora da quadra e que possíveis ganhos de notas ou conceitos positivos podem ser desqualificados por comportamentos antidesportivos. A torcida deixa de ser plateia passiva e tóxica para se tornar corresponsável pelo ambiente de respeito.



Construindo novos sentidos no futebol

11

AÇÃO PEDAGÓGICA SUGERIDA

Ofereça rotas alternativas de expressão baseadas nos interesses deles. Se o aluno gosta de arte, pode desenhar uniformes ou logotipos dos times; se gosta de tecnologia, pode cronometrar ou gerenciar estatísticas da aula. O importante é o pertencimento cultural.



Construindo novos sentidos no futebol

12

Eixo 4:
Prática Pedagógica e Gestão de Aula

★

Como avaliar os alunos em uma unidade de futebol sem dar notas mais altas apenas para quem já sabe jogar perfeitamente?



Card 13

Eixo 4:
Prática Pedagógica e Gestão de Aula

★

Minha escola não possui quadra poliesportiva, traves ou bolas em quantidade suficiente para a turma toda. Como ensinar o futebol diante dessa precariedade estrutural?



Card 14

Eixo 4:
Prática Pedagógica e Gestão de Aula

★

Você foi pego de surpresa com mais uma ou duas turmas na quadra. Não há tempo para planejar e a pressão para apenas rolar a bola é enorme. O que fazer para sobreviver com dignidade pedagógica?



Card 15

AÇÃO PEDAGÓGICA SUGERIDA

★

Avalie o processo e o engajamento, nunca a performance técnica individual. Use autoavaliações, relatórios de observação e rodas de conversa finais. Os critérios avaliados devem ser a evolução coletiva, a empatia, o cumprimento dos combinados e a capacidade crítica diante dos dilemas propostos.



Construindo novos sentidos no futebol

AÇÃO PEDAGÓGICA SUGERIDA

★

Desconstrua a ideia de que o futebol pertence apenas ao espaço da quadra perfeita. Ocupar pátios, gramados ou corredores com a lógica do futebol de rua transforma qualquer ambiente em um território vivo de aprendizagem. Promova a criação de mini-traves com garrafas PET ou chinelos e debata com os estudantes como a cultura popular historicamente adaptou o jogo à escassez, estimulando a autonomia e a criatividade coletiva.



Construindo novos sentidos no futebol

AÇÃO PEDAGÓGICA SUGERIDA

★

Ative o Protocolo de Emergência. Fragmente a quadra inteira em pequenos pedaços usando chinelos ou cones. Em vez de um jogo caótico gigante, crie 3 ou 4 mini-jogos simultâneos divididos por perfil de interesse, e não por turma. Entregue a autonomia do apito para eles e circule entre as estações fazendo apenas o controle de segurança. Você fragmenta o caos e garante que todos caibam na aula.



Construindo novos sentidos no futebol